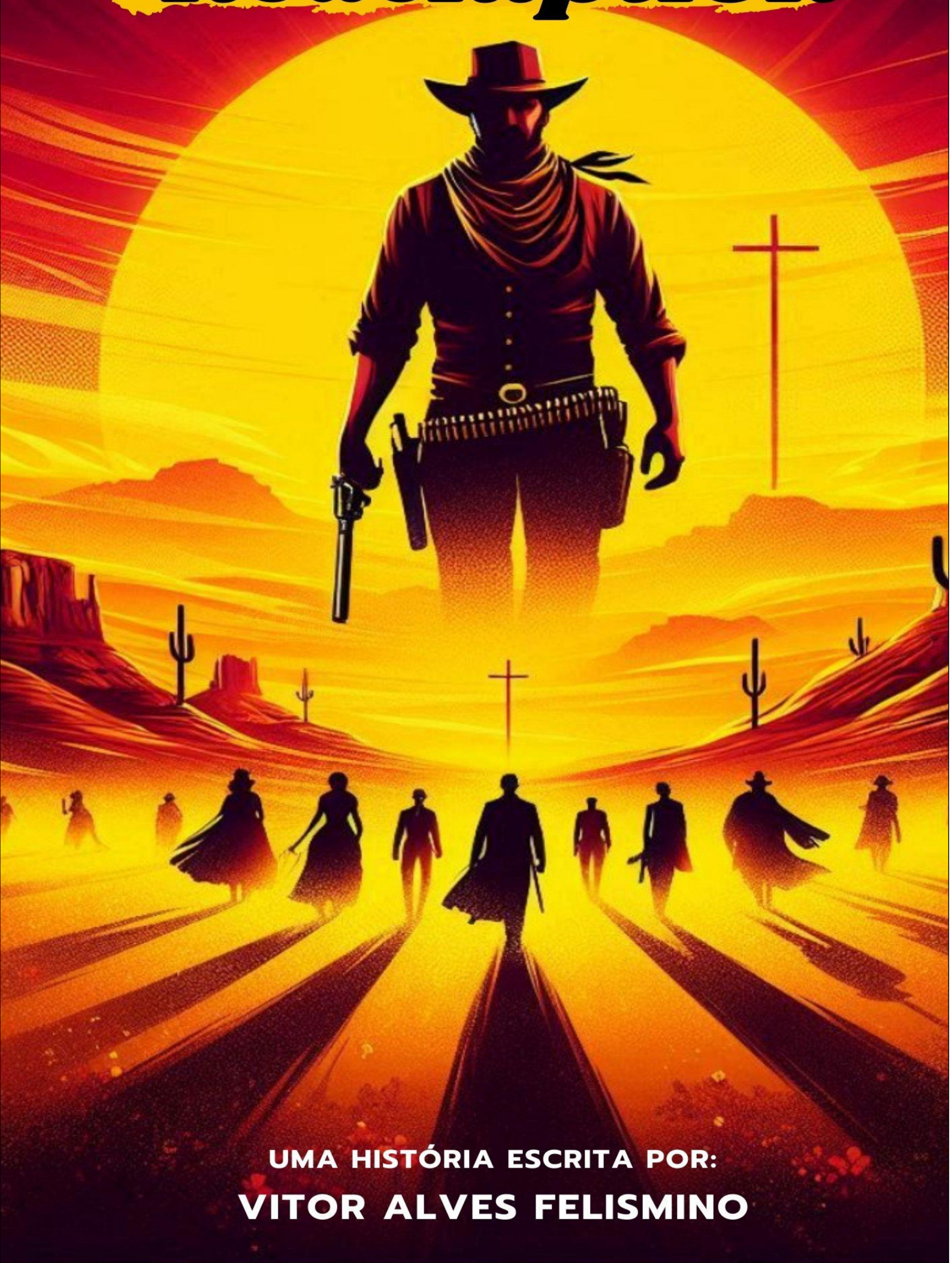


# ***Redemption***



UMA HISTÓRIA ESCRITA POR:  
**VITOR ALVES FELISMINO**

## — CAPÍTULO UM —

### Morrendo e Vivendo

A noite estava densa e abafada no acampamento abandonado da gangue O'Dell, escondido entre as colinas. A respiração dos cavalos era audível, misturada com o farfalhar das folhas secas sob os cascos. Jonah O'Dell, o líder da gangue, olhava para seus companheiros com um olhar severo, ciente da urgência da situação.

-Precisamos sair agora. Os federais estão perto demais - disse Jonah, sua voz firme cortando o silêncio. Seus olhos brilhavam com a fraca luz da lua.

Ao seu lado, Aidan Gallagher, o Carniceiro de Riverside, ajeitava o coldre. Seu rosto mostrava sinais de cansaço e preocupação, mas também um foco.

-Estou pronto - respondeu Aidan, apertando os lábios.

-Apertem o passo, pessoal - insistiu Jonah com uma determinação palpável em sua voz – Precisamos ser rápidos e espertos.

A gangue montou em seus cavalos, formando uma fileira ordenada atrás de Jonah. O silêncio era quase absoluto, apenas interrompido pelo som dos cascos. mimi Davis, ocultas nas sombras, espiava por debaixo do seu chapéu de couro surrado, enquanto Michael De Rossa oscilava ao ritmo da égua, exibindo um olhar cansado.

Isabella Johnson e Adeline Walsh seguiam na carroça, guiada por William Anderson, seu rosto marcado por uma expressão de tensão, e sua orelha enfaixada. Enquanto isso, Koda Lonebe, um indígena, garantia que nenhum perseguidor os alcançaria.

Aidan, conduzindo outra carroça à frente, trocava olhares tensos com Emilie Roberts, ao seu lado.

-Aidan... o que aconteceu lá? - indagou Emilie, visivelmente nervosa. O olhar de Aidan vagou pelo horizonte, carregado de lembranças.

-Foi uma chuva de balas, Emilie. Mal sei como escapamos com vida.

-E Roy... ele está bem? - perguntou Emilie, ansiosa. Aidan apertou os punhos com raiva contida.

-Não sei... e honestamente, espero que não esteja. A culpa é toda dele. A ganância daquele canadense maldito nos colocou nessa situação.

Enquanto isso, Marcus Brown, Sean Doyle e Jason Blake permaneciam vigilantes, rodeando o grupo.

A gangue O'Dell avançava pela estrada poeirenta, deixando para trás as colinas e se aproximando de uma pequena cidade no horizonte. O sol começava a se pôr, tingindo o céu de tons de laranja e vermelho.

Jonah olhou para o rancho isolado à distância e virou-se para Aidan e Jason, seus companheiros mais confiáveis.

-Aidan, Jason, vão até lá e verifiquem se é seguro. Nós precisamos de um lugar para nos abrigarmos esta noite - ordenou Jonah, sua voz carregada de tensão.

Aidan assentiu, descendo da carroça e montando no cavalo de Jonah. Jason se juntou a ele, e os dois partiram em direção ao rancho.

Ao se aproximarem, Aidan e Jason desmontaram de seus cavalos, trocando um olhar rápido. A tensão no ar era palpável enquanto se aproximavam sorrateiramente do rancho.

Ao ouvir as vozes dentro do rancho, Aidan sussurrou para Jason.

-Parece que não estamos sozinhos. Esteja preparado para qualquer coisa.

Jason acenou, ajustando o coldre em sua cintura.

-Sem problemas. Estou pronto para o que der e vier.



Eles avançaram com cautela, cada passo calculado, até que finalmente alcançaram a entrada do rancho. As vozes dos bandidos ficavam mais altas, indicando que não demoraria muito para serem descobertos.

Aidan fez um gesto para Jason, indicando que iriam entrar. Jason assentiu, pronto para agir.

Quando abriram a porta, foram recebidos por olhares surpresos dos bandidos dentro do rancho. A tensão aumentou instantaneamente, o som do vento lá fora parecia mais distante enquanto o momento se desdobrava em câmera lenta.

Aidan manteve sua arma erguida, sua expressão séria.

-Ninguém se mexa. Estamos apenas de passagem e não queremos problemas.

Os bandidos trocaram olhares nervosos, suas mãos se movendo instintivamente em direção às armas.

-E quem vocês pensam que são para invadir o nosso território assim? - um dos bandidos rosnou, sua voz carregada de ameaça.

Jason permaneceu em silêncio, mas sua postura era clara. Ele estava pronto para agir se a situação se deteriorasse ainda mais.

Aidan manteve-se calmo, mas sua voz era firme.

-Nós não queremos encrenca. Apenas estamos procurando um lugar para nos abrigarmos esta noite. Não precisamos de confusão.

Então, um dos bandidos tentou puxar sua arma para atirar neles, mas Aidan foi mais rápido. Com uma precisão letal, ele disparou contra os três bandidos antes que pudessem reagir. O som dos tiros ecoou pelo rancho, rompendo o silêncio da noite.

Jason olhou para Aidan, impressionado com sua rapidez e habilidade.

-Droga, Aidan. Você é rápido no gatilho.

Aidan abaixou sua arma, sua expressão séria enquanto avaliava os corpos dos bandidos.

-Eles nos deram pouca escolha. Temos que continuar alertas. Nunca sabemos quando mais problemas podem surgir.

Aidan e Jason verificaram rapidamente os corpos dos bandidos para se certificar de que não havia mais ameaças. Aidan limpou a pistola e a guardou no coldre, seu rosto sombrio com o peso das decisões tomadas.

-Vamos trazer o resto do grupo. Esse rancho vai servir - Aidan disse, olhando para Jason. - Eu fico de vigia enquanto você volta e avisa o Jonah.

Jason assentiu, montando rapidamente em seu cavalo e voltando pelo caminho que haviam vindo.

Aidan observou a saída de Jason antes de se dirigir ao centro do rancho, onde se permitiu um momento de reflexão.

-Isso nunca fica mais fácil, não é? - murmurou para si mesmo, sentindo o peso das mortes em suas mãos, enquanto ele tirava os corpos dali e os jogava atrás do rancho em um local mais escondido.

O tempo parecia se arrastar até que Jason retornou com o resto do grupo. Jonah liderava, seus olhos avaliando o rancho e os arredores com uma precisão fria.

-Bom trabalho, Aidan - Jonah disse ao desmontar. - Parece que encontramos nosso refúgio por enquanto. O grupo começou a se organizar, trazendo suprimentos e cuidando dos cavalos, e montando uma fogueira. Emilie ajudava Adeline a se acomodar, enquanto Koda montava um pequeno acampamento improvisado dentro do rancho.

Com a noite se aproximando, Jonah reuniu o grupo em torno de uma fogueira improvisada. As chamas lançavam sombras dançantes nas paredes do rancho.

-Ouçam, todos - Jonah começou, sua voz carregada de autoridade. - Nós conseguimos um lugar para descansar, mas isso não significa que estamos seguros. Os federais estão no nosso encalço, e não podemos baixar a guarda.

Aidan, sentado ao lado de Emilie, observava o grupo com um olhar protetor. Sentia a responsabilidade de manter todos seguros, especialmente agora que sabiam que estavam sendo caçados incansavelmente.

Jason, sempre direto, falou.

-E qual é o plano, Jonah? Não podemos ficar escondidos aqui para sempre. Jonah assentiu, reconhecendo a preocupação legítima de Jason.

-Amanhã, Michael, Koda e eu vamos explorar os arredores. Precisamos saber exatamente o que estamos enfrentando e encontrar um caminho seguro para sair dessa região. Enquanto isso, quero que todos fiquem atentos. Marcus e Aidan, vocês ficam de vigia durante a noite - disse Jonah, observando um olhar de medo do bando.

Jonah respirou fundo, seu olhar intenso varrendo os rostos.

-Amigos - começou Jonah, sua voz firme e carregada de paixão - Sei que estamos exaustos. Sei que cada um de nós tem cicatrizes, tanto físicas quanto emocionais. Mas lembrem-se de uma coisa: nós não somos como eles. Nós não somos homens comuns. Somos sonhadores, visionários! Estamos lutando por um mundo que ainda não existe, mas que um dia será nosso.

Ele fez uma pausa, deixando suas palavras pairarem no ar, penetrando a mente de cada um de seus companheiros.

-Eles querem nos ver derrotados, humilhados, enjaulados como animais. Mas nós não nos curvamos. Não somos meros fugitivos. Somos revolucionários, meus amigos. Cada dia que sobrevivemos, cada batalha que vencemos, é uma prova de nossa resistência, de nossa vontade inabalável de sermos livres!

Jonah avançou, seus olhos brilhando com a intensidade de sua crença.

-Lembrem-se de por que estamos aqui! Não se trata apenas de ouro ou vingança. Trata-se de algo muito maior. Trata-se de justiça, de lutar contra um sistema que nos traiu, que nos deixou para morrer. Nós, meus amigos, somos os verdadeiros heróis desta história!

Ele ergueu a mão, suas palavras ressoando com fervor messiânico.

-Eles nos subestimam, pensam que somos apenas ladrões e assassinos. Mas somos mais do que isso. Somos uma família, unidos por um propósito maior. Enquanto estivermos juntos, ninguém poderá nos derrubar. Vamos provar ao mundo que a gangue O'Dell não só sobrevive, mas prospera!

A chama da fogueira parecia crescer com a intensidade das palavras de Jonah, iluminando os rostos de seus companheiros com um brilho ardente de determinação.

-Então, levantem a cabeça! Lembrem-se de que cada um de vocês é um pilar deste sonho, desta revolução. Descansaremos esta noite, mas amanhã, retomaremos nossa jornada com mais vigor, mais determinação. Lutaremos não só por nós mesmos, mas pelo futuro que sabemos que podemos construir. Um futuro onde somos verdadeiramente livres!

O silêncio tomou conta do rancho por um momento, apenas para ser quebrado por murmúrios de aprovação e olhares resolutos. Jonah sabia que seu discurso havia acendido uma chama nos corações de seus companheiros. Eles estavam prontos para enfrentar qualquer desafio que surgisse em seu caminho, com a força de uma família unida e a coragem de revolucionários.

-Juntos, somos invencíveis! - finalizou Jonah, sua voz ressoando como um trovão - E nunca, jamais, deixaremos que nos derrubem. Esta é a nossa terra. Este é o nosso tempo. Vamos mostrar ao mundo do que somos feitos!

Com isso, Jonah se afastou, permitindo que cada membro da gangue encontrasse seu espaço para descansar.

Aidan trocou um olhar com Marcus, ambos compreendendo a seriedade da situação. Enquanto a noite avançava, a gangue O'Dell sabia que cada decisão era crucial para sua sobrevivência.

Mais tarde, enquanto fazia a vigília, Aidan encontrou-se perdido em pensamentos. Ele sabia que estava em um caminho perigoso, um caminho que não oferecia muitas saídas.

-Tudo isso... valerá a pena? - Aidan sussurrou para si mesmo, olhando para as estrelas no céu. Sabia que tinha feito coisas terríveis, mas havia uma centelha de esperança de que poderia encontrar redenção, de alguma forma, em algum lugar.

Aidan ouviu passos atrás de si e se virou para ver Jason, que havia terminado seu turno.

-Não se desgaste demais, Aidan. Amanhã será um longo dia - disse Jason, com um toque de preocupação em sua voz.

Aidan assentiu, mas seu olhar permaneceu fixo no horizonte escuro.

-Eu sei, Jason. Apenas... pensando.

Jason colocou uma mão no ombro de Aidan, oferecendo um breve conforto.

-Vamos sair dessa, irmão. Um passo de cada vez.

Aidan acenou, apreciando o gesto. Enquanto Jason se afastava, ele voltou a olhar para o céu, determinado a encontrar um caminho para a redenção, não importa o quão sombrio o caminho à frente pudesse parecer.

Aidan acenou, apreciando o gesto. Enquanto Jason se afastava, ele voltou a olhar para o céu. Algumas horas depois, enquanto Aidan escrevia em seu surrado e velho diário, Jonah se aproximou.

-Olá filho.

-Olá, Jonah, não dormiu ainda?

-Não, eu não consigo, eu só fico... pensando nele, desde o acontecido.

-É eu sei, eu também.

Jonah se sentou do lado de Aidan e olhou para o céu.

-Acha que ele pode nos ver de lá?

-Olha, eu não sei se acredito muito nessas coisas.

-Temos que acreditar filho, se não, o que nos separaria dos psicopatas? Aidan fechando seu diário o encarou.

-Sabe o que é Jonah, eu não sei se eu quero ver a gangue se acabar aos poucos. Depois de hoje eu tocom medo de perder minha única família.

Jonah colocou sua mão no ombro de Aidan.

-Você não vai perder, somos do time dos vencedores, jogamos para vencer.

-É vencemos na vida, mas perdemos no túmulo, acho que essa é a justiça.

-Talvez... talvez, mas não podemos esquecer de quem somos, é o que nos mantém vivos e unidos.

Jonah se levantou e decidiu voltar a sua tenda, para tentar dormir. Mas Aidan olhando para o horizonte o questionou.

-O Jonah, uma última coisa. Por que diabos você quis seguir a merda do plano daquele idiota do Roy?

Jonah se aproximando novamente disse.

-Aidan, o Roy é um bom homem, você tem que ser mais gentil com ele, e o plano era realmente promissor, o Winslow deveria saber com quem estava mexendo.

-Então foi isso? Você nos usou de isca para passar sua mensagem?

-Não, Aidan, claro que não - respondeu com franqueza - Somos pessoas pobre, e estamos roubando essas migalhas dessa gente rica, pra conseguir-mos comer, e viver. Eu jamais os colocaria em perigo atoa, e se observar eu também estava com vocês, se fosse realmente uma isca, eu teria fugido, ou daria alguma desculpa esfarrapada. Bom é melhor eu ir, daqui a pouco Adeline acorda e vai me procurar, boa noite filho.

Disse Jonah saindo, enquanto Aidan reabriu seu diário e voltou a escrever.

## — CAPÍTULO DOIS —

### Era uma vez alguns procurados

Jonah, Michael e Koda partiram ao amanhecer. Enquanto a cidade mais próxima estava a uma distância considerável, eles sabiam que era necessário explorar as opções.

O sol já estava alto quando Jonah, Michael e Koda retornaram ao rancho. Aidan, que acabara de acordar após uma noite de vigília, os cumprimentou com um olhar cansado.

-E então, o que encontraram? - perguntou Aidan, observando a expressão séria de Jonah. Jonah olhou para Koda, que olhou para Michael que suspirou antes de falar.

-Encontramos uma cidade, mas está longe de ser um refúgio seguro. A presença dos federais é forte por lá, e parece que não somos bem-vindos.

Aidan suspirou, sentindo o peso da notícia.

-E o que vamos fazer agora? - perguntou ele, preocupado. Jonah olhou ao redor antes de responder, sua voz baixa e grave.

-Precisamos nos manter escondidos por enquanto. Mas há algo mais, Aidan... - disse ele, pausando por um momento.

Aidan ergueu as sobrancelhas, curioso.

-O que é?

Jonah suspirou antes de continuar.

-A recompensa por minha cabeça aumentou. Agora estão oferecendo 20 mil dólares.

Aidan engoliu em seco, sentindo um frio na espinha. Ele sabia que a situação estava se tornando ainda mais perigosa.

-20 mil dólares... isso é sério - murmurou Aidan, tentando processar a informação. Jonah colocou uma mão reconfortante no ombro de Aidan.

-Fique alerta, meu amigo. Não podemos nos dar ao luxo de baixar a guarda agora.

Adeline e Emilie chegaram próximas de Jonah, suas figuras emergindo da poeira do caminho. Adeline, com seu vestido simples e cabelos desalinhados, parecia carregada de preocupações. Emilie, ao seu lado, mostrava um semblante ansioso, os olhos constantemente varrendo o horizonte como se esperasse que algo saltasse das sombras.

Jonah levantou a cabeça ao ouvir os passos delas se aproximando. Ele se endireitou, deixando de lado os mapas e anotações que estava revisando.

-Jonah, precisamos de suprimentos. Comida, remédios... e talvez algumas roupas novas - disse Adeline, sem rodeios, mas com uma voz firme que não admitia contestação.

Jonah franziu o cenho, ponderando sobre a necessidade e os riscos. Ele sabia que a presença deles poderia chamar a atenção indesejada, especialmente com a recompensa agora mais alta pela sua cabeça.

-Entendo. - Jonah suspirou, seus olhos varrendo o acampamento antes de se fixarem em Aidan. - Vocês duas irão, mas levarão Aidan com vocês. Ele é menos conhecido por essas bandas.

Aidan, que estava verificando sua arma, levantou o olhar e encontrou o de Jonah. Ele sabia o que aquilo significava: risco e responsabilidade. Mas não hesitou.

-Certo. Vamos logo, então - disse Aidan, colocando a arma no coldre e caminhando em direção às mulheres.

Adeline e Emilie assentiram, aliviadas por ter Aidan com elas. Enquanto se preparavam para partir, Jonah se aproximou de Aidan e sussurrou:

-Fique de olho nelas, e mantenha-se fora de problemas. Precisamos voltar inteiros. Aidan deu um meio sorriso, um toque de ironia nos olhos.

-Pode deixar, Jonah. Faremos o que for necessário.

O trio montou em seus cavalos e partiu em direção à cidade. Aidan liderava o grupo, mantendo os olhos atentos ao redor, enquanto Adeline e Emilie seguiam logo atrás.

A viagem foi silenciosa, cada um perdido em seus pensamentos. Aidan estava constantemente alerta, esperando qualquer sinal de perigo. Ao se aproximarem da cidade, ele fez um sinal para que desacelerassem.

-Vamos ser rápidos e discretos. Dividam a lista de suprimentos e encontrem tudo que precisamos sem chamar muita atenção - instruiu Aidan, sua voz firme, mas calma.

Adeline e Emilie assentiram, entendendo a seriedade da situação. Separaram-se, cada uma tomando um lado diferente da cidade enquanto Aidan ficou de olho nos arredores.

Enquanto Adeline e Emilie faziam suas compras, Aidan entrou em um armazém pequeno e discreto, comprando algumas munições e itens básicos. Ao sair, ele notou um xerife patrulhando a rua, olhando desconfiado para os novos rostos na cidade.

-Boa tarde, parceiro – disse o Xerife se aproximando.

Aidan com um olhar sério, mas seu coração batendo forte o respondeu.

-Boa tarde.

-Eu nunca vi um sujeito como você por essas bandas, você vem de onde? Aidan respirou fundo antes de responder.

-West Jockens.

-West... Jockens, um belo lugar, meus pais costumavam me levar lá, para caçar. Tinha os melhores alces por lá. O que fez abandonar aquele lugar, e vir para esse fim de mundo de Evergreen?

-Um... sonho americano, talvez.

-Rapaz sonhador, gostei, bom, aproveite sua estadia, sonhador.

-Obrigado, xerife.

Aidan caminhou até um ponto de encontro combinado e encontrou Adeline e Emilie, cada uma carregando sacolas com suprimentos.

-Conseguimos tudo? - perguntou Aidan, olhando para as sacolas.

-Sim, está tudo aqui - respondeu Adeline, tentando esconder a ansiedade em sua voz.

-Ótimo. Vamos sair daqui antes que alguém faça perguntas demais - disse Aidan, conduzindo-as de volta aos cavalos.

O caminho de volta ao acampamento foi igualmente tenso, mas sem incidentes. Ao chegarem, Jonah os esperava com um olhar ansioso.

-Conseguiram tudo? - perguntou Jonah, aliviado ao ver o trio retornar em segurança.

-Sim, tudo aqui. - Aidan respondeu, entregando as sacolas.

Jonah assentiu, olhando com gratidão para Aidan, Adeline e Emilie.

-Bom trabalho. Agora, vamos nos preparar para o que vier. Fiquem atentos, a situação só tende a piorar.

Com isso, a gangue se dispersou, cada um voltando aos seus afazeres.

O acampamento estava em uma calma relativa quando Michael chegou, o rosto suado e os olhos brilhando com um misto de excitação e cansaço. Ele desmontou rapidamente, amarrando seu cavalo a um tronco próximo, e caminhou com passos decididos em direção ao centro do acampamento, onde Jonah conversava com Koda sobre suas descobertas.

-Jonah, Koda, preciso falar com vocês - Michael anunciou, a urgência em sua voz fazendo os dois homens se virarem imediatamente.

-O que foi, Michael? - Jonah perguntou, sua expressão se endurecendo enquanto se preparava para más notícias.

-Acabei de ouvir algo na cidade - começou Michael, tomando um momento para recuperar o fôlego.

-Um trem carregado de suprimentos está vindo abastecer a cidade. Vai ser uma parada grande, com muitos guardas, mas a carga... vale muito a pena.

Jonah franziu o cenho, pensativo. Ele sabia que um assalto a um trem bem guardado era arriscado, mas também sabia que a recompensa poderia ser substancial, especialmente nas circunstâncias em que se encontravam.

-Suprimentos de que tipo? - perguntou Jonah, inclinando-se um pouco para a frente.

-Ouro, armas, munições... e comida. Tudo o que precisamos - respondeu Michael, seus olhos brilhando de antecipação. - Será uma operação arriscada, mas se fizermos direito, pode nos sustentar por muito tempo.

Koda, sempre prudente, interveio.

-E os guardas? Quantos são? E quais são os riscos? - perguntou ele, a voz calma e medida.

-Muitos guardas, claro. Mas ouvi dizer que a segurança pode ser distraída com os movimentos certos. Precisamos de um plano sólido - disse Michael, olhando para Jonah, esperando a decisão do líder.

Jonah permaneceu em silêncio por um momento, analisando as informações. Finalmente, ele levantou os olhos para Michael.

-Isso é exatamente o tipo de golpe que precisamos. Mas teremos que ser rápidos e inteligentes. Aidan! - chamou ele, virando-se para encontrar Aidan, que estava próximo, ainda se recuperando da tarefa de escolta.

Aidan se aproximou, os olhos alertas.

-O que houve, Jonah?

-Michael ouviu falar de um trem carregado de ouro, armas e suprimentos. Vai abastecer a cidade em breve. Estamos pensando em roubar - disse Jonah, observando a reação de Aidan.

Aidan franziu a testa, ponderando os riscos e recompensas. Finalmente, ele assentiu.

-Parece arriscado, mas se fizermos direito, pode resolver muitos dos nossos problemas. Precisamos de um bom plano e coordenação - concordou Aidan, olhando para Michael e depois para Jonah. Jonah deu um leve sorriso, reconhecendo o apoio de Aidan.

-Vamos precisar de todos. Michael, você vai liderar a operação junto com Aidan. Koda, quero que faça um reconhecimento detalhado do local. Precisamos saber cada ponto de entrada e saída, onde os guardas estão posicionados, tudo. Adeline, Emilie, e Isabella, vocês vão cuidar das preparações aqui. Precisamos estar prontos para partir imediatamente após o golpe.

Adeline se aproximou, uma expressão séria no rosto.

-Entendido, Jonah. Não vamos deixar nada ao acaso - respondeu ela, com firmeza.

-Certo, todos temos trabalho a fazer. E lembrem-se, se algo parecer errado, abortamos o plano e nos retiramos. Não podemos arriscar tudo em um só golpe - concluiu Jonah, olhando para cada um dos seus homens e mulheres, garantindo que entendiam a seriedade da situação.

-Certo, Jonah, mas cadê o Sean, precisava falar com ele - disse Aidan.

-Foi procurar o paradeiro do Roy, ele voltara em breve.

Aidan concordou, se afastando de Jonah, e se sentando em um tronco de árvore caído. Horas haviam se passado, até que Jonah se aproximou com urgência.

-Aidan, preciso falar com você - disse Jonah, sua voz carregada de seriedade.

Aidan levantou o olhar, seus olhos cansados encontrando os de Jonah. Ele sabia que algo importante estava por vir.

-O que foi, Jonah?

-Recebi informações de que Jeremiah foi visto sendo escoltado por caçadores de recompensas ao norte. Koda e Samuel vão para lá, e quero que você vá junto - Jonah falou, suas palavras pesadas de preocupação.

Aidan franziu a testa, pensando no amigo capturado.

-Entendi. Vamos partir imediatamente?

-Sim. Não podemos perder tempo. Cada segundo conta - respondeu Jonah, sua voz firme e determinada.

Aidan assentiu, pegando seu chapéu e ajustando o cinto com as armas. Enquanto se preparava, Koda e Samuel se aproximaram. Koda, com sua postura imponente e olhar determinado, e Samuel, com a expressão fechada e idealista, estavam prontos para a missão.

-Estamos prontos, Aidan - disse Koda, sua voz profunda ecoando no acampamento.

-Vamos logo. Não temos tempo a perder - respondeu Aidan, montando em seu cavalo e guiando o grupo para o norte.

A viagem começou silenciosa, com cada um perdido em seus pensamentos. O terreno acidentado e a vegetação densa tornavam a jornada difícil, mas o trio avançava com determinação.

-Aidan, você acha que temos uma chance de encontrar Jeremiah vivo? - perguntou Samuel, quebrando o silêncio.

-Temos que acreditar que sim, Samuel. Jeremiah é esperto, ele vai encontrar uma maneira de sobreviver até chegarmos lá - respondeu Aidan, a voz firme, mas com uma ponta de incerteza.

Koda permaneceu em silêncio, mas seu olhar determinado mostrava que ele estava preparado para qualquer eventualidade.

Depois de algumas horas de viagem, avistaram um acampamento desarrumado ao longe. Os sinais de luta eram evidentes, com barracas reviradas e cinzas de fogueira espalhadas pelo chão.

-Parece que houve uma luta aqui. Vamos ver se encontramos alguma pista - disse Aidan, desmontando do cavalo e começando a vasculhar o local.

Enquanto examinavam o acampamento, ouviram um grito ao longe. Uma mulher, em uma carroça, estava pedindo ajuda. Sem hesitar, o trio correu em sua direção.

-Ajude-me, por favor! - gritou a mulher, sua voz desesperada.

Quando se aproximaram, perceberam tarde demais que era uma emboscada. Homens armados saíram de trás das árvores, cercando-os.

-Malditos - murmurou Aidan, sacando suas armas.

A luta foi intensa. Os tiros ecoaram pela floresta enquanto Aidan, Koda e Samuel enfrentavam os



bandidos. Samuel, apesar de sua natureza idealista, lutava com frieza e precisão. Koda, com sua força bruta, abatia os inimigos com uma ferocidade impressionante. Aidan, experiente e estratégico, coordenava os ataques.

Depois de alguns minutos de combate, os bandidos estavam todos mortos. Aidan, com a respiração pesada, começou a saquear os cadáveres em busca de informações e suprimentos.

-Encontrou alguma coisa? - perguntou Koda, limpando o sangue de sua faca.

-Nada que nos leve diretamente a Jeremiah, mas pelo menos esses desgraçados não vão mais nos causar problemas - respondeu Aidan, guardando alguns itens de valor.

Voltaram aos cavalos e retomaram a busca. A floresta densa tornava a progressão lenta, mas não desistiram. As pistas estavam ficando mais escassas, mas Aidan se recusava a perder a esperança.

Depois de mais algumas horas, avistaram outro acampamento. Desta vez, os caçadores de recompensas estavam lá, sentados ao redor da fogueira, rindo e conversando. Aidan observou por alguns instantes antes de se virar para Koda e Samuel.

-Vamos acabar com esses desgraçados e descobrir onde está Jeremiah - disse Aidan, sua voz baixa e perigosa.

Os três avançaram silenciosamente, aproveitando a escuridão e a distração dos caçadores. Quando chegaram perto o suficiente, Aidan deu o sinal e se aproximou da fogueira, com Koda e Samuel logo atrás.

-Noite fria, não é? - disse Aidan, sua voz casual, mas com um tom ameaçador.

Os caçadores de recompensas se levantaram de imediato, mãos indo para as armas.

-Quem diabos são vocês? - perguntou um dos homens, um sujeito alto e barbudo.

-Só três homens procurando por um amigo — respondeu Aidan, seu olhar fixo no líder do grupo. — Vocês viram um sujeito vestido de padre por aqui?

Os homens se entreolharam, a tensão no ar palpável.

-Não sabemos de nenhum padre — respondeu o líder, sua mão ainda próxima da pistola. — Agora é melhor vocês irem embora antes que isso vire um problema.

Aidan deu um passo à frente, sua voz agora baixa e perigosa.

-Acho que já é um problema.

O confronto começou em um piscar de olhos. Tiros foram disparados e a fogueira iluminou a luta. Aidan e seus companheiros, com a precisão de quem já esteve em muitas batalhas, abateram dois dos caçadores rapidamente. O terceiro, o líder, tentou fugir, mas Koda o derrubou com um tiro na perna.

Aidan se aproximou do homem caído, sua expressão fria e implacável. Ele o agarrou pelo pescoço, levantando-o com força.

-Onde está Jeremiah? - perguntou Aidan, sua voz gelada.

-Eu... eu não sei! - gritou o homem, tentando se desvencilhar.

Aidan apertou ainda mais, seus dedos cravando na carne do homem.

-Eu não estou pedindo, estou mandando. Fale! - disse Aidan, sua voz repleta de ameaça.

-Eu... eu juro! Não sei onde ele está! - insistiu o homem, o desespero claro em seus olhos.

Aidan, sem paciência, o golpeou no rosto, o sangue voando enquanto o homem gemia de dor.

-Você vai falar, sim, ou vai desejar nunca ter nascido - rosnou Aidan, sua voz implacável. - Agora, diga, onde está Jeremiah?

-Eles... eles levaram ele para o forte ao norte... perto da velha mina abandonada - finalmente cedeu o homem, sua voz trêmula.

Aidan o soltou de repente, o homem caindo no chão com um gemido de dor. Ele se virou para Koda e Samuel, que estavam ao seu lado, observando com determinação.

-Koda, Samuel, vocês precisam ir ao forte agora. Descubram o que puderem e tragam Jeremiah de volta - ordenou Aidan, sua voz firme, mas visivelmente cansada. - Eu vou voltar ao acampamento. Preciso de um tempo para descansar e recuperar forças. Se houver algum grupo restante dos caçadores, eles podem atacar o acampamento enquanto estamos fora. Preciso estar em forma para lidar com o que vier.

Koda olhou para Aidan, uma expressão de preocupação cruzando seu rosto.

-E se precisarmos de você, Aidan? E se encontrarmos resistência? - Koda questionou, ajustando sua arma.

-Não se preocupe com isso - Aidan respondeu, forçando um sorriso cansado. - É melhor eu descansar agora para garantir que estou em condições de continuar a luta quando for necessário. Vocês têm um trabalho importante a fazer e precisam de um espaço seguro para voltar. A última coisa que precisamos é eu caindo de cansaço e atrapalhando tudo.

Samuel, compreendendo a necessidade e a lógica de Aidan, fez um gesto afirmativo.

-Entendido. Vamos ao forte e voltaremos o mais rápido possível - Samuel disse, sua voz firme e decidida.

Koda e Samuel se prepararam para partir, suas silhuetas se tornando sombras na escuridão enquanto se dirigiam para o norte. Aidan observou-os desaparecer na noite antes de se voltar para o acampamento.

## — CAPÍTULO TRÊS —

### Deus ajuda quem cedo sai da prisão

“Semanas se passaram, e o bando tem estado inquieto com o silêncio de Jonah. Todos estamos preocupados se essa recompensa e os últimos acontecimentos o mudaram de alguma forma. Tenho ouvido muitas discussões entre ele e Adeline. Parece que ela está cansada de fugir, assim como todos nós.

Sean voltou na semana passada com notícias preocupantes. Disse que o Roy foi preso e está em uma cidade rural chamada Dodge Creek. Jonah me convidou para ir lá libertá-lo, junto com Koda, mas recusei. Sinto que as coisas estão ficando cada vez mais complicadas, e não sei se quero me envolver em mais problemas. E eu acho que ele desistiu do resgate.” Escrevia Aidan em seu diário, enquanto de fundo, ouviu a voz de Jonah o chamar.

-Aidan! Aidan! – gritava ele se aproximando – Estou indo com o Marcus e o Sean para Dodge Creek, vamos libertar o Roy, e queria muito sua companhia. Você quer ir?

-Por que você quer libertar ele agora? Esqueceu que estamos sendo procurados?

-Confie em mim, Aidan, uma ultima vez, eu tenho um otimo plano.

Aidan parou por um momento, olhou em volta com seus olhos cansados antes de responder

-Está certo, Jonah, eu vou com vocês.

Michael chegou ainda sonolento enquanto tomava um café.

-Dia... – disse ele tomando o café.

Jonah o olhando questionou.

-Michael, consegue fazer o que eu pedi?

-Foi o que eu disse Jonah, consigo, mas vai demorar, os federais estão em peso por lá.

Jonah com um leve sorriso disse.

-Confio em você... filho, e leve o Samuel com você, ele vai ser muito útil. Está certo, vamos Aidan?

Aidan concordou com a cabeça.

-Vamos Jonah.

Aidan ajeitou seu chapéu, colocou sua arma no coldre, e seguiu Jonah, eles subiram em seus cavalos e partiram para Dodge Creek. Aidan, contra sua vontade, seguia Jonah, enquanto Marcus vinha logo atrás, notando a expressão contrariada de Aidan.

-Tá com uma cara pior que a do Roy, Aidan - disse Marcus, num tom irônico. - O que aconteceu?

-Nada demais, só que eu não consigo entender essa ideia louca e suicida do Jonah. Aquele desgraçado é um traidor, um miserável, e um mesquinho. E nós temos que deixar a nossa liberdade para salvar esse idiota.

-Tem razão, esse merda só nos causou problema. Também não entendo o motivo disso. Por mim, ele, o Sean, e o maldito do Jeremiah, deveriam ir pro inferno.

-Do jeito que vivemos, amigo, todos vamos.

Eles continuaram cavalgando. Após alguns dias de viagem, chegaram à pacata cidade de Dodge Creek, onde, cautelosos, procuraram não serem percebidos. Jonah, diminuindo a velocidade, falou com todos.

-Olha, eu vou pra prisão, junto com o Aidan. O resto de vocês, fiquem por perto. Aidan deu um passo à frente, contrariando.

-Foi mal, Jonah, mas eu não vou. Não quero arriscar minha vida por alguém que não dá mínima por ela.

Jonah encarou Aidan com um olhar frio.

-Está certo, filho.

Aidan saiu andando pela cidade, tentando distrair sua mente e esquecer de seus pecados. Chegou até um armazém local e decidiu entrar para comprar alguma comida, pois estava faminto. Enquanto caminhava entre as prateleiras, cavalos pararam fora do armazém. Um homem de terno e chapéu alto entrou.

-Aidan Gallagher. Sequestros, assassinatos, extorsões... roubos... Você é habilidoso, mas imprudente, e decidiu voltar pro inferno.

Aidan ergueu uma sobrancelha, fingindo desinteresse.

-Desculpe, mas eu te conheço? E quem é esse tal Aidan Gala, sei lá o quê?

-Sou Oswald Markins, um amigo de Percival Winslow, o homem que você roubou!

-Quem?

-Não se faça de desentendido. Sabemos quem é você...

Aidan deu um sorriso seco e devolveu a comida para a prateleira.

-Desculpe, mas acho que me confundiu, parceiro. Eu não conheço esse tal Aidan. Oswald não se deixou abalar.

-Faço parte da agência nacional Bradshaw, e eu to aqui em paz, eu quero apenas negociar – disse o agente jogando as vestes de lado e revelando uma pistola - Eu so preciso que você me entregue o Sr. O' Dell, e tudo ficara bem...

Aidan fez um aceno de cabeça.

-Não sei do que está falando senhor, tenha um bom dia.

-Isso ainda vai te matar, Aidan Gallagher, seus pecados ainda vão te matar...

Sem mais palavras, Aidan saiu do armazém com passos rápidos, o encontro inesperado com Oswald ainda pesando em sua mente. Sabia que precisava chegar até a delegacia antes que as coisas saíssem do controle. Acelerou o passo pelas ruas movimentadas de Dodge Creek, cada movimento calculado para evitar chamar atenção.

Quando se aproximou da delegacia, ouviu risadas altas vindas de dentro. Aidan franziu a testa, intrigado. Encostou-se à parede e ouviu mais atentamente. As risadas eram inconfundíveis, seguidas pela voz familiar de Jonah.

-E então, senhores, eu disse ao velho Bart: "Se você acha que pode pegar aquele touro pelos chifres, ao menos vista uma calça!" - Jonah ria, seguido pelas gargalhadas dos guardas.

Aidan abriu a porta devagar, tentando não interromper a cena. Ao entrar, viu Jonah em pé, rodeado por três guardas que riam descontroladamente. Jonah, com seu chapéu ligeiramente inclinado e seu sorriso astuto, parecia o dono do lugar.

-Ah, e vocês deveriam ter visto a cara do homem! - continuou Jonah. - Parecia que tinha engolido um cactus.

Os guardas continuaram rindo, claramente encantados pela presença de Jonah.

-Senhor Brooks, você é um sujeito engraçado! - disse um dos guardas, enxugando uma lágrima de riso.

Jonah sorriu, dando um tapinha no ombro do guarda.

-Ah, meus amigos, a vida é muito curta para não encontrarmos um pouco de alegria nas pequenas coisas, não acham?

Aidan se aproximou lentamente, mas Jonah já o tinha notado. Sem perder o ritmo, Jonah o apresentou com entusiasmo.

-Senhores, este é meu amigo William O'Malley. William, esses são os bravos homens que mantêm a ordem nesta cidade.

Os guardas acenaram, ainda sorrindo.

-William, estava contando aos senhores aqui sobre nossas pequenas aventuras - disse Jonah, com um brilho travesso nos olhos.

-Isso mesmo - um dos guardas disse. - E que aventuras! O que traz vocês aqui hoje? Jonah fez uma pausa, ajeitando o chapéu novamente.

-Bem, estávamos de passagem e ouvimos que nosso velho amigo Roy estava tendo alguns problemas. Pensamos em dar uma olhada e talvez resolver essa pequena confusão.

Os guardas se entreolharam, o riso morrendo aos poucos, mas a simpatia por Jonah ainda evidente.

-Roy, hein? Bem, ele causou um pouco de confusão, mas se você diz que ele é seu amigo... Jonah se aproximou um pouco mais, sua voz baixa e suave.

-Acreditem, senhores. Roy pode ser um pouco impulsivo, mas é um bom homem. Com a nossa palavra, ele não causará mais problemas.

Os guardas hesitaram, o riso sumindo completamente. Um dos guardas, mais desconfiado, cruzou os braços.

-Senhor Brooks, não é assim tão simples. Esse homem causou mais do que um pouco de confusão. Ele está aqui por um motivo sério.

Jonah, percebendo a resistência, mudou seu tom, tornando-se mais solene.

-Eu entendo perfeitamente, meu amigo. Mas vejam, estamos aqui para garantir que ele não repita seus erros. Vamos levá-lo conosco e garantir que ele siga o caminho certo. Somos homens de palavra e honra. Confie em nós.

Os guardas ainda hesitavam, claramente divididos entre a simpatia por Jonah e seu dever.

-E se ele causar mais problemas? - perguntou outro guarda, o tom sério. Jonah se aproximou ainda mais, olhando diretamente nos olhos do guarda.

-Se isso acontecer, vocês têm a minha palavra de que ele não terá mais a nossa proteção. Mas eu acredito que todos merecem uma segunda chance. E prometo que Roy não vai desperdiçar a dele.

O guarda mais desconfiado ponderou por um momento, olhando para seus colegas. Finalmente, eledeu um suspiro pesado.

-Tudo bem, senhor Brook. Vamos liberar Roy, mas a responsabilidade é toda sua. Se ele causar qualquer problema, vamos atrás de vocês.

Jonah sorriu, um sorriso de alívio e agradecimento.

-Vocês não vão se arrepender, meus amigos. Agradeço pela confiança.

Os guardas assentiram e começaram a abrir a cela de Roy. Jonah se virou para Aidan com um olhar de triunfo. Os guardas abriram a cela de Roy, ainda observando Jonah com cautela. Com Roy livre, eles se prepararam para deixar a delegacia. Jonah, com um último aceno e uma piada rápida, garantiu que os guardas continuassem sorrindo, permitindo que o grupo saísse sem mais complicações.

-Onde diabos está todo mundo, Jonah? Só o Aidan teve coragem de aparecer pra essa festinha? - rosnou Roy.

-Parece que o resto do bando caiu na real e deu no pé, antes que você arrastasse eles pro fundo do poço, como está fazendo com a gente! - rebateu Aidan.

-Acalmem-se... eles estão esperando a gente num saloon mais adiante- disse Jonah, montando em seu cavalo e acenando para que eles o seguissem.

-Vamos, pessoal. Temos muito o que fazer.

Enquanto cavalgavam para longe da delegacia, Aidan se aproximou de Jonah, com a mente ainda presa ao encontro recente no armazém. Ele sabia que Jonah precisava estar ciente da situação.

-Jonah, precisamos conversar - começou Aidan, mantendo a voz baixa. Jonah lançou um olhar para ele, mantendo o ritmo de seu cavalo.

-O que foi, Aidan?

Aidan respirou fundo, organizando seus pensamentos.

-Enquanto eu estava no armazém, encontrei um sujeito chamado Oswald Markins. Ele sabia quem eu era... e também sabe sobre nossa gangue. Disse que era amigo de Percival Winslow. E disse que era de uma tal agência nacional e queria que eu o entregasse.

Jonah franziu a testa, ponderando sobre a nova informação.

-Agência nacional... isso complica as coisas. Aidan concordou, claramente desconfortável.

-Que foi, Aidan, tá com medo de alguns federais? - rosnou Roy. Aidan o olhou de canto de olho.

-Quem não tem medo, morre! Roy soltou uma risada rasgada.

-Fique tranquilo, você não morrerá tão cedo, parceiro.

-Eu não sou seu parceiro.

Jonah com uma voz calma disse.

-Acalmem-se, não se matem agora, precisamos nos unir, como uma família.

-Não somos uma... família, Jonah - retrucou Roy.

Aidan virou-se bruscamente para Roy, seu olhar cheio de desprezo.

-Cale a boca, Roy. Se dependesse de mim, você estaria apodrecendo naquela cela. Não vou me arriscar por você.

Jonah, percebendo a tensão crescente, interveio novamente.

-Chega, vocês dois. Precisamos estar unidos, não importa nossas diferenças.

Os três cavalgaram em silêncio, a tensão entre Aidan e Roy ainda pairando no ar como uma nuvem pesada. Jonah liderava o grupo, mantendo os olhos atentos ao redor enquanto se dirigiam ao saloon onde esperavam encontrar o resto do bando. Ao se aproximarem da construção desgastada pelo tempo, a cacofonia de vozes e risos que emanava do interior indicava que o local estava lotado.

Ao adentrar o saloon, o ambiente foi tomado por um aroma de tabaco, álcool e suor. A música de um piano soava ao fundo, misturando-se ao barulho das conversas e risadas. Jonah avançou pela multidão com a confiança de um homem que sabia exatamente para onde estava indo. Aidan e Roy o seguiram de perto, seus olhos vasculhando o salão por qualquer sinal de seus companheiros.

No canto mais afastado do bar, Marcus estava encostado em uma mesa, uma garrafa de uísque pela metade à sua frente. Ele estava visivelmente bêbado, seu olhar turvo e um sorriso largo e despreocupado no rosto.

-Olha só quem decidiu aparecer! - exclamou Marcus, erguendo a garrafa em um brinde desajeitado.

-Jonah, Aidan e... Roy. Pensei que tinha deixado você pra trás, Roy.

-Marcus, cadê o Sean?



Marcus deu de ombros, tentando focar os olhos.

-Não sei, Jonah. Ele estava por aqui há um tempo atrás...De repente, um grito irrompeu do andar de cima:

-Ei, seu filho da puta escocês, a minha mulher não!

Todos os olhos se voltaram para a escada, de onde Sean foi arremessado, caindo pesadamente sobre uma mesa que se partiu com o impacto. Um homem corpulento desceu logo atrás, sua expressão uma máscara de fúria. O saloon, até então barulhento, ficou em silêncio por um instante, antes de explodirem caos.

Jonah e Aidan se posicionaram rapidamente, preparados para a briga inevitável. Roy, com um sorriso malicioso, já estava de punhos cerrados, pronto para a ação.

-Vamos dar um show, pessoal! - gritou Roy, socando o primeiro homem que se aproximou.

Aidan, mais contido, mas igualmente eficaz, bloqueou um golpe e contra-atacou, derrubando seu oponente com um soco bem colocado. Jonah, sempre astuto, se movia pelo salão desviando de socos e garrafas arremessadas, utilizando a mobília como proteção.

Sean, se levantando lentamente da pilha de destroços, riu descontroladamente, como se a situação fosse apenas mais uma noite comum para ele.

-Isso é que eu chamo de diversão! - exclamou, acertando um chute em um dos agressores.

A briga se intensificou, com cadeiras e mesas sendo arremessadas, garrafas quebrando e pessoas lutando por todos os lados. Jonah, aproveitando uma abertura, agarrou uma garrafa de uísque e quebrou-a na cabeça de um homem que avançava contra Aidan.

Marcus, ainda cambaleante, se juntou à briga, sua força bruta se mostrando útil apesar do estado de embriaguez.

Após vários minutos de confusão e pancadaria, a briga começou a diminuir. Os homens que ainda estavam de pé se afastaram, gemendo de dor e recuando para longe da gangue. Jonah, ofegante, se aproximou de Sean, ajudando-o a se levantar completamente.

-Bem, Sean, você sabe mesmo como causar uma impressão - disse Jonah com um sorriso exasperado. Sean apenas riu, esfregando uma mancha de sangue do rosto.

-É o meu charme natural, Jonah.

Aidan, ainda com a adrenalina correndo em suas veias, olhou para Jonah.

-Precisamos sair daqui antes que os guardas apareçam.

Jonah assentiu, concordando. Com isso, eles saíram do saloon, ainda sentindo os olhares dos poucos frequentadores que restavam. O grupo montou em seus cavalos e partiu, com os sons da briga ainda ecoando em suas mentes.

Jonah se aproximou de Roy, com uma expressão séria, sua voz calma, mas firme.

-Roy, precisamos conversar.

Roy virou-se lentamente para Jonah, um sorriso debochado brincando em seus lábios.

-O que é, Jonah? Mais um daqueles seus planos mirabolantes para nos meter em encrenca? Jonah suspirou, ignorando o tom provocativo de Roy.

-É sobre um golpe. Tenho um plano para um assalto. Achamos que pode ser a nossa grande chance de conseguir dinheiro suficiente para fugir.

Os olhos de Roy brilharam por um instante, um lampejo de emoção contida.

-Um assalto ao trem, hein? Isso soa interessante. Conte-me mais.

Aidan notou o brilho no olhar de Roy, um brilho que ele conhecia muito bem.

-Roy, você está bem? Parece animado demais com isso - disse Aidan, seu tom carregado de desconfiança.

Roy piscou, tentando esconder seu entusiasmo.

-Claro que estou. É uma oportunidade que não podemos deixar passar.

Jonah continuou explicando detalhes do plano, enquanto Roy ouvia com um olhar fixo e pensativo. Ao terminar, Roy coçou o queixo, considerando as possibilidades.

-Hmm, realmente é um ótimo plano. Estou dentro. Mas, antes disso, tenho alguns assuntos para resolver. Vou encontrar vocês no acampamento.

-Tudo bem, Roy. Mas não demore demais. Precisamos de você nesse assalto - disse Jonah, sua voz carregada de seriedade.

Roy assentiu, um sorriso malicioso se formando em seus lábios.

-Pode deixar, Jonah. Estarei pronto quando chegar a hora.

Roy virou-se e se afastou, desaparecendo rapidamente na penumbra da noite.

## — CAPÍTULO QUATRO —

### Todos a bordo

Ao anoitecer, quando o grupo chegou ao acampamento, Koda, Jason e Will estavam ao redor de uma fogueira, suas conversas em murmúrios carregados de expectativa. Ao verem a movimentação, levantaram-se rapidamente e foram ao encontro de Jonah.

Jonah! - exclamou Will, correndo em sua direção - É essa noite, Jonah, daqui a poucas horas. Jonah franziu a testa, preocupado com a urgência na voz de Will.

O que, filho? - perguntou ele, tentando manter a calma.

O roubo, Jonah. Eu e Jason estávamos na cidade procurando informações quando ouvimos os oficiais falando. A carga chega esta noite.

Jonah ponderou por um momento, seus olhos se estreitando.

Mas está muito em cima da hora, não? - questionou Aidan.

Não, está perfeito - concluiu Jonah, com firmeza na voz. - O trem estará carregado e vulnerável. Temos que agir rápido.

Antes que pudesse dar mais instruções, um som de cascos se aproximando chamou a atenção de todos.

Roy apareceu, desmontando do cavalo com um sorriso presunçoso no rosto.

Parece que perdi a diversão? - perguntou Roy, com aquele tom provocador que sempre irritava Aidan.

Aidan lançou um olhar severo para Roy, mas decidiu não morder a isca dessa vez. Em vez disso, ele se virou para Jonah, pronto para discutir o plano.

Jonah, temos que nos mover agora. Precisamos garantir que todos estejam prontos e saibam exatamente o que fazer.

Jonah olhou para cada um de seus homens, vendo a determinação nos olhos deles. Ele sabia que esse roubo poderia mudar tudo.

Certo, pessoal - começou ele, sua voz firme. - Vamos dividir em dois grupos. Marcus, você e Koda vão à frente e garantem que a rota esteja livre. Aidan, você, Will e Jason ficarão prontos para interceptar o trem no ponto de parada.

Roy, tentando se redimir de alguma forma, interrompeu.

E eu, Jonah? Qual é minha parte nisso?

Jonah olhou para Roy, hesitando por um momento.

Roy, você vai comigo. Precisamos de alguém para cobrir a retaguarda e garantir que não haja surpresas.

Roy assentiu, um brilho de satisfação em seus olhos.

Pode deixar, Jonah. Vou garantir que nada saia do controle.

Aidan, sempre cético, não pôde deixar de dar uma última advertência.

Não estrague isso, Roy. Precisamos de precisão, não de mais problemas. Roy apenas sorriu, aquele sorriso de quem adora a tensão.

Não se preocupe, Aidan. Estou no meu melhor quando as apostas são altas. Com o plano definido, Jonah deu a ordem final.

Vamos nos preparar. Temos poucas horas até a chegada do trem. Cada segundo conta.

O acampamento rapidamente entrou em ação, cada membro da gangue se preparando para o que poderia ser o roubo mais audacioso de suas vidas. A noite estava apenas começando, e o destino da gangue O'Dell estava prestes a ser decidido.

Enquanto o grupo se dispersava para seus respectivos preparativos, Aidan e Jonah tiveram um breve momento sozinhos. Aidan observou Jonah, vendo a tensão nos ombros do líder.

Jonah, tem certeza sobre Roy? Ele não é exatamente confiável. Jonah suspirou, olhando para Aidan com seriedade.

Sei que não gosta do Roy, Aidan. Mas precisamos de todos. E ele é bom no que faz, quando quer ser.

Aidan assentiu, embora a preocupação não deixasse seu rosto.

Espero que esteja certo. Esta pode ser nossa única chance.

Jonah colocou a mão no ombro de Aidan, uma rara demonstração de camaradagem.

Vamos fazer isso funcionar, Aidan. Juntos.

Aidan deu um leve sorriso, se afastando para se preparar. A noite prometia ser longa, e o futuro da gangue O'Dell estava em jogo.

O céu noturno estava estrelado, e o ar fresco da noite carregava uma sensação de antecipação enquanto o bando se preparava para o roubo planejado. Marcus e Koda montaram em seus cavalos, prontos para avançar e garantir que a rota estivesse livre. Aidan, Will e Jason verificaram suas armas e suprimentos, prontos para interceptar o trem no ponto de parada. Roy, ao lado de Jonah, ajustava seu revólver com um sorriso confiante, enquanto Jonah observava a escuridão. Ao longe, Emillie se aproximou de Jason, que havia se afastado do bando, e com olhares breves e gestos tímidos, eles ficaram conversando.

Enquanto os preparativos prosseguiam, Adeline se aproximou de Jonah, seu rosto marcado pela preocupação.

-Jonah, preciso falar com você - disse ela, sua voz carregada de urgência. Jonah se virou para ela, reconhecendo a seriedade em seus olhos.

-O que foi, Adeline?

Ela olhou ao redor, garantindo que estavam longe o suficiente dos outros membros da gangue antes de continuar.

-Encontrei cartazes com o rosto de todos nós, do Aidan, Marcus, Sean... o seu. Estou com medo, Jonah.

Jonah apertou os punhos, e a abraçou.

-Está tudo bem, meu amor, tá tudo bem.

Adeline o abraçou de volta. E após o abraço, ela se afastou para se juntar aos outros, enquanto Jonah voltava sua atenção para o horizonte escuro.

Enquanto isso, Roy se aproximou de Aidan, um sorriso presunçoso no rosto.

Parece que o bando está pronto para a grande noite, não é, Aidan? Aidan olhou para Roy, seu olhar frio e cauteloso.

Mantenha-se focado, Roy. Não quero nenhum erro hoje à noite. Roy apenas riu, ignorando a advertência de Aidan.

Relaxa, parceiro. Vamos fazer isso como os velhos tempos. Apenas um golpe limpo e rápido. Aidan não respondeu, mas o olhar em seus olhos era uma advertência silenciosa para Roy não estragar as coisas.

Com a tensão no ar e o destino da gangue O'Dell pendendo na balança, todos estavam prontos para o que quer que a noite lhes reservasse. O roubo do trem prometia ser uma prova de fogo para a gangue, e apenas o tempo diria se sairiam vitoriosos.

A noite avançava, e o acampamento da gangue O'Dell estava quase totalmente desmontado. A luz da fogueira havia se extinguido, restando apenas as brasas brilhando suavemente no escuro. Jonah se aproximou, limpando o chapéu com um pano.

-Aidan, filho, tá pronto? Estamos indo - disse Jonah, sua voz baixa, mas firme.

Aidan, que estava sentado em um toco de árvore, levantou a cabeça do diário que escrevia, fechando-o com cuidado.

-Jonah, tô pronto - respondeu, guardando o diário em sua sacola.

Eles se reuniram com os outros, que já estavam montados e prontos para partir. Koda e Marcus estavam à frente, prontos para garantir a rota. Jason ajustava sua cartucheira, enquanto Will conferia seu rifle uma última vez.

-Todos prontos? - Jonah perguntou, olhando para cada um dos membros da gangue. - Lembrem-se, temos que ser rápidos e precisos. Não queremos um banho de sangue desnecessário.

Aidan, Jason e Will formaram a ponta do grupo, liderando a carga. A escuridão da noite parecia fechá-los, mas eles mantinham o foco no objetivo: o trem que estava prestes a chegar à cidade. A trilha era difícil, mas eles avançavam com determinação, cada um ciente de seu papel no plano. Finalmente, chegaram ao ponto estratégico onde o trem passaria. A silhueta metálica do trem já se destacava ao longe, e o som dos trilhos era audível, um ruído crescente na noite silenciosa.

-Vamos, é agora ou nunca - disse Aidan, esporeando seu cavalo e avançando.

Eles interceptaram o trem no momento exato. Jason saltou da sela para o primeiro vagão, enquanto Aidan e Will seguiam logo atrás. O maquinista, surpreso, foi rapidamente neutralizado por Jason, que assumiu o controle da locomotiva, reduzindo a velocidade para facilitar o assalto. Aidan e Will moveram-se com precisão para os vagões de passageiros. A porta do primeiro vagão foi aberta com um chute forte de Aidan, que entrou com a arma em punho.

-Todos quietos! Isso é um assalto! - gritou Aidan, a voz ecoando no vagão.

Os passageiros olharam em choque, alguns gritando, outros congelando de medo. Aidan começou a passar de banco em banco, exigindo que entregassem seus pertences. Cada pessoa reagia de forma diferente, mas o medo era palpável em todos os rostos.

Uma mulher idosa com um chapéu enfeitado entregou um colar de pérolas tremendo, enquanto murmurava uma oração. Um homem corpulento, aparentemente um comerciante, entregou seu relógio de bolso de ouro com relutância, mas sem resistência. Um jovem casal, claramente em lua de mel, ofereceu suas joias e dinheiro com olhos arregalados, a mulher quase chorando.

Will, ao mesmo tempo, entrou no vagão seguinte. Encontrou um banqueiro arrogante que tentou resistir, mas rapidamente foi silenciado pela ameaça da arma de Will.

-Não seja tolo. Isso não vale sua vida - disse Will, enquanto o homem entregava um maço de notas e um anel de diamante com mãos trêmulas.

Os vagões de carga estavam logo adiante. Jason já estava lá, arrombando as caixas com eficiência. Ouro, prata, e outros bens valiosos começaram a se acumular em sacos, enquanto a gangue trabalhava rapidamente para completar o assalto.

No meio da confusão, um passageiro armado tentou reagir. Aidan foi mais rápido, sacando seu revólver e disparando três vezes antes que o homem pudesse fazer qualquer coisa. O corpo caiu ao chão, e o silêncio mortal que se seguiu foi quebrado apenas pelo som das rodas do trem nos trilhos.

-Jason! - gritou Jonah, se aproximando da locomotiva. - Chame Aidan e Will! Precisamos abandonar o trem agora! Os federais estão vindo!

Jason ficou pálido ao ouvir isso. Ele correu para o vagão onde Aidan e Will estavam.

-Aidan, Will! Precisamos sair! Jonah disse que os federais estão vindo! - gritou Jason, ofegante.

Mas antes que pudessem reagir, era tarde demais. O trem parou completamente e dezenas de federais surgiram, cercando o trem. A gangue ficou encurralada, sem saída.

Um homem se destacou do grupo de federais, caminhando com confiança. Ele tinha uma presença imponente e um olhar frio e calculista. Aproximou-se de Jonah, tirando o chapéu em um gesto quase teatral.

-Boa noite, senhores. Sou Oswald Markins, agente especial. E parece que temos um problema aqui - disse Oswald, um sorriso cínico se formando em seus lábios.

Jonah tentou manter a compostura, mas a tensão era evidente em seus olhos.

-Não precisa acabar em violência, oficial. Podemos resolver isso como homens civilizados - disse Jonah, tentando soar calmo e controlado.

-Civilizados, Jonah? Depois de todos esses anos de caos que você espalhou? - Markins riu friamente. - Estou aqui para negociar, mas não com um bandido de sua estirpe.

O silêncio caiu pesado sobre o grupo. Aidan olhou de relance para Jonah, esperando uma instrução. Os federais mantinham as armas apontadas, prontos para qualquer movimento.

-E que tal uma trégua? - propôs Jonah, levantando as mãos lentamente. - Deixamos vocês vivos e vocês nos deixam ir.

Markins balançou a cabeça, seu sorriso desaparecendo.

-Não acho que vá funcionar assim, Jonah. Você está acabado. Não há trégua para bandidos como você.

No momento em que Markins terminou de falar, um dos federais tentou engatilhar sua arma. Aidan foi mais rápido, disparando três tiros certos e derrubando três dos vinte federais que os cercavam.

-Corram! - gritou Aidan, ecoando pelo tumulto.

O tiroteio começou. Balas zumbiam pelo ar enquanto a gangue tentava se defender e encontrar uma saída. Os federais, bem armados e preparados, avançavam com determinação. A cidade ao redor do trem se transformou em um campo de batalha, com janelas quebrando e civis correndo em pânico.

Jonah, Aidan, Jason e Will lutavam com todas as forças, mas a situação era desesperadora. Cada movimento era crucial, cada decisão podia ser a última. E no meio do caos, a determinação da gangue O'Dell brilhava, enquanto eles lutavam não apenas por suas vidas, mas pela liberdade que tanto prezavam.

-Droga, Jonah, isso era uma armadilha! - gritou Jason, recarregando sua arma atrás de uma cobertura.

-Fique focado, Jason! Não temos tempo para isso agora! - respondeu Jonah, sua voz firme, mas carregada de tensão.

Aidan, sempre atento, viu uma brecha e fez sinal para Will avançar.

-Will, pelos fundos! Agora! - ordenou Aidan, cobrindo a retirada do amigo com tiros precisos. Will assentiu e correu, disparando contra os federais que se aproximavam. O som de tiros ecoava pelas ruas estreitas, cada explosão de pólvora iluminando a noite por breves momentos.

-Jonah, estamos cercados! Precisamos de um plano! - gritou Aidan, sentindo a pressão crescente.

Jonah olhou ao redor, buscando uma saída. Seus olhos encontraram os de Aidan, e ele percebeu a gravidade da situação.

-Precisamos nos reagrupar! Vamos para o beco! - ordenou Jonah, começando a se mover em direção ao local apontado.

De repente, tiros vieram de uma direção inesperada. Marcus, Sean, Koda e, para surpresa de todos, Bella, surgiram em meio ao caos, disparando contra os federais com precisão.

-Vamos, rapazes! Temos que tirar vocês daqui! - gritou Marcus, avançando com determinação.

-Bella?! - Jonah exclamou, surpreso. - Como...?

-Sem tempo para explicações, Jonah! - respondeu Bella, recarregando sua arma com habilidade. - Precisamos nos mover!

Aidan e Jason se uniram aos recém-chegados, formando um círculo defensivo enquanto avançavam em direção ao beco.

-Bella, não sabia que você sabia atirar! - comentou Aidan, admirado.

-Há muitas coisas que vocês não sabem sobre mim, Aidan! - respondeu Bella, com um sorriso determinado no rosto.

Os federais, percebendo o reforço inesperado da gangue, intensificaram seus ataques. A luta se tornou ainda mais feroz, com balas voando em todas as direções.

Oswald Markins, observando a situação de uma posição elevada, gritou ordens para seus homens.

-Não deixem nenhum deles escapar! Quero Jonah O'Dell e sua gangue mortos ou vivos! Jonah, ouvindo o grito de Markins, se voltou para Aidan.

-Aidan, temos que dar um jeito nesse Markins! Ele é a chave para sairmos daqui!

Aidan assentiu, sabendo que Jonah estava certo. Eles precisavam neutralizar Markins para ter alguma chance de escapar.

-Jason, Will, cubram-nos! - ordenou Aidan, enquanto ele e Jonah avançavam em direção à posição de Markins.

O confronto se intensificou ainda mais. Cada passo era uma luta pela sobrevivência, cada tiro um grito de desespero e determinação. A gangue O'Dell estava no limite, mas eles não desistiriam sem uma luta.

Aidan e Jonah finalmente alcançaram a posição de Markins. O agente especial os esperava, uma expressão de desprezo no rosto.

-Vocês não têm saída, Jonah. Acabou! - gritou Markins, levantando sua arma.

Mas antes que pudesse disparar, Aidan foi mais rápido. Com um movimento fluido, ele sacou sua arma e atirou, derrubando Markins com um tiro certeiro.

-Não tão rápido, agente - murmurou Aidan, olhando para o corpo caído de Markins.

A luta continuava ao redor, mas com Markins fora de combate, a moral dos federais começou a vacilar. A gangue, aproveitando a oportunidade, intensificou seus esforços para escapar.

-Vamos! Temos que sair daqui! - gritou Jonah, liderando o grupo para fora da cidade. Enquanto corriam pelas ruas estreitas, as balas ainda zumbando ao redor, a gangue O'Dell sabia que essa noite seria lembrada por muito tempo. A luta pela liberdade continuava, e eles estavam prontos para enfrentar qualquer desafio que viesse pela frente.



## — CAPÍTULO CINCO —

### Bem-aventurados os foragidos, pois morrerão em pecado

“O assalto ao trem foi um desastre completo. Nada saiu como planejado. Parecia que os federais estavam esperando por nós, como se soubessem exatamente o que estávamos prestes a fazer. Não pode ser coincidência. Tem um traidor no bando, e minha aposta é no Roy. Nunca confiei naquele maldito. Ele sempre foi um problema, e agora temos que lidar com essa traição.

Jonah está arrasado e furioso. Nunca o vi tão frio e distante. Adeline só queria confortá-lo, mas ele a tratou mal, jogando suas frustrações nela. Não é justo, mas entendo a pressão que ele está sentindo. Estamos todos no limite.

Saímos do nosso antigo acampamento e nos mudamos para um lugar mais afastado, longe de olhares curiosos. Agora, estamos num vale verdejante, cercado por colinas e florestas densas, parecido com os arredores de New Harland.

Mas esse novo lugar não traz paz. Não sei quanto tempo mais conseguiremos continuar assim, mas eu vou fazer de tudo para salvar a minha família. Eles são tudo o que tenho, e não vou deixar que nada os machuque. Muito menos aquele maldito do Roy. Fico feliz que o Michael, e Samuel não participaram do assalto, eles estão muito ocupados com a tarefa de Jonah, não sei se foi sorte ou azar.”

Aidan estava imerso em seu diário quando uma briga irrompeu nas proximidades.

-Vai pro inferno, verme! Você só pode ser o traidor, por que mais estaria me acusando?

As vozes de Will e Koda se erguiam em raiva, enquanto Marcus e Sean lutavam, rolando no chão lamacento e derrubando caixotes e barracas.

-CHEGA! - A voz de Jonah, carregada de autoridade, cortou o tumulto enquanto ele se aproximava rapidamente - Eu disse, CHEGA!

Sean e Marcus, cobertos de lama, rapidamente se puseram de pé, limpando parcialmente asroupas sujas.

-Eu quero saber o que diabos está acontecendo aqui! - exclamou Jonah, sua voz ecoando firmemente carregado.

Marcus deu um passo à frente, apontando acusadoramente para Sean.

-Esse idiota do Sean aqui me acusou de ser o traidor. Maldito! Sean levantou-se, encarando Marcus com fúria contida.

-Eu não disse que você é o traidor - retrucou Sean, sua voz carregada de raiva - Só estou dizendo que alguém da gangue está nos entregando aos federais, e você parece ser o mais suspeito.

Marcus rosnou, pronto para responder, mas Jonah interveio, sua voz soando como trovão.

-Chega! Não temos tempo para brigar entre nós agora. A prioridade é encontrar uma saída dessa situação infernal. Vocês arrumem o que quebraram.

Disse Jonah se afastando e entrando na sua barraca. Aidan, observando a aparência acabada de Jonah, o seguiu, varrendo olhar o acampamento, e observando a troca de olhares profundo entre Jason e Emillie, onde sem jeito ela constantemente ria e ele desviava o olhar. Após essa breve distração, Aidan entrou na barraca, onde Jonah estava sentado na cama, de cabeça baixa, com os dedos entrelaçados em sua cabeça.

-Jonah? Ta tudo bem? - disse Aidan meio receoso entrando. Jonah levantou a cabeça, com um olhar profundo e cansado.

-Sim, Aidan... eu to bem... não se preocupe, filho.

-Eu sei que estamos com muitos problemas ultimamente... mas somos uma família...

-Aidan, me deixa sozinho. Eu tenho que pensar no que iremos fazer, e como vamos sair dessa ratoeira. A América já não é mais segura para gente como nós.

-Está certo, Jonah.

Aidan saiu da barraca, olhando o caos que o acampamento estava, sua visão estava, estava cansada, e preocupada, ele respirou fundo e partiu para um lago próximo.

Ao se aproximar do lago, o som calmante da natureza o envolveu, a brisa suave da costa daquele lago o atingiu em cheio, e por um momento ele presenciou algo que a tempos não tinha, uma paz. Aidan pegou uma vara de pesca caída ali, e a lançou no lago, as águas ondulantes logo se acalmaram, enquanto Aidan se perdia em seus pensamentos.

“Droga, Aidan... essa vida vai te matar,” ecoava a voz de Beth em sua mente. “Meu pai não aprova nosso relacionamento, e se continuar assim, nem eu.” As palavras dela perturbavam seus pensamentos, como fantasmas do passado que se recusavam a partir.

Enquanto ele observava o reflexo nas águas, uma figura se aproximou silenciosamente. Jonah parou ao lado de Aidan, observando o horizonte com um olhar distante.

-Tá pensando na Beth de novo, não é? - perguntou Jonah, com um tom de voz mais suave do que usual.

Aidan suspirou, sem tirar os olhos da água.

-É difícil não pensar. Ela tinha razão sobre muita coisa.

Jonah ficou em silêncio por um momento, deixando o som tranquilo do lago preencher o espaço entre eles.

-Sabe, Aidan, todos nós temos nossos fantasmas. Mas não podemos deixar que eles nos parem. Temos que seguir em frente.

Antes que Aidan pudesse responder, passos rápidos se aproximaram. Will apareceu, a respiração pesada.

-Aidan? Jonah? O que fazem aqui? Jonah o olhando respondeu.

-Eu pergunto o mesmo.

-To pescando alguns peixes para nos. Afinal não vivemos a base de balas e feridas. Aidan puxando a linha da vara o questionou.

-Então essa vara é sua?

-E de quem mais seria? - retrucou Will.

-Não sei, do Jonah talvez, ou então do seu amigo Roy.

-Cale sua boca, Aidan. - rosnou Will.

Aidan puxou completamente a vara e a jogou sobre a terra. Saindo em seguida do ambiente. Ao chegar no ambiente pesado do acampamento, enquanto andava, ouvia vozes sussurrantes. Bella estava sentada perto de uma fogueira, conversando em voz baixa com Emilie.

-Eu sempre achei que o Roy não presta. Ele aparece e logo depois os federais sabem onde estamos? Não pode ser coincidência,” sussurrou Bella.

Emilie olhou ao redor, nervosa.

-Sim, mas e se for alguém que a gente nem suspeita? Alguém que todos confiam? Adeline, que estava próxima, se juntou à conversa.

-Precisamos ter cuidado. Não podemos deixar essa desconfiança nos destruir. Mas admito que o Roy sempre foi um problema.

Koda e Sean estavam mais adiante, suas vozes também baixas, mas carregadas de tensão.

-Eu não confio no Marcus - murmurou Sean - Ele sempre age de maneira estranha quando algo dá errado.

Koda balançou a cabeça, concordando.

-Pode ser, mas não podemos descartar o Will. Ele tem um jeito de se enfiar nos problemas e depois desaparecer.

Aidan passou por eles, suas suspeitas ecoando em seus próprios pensamentos. Cada vez mais, as fissuras na gangue se tornavam aparentes.

Foi quando Jason se aproximou, seu rosto expressando alegria.

-Aidan, preciso falar com você. Encontrei um trabalho bom. Podemos roubar algumas ovelhas e vendê-las para um pastor ao leste daqui.

Aidan ergueu uma sobrancelha.

-Ovelhas, hein? Parece um trabalho tranquilo. Jason deu um sorriso meio cansado.

-É, tranquilo e lucrativo. Melhor do que assaltar trens com federais esperando por nós. Aidan suspirou, olhando ao redor do acampamento.

-Talvez isso seja exatamente o que precisamos. Algo que nos tire do radar por um tempo.

Jason subiu em seu cavalo, acompanhado por Aidan que conferiu sua munição antes de partir. Após algum tempo cavalgando, Aidan questionou.

-Então... ovelhas, né? Como descobriu esse trabalho? Tem o sonho de ser pastor?

Jason, que estava mais à frente, diminuiu a velocidade e respondeu.

-Quem? Eu? Não... não me daria bem com esse trabalho, não. Acho que os campos e uma vida pacata não são pra mim.

Aidan o encarou com um olhar sério, seu tom mais grave.

-Mas deveria ser. Não podemos viver uma vida como essa e esperar sair com vida. Eu te prometo uma coisa: se o Jonah não salvar o bando, eu salvo. E quando esse dia chegar, fuja para alguma fazenda distante, arrume uma família, tenha um filho e morra velho, mas feliz.

Jason parou por um momento, olhando Aidan nos olhos, e depois soltou um suspiro, a tensão entre eles quase palpável.

-Pode deixar, Aidan. Eu vou lembrar disso — disse Jason, tentando esconder a inquietação na voz.

Aidan deu um leve sorriso, mas seu olhar permaneceu duro.

-Bom, alguém tem que cuidar de vocês, né? — Aidan murmurou, ajeitando o chapéu. — E não vai ser o Jonah. Ele sempre tem a cabeça nas nuvens, planejando o próximo grande golpe.

Jason balançou a cabeça, pensativo.

-E você, Aidan? Já pensou em sair dessa vida? Talvez seguir seu próprio conselho?

Aidan soltou uma risada curta, sem humor.

-Acho que pra mim é tarde demais, Jason. Fiz muita coisa ruim, desperdicei muitas oportunidades. Mas você, você ainda tem uma chance. Não desperdice.

Jason olhou para Aidan, a determinação crescendo em seus olhos.

-Eu vou tentar, Aidan. De verdade. Mas só depois que a gente sair dessa confusão toda.

Aidan assentiu, os olhos fixos no horizonte.

-Primeiro, a gente cuida do que precisa ser feito. Depois, a gente pensa no resto.

O silêncio voltou a se instalar entre eles, pesado mas compreensivo. A paisagem ao redor passava devagar, como se o tempo estivesse dando a eles um momento para refletir sobre suas vidas e escolhas.

-Ei, Aidan — chamou Jason de repente. — Obrigado. Por tudo.

Aidan olhou para ele e deu um leve aceno.

-Cuide-se, Jason. Um dia, isso tudo vai fazer sentido. Mas até lá, mantenha sua cabeça baixa e seus olhos abertos.

Eles continuaram a cavalcada em silêncio, a lua cheia iluminava a trilha, e o som distante dos grilos preenchia a noite silenciosa.

Após algum tempo cavalgando, avistaram o rebanho ao longe, pastando tranquilamente em uma colina. Aidan levantou a mão, sinalizando para Jason parar.

-Ali estão elas. Vamos nos aproximar devagar. — Aidan sussurrou, avaliando o terreno.

Eles começaram a se mover lentamente, mas logo perceberam que não estavam sozinhos. Dois homens armados guardavam o rebanho, patrulhando a área.

-Parece que temos companhia. — Jason murmurou, observando os guardas.

-Precisamos ser rápidos e silenciosos. Vamos contorná-los. — Aidan sugeriu, fazendo um sinal para que Jason o seguisse.

Eles se separaram, movendo-se com cuidado entre as sombras. Aidan deu a volta pelo lado direito, enquanto Jason se posicionou à esquerda. Quando estavam em posição, Aidan sinalizou para Jason, e ambos sacaram suas armas simultaneamente.

-Agora! — Aidan gritou, disparando contra os guardas.

Os tiros ecoaram pela colina, e os guardas caíram no chão, surpreendidos pela emboscada. As ovelhas começaram a se agitar, mas Aidan e Jason se moveram rapidamente para acalmá-las e reuni-las.

-Vamos, Jason! Temos que tirá-las daqui antes que mais alguém apareça! — Aidan gritou, começando a guiar o rebanho pela trilha.

Os dois cavalgaram rapidamente, cercando as ovelhas e direcionando-as para a trilha que levava ao ponto de encontro com o comprador. O rebanho avançava com dificuldade, mas Aidan e Jason os mantinham sob controle.

Enquanto avançavam, ouviram o som de cavalos se aproximando. Aidan olhou para trás e viu mais três homens armados perseguindo-os.

-Droga! Temos companhia novamente! — Aidan avisou, apertando o passo.

Os tiros começaram a ressoar, e Aidan e Jason responderam com disparos precisos, tentando manter os perseguidores à distância. A perseguição se intensificou, mas finalmente, conseguiram despistar os homens ao atravessar um rio raso.

Ao chegarem ao ponto de encontro, viram o comprador aguardando. Era um homem de meia-idade, com um grande bigode e roupas de padre. Ele observou o rebanho com um olhar crítico e desdenhoso.

-Essas são as ovelhas? — perguntou o padre, sua voz carregada de ceticismo.

-Sim, são elas. — Aidan respondeu, ainda recuperando o fôlego e mantendo um tom firme. O padre começou a examinar as ovelhas, balançando a cabeça com desaprovação.

-Não parecem tão boas quanto eu esperava. Pago metade do combinado. Aidan estreitou os olhos, sentindo a irritação crescer.

-Metade? — ele repetiu, incrédulo. — Você vai pagar o preço total. Fizemos um trabalho perigoso para conseguir essas ovelhas.

O padre sorriu friamente, seu bigode tremendo com o movimento.

-É pegar ou largar. Metade ou nada. As ovelhas não valem tanto quanto você pensa, rapaz. Jason se aproximou, tentando manter a calma.

-Escute, senhor. Nós arriscamos nossas vidas para trazer essas ovelhas até aqui. O combinado era um preço justo.

O padre olhou para Jason, sua expressão permanecendo impassível.

-Justo ou não, o mercado está ruim. E essas ovelhas não valem mais do que estou oferecendo. Aidan deu um passo à frente, sua voz baixa e ameaçadora.

-Olha aqui, padre. Fizemos um trabalho honesto e arriscado. Você vai pagar o preço total, ou vai se arrepender. Eu prometo isso.

O padre recuou ligeiramente, surpreso com a intensidade de Aidan. Ele levantou as mãos em um gesto conciliador.

-Tudo bem, tudo bem! — ele disse, tentando parecer mais amigável. — Vou pagar o preço total, mas isso vai me custar muito. Espero que valha a pena.

Aidan manteve o olhar fixo no padre, sem mostrar qualquer sinal de suavização.

-Vai valer a pena para você não ter problemas. Eu garanto.

O padre começou a contar o dinheiro, entregando a quantia acordada a Aidan. Enquanto isso, Jason olhava ao redor, mantendo a vigilância.

-Espero que isso não se repita, padre. — disse Jason, tentando manter o tom calmo, mas firme. - Queremos que nossos negócios sejam justos e tranquilos.

O padre assentiu rapidamente, o sorriso frio desaparecendo.

-Claro, claro. Negócios são negócios. Não precisa ameaçar. — ele murmurou, entregando o último maço de dinheiro.

Aidan conferiu rapidamente a quantia, satisfeito ao ver que estava correta. Guardou o dinheiro e montou em seu cavalo, ainda observando o padre com desconfiança.

-Vamos, Jason. Temos que voltar ao acampamento. — Aidan disse, lançando um último olhar de aviso ao padre.

Eles voltaram ao acampamento, que estava silencioso. O bando estava sentado ao redor da fogueira, e a ausência de Jonah chamava a atenção, pois ele adorava as festas, músicas e histórias do bando.

-Cadê o Jonah? - questionou Aidan, descendo do cavalo e sacudindo o maço de dinheiro.

-Está na barraca - disse Adeline, seu ar triste refletido na expressão.

Aidan se dirigiu à barraca remendada de Jonah, as sombras oscilando de um lado para o outro. Ao se aproximar, uma figura saiu de lá e deu de cara com ele.

-Ah... olá, Gallagher - rosou Roy com seu tom irritante, que sempre despertava a ira de Aidan. Aidan o ignorou e entrou na barraca. Lá dentro, Jonah estava sentado, seu olhar perdido enquanto tomava um gole de café.

-O que esse idiota estava fazendo aqui? - questionou Aidan.

Jonah deixou o copo de lado, ajeitou seu chapéu e respondeu calmamente.

-Boa noite, filho.

Aidan franziu a testa, ainda desconfiado.

-Sério, Jonah. O que ele queria?

Jonah suspirou, seus olhos refletindo a luz trêmula da lamparina.

-Roy queria discutir algumas coisas. Você sabe como ele é. Aidan cruzou os braços, seu tom carregado de frustração.

-E você confia nele? Porque eu não confio.

Jonah deu um meio sorriso, seus olhos cheios de uma sabedoria cansada.

-Roy pode ser problemático, mas ele é parte do bando. Ele é leal, de um jeito meio torto. E precisamos de todos nós juntos, agora mais do que nunca. Somos família, Aidan.

Aidan respirou fundo, tentando conter sua raiva.

-Eu ainda acho que ele vai nos trazer mais problemas do que soluções. Jonah se levantou, colocando uma mão no ombro de Aidan.

-Confia em mim, Aidan, eu tenho um plano. Roy tem seu valor. E no fim das contas, todos nós temos que confiar um no outro.

Aidan assentiu lentamente, embora a desconfiança permanecesse em seus olhos.

-Tudo bem. Mas se ele aprontar alguma, não vou hesitar, e meto uma bala na cabeça dele. Jonah sorriu, um sorriso cansado mas sincero.

-Eu sei que não. Agora, vá descansar. Temos muito a fazer amanhã.

Aidan saiu da barraca, sentindo o peso da responsabilidade em seus ombros. Enquanto caminhava de volta à fogueira, ele avistou Roy ao longe, sua silhueta mal iluminada pelas chamas. Ele queria o estrangular. Mas, por enquanto, ele precisava confiar no julgamento de Jonah e manter o bando unido.

O som da fogueira crepitando e as vozes baixas dos companheiros ao redor proporcionaram um breve momento de paz. Aidan sentou-se ao lado de Jason, observando as faíscas subirem ao céu noturno.

-Parece que você teve uma conversa interessante - comentou Jason, entregando a ele uma caneca de café.

Aidan deu um gole, sentindo o calor espalhar-se pelo corpo.

-Sim. Apenas as velhas preocupações com Roy. Nada que já não conheçamos. Jason assentiu, entendendo a situação.

-Vamos dar um jeito nisso, Aidan. Como sempre fazemos.

Aidan olhou para o horizonte, onde as primeiras estrelas começavam a aparecer.

-Sim, Jason. Vamos dar um jeito. Sempre damos – disse toamndo um gole de café e notando a presença discreta de Emillie os observando sem jeito – Jason, acho que estamos sendo observados – disse Aidan apontando discretamente e rindo.

Jason, com as bochechas levemente coradas, deu outro gole no café, tentando disfarçar sua própria timidez.

-Hum... Eu... Eu nem percebi.

Aidan percebeu a reação de Jason e brincou com ele.

-Sério? Tenho notado as conversas e risadas de vocês, não sou tão desatento assim. Jason olhou para Emillie, que sorriu timidamente e desviou o olhar.

-Bem... Não é nada demais, apenas... conversa. Aidan riu baixinho, apreciando a cena.

Claro, apenas conversa. Mas acho que pode ser mais do que isso, não acha? Jason coçou a nuca, incapaz de esconder um sorriso.

-Talvez... Quem sabe?

Aidan assentiu com um olhar compreensivo.

-Bem, seja o que for, estou feliz por você, amigo.

Jason agradeceu com um aceno de cabeça, visivelmente mais relaxado agora que o assunto estava claro entre eles.

-Obrigado, Aidan.

Os dois voltaram a tomar café, desfrutando da tranquila noite estrelada, enquanto Emillie observava de longe, um sorriso tímido nos lábios. A atmosfera ao redor do acampamento parecia carregar uma tensão sutil, uma calma antes da tempestade. Aidan sabia que as próximas semanas seriam decisivas para o futuro do bando. E, apesar de todas as dificuldades, ele estava determinado a enfrentar o que viesse, para salvar sua família.



## — CAPÍTULO SEIS —

### Do lixo aos Dawsons

Na manhã seguinte, a atmosfera do acampamento estava mais calma, com Aidan acordando em seu costumeiro horário, lavando seu rosto, colocando seu chapéu, apertando seu coldre e saindo a procura de Jonah. Ele caminhou pelo acampamento olhando para as barracas, procurando algum sinal do Jonah.

-Onde está o Jonah? – questionou Aidan chegando até o Will.

-Bom dia também, Aidan.

-Bom dia – disse Aidan suspirando – Por acaso viu o Jonah?

Will que estava cortando verduras o respondeu.

-Saiu hoje cedo, foi pra cidade com Roy.

Aidan suspirou enquanto olhava ao redor.

-Roy? Melhor se preparar, vista-se bem.

-Por que, Aidan?

-Ele provavelmente trará os federais, ou qualquer merda que vá nos matar.

-Rá... essa foi boa Gallagher.

Ambos começaram a rir, sendo interrompidos apenas pelo incessante som dos cascos dos cavalos de Roy e Jonah.

-Filho! Que bom te ver - exclamou Jonah, descendo do cavalo com uma energia incomum. Aidan se aproximou, olhando de relance para Roy, que ostentava seu habitual sorriso debochado.

-O que vocês estavam fazendo na cidade? - perguntou Aidan, sua desconfiança evidente. Jonah colocou a mão no ombro de Aidan, puxando-o para um canto mais afastado.

-Precisamos conversar, Aidan. Roy teve uma ideia... e pode ser nossa chance.

Aidan franziu a testa, seu olhar fixo em Jonah.

-Uma ideia do Roy? Isso nunca é um bom sinal.

Jonah respirou fundo antes de continuar.

-É sobre a família uma família aristocrata, os Dawson. Roy descobriu alguns segredos sobre eles... segredos que deixariam até o diabo com nojo. Ele acha que podemos usar isso a nosso favor, extorquir uma boa quantia.

Aidan balançou a cabeça, claramente desaprovando a ideia.

-Extorsão, Jonah? Isso está abaixo de nós. E confiar no Roy para algo assim... é um tiro no pé.

Jonah apertou os lábios, seu olhar firme.

-Sei que parece arriscado, mas estamos ficando sem opções, Aidan. Precisamos desse dinheiro para desaparecer de vez.

Aidan deu um passo para trás, seu olhar cheio de frustração.

-E se der errado? E se os Dawsons tiverem conexões que nem imaginamos? Vamos estar mexendo com gente poderosa.

Jonah suspirou, passando a mão pelo chapéu.

-Eu entendo sua preocupação, filho. Mas precisamos tentar. Não temos escolha.

Aidan olhou ao redor, observando o bando que confiava cegamente em Jonah.

-Certo, mas vamos fazer isso direito. Precisamos de um plano sólido. E, principalmente, precisamos estar preparados para qualquer coisa.

Jonah assentiu, um sorriso esperançoso surgindo em seus lábios.

-Concordo, Aidan. Vamos reunir todos e discutir os detalhes. Precisamos estar todos na mesma página.

Aidan virou-se, caminhando de volta para o centro do acampamento, onde o bando aguardava ansioso.

-Tudo bem, pessoal - anunciou Aidan, sua voz carregada de determinação. - Temos um novo trabalho pela frente. Vai ser arriscado, mas se fizermos direito, pode ser nossa chance de sair desse buraco de vez.

Jason levantou uma sobrancelha, curioso.

-E qual é o trabalho?

Jonah adiantou-se, explicando o plano com todos os detalhes. O bando escutava atentamente, alguns com olhares preocupados, outros com uma determinação renovada.

Roy, com seu sorriso presunçoso, observava de perto, claramente satisfeito com a reação mista do grupo.

-Então, estamos todos de acordo? - perguntou Jonah, finalizando sua explicação.

-Não tenho certeza se é a melhor ideia, mas estou dentro - disse Jason, olhando para Aidan em busca de confirmação.

-Vamos fazer isso - respondeu Aidan, seu tom firme. - Mas vamos estar preparados para o pior. O bando concordou em unísono. Enquanto o bando de dispersava e voltava aos afazeres, Aidan e Jonah se preparavam para a missão, o peso da responsabilidade pairando sobre eles como uma sombra. Aidan sabia que, independentemente do que acontecesse, precisaria estar pronto para proteger seu bando - e, talvez, encontrar um caminho para a redenção.

-Aidan, Jason, estão prontos? - questionou Jonah se aproximando rapidamente, vestindo um elegante terno.

-Sim - respondeu Aidan, olhando-o de cima a baixo. - Vamos ver a família de alguém?

-Rá, muito engraçado você, Sr. Gallagher, ou devo dizer O'Malley.

-Com certeza, Sr. Brooks - respondeu Aidan com um sorriso sarcástico.

Enquanto se preparavam para partir, Roy se aproximou, ajustando seu chapéu e sorrindo de forma provocativa.

-Olha só, a turma toda vestida para a festa. Será que vamos nos comportar como cavalheiros, ou vai ter choro e ranger de dentes?

Aidan lançou um olhar duro para Roy.

-Vamos fazer o que precisa ser feito. Sem exageros, Roy. E mantenha-se na linha.

Roy deu uma risada curta.

-Sempre tão sério, Aidan. Relaxa um pouco. Quem sabe você até se diverte.

Jonah interrompeu a troca de farpas, sua voz firme e autoritária.

-Chega, vocês dois. Temos um trabalho a fazer. E lembrem-se, Ezra Dawson não é alguém em quem podemos confiar cem por cento. Ele foi um militar, mas é um psicopata sádico. Precisamos estar atentos a cada movimento.

Com a advertência de Jonah ecoando em suas mentes, o grupo montou em seus cavalos e seguiu em direção à mansão dos Dawson. A jornada foi silenciosa, com cada um perdido em seus próprios pensamentos, até que a grandiosa mansão apareceu no horizonte, cercada por capangas armados.

A mansão era imponente, com uma fachada de pedra branca iluminada pelo brilho das tochas. O jardim bem cuidado e as fontes ornamentadas contrastavam com os homens armados que patrulhavam os arredores.

-Bem-vindos à toca do leão - murmurou Aidan, enquanto eles se aproximavam.

Ao chegarem aos portões, foram recebidos por um dos capangas, que os conduziu até a entrada principal. Ao entrar, foram saudados por Ezra Dawson, um homem de meia-idade com um olhar penetrante e um sorriso que não chegava aos olhos. Seus traços duros e a postura rígida revelavam seu passado militar, mas havia algo de perturbador em seu comportamento.

-Ah, os famosos forasteiros! - exclamou Ezra, sua voz carregada de um entusiasmo sinistro. - Sou Ezra Dawson, e é um prazer finalmente conhecê-los.

Jonah deu um passo à frente, apertando a mão de Ezra.

-O prazer é nosso, Sr. Dawson. Eu me chamo Jonah Brooks, este cavalheiro ao meu lado é Aidan O'Malley, e o outro cavalheiro Roy Spring. Espero que possamos resolver nossos negócios de forma civilizada.

Ezra soltou uma risada seca.

-Claro, claro. Mas antes, vamos jantar. Tenho certeza de que uma boa refeição ajudará a abrir o apetite para negócios.

Eles foram conduzidos a uma grande sala de jantar, decorada de forma opulenta com candelabros de cristal e tapeçarias ricamente bordadas. A mesa estava posta com talheres de prata e pratos finos, e ao centro, uma suntuosa refeição os aguardava.

Durante o jantar, a tensão era palpável. Ezra observava cada um deles com um olhar avaliador, enquanto Roy parecia não conseguir conter seu entusiasmo.

-Então, Sr. Dawson, ouvi dizer que sua família tem uma história interessante - comentou Roy, com um tom insinuante.

Ezra ergueu uma sobrancelha, seu sorriso se alargando.

-De fato, minha família tem muitos segredos. Alguns que, se revelados, causariam um verdadeiro alvoroço. Mas vamos nos ater aos negócios por enquanto.

Jonah assentiu, tentando manter o controle da situação.

-Claro, Sr. Dawson. Estamos aqui para discutir uma proposta que acreditamos ser de interesse mútuo.

Ezra inclinou-se para a frente, seus olhos brilhando com uma curiosidade perversa.

-Estou ansioso para ouvir o que têm a dizer. Mas lembrem-se, meus amigos, aqui jogamos de acordo com as minhas regras.

Aidan apertou os punhos sob a mesa, sentindo a provocação de Ezra. Ele sabia que essa negociação seria tudo menos fácil, e que cada palavra dita naquela sala poderia decidir o destino deles.

-Vamos direto ao ponto, então - disse Aidan, tentando manter a voz calma. - Sabemos que mão de obra tem se tornado mais caro, depois da... abolição.

-E sabemos também, que você foi contra a abolição - completou Jonah. Ezra riu, um som frio e sem alegria.

-Vocês são ousados, já sei onde querem chegar. Mas acham que podem simplesmente entrar aqui e me passar a perna? Isso requer coragem... ou estupidez.

Jonah interveio, seu tom diplomático.

-Não queremos passar a perna em ninguém, Sr. Dawson. É uma oportunidade de negócios. Um que pode beneficiar a todos nós.

Ezra ficou em silêncio por um momento, seus olhos cravados nos de Jonah, como se tentasse ler sua alma. Finalmente, ele sorriu, um sorriso que não trouxe conforto a ninguém na sala.

-Vamos ver onde isso vai dar, então. Mas lembrem-se, estão na cova do leão.

Jonah o olhou profundamente.

-Ja matei leões maiores e mais perigosos. Mas não acho que seja necessário - disse ele dando uma garfada.

-Gostei de você... continue, continue, quero ouvir a proposta.

Jonah soltou uma risada áspera.

-Ótimo, Sr. Dawson, que as negociações comecem. Bom, para começarmos, gostaria de contextualizar de onde viemos e por que estamos lhe oferecendo escravos em vez de ficarmos com eles - disse Jonah, erguendo uma taça de vinho e tomando um gole antes de continuar - Somos simples caçadores de recompensas de Emerald Bay, e perdemos tudo após a abolição. Passamos a sobreviver graças a senhores como você, que, assim como nós, adoram ter um crioulo para chamar de seu.

Jonah riu, e Roy e Aidan o acompanharam, mas a risada não durou. O olhar de Ezra era penetrante, seu rosto impassível. Então, de repente, ele começou a rir. Era uma gargalhada alta e fria, que ecoava pelas paredes da mansão. Os escravos ao redor, visivelmente constrangidos, começaram a rir também, uma risada forçada e desconfortável, seguidos por Jonah, Aidan e Roy, que riram para não parecerem deslocados.

A gargalhada de Ezra cessou abruptamente, mergulhando a sala em um silêncio tenso.

Jonah, com um sorriso firme, continuou a observá-lo, sentindo que a situação estava à beira de um precipício.

-Sabe, Sr. Brooks, aprecio a sua franqueza - disse Ezra, tomando um gole de vinho. - Mas estou curioso, o que exatamente vocês esperam em troca desses... serviços?

Antes que Jonah pudesse responder, um estrondo alto ecoou pelo corredor, seguido por gritos e tiros. A tensão na sala de jantar aumentou instantaneamente, com todos os presentes se levantando de suas cadeiras.

-Que diabos está acontecendo? - rosnou

Ezra, sua mão já se movendo em direção ao coldre de seu revólver.

A porta da sala de jantar foi escancarada, e um dos capangas de Ezra entrou correndo, ofegante.

-Sr. Dawson, invasores! Eles pegaram Penelope como refém! - gritou o homem, suas palavras saindo entrecortadas pelo pânico.

Jonah, Aidan e Roy trocaram olhares rápidos antes de seguirem Ezra para fora da sala. O corredor estava um caos, com criados e capangas correndo em todas as direções.

Quando chegaram ao pátio da mansão, a cena era ainda mais caótica: homens armados, claramente pertencentes à família Walton, mantinham Penelope Dawson sob a mira de suas armas.

-Soltem-na agora mesmo, ou todos vocês morrerão aqui! - berrou Ezra, sua voz carregada de fúria.

Um homem à frente dos outros, provavelmente o líder, riu friamente.

-Boa tentativa, Dawson. Mas estamos aqui para resolver velhas contas. E não vamos sair sem nossa vingança - disse ele, apertando ainda mais a arma contra a cabeça de Penelope.

Jonah deu um passo à frente, levantando as mãos em um gesto de paz.

-Vamos todos nos acalmar aqui. Não precisamos de mais sangue derramado.

Tenho certeza de que podemos resolver isso de maneira civilizada - disse ele, sua voz firme, mas diplomática.

O líder dos Walton estreitou os olhos, avaliando Jonah.

-E quem diabos é você? Mais um dos cães de Dawson? Jonah manteve seu olhar fixo no homem, sem hesitar.

-Sou apenas um homem tentando evitar uma tragédia. Não precisamos transformar isso em um massacre. Deixe a garota ir, e talvez possamos discutir um acordo.

O líder dos Walton riu novamente, um som sem humor.

-Não há acordo aqui. Só morte para os Dawsons. Mas se quiser tentar, vá em frente - disse ele, sinalizando para seus homens se prepararem.

Jonah, Aidan e Roy perceberam que a situação estava prestes a explodir. Eles se entreolharam, sabendo que a única saída agora era pela força. Em um movimento rápido, Jonah sacou sua arma e atirou no líder dos Walton, acertando-o em cheio no peito. O caos seguiu-se, com tiros disparados de ambos os lados.

Aidan rolou para a cobertura atrás de uma coluna, seus tiros precisos derrubando dois dos capangas inimigos. Roy, com um sorriso selvagem, avançou corajosamente, disparando contra qualquer um que cruzasse seu caminho. Jonah, no centro da ação, comandava os movimentos, suas ordens claras e estratégicas.

Penelope caiu no chão, encolhida de medo, enquanto o tiroteio continuava ao seu redor. Aidan avançou, protegendo-a e garantindo que nenhum dos Walton chegasse perto dela. Os tiros ecoavam pelo pátio, misturados aos gritos de dor e pânico.

Em poucos minutos, o campo de batalha improvisado estava repleto de corpos. Os capangas de Dawson emergiram vitoriosos, embora muitos deles feridos. Jonah, Aidan e Roy estavam ofegantes, mas ilesos. Ezra caminhou lentamente até Penelope, ajudando-a a se levantar.

-Está tudo bem, minha querida. Acabou - disse ele, sua voz mais suave do que de costume. Penelope assentiu, ainda tremendo de medo.

Ezra olhou para Jonah, seus olhos sombrios, mas com um lampejo de respeito.

-Parece que vocês realmente sabem como lidar com problemas, Sr. Brooks. Acho que nossas negociações podem continuar - disse ele, voltando-se para a mansão.

Jonah limpou a poeira de suas roupas, trocando um olhar significativo com Aidan e Roy.

-Vamos, cavalheiros. Parece que a noite ainda não acabou - disse ele, seguindo Ezra de volta à mansão, onde o verdadeiro jogo de poder continuaria, agora com a vantagem de terem mostrado sua força.

Jonah, Aidan e Roy seguiram Ezra de volta à mansão, o som de seus passos ecoando pelo corredor. A tensão ainda pairava no ar, mas agora havia um respeito cauteloso entre os homens. O salão de jantar, anteriormente cenário de uma negociação tensa, agora parecia um campo de batalha abandonado, com cadeiras viradas.

Ezra tomou seu lugar à cabeceira da mesa, seus olhos nunca deixando os de Jonah.

-Muito bem, Sr. Brooks. Vocês provaram que são mais do que simples mercadores. Vamos continuar nossa conversa - disse ele, sua voz carregada de um novo tom de seriedade.

Jonah assentiu, sentando-se novamente e indicando para Aidan e Roy fazerem o mesmo.

-O que vimos lá fora é apenas um exemplo do que a falta de controle pode causar. Oferecemos a você uma forma de manter o controle, de garantir que seu império continue a prosperar, apesar das mudanças na lei - disse Jonah, sua voz firme e persuasiva.

Ezra ficou em silêncio por um momento, ponderando a oferta.

-Muito bem, Sr. Brooks. Aceito sua proposta. Mas saiba que, se me traírem, não haverá lugar seguro para vocês em nenhum canto deste país - disse Ezra, estendendo a mão.

Jonah apertou a mão de Ezra, selando o acordo.

-Pode confiar em nós, Sr. Dawson. Não estamos aqui para criar inimigos, mas para fazer aliados

-disse Jonah, um sorriso confiante em seus lábios.

Enquanto a noite avançava, os homens discutiram os detalhes do acordo.

Quando finalmente se levantaram para sair, Ezra acompanhou-os até a porta, seu sorrisopredatório ainda presente.

-Boa sorte, cavalheiros. E lembrem-se, estou sempre observando - disse ele, antes de se virar e desaparecer nas sombras da mansão.

Jonah, Aidan e Roy montaram em seus cavalos, prontos para retornar ao acampamento. O ar noturno estava fresco, e as estrelas brilhavam intensamente no céu.

-Isso foi arriscado, Jonah - murmurou Aidan, quebrando o silêncio enquanto cavalgavam - você não deveria ter atirado neles, quase nos matou, ou quase matou inocentes.

Jonah deu de ombros, olhando para a estrada à frente.

-Às vezes, é preciso arriscar tudo para ganhar algo grande. Dawson pode ser perigoso, mas agora ele é nosso aliado. E com isso, temos uma chance real de prosperar - disse ele, sua voz carregada de determinação.

Roy riu, seu sorriso selvagem refletindo a luz da lua.

-Mal posso esperar para ver o que vem a seguir. Isso vai ser divertido. Aidan suspirou.

-E é com isso que se importa? O dinheiro? Podia ter nos matado. Jonah o olhou profundamente.

-Sabemos nos cuidar, você é letal, o mais letal que eu conheço

Aidan balançou a cabeça em negação, enquanto cavalgavam para o horizonte, deixando a mansão dos Dawsons para trás, o som de seus cascos ecoando pela noite, uma nova era de desafios e conquistas começava para o bando. Uma era que, como sempre, seria escrita com coragem, astúcia e, acima de tudo, lealdade uns aos outros.



## — CAPÍTULO SETE —

### Cada Romeu tem a Penelope que merece

Na manhã seguinte, o acampamento estava imerso em uma calma tensa. O sol nascia lentamente, suas primeiras luzes desenhando sombras longas e sinuosas nas tendas e cavalos. Aidan acordou cedo, como de costume. Lavou o rosto na bacia de água fria, colocou o chapéu, apertou o coldre e saiu em busca de Jonah.

À medida que caminhava pelo acampamento, Aidan observava as atividades matinais dos outros membros do bando. Ele avistou Jonah conversando com Marcus e Jason.

-Mas vão na calma - dizia Jonah, gesticulando de forma enfática. - Não levantem suspeitas, e se vocês virem eu ou Aidan, finjam que não nos conhecem.

Quando Aidan se aproximou, Jonah sorriu ao vê-lo.

-Ah, Aidan! Chegou na hora certa. Estamos discutindo como ganhar a confiança dos Walton - disse Jonah, com um brilho nos olhos.

Aidan franziu as sobrancelhas, sua preocupação evidente.

-Confiança? Pra quê? - questionou Aidan, franzindo a testa. Jonah, ainda sorrindo, olhou para ele com um brilho nos olhos.

-Como assim?

Aidan estreitou os olhos, sua voz carregada de desconfiança.

-Já não vamos extorquir os Dawsons, Jonah?

Jonah, sem perder o sorriso, respondeu com uma frieza cortante.

-E os Walton também. Descobrimos que eles têm uma grande plantação de algodão, o que gerou uma fortuna considerável para eles.

Aidan sentiu o peso das palavras de Jonah e deu um passo à frente, a preocupação evidente em seu rosto.

-Jonah, isso é loucura. Estamos brincando com fogo. Se algo der errado, estaremos no meio de uma guerra entre duas famílias poderosas.

Jonah, agora com uma postura confiante e uma aura carismática, colocou a mão no ombro de Aidan.

-Aidan, meu amigo, é exatamente isso que precisamos. Entre o caos, encontramos oportunidade. Os Dawsons e os Walton estão cegos pelo poder e pelo ódio. E nós? Nós vamos aproveitar isso. Vamos fazer eles confiarem em nós, enquanto puxamos as cordas por trás. É um jogo perigoso, sim, mas com grandes riscos vêm grandes recompensas.

Aidan balançou a cabeça, o medo visível em seus olhos.

-Jonah, eu sei que você acha que isso vai funcionar, mas e se não der certo? E se acabarmos mortos? Já vimos isso antes. Nada de bom vem de mexer com gente assim.

Jonah deu um passo atrás, abrindo os braços com um sorriso largo.

-Aidan, você precisa confiar em mim. Estamos à beira de algo grande. Algo que pode nos tirar dessa vida miserável e nos dar a liberdade que sempre sonhamos. Mas para isso, precisamos jogar o jogo. Eu sei como jogá-lo melhor do que ninguém.

Aidan suspirou, sentindo o peso da responsabilidade em seus ombros.

-Só espero que você esteja certo, Jonah. Porque se não estiver, não sei se vamos sobreviver a isso.

Aidan bufou, frustrado, e deu um passo atrás, afastando-se de Jonah. Seus olhos, cheios de medo e incerteza, varreram o acampamento. Ele sabia que Jonah tinha um jeito de ver além das circunstâncias, mas as palavras do líder não aliviavam seu coração pesado. A cada passo que dava, sentia o peso da responsabilidade em seus ombros.

Encontrou um tronco de árvore caído e sentou-se, tentando acalmar a mente. Estava perdido em seus pensamentos quando ouviu passos rápidos se aproximando. Marcus, ofegante, segurava uma carta em sua mão.

-Aidan! É da Elizabeth! - gritou Marcus, entregando a carta com uma expressão ansiosa e logo se afastando para cuidar de suas próprias tarefas.

A expressão de Aidan mudou instantaneamente. Seus olhos brilharam com um lampejo de esperança e felicidade. Pegou a carta com mãos trêmulas, seu coração acelerado. Ele rapidamente abriu o envelope, sentindo uma onda de emoções enquanto lia.

"Meu querido Aidan,

Sinto tanto a sua falta. As noites são longas sem você aqui. Meu pai... Ele jurou te matar se te encontrar por causa da vida que você tem levado. Eu tenho me sentido mal ultimamente, e não sei quanto tempo mais aguentarei. Preciso te ver, Aidan, antes que algo ruim aconteça.

Me encontre no lugar onde nos beijamos pela primeira vez. Com amor,  
Elizabeth."

Aidan notou algumas manchas de sangue na carta, o que fez seu coração apertar ainda mais. Ele releu as palavras, tentando absorver o significado por completo.

Tirando o chapéu, Aidan passou a mão pelos cabelos desalinhados e sujos, tentando penteá-los da melhor forma possível. Verificou seu coldre, contando as balas para se certificar de que estava preparado para qualquer eventualidade. Com um suspiro pesado, ele caminhou até a margem do acampamento e encontrou uma pequena flor selvagem. Com cuidado, colheu a flor, pensando em Elizabeth.

Guardou a flor no bolso interno de seu casaco, junto com a carta.

Aidan galopava com seu cavalo até a trilha estreita que levava à colina, na cidade vizinha a que eles estavam, onde Elizabeth o aguardava. Seu coração batia forte no peito, um ritmo acelerado que ecoava seus pensamentos tumultuados. Ele nunca imaginara sentir medo, especialmente não o tipo de medo que se misturava com ansiedade e vergonha. Era uma sensação estranha para alguém como ele, acostumado a enfrentar desafios de frente, sem hesitação.

Enquanto subia pela colina, o sol poente tingia o céu de tons dourados e alaranjados, criando um cenário de beleza tranquila. Mas para Aidan, cada passo era como atravessar um campo minado de emoções confusas. Ele se perguntava repetidamente o que diria a Elizabeth quando a visse. Como poderia explicar tudo o que acontecera desde que se separaram? Sentia vergonha de suas escolhas, dos caminhos sombrios que trilhara desde então.

-O que ela vai pensar de mim? - murmurou para si mesmo, com o galope agora mais lento enquanto chegava ao topo da colina - Ela deve me ver como um monstro agora... um bandido.

O vento sussurrava entre as árvores próximas, carregando consigo o perfume das flores silvestres. Aidan parou por um momento, olhando para baixo, onde podia ver a fazenda distante de Elizabeth. Era um lugar que ela amava, um pedaço de sua vida que ele sabia que havia perdido.

-Elizabeth... - murmurou novamente, fechando os olhos por um instante - Eu nunca quis te machucar, nunca quis te perder.

Com um suspiro profundo, Aidan finalmente avistou Elizabeth ao longe, esperando pacientemente na colina. Aidan então, com determinação desceu do seu cavalo. Seus passos se tornaram ainda mais hesitantes à medida que se aproximava dela. Ela parecia tão frágil e distante, e ele se sentiu intimidado pela ideia de encará-la depois de tanto tempo.

-O que eu direi a ela? - pensou, suas mãos começando a suar levemente - Como posso explicar o que aconteceu... como posso pedir perdão?

Aidan parou a poucos metros dela, sentindo o nó na garganta. Ele respirou fundo, tentando encontrar coragem para falar.

-Elizabeth... - sua voz saiu quase como um sussurro, carregando anos de arrependimento.

Aidan parou a poucos metros de Elizabeth, sentindo o nó na garganta apertar ainda mais. Ela estava ali, tão perto e, ao mesmo tempo, tão distante. Seu rosto estava pálido, os olhos cercados por sombras escuras. A pele dela parecia fina e translúcida, como se a vida estivesse lentamente se esvaindo.

-Elizabeth... - ele começou novamente, sua voz tremendo.

Ela olhou para ele, seus olhos brilhando com uma mistura de saudade e dor.

-Aidan... Eu não sei por onde começar.

Ele se aproximou, tentando controlar a tremedeira nas mãos.

-Eu... Eu sinto muito por tudo. Nunca quis que as coisas fossem assim. Elizabeth balançou a cabeça, lágrimas escorrendo pelo rosto.

-Aidan, você precisa sair dessa vida. Eu imploro. Volte para mim, volte para a vida que tínhamos sonhado juntos.

Aidan desviou o olhar, incapaz de sustentar o peso da culpa em seus olhos.

-Elizabeth, não é tão simples. O bando... eles são minha família. Eu não posso simplesmente abandoná-los.

-Família? - ela repetiu, a voz quebrando - Aidan, eles não são sua família. Eles te arrastaram para esse caminho de destruição. Você ainda tem uma chance de mudar, de escapar.

Ele olhou para o chão, lutando contra as lágrimas.

-Eu não posso, Elizabeth. Eu estou muito fundo nisso. Eles precisam de mim. E eu... eu preciso deles. Ela deu um passo à frente, a tosse interrompendo suas palavras. Aidan percebeu o quanto ela estava fraca, como cada respiração parecia um esforço doloroso.

-Por favor, Aidan - ela implorou, segurando a mão dele com uma força surpreendente para alguém tão frágil. - Por favor, saia dessa vida. Não olhe para trás. Por nós.

Ele apertou a mão dela, sentindo a fragilidade dos ossos sob sua pele.

-Eu queria poder fazer isso, Elizabeth. Mas não posso. Eu já estou perdido. Elizabeth fechou os olhos, as lágrimas escorrendo silenciosamente.

-Então... então você vai nos perder. Você vai me perder. Porque eu não posso continuar assim, sabendo que cada dia pode ser o último, que você pode nunca mais voltar.

Aidan sentiu um aperto no peito, o coração batendo descontrolado.

-Eu sei. E isso me mata por dentro. Mas eu... eu não tenho outra escolha. Ela olhou para ele, os olhos cheios de desespero.

-Aidan, se você me ama... me escute. Saia disso antes que seja tarde demais. Ele ficou em silêncio, as palavras dela ecoando em sua mente.

-Eu não posso, Elizabeth. E eu não vou abandoná-los... desculpa.

Ela deu um passo para trás, a tristeza nos olhos dela quase insuportável para ele.

-Então... acho que isso é um adeus... Aidan, eu te amei com toda minha alma. Eu sempre vou te amar, mas não posso mais continuar assim. Por favor, pense no que eu disse. Não deixe que essa vida destrua tudo o que você é.

Ela se virou e começou a descer a colina, a tosse ecoando no ar. Aidan ficou ali, vendo-a desaparecer à distância, uma sensação de vazio e desespero tomando conta dele. Ele sabia que aquela poderia ser a última vez que a via, e a dor disso era quase insuportável.

Com o coração pesado Aidan desceu a colina lentamente. Enquanto cavalgava, ele notou de relance um homem de aparência distinta à distância. O homem tinha o cabelo perfeitamente arrumado, vestia um colete verde-musgo elegante e o restante de suas roupas era preto. A figura estava parada, observando-o atentamente. Aidan piscou, e o homem desapareceu como um fantasma. Ele balançou a cabeça, atribuindo a visão à sua exaustão emocional.

Quando Aidan chegou ao acampamento, encontrou Koda e Will em uma discussão acalorada. Koda estava gesticulando com veemência, e Will tinha uma expressão preocupada no rosto.

-Eu vi tropas rondando por aqui - disse Koda, sua voz cheia de urgência. - Eles estavam perto, mais perto do que eu já vi antes.

Will, concordou.

-É verdade. Eles estão cada vez mais ousados. Precisamos tomar cuidado.

Jonah, que estava por perto, ouviu a conversa e se aproximou com um sorriso confiante.

-Vocês dois, relaxem. Tropas ou não, não vão nos pegar desprevenidos. Mas, mantenham os olhos abertos. Vamos mostrar que estamos preparados.

Aidan, ainda abalado pelo encontro com Elizabeth, tentou focar na conversa.

-Jonah, temos que ser cautelosos. Se eles realmente estão se aproximando, podemos estar em perigo. Jonah olhou para Aidan, a confiança inabalável em seu sorriso.

-Eu sei que está preocupado, Aidan. Mas agora, precisamos focar em outra coisa. Vamos fazer uma visitinha aos Dawsons. Eles têm algo que precisamos, e é hora de pegarmos nossa parte.

Aidan suspirou, ajustando seu chapéu.

-Jonah, não acho que seja uma boa ideia agora. Podemos estar atraindo atenção desnecessária. Jonah colocou uma mão no ombro de Aidan, seu olhar determinado.

-Precisamos manter o curso, Aidan. Não podemos deixar o medo nos paralisar. Confie em mim, tudo vai dar certo. Vamos lá.

Aidan seguiu Jonah, pelo longo e sinuoso caminho até a mansão dos Dawsons. Porém, no meio do caminho, o som de tiros e gritos interrompeu a calma.

-O que diabos está acontecendo? - murmurou Aidan, puxando as rédeas.

Eles seguiram o som e se depararam com uma cena inesperada. Jeremiah Tremaine, que havia sumido há meses, estava encurralado por uma gangue rival. Ele parecia cansado, desesperado, e desarmado. Jonah franziu a testa e deu um passo à frente, sua presença imponente atraindo a atenção dos agressores.

-Ora, ora, o que temos aqui? - Jonah começou, a voz carregada de autoridade. — Jeremiah, você está encarcerado de novo?

-Quem é você, velho? - rosnou um dos homens da gangue rival, apontando uma arma para Jonah. Jonah ergueu as mãos num gesto de paz, um sorriso tranquilo no rosto.

-Sou amigo dele. Pobre homem, não sabe o que faz. - Jonah disse, com um tom de lamento. — Vocês sabem, ele tem uma condição. Não é responsável pelos próprios atos. Eu estava justamente indo buscá-lo.

Os homens da gangue rival trocaram olhares desconfiados.

-Condição? Que condição? - perguntou um deles, ainda sem baixar a arma.

-Ele... - Jonah fez uma pausa, como se escolhesse cuidadosamente suas palavras. - Ele não tem plena capacidade mental. Sempre se mete em confusão, não por maldade, mas porque não sabe o que está fazendo.

Jeremiah, captando a intenção de Jonah, começou a balançar a cabeça e murmurar coisas incompreensíveis, reforçando a farsa.

-Vejam só, senhores. Ele é um problema para todos nós, mas precisamos cuidar dele, entende? - Jonah continuou, com um olhar piedoso. - Então, por favor, deixem-me levar meu querido amigo para casa. Não queremos confusão aqui.

A gangue rival parecia dividida, mas um dos líderes finalmente abaixou a arma, olhando para Jonah com um misto de desprezo e resignação.

-Tudo bem. Mas se esse velho aparecer de novo em nossos negócios, ele não vai sair vivo. Estamos entendidos?

-Perfeitamente, senhor. - Jonah respondeu com um aceno cortês. - Vamos, Jeremiah. É hora de ir para casa.

Jeremiah se levantou, ainda fingindo desorientação, e seguiu Jonah até onde Aidan aguardava.

Enquanto eles continuaram a cavalgada, o silêncio pesava no ar. Aidan finalmente quebrou o silêncio, não conseguindo mais conter sua curiosidade.

-Jeremiah, onde diabos você se meteu todo esse tempo? - Aidan perguntou, a voz carregada de frustração.

Jeremiah suspirou, tentando manter a calma.

-Segui os caminhos de Deus, Aidan. Encontrei um grupo de missionários e decidi que era hora de meredimir, buscar uma vida nova. - Ele disse com um tom de sinceridade, mas os olhos evitavam o contato direto.

Aidan não pôde deixar de soltar uma risada sarcástica.

-Você foi jogar, perdeu tudo e ficou preso, de novo, né? - Aidan retrucou, cruzando os braços. - É sempre a mesma história com você, Jeremiah. Quando vai aprender?

Jeremiah abaixou a cabeça, a vergonha evidente em sua expressão.

-Eu... sim, eu perdi tudo. Mas desta vez foi diferente, eu realmente queria mudar, só que as coisas saíram do controle. - Ele admitiu, a voz quase um sussurro.

Jonah, que observava a interação em silêncio, finalmente decidiu intervir.

-Jeremiah, você sabe que sempre pode contar com a gente, mas precisa ser honesto. - Ele disse calmamente. - Se continuar nesse caminho, vai acabar sozinho. Queremos ajudar, mas você tem que querer ser ajudado.

-Eu sei, Jonah. - Jeremiah respondeu, a voz carregada de arrependimento. - Eu queria que fosse diferente desta vez. Pensei que podia encontrar redenção, mas acabei caindo nas mesmas armadilhas. Aidan balançou a cabeça, exasperado.

-Redenção não vem de milagre, Jeremiah. Vem de esforço, trabalho duro e decisões inteligentes. Você precisa parar de correr atrás de esquemas fáceis e começar a construir algo real.

Jeremiah assentiu, o peso das palavras de Aidan e Jonah parecendo finalmente atingir seu coração.

-Eu vou tentar, de verdade. Só preciso de uma chance, uma última chance. - Ele disse, a voz tremendo de emoção.

Jonah deu um tapinha no ombro de Jeremiah, um gesto de apoio.

-Estamos todos juntos nisso. Mas não vamos conseguir segurar sua mão para sempre. - Jonah afirmou, sua voz firme.

O sol já estava alto quando Aidan e Jonah chegaram à imponente mansão dos Dawsons, acompanhados pelo relutante Jeremiah. A estrutura colonial destacava-se contra o céu azul, as janelas refletindo o brilho do meio-dia. À medida que se aproximavam, avistaram Ezra Dawson saindo pela porta da frente com um rifle nas mãos.

Ezra tinha o rosto endurecido, marcas de raiva e determinação visíveis em sua expressão. Jonah ergueu a mão em saudação, a desconfiança imediatamente substituída por um sorriso calculado.

-Ezra, o que está acontecendo? - Jonah perguntou, a voz carregada de uma calma controlada. Ezra parou e olhou para eles, os olhos estreitados.

-Aquele miserável do Jesse Walton. Vi ele se engraçando com minha Penelope. Não vou permitir que aquele cachorro se aproxime da minha filha.

Jonah deu um passo à frente, assentindo lentamente.

-Entendo sua raiva, Ezra. Por que não deixamos isso para mais tarde e discutimos de forma mais... civilizada?

Ezra franziu a testa, mas sua determinação não diminuiu.

-Não, Jonah. Isso precisa ser resolvido agora. Vou acabar com ele. Jonah lançou um olhar para Aidan.

-Muito bem, Ezra. Vou com você. Mas deixe Jeremiah vir também. Ele pode ajudar a acalmar os ânimos.

Jeremiah com um olhar assustado retrucou.

-Acho melhor não, Jonah, sabe, não sou muito de brigas... Ezra olhou para Jeremiah, sem reconhecer o homem.

-E você, quem é?

-Sou Jeremiah Tremaine, ao seu dispor - Jeremiah respondeu, a voz tremendo um pouco.

-Ótimo, venha conosco! - ordenou Ezra.

-Acho melhor não, não gosto de ver sangue derramado, prefiro resolver as coisas pacificamente. Jonah cortou Jeremiah antes que ele pudesse dizer mais.

-Ele vai ser útil, Ezra. Confie em mim.

Ezra assentiu e começou a caminhar, seguido por Jonah e Jeremiah. Aidan, por sua vez, recebeu um olhar firme de Jonah, indicando que ele deveria verificar Penelope.

Aidan suspirou e seguiu para dentro da mansão. Ele sabia que essa situação estava longe de ser simples. No entanto, enquanto caminhava pelos corredores, não conseguia afastar a sensação inquietante que o acompanhava desde o encontro com Elizabeth.

Ao chegar ao quarto de Penelope, encontrou-a sentada em uma cadeira perto da janela, olhando para fora. Ela se virou ao ouvir a porta se abrir, e seus olhos se arregalaram ao ver Aidan.

-Aidan... o que você está fazendo aqui? - ela perguntou, surpresa e preocupada.

-So vim conferir se estava tudo bem com voce - Aidan respondeu, tentando manter a calma. Ela balançou a cabeça, lágrimas se formando em seus olhos.

-Eu... eu só queria ser feliz, Aidan. Mas tudo parece impossível com essa guerra entre nossas famílias." Aidan se aproximou dela, seu coração apertado.

-Penelope, você sabe que tudo isso é uma loucura - Aidan começou, a voz carregada de realismo e cansaço - Eu sei que tudo isso é uma loucura, mas não há nada que possamos fazer. As coisas são como são.

Penelope olhou para ele, os olhos brilhando de determinação e desespero.

-Aidan, eu não posso continuar assim. Eu amo Jesse. Ele é tudo para mim. Se meu pai o encontrar, vai matá-lo. Preciso que você entregue algo para ele. Por favor.

Aidan balançou a cabeça, hesitando.

-Penelope, eu não posso me envolver nisso. Já estamos em uma situação complicada demais. Entregar uma carta pode piorar tudo.

Penelope se aproximou, segurando a mão de Aidan.

-Por favor, Aidan. Eu imploro. Ele precisa saber o que está acontecendo. Se você não entregar, ele pode não ter chance. Eu sei que você não entende o que é amar alguém e não poder estar com essa pessoa.

Aidan sentiu um nó se formar em seu estômago. Ele pensou em Elizabeth, e a dor de não poder estar com ela. Suspirou, relutante.

-Penelope, é perigoso. E se Ezra descobrir? E se alguém souber? Ela apertou mais a mão dele, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

-Eu sei que é perigoso, mas por favor. Jesse é minha única esperança de felicidade. Só você pode fazer isso por mim.

Aidan fechou os olhos por um momento, sentindo o peso da decisão. Finalmente, ele cedeu, sabendo que não poderia negar um pedido tão desesperado.

-Está bem, Penelope. Vou entregar a carta. Mas você precisa ser cuidadosa. Não conte a ninguém. Penelope soltou um suspiro de alívio, pegando rapidamente uma carta de dentro do vestido.

-Obrigada, Aidan. Você não sabe o quanto isso significa para mim. Aidan pegou a carta e a guardou no bolso.

-Eu farei o meu melhor. Mas você precisa se cuidar, Penelope. E manter-se longe dos problemas. Ela assentiu, os olhos ainda brilhando de gratidão.

-Eu farei. Obrigada, Aidan.

Aidan deixou o quarto de Penelope com a carta cuidadosamente guardada no bolso. O ar estava carregado de tensão enquanto ele se afastava da mansão dos Dawson, dirigindo-se rapidamente ao local onde seu cavalo o aguardava. O cavalo relinchou suavemente ao vê-lo se aproximar, e Aidan, com um movimento ágil, montou e partiu em direção à propriedade dos Walton.

Os campos de algodão se estendiam ao redor da imponente mansão dos Walton, com os trabalhadores escravizados movendo-se lentamente sob o sol escaldante. Aidan galopou pelos campos verdejantes, seu olhar atento aos capangas de Henry Walton que patrulhavam os arredores. Ele desmontou alguns metros antes da entrada principal, optando por uma abordagem furtiva. Nas sombras das árvores, avistou um escravo exausto pelo trabalho pesado. Silenciosamente, Aidan se aproximou dele.

-Onde posso encontrar Jesse Walton? - sua voz era baixa e firme. O escravo ergueu os olhos com medo palpável.

O escravo apontou discretamente para um homem loiro que estava distante, vestido com um colete marrom sobre uma camisa azul clara, destacando-se entre os outros trabalhadores. Agradecendo com um aceno, Aidan avançou determinado através do campo de algodão até se aproximar de Jesse. Ele se aproximou com passos decididos até que estivessem próximos o suficiente para falar sem serem ouvidos.

-Jesse Walton? - Aidan chamou em um sussurro, mantendo a voz contida para evitar alertar os outros. Jesse virou-se com surpresa ao ver Aidan.

-Quem diabos é você? E o que quer?

-Aidan Gallagher - Aidan se apresentou rapidamente - Penelope Dawson me pediu para entregar isso a você.

Ele retirou a carta do bolso e a estendeu para Jesse, que pegou a carta com uma expressão mista de curiosidade e preocupação. Ele começou a ler rapidamente, os olhos percorrendo as palavras escritas com urgência por Penelope. Aidan observava atentamente, tentando captar a reação do homem. Enquanto Jesse lia, o eco de tiros e gritos ressoou à distância. Aidan olhou ao redor com cautela, percebendo que Ezra e seus capangas, acompanhados por Jonah, haviam chegado à propriedade dos Walton e estavam se aproximando rapidamente.

-O que está acontecendo? - Jesse perguntou, sua voz tensa ao dobrar a carta e guardá-la no bolso.

-Ezra Dawson está aqui - Aidan explicou rapidamente. — Parece que veio resolver algo com você. Jesse franziu a testa, a preocupação marcando seu rosto.

-Preciso lidar com isso. Obrigado por trazer a carta, Aidan.

Aidan colocou a mão no ombro de Jesse, tentando fazê-lo pensar duas vezes.

-Acho melhor não. O Dawson está furioso.

Jesse soltou a mão de Aidan e, puxando desajeitadamente sua pistola, respondeu

-Não! Eu amo a Penelope, e se esse maldito não nos aceita, ELE VAI MORRER! - gritou Jesse, partindo em direção ao som dos tiros.

Aidan respirou fundo, balançando a cabeça em negação.

-Por que é sempre eu que tenho que lidar com idiotas? - murmurou ele, sacando sua arma do coldre, retirando sua jaqueta de couro e puxando sua bandana para cobrir o rosto.

Com passos rápidos e seguros, Aidan seguiu Jesse, mantendo-se nas sombras enquanto os gritos e ostiões aumentavam. Ele sabia que a situação estava prestes a explodir, e a presença de Jonah e Ezra apenas tornava tudo mais volátil. As árvores e os arbustos forneciam uma cobertura precária enquanto ele avançava em direção à mansão dos Walton.

Ao se aproximar do confronto, Aidan pôde ver Ezra e seus capangas avançando com suas armas em punho. Jesse, com a arma em mãos, estava prestes a enfrentar o furioso Ezra. Aidan sabia que precisava intervir antes que a situação se tornasse um massacre.

Com movimentos calculados, Aidan se posicionou estrategicamente, pronto para proteger Jesse. Ele sabia que precisava agir rápido e com precisão. Um dos capangas de Ezra apontou sua arma para Jesse, mas Aidan foi mais rápido, disparando e derrubando o homem antes que ele pudesse atirar.

-Jesse! - Aidan sussurrou urgentemente enquanto puxava o jovem para trás de uma pilha de caixas.  
- Você precisa sair daqui.

Isso vai virar um inferno!

-Não vou fugir! - Jesse insistiu, segurando a arma de maneira desajeitada. - Tenho que lutar pelo nosso amor!

Aidan cerrou os dentes, mantendo um olho nos arredores enquanto mais capangas se aproximavam. Ele sabia que não podia deixar

Jesse ser morto ali.

-Escuta, garoto - Aidan disse, a voz carregada de urgência e frustração. - Você mal sabe segurar uma arma. Ficar aqui vai te matar e não vai ajudar Penelope.

Mais tiros ecoaram, e Aidan derrubou mais dois capangas que se aproximavam. Jesse estava empânico, tentando disparar sua arma, mas errando todos os tiros.

-Droga, Jesse, você quer viver ou não? - Aidan gritou, derrubando outro capanga - Corre! Eu dou cobertura!

Jesse hesitou por um momento, olhando para Aidan e depois para o campo de algodão. Finalmente, ele pareceu entender a seriedade da situação e começou a recuar.

Aidan, escondido atrás de uma pilha de sacos de algodão, continuava a disparar, garantindo que Jesse tivesse uma rota de fuga. Ele mantinha os capangas de Ezra ocupados, derrubando um por um com tiros precisos.

-Corre, maldito! - Aidan murmurou para si mesmo, vendo Jesse finalmente escapar em direção ao campo.

Os sons dos tiros e gritos se intensificavam ao redor deles, o caos crescendo a cada segundo. Jesse tropeçava e cambaleava, tentando se mover mais rápido, mas sua inexperiência com armas e combates era evidente.

-Jesse, pelo amor de Deus, continua correndo! - Aidan rosnou, derrubando mais um capanga que se aproximava.

Jesse tentou disparar novamente, mas a bala passou longe de qualquer alvo. Ele se virou para Aidan, o desespero em seus olhos.

-Eu não consigo! Eles vão me pegar!

Aidan bufou, derrubando outro capanga com um tiro certo.

-Não pensa, só corre! Vou cuidar deles!

Jesse tropeçou novamente, mas conseguiu se levantar e continuar correndo. Aidan manteve-se atrás dele, disparando contra os capangas de Ezra que se aproximavam perigosamente.

Um capanga mais ousado tentou uma investida direta contra Jesse, mas Aidan foi rápido, derrubando-o com um tiro preciso.

-Droga, Jesse, você não sabe nem segurar essa arma direito! - Aidan gritou, a frustração evidente em sua voz.

-Eu... eu só quero estar com Penelope! - Jesse gritou de volta, ofegante e desesperado.

-E morrer aqui vai ajudar como, garoto? - Aidan rebateu, disparando mais uma vez - Se você morrer, Penelope perde qualquer chance de felicidade. Quer isso pra ela?

Jesse parecia finalmente entender a gravidade da situação. Ele olhou para Aidan, a realização estampada em seu rosto. Com um último olhar de desespero, ele se virou e começou a correr com mais determinação.

Aidan, mantendo-se firme, continuou a derrubar os capangas que tentavam alcançar Jesse. Ele sabia que não poderia ficar ali por muito mais tempo, mas precisava garantir que Jesse estivesse longe o suficiente para escapar.

Quando finalmente viu que Jesse havia se distanciado o bastante, Aidan recuou cuidadosamente, andando nas sombras. Ele sabia que não podia ser visto por Jonah e Ezra, então manteve-se oculto até que conseguiu alcançar seu cavalo.

Montando rapidamente, ele partiu em direção a mansão dos Dawsons.

## — CAPÍTULO OITO —

### Velhos pecados, novas cobranças

Aidan cavalgava rapidamente, com a adrenalina ainda pulsando nas veias após a fuga de Jesse. Após algum tempo, encontrou uma clareira isolada onde podia parar e refletir. Enquanto desmontava e dava um suspiro pesado, o som de passos nas folhas secas chamou sua atenção. Ele manteve a mão no cabo da pistola, preparado para qualquer coisa.

Das sombras, um homem surgiu, bem vestido e com um semblante calmo. Aidan franziu o cenho, nunca tinha visto aquele homem antes, mas instintivamente sabia que ele era problema.

-Senhor Gallagher, presumo? - O homem disse, com um sorriso calculado. - Sou Edward Russel, agente da Bradshaw.

Aidan manteve o olhar fixo, sem baixar a guarda.

-O que quer?

-Apenas uma conversa, Aidan. - Russel respondeu calmamente, dando alguns passos adiante. - Podemos?

Aidan hesitou por um momento, mas finalmente assentiu. - Fale logo.

Russel tirou o chapéu e passou a mão pelos cabelos. - Tenho interesse em seu bando, Aidan. Sabemos que têm causado bastante tumulto. Estou aqui para propor um acordo.

-Acordo? - Aidan riu, sem humor. - E que tipo de acordo seria esse?

-Simples - Russel começou, colocando o chapéu de volta. - Você nos entrega seus companheiros, e nós garantimos sua segurança. Talvez até algo mais... confortável para o resto de sua vida.

Aidan estreitou os olhos.

-E o que faz você pensar que eu trairia meu bando?

-Porque, Aidan - Russel disse, sua voz baixando um tom. — Se não cooperar, a situação ficará muito pior para você e para aqueles que ama.

Antes que Aidan pudesse responder, dois outros agentes apareceram, arrastando Elizabeth.

-Solte-a! - Aidan gritou, avançando um passo, mas parando ao ver as armas apontadas para ele.

Aidan assistiu impotente enquanto os federais levavam Elizabeth, sentindo o coração apertado pela angústia. Ele permaneceu imóvel por alguns instantes, vendo-os desaparecer na distância, levando consigo a mulher que amava. A poeira levantada pelos cascos dos cavalos dos agentes se dissipou lentamente, marcando o fim daquele momento tenso e o começo de uma nova determinação.

Sem hesitar, Aidan voltou ao seu cavalo e montou rapidamente. Ainda tremendo de raiva e preocupação, ele cavalgou a toda velocidade de volta ao acampamento, onde encontrou Jonah esperando, observando-o com expectativa.

-O que aconteceu, Aidan? - Jonah perguntou, notando a expressão tensa do amigo. Aidan desmontou com agitação, as palavras saindo apressadas.

-Os federais... eles levaram Elizabeth. Russel... aquele desgraçado... ele a tem como refém. Precisamos agir, Jonah. Agora.

Jonah franziu a testa, preocupado com a gravidade da situação.

-Calma, Aidan. Respira. Vamos contar ao bando.

Juntos, Aidan e Jonah reuniram os membros do bando ao redor da fogueira. A noite caía rapidamente, mas o fogo iluminava os rostos determinados dos companheiros de gangue. Jonah, assumindo um ar de liderança, olhou para Aidan com uma mistura de determinação e solidariedade.

-Russel e os federais acham que podem nos intimidar? Eles pegaram a pessoa errada para mexer conosco. - Jonah declarou, sua voz ecoando firme pela clareira.



Aidan sentiu um misto de alívio e determinação. Ele sabia que, com Jonah ao seu lado, eles tinham uma chance real de salvar Elizabeth. Enquanto o plano começava a ser traçado entre os membros da gangue, Aidan se afastou um momento, deixando as palavras de Jonah ecoarem em sua mente.

Num gesto automático, ele colocou a mão no bolso e sentiu algo ali. Retirou lentamente uma carta amassada, junto com uma pequena flor que ele tinha colhido para Elizabeth, mas que nunca teve a chance de entregar. Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto olhava para a flor, lembrando-se de como planejara o momento perfeito para entregá-la.

Aidan apertou a carta e a flor contra o peito, sentindo um vazio profundo onde antes havia a esperança de um futuro juntos. Ele fechou os olhos por um instante, deixando a dor e a saudade tomarem conta dele. Mas então, ele se lembrou do plano, da missão que tinham pela frente. Com a determinação renovada, Aidan guardou cuidadosamente a carta e a flor, prometendo a si mesmo que Elizabeth estariade volta em seus braços antes que o sol nascesse novamente.

Aidan caminhou decidido até sua barraca, com seu olhar serio varrendo o acampamento, vendo todos arrumando suas armas. Homens ajustavam suas armas, outros afiavam facas e preparavam suprimentos. O clima tenso pairava no ar, cada um sabendo da gravidade da situação.

Chegando à sua barraca, Aidan se ajoelhou ao lado da cama bagunçada. Com cuidado, deslizou uma caixa de madeira debaixo do móvel e a abriu. Dentro, uma foto desgastada de Aidan sorrindo ao lado de Elizabeth. Ele a pegou com carinho, lembrando-se dos dias de paz que pareciam tão distantes agora. Beijou a foto com saudade, antes de guardá-la no bolso próximo ao coração.

Levantando-se com determinação, Aidan pegou munições e suas armas - um rifle e uma carabina para combate mais próximo. Um sinal da cruz rápido e silencioso foi feito, um gesto de proteção e esperança em meio ao caos iminente. Com o sol escaldante fazendo sua vista piscar, ele partiu em direção a Jonah, que o esperava com uma expressão séria.

-Aidan, filho, está pronto? - Jonah perguntou, seus olhos fixos nos de Aidan, transmitindo a seriedade do momento.

Aidan ajustou seu chapéu firmemente na cabeça, o olhar determinado.

-Estou pronto. Vamos resgatar o amor da minha vida.

Jonah assentiu lentamente, um fio de raiva contida se manifestando em seu semblante.

-Os federais vão se arrepender amargamente por terem mexido com nossa família. Está na hora de darmos o troco.

Aidan e Jonah se reuniram com o restante da gangue, que agora estava pronta para a ação. Os olhares determinados dos homens refletiam a gravidade da situação, cada um sabendo que estavam prestes a se lançar em um confronto contra os federais, uma força que representava não apenas uma ameaça, mas um desafio existencial para o bando.

Emillie, Adeline e Isabella se aproximaram lentamente de Aidan, cada uma com uma expressão de preocupação.

-Aidan, por favor, volte são e salvo. Elizabeth precisa de você - disse Emillie, segurando o braço dele com carinho.

Aidan assentiu com um sorriso reconfortante para Emillie, apreciando sua preocupação sincera.

-Vou trazê-la de volta, Emillie. Obrigado.

Isabella, com seu espírito aventureiro e sede de ação, empurrou um revólver para as mãos de Aidan.

-Não se esqueça de me salvar um pouco dessa diversão, hein? Aidan riu suavemente, reconhecendo a bravura de Isabella.

-Vamos fazer isso juntos, Isabella. Cuidado lá fora.

Adeline, sempre se preocupando, segurou o rosto de Aidan com ambas as mãos.

-Não faça nada estúpido, Aidan. Traga Elizabeth de volta, mas traga-se de volta também. Aidan sorriu para Adeline, tocado pela preocupação dela.

-Prometo, Adeline. Ficarei bem - disse ele montando em seu cavalo.

Montados em seus cavalos, Jonah liderava o grupo enquanto a paisagem vasta se estendia diante deles, banhada pelo sol poente que lançava uma luz dourada sobre o cenário. O silêncio entre eles era carregado de tensão, apenas o som dos cascos dos cavalos ecoava enquanto avançavam pela trilha empoeirada.

Jonah quebrou o silêncio, sua voz profunda carregada de uma mistura de determinação e preocupação.

-Aidan, filho, não deixe a raiva cegar você. Vamos precisar de cabeças frias nessa operação.

Aidan assentiu, os olhos fixos adiante, mas sua mente estava ocupada com pensamentos sobre Elizabeth, sobre o que ela poderia estar passando nas mãos dos federais.

-Eu sei, Jonah. Mas ver Elizabeth nas mãos daqueles desgraçados... Não posso simplesmente ficar parado.

Jonah soltou um suspiro pesado, sua expressão endurecida pela vida de foras-da-lei que levavam.

-Compreendo, rapaz. Compreendo mais do que você imagina. Mas lembre-se, às vezes a vingança nos leva por caminhos que não podemos prever.

Aidan virou-se para Jonah, um misto de determinação e dor refletindo em seus olhos azuis.

-Eu sei que o risco é grande, Jonah. Mas não posso simplesmente abandoná-la. Ela é tudo o que tenho.

Jonah olhou para Aidan por um momento, vendo além do jovem destemido, enxergando a vulnerabilidade por trás da máscara de bravura.

-Então vamos trazê-la de volta, Aidan. Mas faça o que fizer, não deixe que a escuridão queima dentro de você. Lembre-se do homem que você é, não do monstro que os outros querem que você seja.

O sol já se punha quando a gangue chegou ao posto dos federais. Eles se aproximaram em formação, cavalos trotando com uma cadência firme, e armas prontas para o confronto iminente. À frente, Aidan liderava, sua expressão séria e determinada, enquanto Jonah seguia ao seu lado, emanando uma aura de comando que impregnava cada membro do bando.

Koda, que tinha sido os olhos da gangue nas últimas horas, apontou silenciosamente para o posto onde Elizabeth provavelmente estava sendo mantida. A tensão no ar era palpável, uma mistura de ansiedade e fúria contida que se espalhava entre os homens.

E então, emergindo das sombras do posto, surgiu Edward Russel, o agente federal que agora se revelava como um obstáculo à liberdade de Elizabeth e à segurança da gangue.

-Bem-vindos, senhores. Suponho que vocês estejam aqui por Elizabeth? - Edward disse com calma, os olhos fixos em Aidan, que o encarava com intensidade.

Jonah, com seu jeito eloquente e dominante, deu um passo à frente, sua voz grave cortando o silêncio carregado.

-Você tem coragem, Russel, de enfrentar homens como nós? De manter uma mulher inocente como refém?

Edward não se abalou, mantendo sua postura firme e segura.

-Estou apenas fazendo meu trabalho, senhor. Elizabeth não é inocente, ela é cúmplice de crimes graves. Aidan apertou o cabo de sua arma, os músculos tensos, lutando para manter a calma diante das palavras de Edward.

-Você sabe muito bem que isso não é verdade. Ela não tem nada a ver com seus jogos sujos, Russel. Edward sorriu de forma quase imperceptível, um sorriso frio que enviou arrepios pela espinha de Aidan.

-O que você quer em troca da liberdade dela?

Edward sorriu, mas não havia calor em seu sorriso.

-Paz, Jonah. E justiça. Você tem causado muitos problemas. O tempo de brincar de fora-da-lei acabou. Renda-se, entregue seus homens, e talvez considere ter um julgamento justo.

Jonah riu, um som sem humor que ecoou pelos bosques ao redor.

-Justiça? daqueles que assassinam e exploram? Não, Edward. Nós sabemos o que é justiça, e não é a sua versão corrompida dela.

Edward estreitou os olhos, sua voz se tornando mais dura.

-Você acha que pode continuar fugindo, Jonah? Essa vida que leva, ela está destruindo todos ao seu redor. Olhe para eles! - Edward gesticulou para os membros da gangue, que observavam a cena com apreensão. - Vocês todos podem ter uma chance, uma vida além desse caos. Tudo o que precisam fazer é entregar esse homem.

O silêncio caiu pelo ambiente enquanto as palavras de Edward pairavam no ar. A tensão era palpável.

-Vocês são leais a ele, mas será que ele é leal a vocês? - Edward continuou, sua voz suave e persuasiva. Quantos mais vão morrer antes que percebam que estão lutando por nada? Rendam-se agora, entreguem Jonah, e prometo que terão um julgamento justo. Uma vida nova, longe dessa violência.

Jonah levantou a mão, cortando o ar com um gesto firme.

-Edward, sua promessa de justiça é tão falsa quanto você. Minhas pessoas sabem disso. Eles sabem pelo que lutamos.

Edward balançou a cabeça, desapontado.

-Não vê, Jonah? Está cegando-os com suas mentiras. Vocês podem ter paz, uma chance de redenção. Pensem nisso! Quantos mais devem morrer por sua teimosia?

Jonah deu um passo para trás, seu olhar nunca deixando os de Edward.

-A lei, Edward, é um manto que homens como você vestem para esconder suas próprias iniquidades. Nós vivemos nas sombras de seus grandes edifícios e acordos escusos. A diferença entre você e eu?

Eu admito o que sou.

Edward apertou os olhos, sua voz cheia de ameaça.

-Então é isso? Você está disposto a sacrificar todos por sua causa perdida? Pense nos seus amigos, Jonah. Pense na vida que poderiam ter.

Jonah manteve-se firme, sua voz baixa e cheia de determinação.

-Eu penso neles, Edward. E é por isso que não podemos nos render. Nós lutamos por algo maior do que nós mesmos.

Edward suspirou, sua frustração evidente.

-Você está cometendo um erro, Jonah. Mas se é assim que quer, assim será. - Ele fez um sinal para seus homens. -Você ainda pode salvar sua alma, Jonah. Pense nisso.

-Minha alma está além de salvação, Edward. Mas obrigado pelo conselho. - Jonah respondeu, seu com uma raiva tomando conta dele.

-Você é um homem apaixonado, Aidan. Às vezes, o amor pode nublar o nosso julgamento. Mas eu estou aqui para garantir que a justiça seja feita.

Jonah fechou os punhos, sua expressão endurecida pela frustração e pela raiva reprimida, seus sentimentos turbilhavam dentro de si, enquanto observava o rosto sinico de Edward.

-Sua justiça é só um pretexto para manter o controle sobre nós, não é, Russel? Você e seus colegas acham que podem nos manter acuados, mas estão enganados.

A tensão atingiu seu ápice, e então tudo aconteceu muito rápido. O grito de guerra ecoou pelo ar quando Aidan deu o sinal. O bando avançou como uma tempestade sobre o posto, tiros ecoando no crepúsculo enquanto os federais eram surpreendidos pela fúria dos fora-da-lei.

Edward Russel, ao ver o ataque iminente, tentou se esquivar, mas um tiro certeiro acertou seu peito. Ele caiu, a dor lancinante o dominando, mas sua mente permaneceu lúcida o suficiente para ver o caos se desdobrar à sua volta.

Enquanto os federais lutavam desesperadamente para se defender, Aidan e sua gangue avançaram determinadamente. Aos poucos, o posto foi sendo tomado, cada canto escuro revelando um novo confronto, cada sombra escondendo uma ameaça em potencial.

Dentro de uma das celas do posto, Elizabeth estava encolhida e ferida, os olhos arregalados de medo e alívio ao ver Aidan entrar resgatando-a das mãos dos seus captores. Ele a segurou com força, o coração apertado ao ver o estado dela.

-Elizabeth, meu amor, eles te machucaram?

Ela assentiu fracamente, os lábios tremendo enquanto Aidan a abraçava com ternura, aliviado por tê-la de volta.

Enquanto a gangue se reuniu ao redor, comemorando a vitória, ninguém percebeu que Edward Russel ainda respirava, caído em um canto do posto, lutando contra a dor excruciante, mas mantendo-se vivo pela promessa de ver os homens que o feriram pagarem um preço alto.

O sol se pôs completamente, mergulhando o ambiente na escuridão, enquanto a gangue de Aidan se afastava do posto, levando consigo não apenas Elizabeth, mas também cicatrizes que os lembrariam para sempre da violência implacável do mundo em que viviam.

Aidan cavalgava a toda velocidade, com Elizabeth segurando-se firmemente a ele, ainda se recuperando do choque e dos ferimentos. O caminho parecia interminável, mas a casa de campo de Amos McGregor finalmente surgiu no horizonte, iluminada pelas luzes da varanda. Os homens de McGregor começaram a se movimentar assim que avistaram os dois chegando, suas armas prontas para qualquer ameaça.

Assim que desmontou, Aidan ajudou Elizabeth a descer do cavalo. Antes que pudessem dar mais um passo, Amos McGregor apareceu na varanda. Seu olhar era de puro ódio ao ver Aidan, uma raiva acumulada ao longo dos anos.

-O que você está fazendo aqui, Gallagher? - Amos rugiu, apontando uma espingarda diretamente para Aidan.

-Sr. McGregor, por favor, eu só trouxe Elizabeth de volta. - Aidan respondeu, tentando manter a calma. Amos desceu os degraus da varanda rapidamente, sua fúria incontrolável.

-Você não tem direito de estar aqui, perto da minha filha! - ele gritou, o dedo no gatilho tremendo. Elizabeth, lutando contra a dor e a tosse persistente, tentou intervir.

-Pai, por favor, ele me salvou! Os federais...

Amos não quis ouvir mais nada. Com um gesto brusco, ele empurrou Elizabeth para trás, e a fraqueza dela era evidente quando ela quase caiu, se segurando na porta para manter o equilíbrio.

-Eu devia te matar aqui e agora, Gallagher. Você e seus amigos não são nada além de criminosos. Minha filha merece coisa melhor do que um fora-da-lei.

Aidan ergueu as mãos, tentando apaziguar a situação.

-Eu sei que o senhor não gosta de mim, Sr. McGregor, mas eu fiz o que fiz por Elizabeth. Ela estava em perigo, e eu arrisquei tudo para trazê-la de volta.

Amos olhou para a filha, vendo a verdade em seus olhos, mas também notando seu estado debilitado, o leve chiado em sua respiração, que ele inicialmente tentou ignorar. Por um breve momento, a raiva deu lugar à preocupação. Ele não podia negar a evidência do que Aidan havia feito, mas o orgulho e a dor de ver sua filha envolvida com um fora-da-lei o consumiam.

-Elizabeth, está tudo bem? Eles te machucaram? - ele perguntou, abaixando a espingarda um pouco, sua voz traíndo uma mistura de preocupação genuína e ressentimento profundo.

-Estou bem, pai. Graças ao Aidan - ela respondeu, segurando o braço do pai, tentando acalmá-lo, mas a tosse que vinha em seguida a traía.

Mas Amos não estava pronto para perdoar. O orgulho ferido e o medo de perder a filha para um mundo de crime obscureciam seu julgamento.

-Isso não muda nada, Gallagher. Você fica longe da minha filha, para sempre. Não quero ver você por perto de novo.

Aidan sentiu um aperto no coração. Ele sabia que discutir mais não adiantaria, mas precisava deixar claro o que sentia. Ele olhou para Elizabeth, seus olhos refletindo uma mistura de amor, dor e resignação.

-Eu amo sua filha, Sr. McGregor. E faria qualquer coisa por ela. Mas se ela estiver segura aqui, vou respeitar seu desejo. Vou embora.

Elizabeth tentou protestar, mas Aidan a interrompeu com um olhar cheio de dor e amor. Ela viu nele não apenas o homem que a havia salvado, mas também alguém que estava disposto a sacrificar a própria felicidade pelo bem dela.

-Eu vou, Elizabeth. Vou garantir que você esteja em segurança aqui com seu pai. - ele disse, suas palavras firmes, mas sua voz tremendo levemente. Ele sabia que estava partindo não apenas seu próprio coração, mas também o dela.

Enquanto Aidan montava em seu cavalo, um impulso repentino o fez parar. Ele desceu lentamente, sentindo um peso no peito que parecia crescer a cada passo. Com as mãos tremendo, ele retirou do bolso interno de sua jaqueta uma pequena flor quebrada e uma foto desgastada dos dois, mais jovens, sorrindo felizes.

Ele se aproximou de Elizabeth, os olhos lacrimejando. A dor de deixá-la era insuportável, mas ele sabia que precisava fazer isso por ela.

-Elizabeth - sua voz saiu rouca, embargada pela emoção. - Eu... eu queria que você ficasse com isso. Ele estendeu a flor e a foto para ela, suas mãos tremendo visivelmente. A flor, embora quebrada, ainda tinha uma beleza frágil, uma lembrança do amor que eles compartilhavam. A foto, desbotada pelo tempo, mostrava os dois em um momento de pura felicidade, um contraste doloroso com a realidade atual.

Elizabeth pegou a flor e a foto com as mãos igualmente trêmulas, lágrimas escorrendo pelo rosto. Ela olhou para a imagem, lembrando-se dos dias felizes e despreocupados que pareciam pertencer a outra vida. Sentiu um aperto no peito ao ver a expressão dolorosa de Aidan, sabendo que ele estava sacrificando tudo por ela. Em um breve instante, ao receber os objetos, ela tossiu levemente, e Aidan sentiu um leve calafrio ao perceber a umidade da tosse dela em sua mão, sem entender totalmente o que aquilo significava.

-Aidan... - ela sussurrou, a voz embargada pelas lágrimas. - Eu nunca vou esquecer você. Nunca. Aidan não conseguiu responder de imediato. Ele apenas ficou ali, olhando para ela, os olhos cheios de lágrimas que ele não conseguia conter. A dor da separação era palpável, um fardo que parecia insuportável. Ele sabia que estava fazendo o que era certo, mas isso não tornava a despedida menos dolorosa.

-Eu também, Elizabeth. Eu também nunca vou te esquecer. - ele finalmente conseguiu dizer, a voz falhando.

Amos, observando a cena, sentiu um nó na garganta. Apesar de toda a raiva e ressentimento, ele não podia ignorar o amor genuíno que via entre os dois. Mas seu orgulho e a necessidade de proteger a filha prevaleceram.

-Aidan, vá agora. Antes que eu mude de ideia - disse Amos, sua voz dura, mas com uma ponta de tristeza.

Aidan assentiu lentamente, sabendo que essa era a única saída. Ele deu um último olhar para Elizabeth, gravando cada detalhe de seu rosto em sua memória. Com o coração pesado, ele montou no cavalo novamente e, com um último aceno de adeus, cavalgou para longe.

Elizabeth segurava a flor e a foto contra o peito, as lágrimas caindo livremente. Ela sabia que aquela separação era necessária, mas isso não tornava a dor menos real. A imagem de Aidan se afastando ficou gravada em sua mente, uma lembrança dolorosa do amor sacrificado pela segurança. A tosse insistente e o chiado em seu peito não a deixavam esquecer sua fragilidade, algo que agora também ameaçava Aidan.

Amos, por sua vez, abraçou a filha, ainda tentando processar tudo o que havia acontecido. Seu coração estava dividido entre a gratidão por Aidan ter salvado sua filha e o ódio por ver a conexão profunda entre eles.

-Ele é perigoso, Elizabeth. Nunca se esqueça disso. - disse Amos, mais para si mesmo do que para ela, tentando justificar sua decisão, enquanto sentia a dor de ver a tristeza nos olhos da filha.

Elizabeth apenas concordou, mas no fundo, ela sabia que Aidan não era apenas um criminoso. Ele era o homem que arriscou tudo por ela. E enquanto o horizonte engolia a figura de Aidan, ela sentia que uma parte de seu coração também se distanciava com ele.

Aidan cavalgou por horas, o vento frio da noite cortando seu rosto enquanto ele se afastava da casa dos McGregor. A cada passo do cavalo, a distância entre ele e Elizabeth aumentava, mas a dor em seu peito apenas crescia. Ele não conseguia afastar a imagem de seus olhos cheios de lágrimas, a expressão de desespero quando ele disse adeus.

Finalmente, exausto tanto física quanto emocionalmente, ele parou em uma clareira isolada, descendendo cavalo com um suspiro pesado. A lua cheia iluminava a paisagem ao redor, mas para Aidan, tudo parecia envolto em escuridão. Ele se deixou cair de joelhos, sentindo o peso insuportável da separação e do sacrifício que havia feito.

Suas mãos tremiam enquanto ele pressionava a palma contra o rosto, tentando conter as lágrimas que insistiam em cair. A flor e a foto ainda estavam gravadas em sua mente, imagens de um tempo mais simples e feliz. Agora, tudo parecia desmoronar ao seu redor. Sem perceber, ele levou a mão que Elizabeth tocara ao rosto, sentindo uma leve umidade e calor incomuns. A tosse dela, ainda ecoando em sua memória, parecia mais presente do que nunca.

-Por que... - ele murmurou, a voz sufocada pelo choro. - Por que tinha que ser assim?

A dor em seu peito não era apenas emocional. Um desconforto físico começava a se manifestar, uma sensação de fraqueza e cansaço que ele não conseguia explicar. Ele tentou afastar esses pensamentos, atribuindo-os à exaustão da noite tumultuada.

Aidan ficou ali, ajoelhado na terra fria, as lágrimas correndo livremente. Ele sabia que precisava ser forte, que precisava seguir em frente. Mas a dor de perder Elizabeth, de deixá-la para trás, era quase insuportável. Ele sentia como se uma parte de si mesmo tivesse sido arrancada, e o vazio deixado para trás parecia crescer a cada segundo.

O leve tremor em suas mãos e a sensação de calor que se espalhava lentamente por seu corpo eram sinais que ele não conseguia ignorar completamente, mas a mente cansada e o coração quebrado o impediam de ver a verdade completa.

-Eu te amo, Elizabeth - ele sussurrou, olhando para o céu estrelado, como se esperasse que ela pudesse ouvi-lo. - Sempre vou te amar.

Aidan sabia que precisava continuar, que tinha que encontrar um caminho para seguir em frente. Mas naquele momento, ele permitiu-se chorar, permitiu-se sentir a dor da perda. Porque, apesar de tudo, ele sabia que o amor que sentia por Elizabeth era verdadeiro, e isso era algo que ninguém poderia tirá-lo.

Lentamente, ele se levantou, enxugando as lágrimas com a manga da jaqueta. Montou no cavalo novamente, sentindo o corpo mais pesado do que antes. Ele não tinha todas as respostas, e o futuro era incerto. Mas, enquanto cavalgava de volta para a escuridão da noite, ele carregava consigo a esperança de que um dia, de alguma forma, encontraria um caminho de volta para a felicidade.

## — CAPÍTULO NOVE —

### Tônicos, bugigangas e outras mentiras

“Já se passaram semanas desde que deixei Elizabeth na fazenda dos McGregor. A saudade dela parece um peso constante sobre meus ombros, um vazio que não consigo preencher. Às vezes, sinto como se ainda pudesse ouvir sua risada suave ou sentir seu toque em minha pele. Mas a vida continua, como sempre faz.

Continuamos fazendo favores para ambas as famílias, os Dawsons e os Waltons. Ontem, por exemplo, Ezra decidiu cobrar uma dívida de alguns bandidos de estrada. As coisas não saíram como planejado, e eu acabei no meio de uma briga com Ezra e Jonah por causa disso. Enquanto Marcus e Jason voltaram dizendo que descobriram onde fica o tesouro dos Walton, num banco na poluída e industrial cidade de Montclair, nunca fui pra lá só ouvi falar.

A pressão sobre Jonah tem aumentado. Michael e Koda notaram acampamentos ao redor do nosso e patrulhas de tropas desconhecidas nas proximidades, inclusive fico feliz pela volta do Michael e do Samuel, estávamos preocupados já. Jonah tem discutido frequentemente com Adeline, que se recusa a ceder diante das crescentes pressões. Recentemente, precisei intervir para acalmar Jonah, levando-o para beber em um saloon na cidade de Armaville, um refúgio temporário para nossas tensões.

Enquanto isso, Emilie e Jason vem se aproximando mais, com eles não saindo de perto um do outro, fico feliz por eles.” Escrevia Aidan em seu diário, enquanto Jonah se aproximava calmamente.

-Filho – disse ele tirando o charuto da boca - preciso de um favor.

Aidan fechou seu diário e o olhou com olhos cerrados pelo forte brilho do sol.

-O que Jonah?

Jonah colocou o charuto na boca, tragou algumas vezes antes soltar uma expressa e esbranquiçada nuvem de fumaça.

-Preciso que você vá para o norte, perto de Nuevo Paraíso. Lá, provavelmente, encontrará um homem...peculiar. Não sei o nome dele, mas ouvi histórias. Dizem que ele se veste de púrpura e tem uma eloquência que poucos conseguem igualar.

Aidan arqueou uma sobrancelha, intrigado, mas também cauteloso.

-Por que eu? - Aidan perguntou, a voz carregada de cansaço. Jonah tragou novamente, seu olhar fixo no horizonte.

-Porque, meu amigo, esse homem pode ter informações valiosas para nós. E você é o único em quem confio para lidar com ele. Além disso... - Jonah fez uma pausa, soltando outra nuvem de fumaça. - Ele pode ser perigoso. E eu sei que você é capaz de cuidar de si mesmo. Nós estamos construindo algo aqui, Aidan. Algo grande. E cada detalhe conta.

Aidan concordou lentamente.

-Certo. Vou encontrar esse homem.

Aidan se levantou, guardando o diário no alfoje de seu cavalo e se preparando para a jornada. O sol estava alto no céu quando Aidan começou a cavalgar para o norte, o calor fazendo-o suar sob suas roupas. A poeira da estrada se levantava em nuvens finas sob os cascos de seu cavalo, e ele sentia um cansaço crescente em seus ossos. Depois de horas de cavalgada, um enjoo começou a se formar em seu estômago, uma sensação incômoda que ele não conseguia ignorar.

Ele decidiu parar para descansar à sombra de uma árvore solitária, descendo do cavalo com um suspiro pesado. Sentou-se na grama seca, respirando profundamente para tentar afastar a náusea. Enquanto se acomodava, ouviu o som de passos suaves atrás dele.

-Água? - disse uma voz calma e firme.

Aidan se virou rapidamente, a mão instintivamente indo para a pistola em seu coldre. Diante dele estava um homem alto, de cabelos bem arrumados, uma barba bem feita e um ondulante bigode. Vestia um colete elegante verde musgo, e o restante de sua roupa era de um preto muito profundo. No lado esquerdo de seu rosto havia uma cicatriz ou marca em forma de 7 ou um F ao contrário.

-Eu te conheço? - Aidan perguntou, a desconfiança clara em sua voz. O homem sorriu, um sorriso que não alcançava os olhos.

-Talvez em outra vida, ou em um sonho esquecido. - Ele estendeu um cantil de água para Aidan. - Aqui, beba. Vai ajudar com o enjoo.

Aidan hesitou, o olhar fixo no cantil. Algo na presença do homem o deixava inquieto, um desconforto que ele não conseguia explicar.

-Não estou com sede. - respondeu Aidan, a voz tensa.

O homem apenas sorriu mais amplamente, seus olhos parecendo penetrar a alma de Aidan.

-Não há nada na água, se é isso que teme. Pode jogá-la no solo, se quiser. - Ele fez uma pausa, observando Aidan com um olhar quase estudioso. - Mas mais à frente, há um homem cuja carroça quebrou há dois dias. Ninguém o socorreu, e ele está morrendo de sede. No entanto, ouvi dizer que ele maltratava sua mulher.

Aidan franziu a testa, sentindo um frio percorrer sua espinha. A maneira como o homem falava, sua sabedoria aparente e suas referências a eventos e períodos, tanto passados quanto futuros, deixavam Aidan inquieto.

-Quem é você? - Aidan perguntou, a voz baixa e carregada de tensão.

O homem inclinou a cabeça ligeiramente, o sorriso nunca desaparecendo.

-Sou apenas um viajante, como você. Alguém que observa e aprende. - Ele fez uma pausa, como se estivesse se lembrando de algo distante. - Sabe, no Antigo Egito, assisti à construção das pirâmides. A engenharia era impressionante, mas o que mais me fascinou foi o sistema de hieróglifos, uma forma de comunicação que resistiu ao tempo.

Aidan olhou fixamente para o homem, suas palavras soando como delírios de um louco.

-Você é maluco. - Aidan disse, sua voz carregada de incredulidade. O homem apenas riu suavemente, um som que parecia ecoar no ar.

-Talvez. Ou talvez eu apenas veja além do horizonte visível. - Ele fez uma pausa, seus olhos brilhando com uma sabedoria incomum. - E agora, vejo que estamos prestes a entrar em uma era de máquinas voadoras e um sistema de comunicação próprio, que caberá no bolso.

Aidan franziu as sobrancelhas, sentindo-se cada vez mais desconcertado. O homem falava de coisas que pareciam impossíveis, como se estivesse prevendo um futuro distante.

-Quem diabos é você? - Aidan insistiu, sua voz carregada de desconfiança e curiosidade. O homem inclinou a cabeça, o sorriso nunca desaparecendo.

-Sou alguém que viu muito, Aidan. Alguém que aprendeu a olhar além do óbvio. Mas agora, a escolha é sua. Ajuda aquele homem, mesmo sabendo de suas falhas, ou deixa-o para o destino que ele mesmo criou? Aidan olhou para o cantil e depois para o homem. A escolha parecia simples, mas carregava um peso moral que ele não podia ignorar.

-Eu farei o que for certo. - disse Aidan finalmente, a voz firme, mas com um toque de dúvida. O homem assentiu, parecendo satisfeito com a resposta.

-Então vá, e faça o que achar que deve ser feito. - Ele se virou, começando a se afastar. - Lembre-se, Aidan, às vezes, a água mais pura pode vir da fonte mais improvável.

Aidan ficou ali por um momento, observando a figura do homem desaparecer no horizonte. O desconforto em seu estômago ainda persistia, mas ele sabia que não era apenas físico. Algo sobre aquele encontro o perturbava profundamente. Ele montou em seu cavalo novamente, o cantil de água ainda em sua mão, e começou a cavalgar na direção indicada pelo estranho.

Aidan cavalgou conforme as instruções do misterioso homem de colete verde, e depois de algum tempo avistou uma carroça quebrada à beira da estrada poeirenta. Urubus circulavam no céu próximo, indicando algo de errado. Ao se aproximar, viu um homem caído no chão, com um olhar perdido e desesperado. Urubus esvoaçavam ao redor dele, esperando pacientemente.

-Ei! - Aidan chamou, saltando do cavalo e correndo para o homem. - Você está bem?

O homem, ofegante e com os olhos arregalados, olhou para Aidan com um misto de alívio e terror.

-Água... - murmurou Aidan, enquanto o homem estendia uma mão trêmula em direção ao cantil - Um homem com colete verde... ele me deu a água.

Aidan ajudou o homem a se sentar, oferecendo-lhe o cantil. O homem bebeu avidamente, tossindo e tremendo enquanto a água refrescava sua garganta ressecada.

-Esse homem... - disse o homem, agora mais calmo. - Eu o vejo. Sempre o vejo. Ele está lá, no horizonte, me observando. Nunca se aproxima, apenas me observa. Foi ele... o motivo de eu ter perdido o controle da carroça. Ele me distraiu, fez-me olhar para ele, e eu bati naquela pedra.

Aidan franziu as sobrancelhas, olhando ao redor nervosamente. O relato do homem era perturbador, alinhando-se estranhamente com suas próprias experiências recentes.

-Você está bem? - perguntou Aidan, preocupado com a saúde mental do homem. O homem assentiu lentamente, ainda tremendo.

-Ele está sempre lá. - sussurrou o homem. - Sempre me observando. Diga-me... você o viu também? Aidan olhou para o horizonte, mas não viu nada além da vastidão da planície.

-Não, eu... eu não vi ninguém. - respondeu ele, com sinceridade.

O homem baixou os olhos, murmurando para si mesmo enquanto Aidan o ajudava a se levantar.

-Ele está lá. Eu sei que está. - disse o homem, antes de começar a caminhar lentamente na direção oposta à carroça quebrada.

Aidan confuso e com um calafrio percorrendo a espinha, pegou o cantil do chão, colocou no seu alforje, subiu em seu cavalo, e partiu rumo a Nuevo Paraíso.

Ele cavalgou pelas estradas desoladas e deserticas, até chegar no seu destino. As ruas empoeiradas de Nuevo Paraíso, uma cidade que se estendia ao longo de um único e estreito corredor entre prédios de madeira envelhecida pelo sol inclemente. As fachadas eram simples e desgastadas, algumas exibindo sinais de tempos melhores com cores desbotadas e tábuas soltas. Não havia praça central ou avenidas largas; aqui, tudo era compacto e funcional, cada edifício aproveitando ao máximo o espaço limitado.

Ao passar por uma esquina, Aidan viu uma multidão se aglomerando ao redor de um homem baixo e de barriga proeminente. Seu terno desbotado, um dia preto e agora um tom acinzentado devido à poeira das estradas, era contrastado pelo lenço de seda roxa desgastado em seu colete surrado. Sob um chapéu desgastado de abas largas, seus olhos pequenos e astutos brilhavam enquanto ele falava com entusiasmo exagerado.

Cada gesto do homem era teatral, desde os movimentos exagerados de suas mãos enquanto gesticulava para enfatizar os benefícios milagrosos de seus tônicos, até o modo como se inflava ao dirigir-se aos potenciais compradores, como se estivesse prestes a revelar um segredo profundo e místico. Apesar de sua aparência desgastada e de suas promessas duvidosas, havia uma estranha simpatia em seu rosto, como se ele próprio acreditasse nas histórias improváveis que contava.

Aidan observou por um momento, intrigado pela dinâmica da cidade que parecia viver ao ritmo das histórias que aquele homem contava. Ele decidiu se aproximar para ouvir o que o homem falava, e o que havia em sua enorme carroça de cor púrpura amadeirado.

À medida que se aproximava, pôde ouvir o homem falando com uma voz estridente e cheia de entusiasmo. - Amigos, senhoras e cavalheiros! Hoje, trago para vocês não apenas tônicos e elixires, mas também artefatos místicos de eras esquecidas! Aqui, nesta carroça, você encontrará itens que desafiam a imaginação e transcendem o conhecimento comum!

Aidan observou enquanto o homem tirava do interior da carroça uma série de objetos extravagantes: uma adaga com inscrições em uma língua desconhecida, um amuleto brilhante que reluzia sob o sol escaldante, e até mesmo uma pequena estátua de um animal mítico com olhos de rubi.

- Este amuleto - continuou o homem com voz convincente - foi forjado nas profundezas de uma terra perdida além do deserto. Dizem que quem o carrega tem a sorte ao seu lado em cada jornada!

A multidão murmurava entre si, alguns olhando com ceticismo enquanto outros pareciam encantados pelas histórias do vendedor. O homem manjava suas palavras com maestria, alternando entre detalhes impressionantes sobre a origem dos itens e promessas de poderes ocultos que podiam ser desbloqueados por aqueles que os possuíam.

Aidan observava tudo com um misto de fascínio e desconfiança. Ele notou que, apesar das histórias fantásticas, o homem parecia ter uma habilidade inata para prender a atenção de seu público, mesmo que fosse com bugigangas que pareciam saídas de contos de fadas.

- Meus amigos, testemunhem o poder deste artefato! - exclamou o vendedor, segurando uma pequena ampulheta com areia dourada. - Diretamente dos confins do Saara, este artefato é capaz de congelar o próprio tempo para quem o possuir!

Alguns na multidão murmuravam com descrença, enquanto outros pareciam intrigados pelas histórias extravagantes. Um homem alto, de bigode farto e chapéu de vaqueiro gasto, zombou alto o suficiente para que todos ouvissem.

- Isso parece mais um brinquedo de criança do que algo de valor real!

O vendedor, sem se abalar, virou-se para sua carroça púrpura, discretamente aproximando-se enquanto mantinha o público entretido com suas palavras.

- Ah, mas deixem-me mostrar algo verdadeiramente sagrado! - exclamou ele, encostando numa tabua de madeira esburacada que ele puxou de sua carroça, e a ergueu sobre sua cabeça - Este aqui é um fragmento autêntico da cruz de Cristo, um artefato milagroso que carrega séculos de bênçãos e mistérios!

Neste momento, um padre idoso na multidão pigarreou ruidosamente, lançando um olhar de desdém para o vendedor. Constrangido pela reação, o vendedor rapidamente mudou de assunto, virando sua atenção para uma pequena caixa de madeira que exibia com um sorriso exagerado.

- E dentro desta caixa, meus amigos, está um espelho mágico que não reflete apenas sua imagem, mas revela a verdadeira essência de sua alma! Com ele, você poderá ver as verdades mais profundas que o universo guarda!

Aidan assistia à cena com fascínio, vendo como o vendedor habilmente desviava de momentos constrangedores e continuava a envolver a multidão com suas histórias fantásticas. Mesmo que não acreditasse nas mercadorias à venda, ele admirava a habilidade do homem em conduzir o show com tanta energia e persuasão, lembrando-lhe dos charlatões que costumava encontrar em suas próprias viagens pelas perigosas terras americanas.



Aidan observou enquanto o vendedor de bugigangas continuava sua apresentação, agora segurando uma faca ornada com inscrições místicas. O homem gordo e teatral caminhava pelo pequeno espaço entre a multidão, exibindo a faca enquanto fazia promessas extravagantes.

-Esta faca, meus amigos, é uma relíquia dos tempos antigos! - anunciou ele, erguendo a lâmina para o céu.

- Ela possui o poder de seguir seu alvo com precisão sobrenatural. Vou precisar de um voluntário para demonstrar!

Aidan se encontrou sob os olhares curiosos de todos ao redor quando o vendedor o escolheu como voluntário. Ele pegou a faca das mãos do homem com um olhar cético, examinando-a com interesse fingido. A verdade era que Aidan tinha uma mira excepcional, algo que descobriu desde seus dias como caçador nas planícies.

-Vamos ver isso em ação, então - disse Aidan calmamente, balançando a faca em sua mão.

O vendedor, confiante em sua mentira, sorriu amplamente - Escolha um alvo, meu amigo, e observe a magia acontecer!

Aidan fingiu visar um dos postes próximos e, com um movimento rápido e certo, lançou a faca. Para o espanto de todos, a faca atingiu exatamente o ponto que ele havia mirado, fincando-se firmemente no poste. A multidão murmurou, alguns boquiabertos, enquanto outros riam de incredulidade. O homem de bigode, que havia zombado anteriormente, olhou para Aidan com uma expressão mista de surpresa e humilhação. Ele foi o primeiro a se aproximar da carroça, comprando uma das bugigangas sem valor com um sorriso amargo no rosto.

O vendedor tentou disfarçar sua própria surpresa com um sorriso forçado.

-Veja só, meus amigos! Não disse que esses artefatos eram verdadeiramente especiais?

Enquanto o vendedor tentava manter o controle da situação, Aidan observava, divertido com o desenrolar dos eventos. Ele notou como o homem gordo se dirigiu sarcasticamente ao homem de bigode, aproveitando a oportunidade para lançar algumas farpas sutis em sua direção. A habilidade do vendedor em lidar com situações adversas com humor e perspicácia era notável, mesmo que seu produto fosse pura farsa.

À medida que a multidão se dispersava, alguns ainda discutindo se as bugigangas eram genuínas ou não, Aidan se afastou silenciosamente. Ele sabia que aquele encontro não passava de um breve entretenimento no caminho de suas próprias jornadas.

Aidan começou a se afastar da multidão dispersa quando o vendedor se aproximou dele, uma expressão mista de surpresa e cautela em seu rosto suado. Ele estendeu a mão em um gesto de paz, tentando manter sua compostura.

-Ora, ora, meu jovem amigo, vejo que você é mais do que um mero espectador. Hiram Jenkins ao seu serviço. E quem tem o prazer de fazer sua conhecida, hmm?

Aidan olhou para o homem com um olhar penetrante, desconfiado.

-Prazer, me chamo Aidan.

Hiram com o suor escorrendo pelo seu rosto e com sua boca seca, o questionou.

-Então... Aidan, né... o que traz um homem como você, para essas bandas da América? Aidan pensando por um momento o respondeu.

-Procuro alguém, cujo o nome eu não sei.

Hiram lanca uma gargalhada seca, enquanto se aproxima de um cantil no chão, o pega e bebe freneticamente, como se nunca houvesse bebido água em sua vida.

-Assim fica difícil, amigo. Sem um nome complica as coisas, mas me descreva esse homem, conheço muita gente por aqui, pode acreditar.

-Eu estou procurando um homem que se veste todo de púrpura.

Hiram engoliu em seco, sua expressão mudando momentaneamente antes de recuperar seu sorriso confiante.

-Púrpura, você diz? - Hiram pareceu intrigado por um momento, sua expressão mudando ligeiramente antes de recuperar o sorriso confiante. - Bem, meu caro, se está procurando alguém vestido com púrpura, talvez eu possa ajudar. Dizem que minha carroça chama atenção, não é verdade?

Hiram fez um gesto de mão em direção à sua carroça, indicando o tecido púrpura que cobria parte dela. Elenão parecia se levar muito a sério, mas sua habilidade em cativar a atenção era inegável.

-Eu sou o homem que você procura? Talvez sim, talvez não, mas se estiver aqui para me pegar, terá que mealçar primeiro, filho da puta! - Hiram fez um gesto rápido em direção à sua carroça, como se estivesse prestes a se afastar.

Aidan não hesitou. Em um movimento rápido, ele se virou, agarrou o braço de Hiram e o pressionou contra a lateral da carroça, fazendo-o soltar um gemido de surpresa e dor.

-Prove. Prove que você é quem diz ser. E me diga por que está fugindo. Hiram piscou várias vezes, claramente desconcertado pela reviravolta.

-Bem, você vê, jovem, é um mal-entendido! Eu... eu... bem, é complicado. Mas não há tempo para explicações aqui, não é mesmo?

Aidan apertou mais o aperto, olhando diretamente nos olhos de Hiram.

-Tem todo o tempo do mundo agora. Por que está fugindo? Hiram suspirou, cedendo sob a pressão.

-Está bem, está bem. Eu não sou exatamente quem pareço ser. Há pessoas atrás de mim, pessoas que eu preferiria evitar. Mas tudo isso é um equívoco, uma série de eventos infelizes. Eu posso explicar! Aidan não soltou Hiram, mantendo sua postura firme.

-Você vai explicar. Agora.

Hiram olhou ao redor nervosamente, vendo a atenção que começava a atrair.

-Muito bem, jovem. Vamos dar um passeio. Eu vou lhe contar tudo. Aidan o segurou firmemente.

-Nada disso, irá dizer agora!

-Está bem, está bem. Eu não sou exatamente quem pareço ser. Há pessoas atrás de mim, pessoas que eu preferiria evitar. Mas tudo isso é um equívoco, uma série de eventos infelizes. Eu posso explicar!

Neste momento, um ruído de cavalos galopando ecoou ao longe. Aidan virou-se rapidamente para ver uma nuvem de poeira se aproximando pela estrada. Os homens que se aproximavam, eles estavam montados em cavalos robustos e seguravam rifles de forma ameaçadora.

Sem hesitar, Aidan empurrou Hiram para o lado, usando um barril como cobertura enquanto sacava sua própria arma. Os homens desconhecidos abriram fogo assim que se aproximaram o suficiente, obrigando Aidan a revidar para proteger tanto a si mesmo quanto a Hiram.

Os tiros ecoaram pelas ruas desertas de Nuevo Paraíso, misturando-se ao som dos cavalos e aos gritos de pânico dos poucos habitantes que corriam para se abrigar. Aidan atirou com precisão, forçando os homens a recuar momentaneamente buscando uma posição defensiva.

Enquanto Aidan atirava com precisão letal, Hiram se jogou no chão, buscando proteção atrás de um barril de madeira próximo. Seu rosto estava pálido, os olhos arregalados de medo e reconhecimento. Ele sabia que aqueles homens estavam ali por sua causa, e isso o atormentava profundamente.

Finalmente, o silêncio caiu sobre a rua poeirenta. Aidan, com o coração acelerado pela adrenalina da batalha, abaixou lentamente seu revólver. Ele olhou ao redor, avaliando rapidamente a situação e verificando se algum dos homens ainda representava uma ameaça. Hiram, ainda no chão, olhou para Aidan com uma mistura de gratidão e preocupação.

-Eles não vão desistir tão facilmente. Precisamos sair daqui. - Hiram falou com urgência, levantando-se rapidamente e limpando a poeira de suas roupas.

-Sim, mas antes – disse ele segurando firmemente o braço do homem e o levantando – Conte-me tudo. Aidan não soltou Hiram, mantendo sua postura firme. Hiram respirou fundo e começou sua história, com um nervosismo evidente em sua voz.

-Meu nome não é exatamente Hiram Jenkins. Esse é apenas um dos muitos nomes que usei ao longo dos anos para me manter longe de problemas. Eu costumava ser um comerciante, vendendo meus tônicos e bugigangas por onde passava, até que acabei me envolvendo com as pessoas erradas.

Ele fez uma pausa, olhando para Aidan com um misto de esperança e apreensão.

-Esses homens que acabaram de nos atacar, eles estão atrás de mim porque acham que os enganei. E, de certa forma, eu fiz. Vendia produtos que prometiam muito mais do que podiam entregar. Mas eu nunca quis prejudicar ninguém de verdade.

Aidan permaneceu sério, processando as palavras de Hiram.

-E o que você pretende fazer agora? - Aidan perguntou, mantendo seu olhar fixo no rosto suado de Hiram.

-Eu... eu não sei. Talvez fugir novamente. Ou talvez enfrentá-los de uma vez por todas. Mas eu preciso de tempo para decidir. E talvez, com sua ajuda...

Antes que Hiram pudesse terminar sua frase, um grito ecoou ao longe. Aidan olhou na direção do som e viu mais homens se aproximando, montados a cavalo.

-Mais deles estão vindo! - Aidan alertou, soltando Hiram e alcançando sua própria pistola. Hiram olhou desesperado para Aidan.

-Por favor, me ajude a escapar. Eu posso lhe pagar, eu posso... Aidan sacudiu a cabeça, interrompendo-o.

-Não quero seu dinheiro. Mas se quer ajuda – disse Aidan mirando seu revólver, e focalizando nos três homens restantes, e os matando com uma precisão letal.

-Uau, por Deus... eu deveria lhe apresentar em meus shows – disse Hiram impressionado.

-Sem gracinhas, Hiram... ou seja lá qual for seu nome... sem truques... só respostas.

-Está certo, amigo, posso lhe pagar uma bebida como agradecimento? – disse Hiram caminhando em direção à cidade – vamos... não fiquem acanhados.

Aidan seguiu Hiram até o saloon da cidade, a poeira levantada pelo tiroteio ainda pairava no ar, dando à luz do sol um tom avermelhado e opaco. O saloon estava vazio, devido ao intenso tiroteio.

Hiram foi direto ao balcão e se serviu de um copo de whisky empoeirado que estava atrás do balcão, e em seguida serviu Aidan. Ele empurrou o copo para Aidan com um gesto rápido e nervoso.

-Bebe. Vai te ajudar a clarear a mente depois daquela confusão lá fora - Hiram disse, a voz trêmula enquanto observava Aidan com cautela.

Aidan aceitou o copo de whisky e deu um gole, sentindo o líquido quente queimar sua garganta. Ele olhou para Hiram com seriedade, esperando que o homem começasse a falar.

-Meu nome não é Hiram Jenkins, como eu disse antes. Esse é um nome que eu escolhi para me esconder, depois que me envolvi com um Chefão do crime italiano- Hiram começou, sua voz um sussurro áspero - Meu verdadeiro nome é Horace Guffin Whitley. Um comerciante ambulante que viajava de cidade em cidade, vendendo tônicos e bugigangas falsas.

Ele fez uma pausa, olhando para Aidan como se esperasse uma reação.

-Quando as coisas apertaram com esse chefão, mudei meu modus operandi e meu nome. Abandonei o terno todo roxo que era minha marca registrada, e peguei roupas do meu pai, que eu tinha guardado. Mudei meu nome e comecei a atuar aqui, em Nuevo Paraíso - Horace explicou, os olhos desviando-se por um momento como se recordasse tempos turbulentos.

Aidan ouviu atentamente, absorvendo as palavras de Horace enquanto mantinha seu copo de whisky firmemente entre as mãos.

-Por que eles estão atrás de você, Horace? - Aidan perguntou, a voz baixa mas firme. Horace suspirou profundamente, os ombros caídos com o peso de seus segredos.

-Porque acham que eu os enganei. Eu vendia promessas, coisas que eu sabia que não eram reais, mas nunca pretendi causar mal a ninguém de verdade. Apenas queria sobreviver.

Aidan permaneceu em silêncio, processando as palavras de Horace.

-Por que se envolver com alguém assim? - Aidan perguntou, mantendo seu olhar fixo no rosto cansado de Horace. Horace suspirou novamente, parecendo mais envelhecido do que nunca.

-Eu não queria, foi um erro. Eu estava tentando expandir meus negócios, e eles me ofereceram proteção e recursos. No começo, parecia um bom negócio, mas depois... bem, você viu o resultado.

-Então, qual é o plano agora?

Horace olhou para Aidan, seus olhos cheios de desespero e esperança.

-Eu não tenho um plano. Estou cansado de fugir. Talvez seja hora de enfrentar meus demônios, mas não posso fazer isso sozinho. Preciso de ajuda.

Aidan pensou por um momento antes de responder.

-Tem alguém que gostaria de falar com você. Um amigo meu. Ele precisa da sua ajuda.

Horace franziu a testa, intrigado.

-Quem é esse amigo?

-Você vai conhecer ele em breve. Mas por enquanto, precisamos sair daqui. Vamos nos preparar para a viagem.

Horace concordou. Eles terminaram suas bebidas rapidamente e se levantaram, prontos para enfrentar o que viesse a seguir.

Enquanto saíam do saloon, Aidan olhou para Horace com seriedade.

-Lembre-se, sem truques. Só verdades a partir de agora.

Horace acenou com a cabeça, seu rosto determinado.

-Pode contar comigo, Aidan. Estou pronto para ajudar, no que eu conseguir.

Os dois homens saíram do saloon, prontos para viajar, enquanto a poeira de Nuevo Paraíso se assentava lentamente ao redor deles.

## — CAPÍTULO DEZ —

### Devedores e Dívidas Desesperadas

Quando finalmente chegaram ao acampamento, a presença de Horace atraiu a atenção imediata dos membros da gangue. O primeiro a se aproximar foi Michael.

-Parece que o circo chegou na cidade. - Michael zombou, ao ver Horace.

Horace tentou sorrir, mas a expressão de Aidan ao seu lado o manteve em silêncio. Outros membros começaram a se aproximar, suas reações variando de curiosidade a diversão descarada.

-Quem é esse, Aidan? Seu novo parceiro de negócios? - perguntou Samuel.

-Ei, ele trouxe elixires mágicos? – brincou Sean, rindo enquanto observava Horace de cima a baixo.

-Espero que ele não esteja aqui para vender nada. - disse Will, cruzando os braços enquanto observava a cena.

Horace tentou manter a compostura, mas era claro que a atenção e as zombarias estavam começando a afetá-lo. Ele lançou um olhar implorante a Aidan, que permaneceu impassível, guiando-o através do acampamento até que uma figura emergiu de uma das tendas.

Jonah, saiu de sua tenda com um livro na mão. Ele levantou a cabeça ao ouvir a comoção e seus olhos se fixaram em Horace. Um sorriso lento se espalhou por seu rosto, e ele abriu os braços em um gesto acolhedor.

-Bem-vindo, meu caro! - Jonah exclamou, sua voz ressoando com uma autoridade calma. - Venha, temos muito a discutir.

Horace suspirou de alívio, seguindo Jonah até a tenda. Enquanto caminhavam, Jonah chamou por Adeline, que estava com um olhar feroz.

-Adeline, por favor, prepare um café para nosso convidado. - Jonah pediu, sua voz firme mas cortês.

Adeline lançou um olhar cortante a Jonah, claramente ainda ressentida após uma discussão recente. No entanto, ela acatou o pedido, virando-se com um bufar de raiva e indo preparar o café. Enquanto fervia a água, ela lançou um olhar de desprezo para Jonah e, num ato de rebeldia silenciosa, cuspiu no copo que sabia ser destinado a ele.

Aidan terminava de amarrar os cavalos agitados de Horace a uma árvore próxima quando ouviu passos atrás dele. Virou-se e viu Michael se aproximando com um sorriso largo.

-E aí, mosca morta? - Michael cumprimentou com uma leve risada.

-E aí, Michael... - Aidan respondeu, também sorrindo. - Você chamou o Jason assim também? Ele merece lembrar disso...

Michael riu, concordando.

-Sim, e ele riu junto. Pediu para eu te chamar assim quando te visse.

Enquanto os dois brincavam, Jeremiah se aproximou com sua surrada bíblia debaixo do braço.

-Aidan... Michael... preciso de um favor.

Michael parou de rir e olhou sério para Jeremiah.

-Bom dia, Jeremiah. E espero que não seja sobre agiotagem de novo.

-Por favor, é algo antigo, vocês sabem como é... Aidan, pode me ajudar? - Jeremiah olhou para Aidan com uma expressão séria.

Aidan o encarou com firmeza.

-Já conversamos sobre isso, Jeremiah.

Jeremiah respirou fundo, ajustando sua bíblia surrada sob o braço antes de continuar.

-Eu sei, Aidan, e estou parando com isso. Mas ainda tenho que cobrar alguns dos últimos devedores. Aqui está a lista dos quatro últimos. São todos caloteiros. - Ele estendeu um pedaço de papel, onde estavam escritos os nomes das pessoas devedoras.

Aidan e Michael olharam para a lista, cada nome acompanhado por uma breve descrição.

-Primeiro, temos o Sr. Thomas Tanner - explicou Jeremiah, apontando para o nome no topo da

lista - Ele foi visto pela última vez no saloon, lá no centro da cidade. Um homem de meia-idade, vestindo um chapéu de feltro marrom.

-Em seguida, temos a Sra. Martha Finch - continuou ele, movendo o dedo para o segundo nome.

- Ela foi vista perto do correio ontem à tarde. Uma mulher idosa com um vestido azul desbotado.

-O terceiro é o Sr. Jonas MacLeod - disse Jeremiah, indicando o próximo nome na lista. - Ele foi visto na oficina do Sr. Higgins, tentando consertar sua carroça. Um homem jovem com uma cicatriz no rosto.

-E por último, temos o Sr. Ezekiel Johnson - concluiu Jeremiah, apontando para o último nome na lista. "Ele foi avistado saindo da igreja há dois dias. Um homem idoso com uma bengala de madeira.

Jeremiah entregou o papel com os nomes aos dois homens, junto com um monte de outros papéis que estavam escondidos na sua bíblia. Aidan olhou para Michael e fez um gesto com a cabeça.

-Michael, você fica com o Sr. Jonas MacLeod e o Sr. Ezekiel Johnson. Vou pegar o Sr. Thomas Tanner e a Sra. Martha Finch - disse Aidan, distribuindo os papéis conforme decidido.

Michael assentiu, pegando os papéis destinados a ele.

-Certo, Aidan. Vamos resolver isso o mais rápido possível.

Aidan cavalgou por entre as ruas empoeiradas de Armaville, seguindo as direções de Jeremiah até o saloon, onde Thomas Tanner foi visto pela última vez. Ao se aproximar do beco ao lado do estabelecimento, Aidan avistou Thomas caído, apoiado em uma parede, visivelmente bêbado e chorando.

-Thomas - chamou Aidan, aproximando-se com cautela. - Sou Aidan. Jeremiah me enviou para falar com você sobre uma dívida.

Thomas ergueu o olhar, os olhos enevoados pelo álcool, e deixou escapar um soluço.

-Eu não tenho nada... Não tenho nada...

Antes que Aidan pudesse dizer mais alguma coisa, uma mulher jovem saiu do saloon, com lágrimas nos olhos e determinação no rosto. Ela se aproximou de Thomas, tentando ajudá-lo a se levantar, mas foi recebida com um gesto brusco.

-Pai, por favor - suplicou a mulher, segurando o braço dele. - Você precisa parar com isso. Olhe para o que está fazendo conosco.

Thomas recuou, olhando para ela com confusão momentânea antes que a expressão se transformasse em uma mistura de raiva e autocomiseração. Ele balançou a cabeça e a empurrou com força, fazendo-a cair no chão.

Aidan interveio imediatamente, colocando-se entre Thomas e a mulher caída.

-Chega, Thomas - disse Aidan com firmeza -Você está machucando essa mulher.

A mulher se levantou lentamente, evitando o olhar de Thomas enquanto limpava as lágrimas. Aidan, ainda entre eles, sentiu a tensão no ar. Ele se virou para a mulher, perguntando com delicadeza

-Você está bem?

Ela olhou para Aidan com olhos cansados e tristes.

-Ele costumava ser um homem bom - começou ela, a voz tremendo de emoção reprimida. - Mas o álcool e os jogos... Ele perdeu tudo. Nossa fazenda, nossa casa... Ela engoliu em seco, tentando se manter firme - Isso é tudo o que temos agora.

Aidan segurou as moedas oferecidas, sentindo o peso da situação sobre seus ombros. Ele olhou para a mulher com compaixão genuína antes de se voltar para Thomas, ainda cambaleando e lutando contra as lágrimas e a culpa.

-Ele é seu pai, não é? - perguntou Aidan suavemente.

Ela assentiu, os olhos marejados.

-Sim, ele é. Meu pai... Ele já foi um homem forte, um bom pai. Mas o vício o consumiu, e agora estamos aqui.

Aidan respirou fundo, olhando de volta para Thomas, cujo rosto estava contorcido pela dor e arrependimento.

-Eu vim aqui para pegar o que é devido - disse ele com seriedade - Mas diante disso... - Aidan fez uma pausa, olhando para as moedas nas mãos da mulher. - Guardem isso - disse ele suavemente, devolvendo as moedas à mulher. - Vocês precisam mais do que eu.

A mulher olhou para Aidan, surpresa e confusa.

-O que você quer dizer? - perguntou ela, incerta.

Aidan olhou para a mulher com empatia, querendo ajudar de alguma forma além da cobrança de dívidas. Ele suspirou, pensando rapidamente em como abordar a situação delicada.

-O que eu quero dizer é que vocês precisam desse dinheiro mais do que eu. Eu não vou levar isso agora. - Aidan fez um gesto negativo com a cabeça, recusando as moedas.

Thomas, que havia se mantido em silêncio até agora, olhou incrédulo para Aidan.

-Mas... mas você veio aqui para...

Aidan interrompeu, colocando uma mão sobre o ombro de Thomas com gentileza.

-Eu vim aqui para resolver um problema, Thomas. Mas agora vejo que o problema vai além de uma dívida. - Ele olhou para a mulher novamente, transmitindo compaixão. - Vocês precisam de ajuda para recomeçar.

A mulher olhou para Aidan com gratidão, os olhos ainda úmidos.

-Obrigada... muito obrigada. Não sei o que dizer.

Aidan balançou a cabeça, sorrindo minimamente.

-Não precisa dizer nada. Apenas cuidem um do outro. - Ele se virou para sair, mas antes, virou-se de volta para Thomas com seriedade. - E você, Thomas, procure ajuda. Se não for por você, então pela sua filha.

Aidan subiu em seu cavalo, sentindo o peso da responsabilidade sobre seus ombros enquanto cavalgava em direção à fazenda de Martha Finch. Seguindo as instruções de Jeremiah, ele logo avistou a humilde propriedade. A fazenda estava cercada por pastos vazios, sem nenhum gado à vista. As plantações murchas denotavam a falta de alimento, e um poço barrento com água amarronzada estava no centro do terreno.

Martha Finch, viúva há anos, lutava para manter a pequena fazenda que seu falecido marido deixara. Aidan pôde sentir a atmosfera de desespero enquanto se aproximava. Os sinais de dificuldade eram evidentes, e era claro que os credores estavam pressionando Martha com mais frequência do que ela podia suportar.

Ao chegar mais perto, Aidan viu Martha ocupada com suas tarefas diárias, tentando cuidar da terra que estava em declínio. Ele desceu do cavalo e se aproximou com cautela, consciente da situação precária em que ela se encontrava.

-Martha Finch? - chamou Aidan, tentando parecer firme.

Martha ergueu o olhar, uma expressão de cansaço e desalento estampada em seu rosto envelhecido. -Sim, e quem quer saber? - respondeu ela, sua voz carregada de resignação.

-Aidan. Jeremiah me enviou - começou ele, percebendo a tensão aumentar nos ombros de Martha.

- Estou aqui para resolver a questão das dívidas.

Martha bufou, limpando a testa com o antebraço sujo de terra.

-Dívidas... sempre as dívidas - murmurou ela, mais para si mesma do que para Aidan.

Aidan ficou em silêncio por um momento, observando Martha com uma mistura de rudeza e compaixão. Ele não conseguia ignorar a luta da mulher diante da deterioração de sua propriedade.

-Seu marido deixou muitas dívidas - disse ele finalmente, seu tom mais suave agora, quase como se estivesse lamentando junto com ela.

Martha se virou para encará-lo, os olhos marejados de frustração e tristeza.

-Ele era um tolo, um sonhador sem noção. Deixou isso tudo para trás, esperando que eu pudesse segurar as rédeas - desabafou ela, as palavras carregadas de amargura.

Aidan coçou a cabeça, lutando internamente com o que dizer a seguir.

-Não deve ter sido fácil para você - admitiu ele, olhando em volta para a fazenda decadente. -

Mas parece que você está passando por tempos difíceis.

Martha olhou para Aidan com tristeza.

-Tempos difíceis... isso é um eufemismo - murmurou ela, com uma voz tremula, quase um choro.

- Você não faz ideia.

Após isso, Martha desabou em lágrimas, soluços de dor escapando dela.

-Eu não aguento mais... não aguento... jovem... eu posso lhe pedir um favor?

Questionou Martha, recebendo um sim de Aidan, que acenou com sua cabeça

-Por favor, acabe com isso - ela implorou, olhando diretamente nos olhos de Aidan - Pegue o que quiser da casa para pagar as dívidas, queime tudo se precisar. Só acabe com meu sofrimento.

-Martha - murmurou Aidan, sua voz baixa e carregada de compaixão - Eu não posso fazer isso.

Ela olhava para ele com olhos desesperados, tremendo de ansiedade e desespero.

-Por favor - esperneava ela, com o sofrimento visível em suas lágrimas cansadas - Faça isso por mim. Acabe com isso. É um ato de misericórdia.

Aidan ficou surpreso com o pedido angustiado de Martha. Ele percebeu o quão desesperada ela estava, sentindo a tristeza e a amargura que consumiam sua vida.

Martha o encarou por um momento, as lágrimas rolando por suas bochechas.

-Por favor - insistiu ela - Depois você pode entrar na casa, pegar o que precisar para pagar a dívida. Eu não aguento mais essa vida.

Aidan hesitou por um instante, vendo o desespero nos olhos dela, até que ele quebrou o silêncio.

-Você tem certeza? – questionou Aidan com um peso na voz.

-Tenho! Mete uma bala na minha cabeça, e acaba com a minha dor... por favor...

Com um olhar sério, Aidan levou sua mão ao coldre, apertando bem o cabo de sua pistola, hesitando em realizar o pedido. Mas ele tira ela do coldre, encosta o gelido e metálico cano de sua arma na cabeça de Martha, cujo o choro era intenso. Um lampejo juntamente com um som extridente ecoa, e Martha sem vida cai no chão, sobre sua poça de sangue e os restos de seu cérebro. Não há mais choro, não há mais soluço, não há mais dor.

Ainda sério, Aidan deixa escorrer uma lágrima em seus olhos, que rapidamente é contida por Aidan, que a enxuga, com piscadas rápidas ele evita que mais intrusas possam escapar, e ele sai dali, deixando o velhaco e ensanguentado corpo de Martha jogado no chão, enquanto partiu para dentro da casa dela.

Aidan entrou na casa de Martha, seus passos ecoando no chão de madeira desgastada. O interior da casa era tão desolado quanto o exterior. As paredes, outrora pintadas com cores vibrantes, estavam desbotadas e manchadas pelo tempo. Móveis velhos e remendados estavam espalhados pela sala de estar, testemunhando anos de uso e falta de manutenção. A miséria e a desesperança permeavam o ar, pesando sobre Aidan enquanto ele caminhava lentamente.

Ele se dirigiu ao quarto, procurando algo de valor que pudesse pagar a dívida. Ao abrir a porta do banheiro, Aidan parou abruptamente. Uma corda estava amarrada ao teto, pendendo de uma viga. Um pequeno banco estava próximo, indicativo de uma intenção desesperada. A visão o fez sentir um frio na espinha, e ele rapidamente se afastou, voltando para a cozinha.

Na mesa da cozinha, Aidan encontrou um revólver. A arma, velha e enferrujada, tinha apenas uma única munição no tambor. Ao lado do revólver, havia uma carta. Aidan pegou a carta com cuidado e começou a ler.

As palavras de Martha estavam escritas com uma caligrafia trêmula e desordenada.

“Querido mundo,

Eu não sei quem lerá isso, mas se alguém encontrar esta carta, saiba que eu tentei. Tentei lutar, tentei manter a fazenda que meu marido deixou. Mas o peso das dívidas e a solidão se tornaram insuportáveis.

Cada dia é uma batalha contra a fome, contra a desesperança. O poço seco, os pastos vazios, as plantações murchas... tudo parece um reflexo da minha própria vida. Eu pensei em acabar com tudo, várias vezes. A corda no banheiro e este revólver são provas disso. Mas mesmo nisso, falhei. Se alguém encontrar esta carta, por favor, queime esta casa. Queime tudo, assim como meus sonhos e esperanças foram queimados pela dura realidade. Que ao menos as cinzas levem consigo o sofrimento que eu vivi.

Desculpe por qualquer inconveniente que causei. Eu simplesmente não posso continuar assim.

Martha Finch”

Aidan fechou os olhos por um momento, sentindo o peso das palavras de Martha. Ele colocou a carta de volta na mesa e olhou ao redor, vendo a realidade triste e miserável em que Martha estava presa. Aidan sentiu uma onda de empatia e compaixão pela mulher que estava diante dele, tão quebrada pela vida. Aidan pegou o revólver que estava sobre a mesa. Ele verificou a munição, certificando-se de que ainda havia uma bala no tambor. Seu olhar recaiu sobre uma velha lâmpada a óleo pendurada no teto. Ele sabia que precisava de algo que garantisse que a casa fosse consumida rapidamente.

Aidan respirou fundo, levantando o revólver e apontando para a lâmpada incandescente. Ele mirou cuidadosamente, sentindo o peso do momento. Sem hesitação, ele apertou o gatilho. O som do tiro ecoou pela casa, quebrando o vidro da lâmpada e espalhando óleo inflamável por todo o cômodo. Em questão de segundos, as chamas começaram a se espalhar, alimentadas pelo óleo e

pela madeira seca da casa.

As chamas cresceram rapidamente, lambendo as paredes e o teto. Aidan observou por um momento, vendo a casa ser consumida pelo fogo. Ele saiu da casa, fechando a porta atrás de si e caminhando em direção a seu cavalo. E ao subir em seu cavalo, Aidan partiu, deixando Martha Finch com sua fazenda sendo consumidas pelo fogo.

Aidan cavalgou com determinação, chegando ao acampamento onde Jeremiah o aguardava com um largo sorriso.

-Quanto você conseguiu? - perguntou Jeremiah, a expectativa brilhando em seus olhos.

Aidan desceu de seu cavalo, o olhar sombrio.

-Nada - respondeu ele, com a voz carregada de frustração.

Jeremiah franziu a testa, confuso.

-Nada? Como assim, nada?

A raiva de Aidan se intensificou, e ele avançou, empurrando Jeremiah contra uma árvore.

-Você me fez cobrar de pessoas pobres - gritou Aidan, a voz cheia de fúria. - Você sabia que eles não conseguiriam pagar e deixou suas vidas miseráveis, seu desgraçado!

Jeremiah gaguejou, tentando encontrar as palavras.

-Eu... eu não sabia... não é bem assim...

Aidan o interrompeu, apertando ainda mais a pressão contra o peito de Jeremiah.

-Não minta pra mim - rosnou ele - Eu vi a miséria deles. Vi a dor nos olhos de uma filha que perdeu tudo por causa do vício do pai. Vi uma mulher implorando por um fim ao seu sofrimento.

Você os explorou, sabia que eles não tinham saída.

Jeremiah tremia, o medo evidente em seus olhos.

-Eu... eu só queria o dinheiro de volta... eu não sabia que era tão ruim...

Aidan soltou Jeremiah com um empurrão final, afastando-se.

-Você sabia, Jeremiah. Sabia exatamente o que estava fazendo. - ele olhou para o homem caído com desdém. - Eu não vou mais ser parte disso. Não vou cobrar de mais ninguém por você.

Jeremiah, ainda atordoado, tentou se recompor.

-Mas... mas o que faremos agora?

Aidan amarrou seu cavalo numa árvore perto, a expressão séria.

-Você que se vire. Encontre uma maneira de pagar suas próprias dívidas sem explorar os outros. E reze para que eu nunca descubra mais nenhuma de suas vítimas de agiotagem, porque eu juro que eu vou meter uma bala na sua cabeça.

Com isso, Aidan deu meia-volta e caminhou para longe, deixando Jeremiah para lidar com as consequências de suas ações.



## — CAPÍTULO ONZE —

### Sufrimento, a Arte Americana

Aidan chegou exausto à sua tenda no acampamento ao final do dia. A luz fraca do entardecer filtrava-se pelas árvores, tingindo o ambiente com tons dourados. Ao entrar na tenda, seus olhos cansados caíram sobre uma carta deixada cuidadosamente em cima da mesa. O nome "Elizabeth" estava escrito com uma caligrafia familiar e marcante.

Ele sentou-se lentamente, a carta em suas mãos trêmulas. Com um suspiro, Aidan abriu o envelope e começou a ler as palavras escritas pelo pai de Elizabeth. A raiva e o ressentimento transbordavam de cada linha, culminando na devastadora notícia: Elizabeth havia falecido.

O mundo de Aidan pareceu parar naquele momento. As palavras misturaram-se diante de seus olhos úmidos, e ele sentiu um nó se formar em sua garganta. Elizabeth, a jovem que ele conheceu em tempos mais tranquilos, agora se fora. A dor era como uma onda avassaladora que o inundava por completo, deixando-o sem fôlego.

Seu coração disparou descontroladamente, e Aidan sentiu uma falta de ar repentina, como se o peso da notícia estivesse esmagando seu peito. As mãos tremiam enquanto ele segurava a carta, sua visão turvando-se pelas lágrimas que ameaçavam cair.

Ele fechou os olhos por um momento, tentando assimilar a notícia. Lembranças de Elizabeth dançaram em sua mente: seu sorriso sincero, seus olhos brilhantes cheios de esperança. Ela era a luz em meio à escuridão que ele enfrentava diariamente.

Aidan apertou a carta contra o peito, sentindo o coração pesar com um luto profundo. Era como se uma parte dele tivesse sido arrancada, deixando um vazio doloroso em seu interior. Ele pensou em todas as conversas, risadas e momentos compartilhados com Elizabeth. Agora, tudo isso estava apenas em suas memórias.

Uma onda de emoções o dominou, e Aidan não aguentou mais, e caiu de joelhos no chão barrento do acampamento, chorando e berrando compulsivamente enquanto abraçava a carta.

-NÃO! – berrava em lágrimas – A ELIZABETH NÃO... POR FAVOR... NÃ-Ã-Ã-O

Ao ouvir os gritos Jason foi o primeiro a chegar, imaginado o que aconteceu, ele se jogou no chão com Aidan e o abraçou, enquanto os demais membros chegavam, e uns se jogavam ao chão para ir com Aidan enquanto outros ficavam incredulos com o acontecimento.

-Vamos, Aidan... se levante – dizia com compaixão Jason, tentando levantar o amigo.

-NÃO... EU QUERO IR COM ELA... EU NÃO AGUENTO... NÃO VOU SUPORTAR... ME MATA... POR FAVOR... ME MATA... – esperneava ele.

-Aidan... vamos... você precisa de um pouco de ar – disse Jason levantando Aidan e o conduzindo para fora.

Jason levou Aidan para fora da tenda, guiando-o com cuidado pelo acampamento. O ar fresco da noite envolveu Aidan, trazendo consigo o cheiro familiar de terra úmida. Ele caminhava como se estivesse em transe, seus passos lentos e pesados, enquanto a dor pulsava em seu peito.

O acampamento estava silencioso, à exceção dos murmúrios abafados dos outros membros do grupo, que observavam com olhares carregados de compaixão. Aidan sentiu o peso dos olhares sobre si, mas estava distante, perdido em suas próprias lembranças e dor.

Jason levou Aidan para um lugar afastado, sob a sombra protetora de uma grande árvore. Ele sabia que palavras eram insuficientes diante de tamanha perda, então optou pelo silêncio, sentando-se ao lado de Aidan e apenas sendo presente.

Por um longo tempo, Aidan permaneceu em silêncio, seu olhar perdido no horizonte escuro que se estendia além das árvores. As estrelas cintilavam no céu noturno, indiferentes à dor humana que se desenrolava abaixo delas.

Aidan segurava a carta de Elizabeth com força, como se fosse sua única conexão restante com ela. Cada palavra escrita por seu pai ecoava em sua mente, trazendo à tona lembranças dolorosas de momentos compartilhados, sonhos nunca realizados e um futuro que agora estava perdido para sempre.

A dor em seu peito se intensificou, e Aidan sentiu uma onda de angústia tomar conta de seu corpo. Ele fechou os olhos com força, tentando bloquear a realidade dolorosa que o consumia por dentro.

Mas as lágrimas teimosamente escapavam, rolando por suas bochechas e se perdendo na escuridão.

Jason observava seu amigo com o coração partido, desejando poder tirar sua dor, mas sabendo que era algo que apenas o tempo poderia aliviar. Ele queria dizer algo reconfortante, algo que pudesse acalmar o tormento de Aidan, mas as palavras fugiam dele diante da magnitude da tragédia.

Finalmente, depois de um longo período de silêncio, Aidan ergueu o olhar para Jason. Seus olhos vermelhos encontraram os de Jason, e por um momento, ambos compartilharam a profundidade da tristeza que os unia.

-Eu não consigo... - começou Aidan, sua voz rouca e embargada pelo choro contido. - Não consigo entender como... como isso pôde acontecer.

Jason assentiu lentamente, sem saber o que dizer, mas oferecendo seu apoio silencioso. Ele colocou uma mão reconfortante no ombro de Aidan, transmitindo solidariedade através do contato físico.

-Eu sinto muito, Aidan - murmurou Jason finalmente, sua voz ecoando no silêncio da noite. - Estamos aqui com você. Vamos passar por isso juntos.

Aidan assentiu fracamente, sentindo a gratidão por Jason e os outros membros do acampamento que estavam ali por ele. Em meio à escuridão e à tristeza, ele encontrava algum conforto na presença silenciosa de seus amigos.

As horas se arrastaram lentamente, cada segundo uma eternidade de dor e perda. Aidan sabia que teria que enfrentar muitas noites sem Elizabeth, muitos dias onde sua ausência seria uma dor constante. Mas naquela noite, sob o céu estrelado e o abraço reconfortante da natureza, ele começou a encontrar algum tipo de paz, mesmo que fosse frágil e efêmera.

Aidan permanecia sentado sob a árvore, perdido em seus próprios pensamentos e na dor que o consumia. O sol começava a despontar no horizonte, tingindo o céu de tons suaves de laranja. Cada novo raio de luz parecia trazer consigo uma lembrança dolorosa da realidade que ele agora enfrentava.

O som de passos cuidadosos se aproximando interrompeu sua solidão. Aidan levantou os olhos lentamente, vendo Jonah se aproximar com uma expressão preocupada no rosto. Seus olhos encontraram os de Aidan, e ele parou ao lado dele, sem dizer uma palavra.

Jonah sentou-se ao lado de Aidan, mantendo o silêncio por um momento. Ele entendia a profundidade da perda que Aidan estava enfrentando, pois também havia conhecido Elizabeth e compartilhado momentos significativos com ela.

Sem dizer uma palavra, Jonah estendeu os braços e envolveu Aidan em um abraço caloroso e reconfortante. Era um gesto simples, mas carregado de compaixão e solidariedade. Aidan hesitou por um instante, sentindo a presença reconfortante de Jonah ao seu redor.

Finalmente, Aidan cedeu à dor e à necessidade de consolo. Ele deixou-se envolver pelo abraço de Jonah, permitindo que as lágrimas fluíssem livremente mais uma vez. O abraço era um lembrete de que ele não estava sozinho, de que tinha amigos ao seu lado compartilhando seu fardo.

Jonah não disse nada, deixando que o abraço falasse por si só. Ele segurou Aidan com firmeza, transmitindo apoio e compreensão através do simples ato de estar ali. No silêncio que os envolvia, Aidan sentiu um pequeno lampejo de esperança, uma promessa de que, apesar da dor avassaladora, ele eventualmente encontraria um caminho adiante.

Os minutos se passaram sem pressa, enquanto o sol subia lentamente no céu. O acampamento começava a despertar ao redor deles, mas ali, sob a árvore protetora, o tempo parecia estar suspenso. Era um momento de luto compartilhado, de dor que transcendia as palavras e se expressava através do calor do abraço e das lágrimas silenciosas.

Depois de algum tempo, Aidan finalmente afastou-se suavemente de Jonah, mas não o suficiente para quebrar completamente o contato. Ele olhou nos olhos de seu amigo, uma expressão de gratidão misturada com tristeza.

-Obrigado, Jonah - murmurou Aidan, sua voz rouca pelo choro contido - Eu não sei como... como vou seguir em frente sem ela.

Jonah apertou o ombro de Aidan com carinho, oferecendo um sorriso triste e solidário.

-Nós estaremos aqui para ajudar, Aidan. Você não precisa enfrentar isso sozinho.

Aidan levantou-se com dificuldade, mas sentiu uma leve força renovada pelo abraço reconfortante

de Jonah. Ele sabia que os dias à frente seriam duros, mas estava determinado a seguir em frente, passo a passo.

Jonah, observando a expressão de Aidan, sugeriu com um tom de voz suave, mas firme

-Aidan, o que acha de irmos ao saloon? Acho que todos nós precisamos de um momento para relaxar e desanuviar a mente.

Aidan hesitou por um momento, mas percebeu que talvez a companhia de seus amigos e um ambiente diferente pudesse ajudá-lo a distrair-se da dor esmagadora que sentia. Ele aceitou lentamente.

-Tudo bem, Jonah. Vamos.

Jonah sorriu, satisfeito com a resposta.

-Ótimo. Vou chamar os outros.

Em pouco tempo, Jonah reuniu Sean, Jason, Marcus e Michael. Os cinco amigos partiram juntos, deixando temporariamente o acampamento em busca de um pouco de alívio no saloon local. A cavalgada foi silenciosa, cada um perdido em seus próprios pensamentos, mas a presença uns dos outros oferecia um conforto silencioso.

Ao chegarem ao saloon, com as portas de batente, o cheiro de tabaco e álcool impregnando o ar e a música do piano tocando ao fundo. O grupo se acomodou em uma mesa próxima ao bar, pedindo uma rodada de bebidas para começar.

Enquanto bebiam, conversavam sobre tudo e nada, tentando trazer um pouco de normalidade para aquele momento. Mas foi quando Aidan levantou o olhar que notou uma figura familiar no canto do saloon, sentado à mesa de pôquer. Jeremiah, visivelmente embriagado, tentava jogar, mas mal conseguia segurar as cartas corretamente.

Jonah foi o primeiro a perceber a situação também e se levantou, aproximando-se de Jeremiah com uma expressão de desaprovação.

-Jeremiah, você voltou aos seus vícios? - questionou, a voz carregada de preocupação.

Jeremiah ergueu a cabeça, os olhos turvos e a fala arrastada.

-Jonah... não é... não é... o que você... pensa... - Ele mal conseguia formar as palavras, claramente dominado pelo álcool.

Jonah balançou a cabeça, desapontado. -Jeremiah, você prometeu que ia parar com isso. Nós contamos com você. Não pode se destruir assim.

Os outros se aproximaram também, observando a cena com expressões mistas de frustração e preocupação. Aidan, apesar de seu próprio sofrimento, sentiu uma onda de tristeza ao ver Jeremiah naquele estado. Ele sabia como os vícios podiam consumir uma pessoa, e ver um amigo caído daquela forma só aumentava seu pesar.

Jason tentou pegar no braço de Jeremiah, mas ele se desvencilhou desajeitadamente.

-Me deixem... eu... eu estou bem... - balbuciou, antes de derrubar as cartas e quase cair da cadeira.

-Jeremiah, você precisa de ajuda - disse Sean, tentando manter a calma - Não podemos deixá-lo assim.

Jeremiah olhou para eles com olhos perdidos, a mente embotada pelo álcool. A situação era triste, mas ao mesmo tempo, servia como um lembrete para Aidan de que ele não estava sozinho em sua luta contra a dor. Cada um ali tinha seus próprios demônios, e juntos, talvez pudessem encontrar uma maneira de superar as adversidades.

Michael se inclinou para ajudar a levantar Jeremiah da cadeira.

-Vamos, amigo. Vamos levá-lo de volta ao acampamento e cuidar disso.

Mas Jeremiah protestou, se contorcendo para se soltar dos braços de Michael.

-Não... não, quero... quero ficar... só mais uma rodada... - Ele praticamente implorou, seus olhos inchados de bebida e desespero.

Os amigos olharam uns para os outros, relutantes, mas acabaram decidindo deixá-lo ali, pelo menos por enquanto. Eles voltaram para a mesa e pediram mais bebidas, o humor do grupo variando entre o pesar pelo que testemunharam e a tentativa de encontrar algum consolo no álcool. À medida que as horas passavam, os copos se multiplicavam na mesa e a conversa fluía de forma cada vez mais animada e desinibida. Aidan, Sean, Jonah, Jason, Marcus e Michael foram ficando completamente bêbados, rindo alto de piadas antigas e lembranças compartilhadas.

Jonah, já bastante embriagado, levantou seu copo e, com um sorriso triste, disse.

-Quero morrer feliz...

Sean, rindo alto, interrompeu.

-Quero morrer nos braços de uma bela dama, não com uma bala no peito!

Jason, sério apesar da bebedeira, acrescentou.

-Eu só quero morrer em paz, com minha família formada.

Marcus, com um sorriso travesso, disse enquanto tentava abraçar Sean.

-Eu quero morrer com meus amigos.

Sean se afastou, rindo.

-Prefiro beijar o barman do que morrer com você!

Michael, levantando seu copo, declarou.

-Eu quero morrer em uma cama confortável, cercado por riquezas.

Todos riram e olharam para Aidan, esperando sua resposta. Aidan, ainda triste, tomou um gole de uísque e, com os olhos marejados, disse.

-Eu desejo morrer feliz, com minha mulher. Mas sei que isso é impossível.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Aidan enquanto ele era consolado pelo grupo.

Sean, com o rosto vermelho e os olhos brilhando de álcool, começou a se tornar mais ousado. Ele viu uma mulher bonita do outro lado do salão e, apesar dos avisos dos amigos, levantou-se e caminhou até ela.

-Ei, querida, o que acha de tomar um drink com a gente? - ele disse, piscando.

A mulher, surpresa e um pouco embaraçada, recusou educadamente.

-Desculpe, estou aqui com meu marido.

Sean, não se deixando abater, insistiu.

-Ah, qual é, só um drink. Ele não vai se importar.

Nesse momento, um homem alto e corpulento se levantou de uma mesa próxima, o rosto contorcido de raiva.

-Qual é o problema, parceiro? Está tentando mexer com minha mulher?

Sean, cambaleando levemente, levantou as mãos em um gesto de paz, mas com um sorriso desafiador.

-Ei, calma aí, parceiro. Só estou sendo amigável.

A situação rapidamente escalou. O homem, não querendo ouvir mais nada, lançou um soco que acertou Sean em cheio no rosto, fazendo-o tropeçar para trás e cair sobre uma mesa, derrubando copos e garrafas.

Os amigos de Sean, vendo a confusão, rapidamente se levantaram para defendê-lo. Jason foi o primeiro a avançar, empurrando o marido irritado.

-Ei, não precisa disso!

Logo, o saloon inteiro estava em alvoroço. Outros frequentadores, aproveitando a oportunidade para liberar suas próprias frustrações, juntaram-se à briga. Socos foram trocados, cadeiras voaram, e o barulho de vidro quebrando e gritos enchia o ar.

Aidan, embora bêbado, tentou afastar alguns dos agressores. Ele viu Jonah sendo agarrado por dois homens e correu para ajudá-lo, acertando um dos homens com um soco forte que o derrubou no chão.

Michael e Marcus, juntos, conseguiram afastar alguns dos brutos, mas também estavam levando sua parte de pancadas. Em meio ao caos, Aidan se viu no centro de uma tempestade de violência, lutando não apenas para proteger seus amigos, mas também para manter-se de pé.

A briga se intensificou até que finalmente o dono do saloon, junto com alguns homens robustos, interveio para separar os briguentos.

-Chega! Todo mundo pra fora!

Aidan e seus amigos foram empurrados para fora do saloon, ainda cambaleando e se apoiando uns nos outros. Com hematomas e cortes, eles se afastaram da confusão, rindo e gemendo de dor ao mesmo tempo.

Enquanto caminhavam de volta ao acampamento, Aidan percebeu que, apesar de tudo, ainda tinha seus amigos ao seu lado. E, por ora, isso era suficiente para seguir em frente.

## — CAPÍTULO DOZE —

### Inimigos e inimigos, negócios a parte

Aidan acordou com a luz da manhã filtrando-se por entre as fendas da tenda. A ressaca pulsava em sua cabeça, uma batida rítmica que parecia zombar de sua dor. Ele se sentou, ainda confuso, e sua mente vagou para a lembrança de Elizabeth. A lembrança de seu sorriso e risadas se misturava ao peso da perda que agora o assombrava.

Levantou-se, colocando o surrado chapéu de couro na cabeça e sentindo a textura familiar do frio metal do coldre em seu quadril. O sol já havia se elevado, e a vida no acampamento começava a fervilhar. Ele caminhou lentamente, seus passos pesados, passando pela tenda de Jonah. Ouvindo vozes elevadas, deteve-se.

-Você nunca escuta! - Adeline gritou, sua voz cortante como uma lâmina. - Você acha que eu estou aqui para ser a sua criada?

Jonah respondeu em um tom que Aidan nunca esperou ouvir.

-Eu não preciso da sua crítica, Adeline! Você não faz ideia do que estou passando!

Aidan franziu a testa, a angústia da discussão ferindo seus ouvidos já sensíveis. Ele deu um passo atrás, mas o desejo de escapar da dor dentro de si se sobrepôs. Assim, decidiu montar seu cavalo e se afastar.

Ao subir na sela, a familiaridade do animal sob ele trouxe um leve conforto. Ele deu as costas ao tumulto, sentindo que precisava de um espaço longe de qualquer lembrança, mesmo que temporária.

A paisagem se estendia diante dele, uma vastidão de árvores e vales que pareciam invitar à reflexão. Mas Aidan não queria refletir; ele queria esquecer. Cavalgou sem destino, o som dos cascos contra o solo quebrando o silêncio ao seu redor, a brisa fria tentando, sem sucesso, dispersar a tristeza que o envolvia.

Depois de algum tempo, os sons da natureza foram interrompidos por um chamado distante. Quando Aidan avistou os federais à distância, uma onda de tensão subiu por seu corpo. Eram homens de patentes inferiores a Russell, mas a maneira como se moviam e a excitação em seus olhos mostrava que estavam prontos para um confronto.

— Olha só quem temos aqui! — gritou um deles, um homem corpulento com um sorriso provocador. — Um cowboy solitário. O que você está fazendo por essas bandas, amigo? Aidan parou seu cavalo, fixando o olhar nos homens. A frieza de sua expressão era um contraste nítido com a euforia dos federais. Ele respondeu com uma voz baixa e firme.

— Apenas passando, mas parece que vocês estão procurando por encrenca.

O líder dos federais riu, mas havia um tremor nervoso em sua risada. — Ah, temos um valentão aqui! Que tal um joguinho? Um pouco de cartas ou uma dose de violência?

Cansado das bravatas, Aidan avaliou os homens à sua frente, as mãos firmes na sela, a determinação ardendo em seus olhos.

— Vocês não fazem ideia com quem estão lidando.

Os federais trocaram olhares, a confiança vacilando. Aidan sentiu que era hora de agir. Num movimento rápido, sacou seu revólver, apontando para o homem à sua frente.

— Um de vocês vai acabar no chão se não desaparecerem agora.

O riso dos homens cessou, e a tensão tornou-se palpável. O líder tentou avançar, mas Aidan não hesitou; disparou. O tiro ecoou, e o homem caiu, um buraco escuro na testa.

O pânico tomou conta dos federais restantes. Aidan não deu treguas. Mirando o cavalo de um dos homens, disparou novamente. O animal relinchou antes de tombar, derrubando

seu cavaleiro.

O grito do homem se misturou ao caos. Aidan, descendo do cavalo, avançou com passos firmes, um predador em terreno hostil.

— Que tal uma lição? — disse ele, com um sorriso sombrio. — Não brinquem com fogo, meninos.

Os federais, agora em pânico, tentaram recuar, mas Aidan não tinha intenção de deixá-los escapar. Ele estava à beira da explosão, uma raiva gelada pulsando em seu peito, a dor da perda de Elizabeth alimentando sua determinação.

Um deles, o mais audacioso, tentou se levantar, mas Aidan apontou sua arma. — Não se mova. Um movimento e você encontrará seu lugar no inferno.

Os federais se entreolharam, percebendo que haviam subestimado o cowboy. Aidan se virou e disparou mais uma vez para o chão ao lado deles, uma advertência clara.

— Agora desapareçam e não voltem mais!

Com isso, montou seu cavalo, sentindo a tempestade de emoções se acalmando aos poucos, enquanto os federais se afastavam, seus gritos se dissipando ao longe. Aidan olhou para o horizonte, a poeira levantando-se atrás dele, pensando em Elizabeth, sentindo que cada tiro, cada grito, era um eco da perda que o consumia.

Aidan cavalgava com determinação, os músculos do cavalo se contraindo sob o peso de sua presença. Ao longe, vislumbrou a cena caótica: Jason e Marcus lutando contra dezenas de homens de uma gangue notória por roubo de gado. A adrenalina pulsava em suas veias. Ao lado de Jason estava Henry Walton, ambos cercados e determinados a defender o que era deles.

Aidan parou, observando a luta desenrolar-se com um olhar atento. Ele colocou a máscara que ocultava sua identidade, o tecido escuro moldando-se ao seu rosto, e começou a se aproximar discretamente.

Enquanto contornava a fazenda dos Walton, algo chamou sua atenção. Duas presenças sorrateiras se moviam entre as sombras: Penelope Dawson e Jesse Walton. O coração de Aidan apertou ao vê-los. Se Penelope estava ali, era contra a vontade de seu pai, Ezra Dawson, e ele sabia que precisava agir rapidamente.

— Penelope! Jesse! — chamou Aidan em um tom baixo, mas firme.

Os dois se viraram rapidamente, reconhecendo Aidan instantaneamente.

— Aidan! — exclamou Penelope, um misto de alívio e apreensão em sua voz.

— O que estão fazendo aqui? — questionou Aidan, a preocupação evidente. — Isso é uma loucura, Penelope.

Penelope apertou a mão de Jesse. — Fugimos juntos. Não aguentávamos mais viver separados.

Jesse, perdidamente apaixonado, tentou explicar. — Aidan, essa é a nossa chance de ser felizes. Fugir é a melhor ideia que já tivemos.

Aidan balançou a cabeça, a paciência se esgotando. — Isso é loucura. Vocês dois não têm ideia do que estão fazendo. Penelope, você precisa voltar para o seu pai antes que ele descubra.

Antes que Penelope pudesse responder, Aidan tentou puxá-la pelo braço para levá-la de volta. — Vamos, não temos tempo.

Jesse, vendo a cena, sacou seu revólver de maneira desajeitada e apontou para Aidan. — Solte-a, Aidan!

Aidan olhou para Jesse com uma mistura de frustração e piedade. — Jesse, você não sabe o que está fazendo. Abaixе essa arma antes que alguém se machuque.

Penelope protestou, se soltando do aperto de Aidan. — Aidan, por favor, pare! Nós só queremos ficar juntos!

Aidan tentou mais uma vez convencer os dois. — Vocês não entendem o perigo. Isso não

vai acabar bem.

De repente, um dos ladrões apareceu de surpresa e agarrou Aidan por trás, prendendo seus braços e colocando uma faca em seu pescoço.

— Agora, se movam e ninguém se machuca! — gritou o ladrão.

Jesse, tremendo, tentou apontar seu revólver para o ladrão, mas sua inexperiência foi evidente. Ao puxar o gatilho, a bala acertou o ombro de Aidan, que soltou um grito de dor.

Penelope, tomada pela adrenalina, pegou o revólver de Jesse e, com uma precisão que ninguém esperava, atirou na cabeça do ladrão, derrubando-o instantaneamente.

Aidan caiu de joelhos, segurando o ombro ferido. Penelope correu para ele, os olhos cheios de lágrimas.

— Aidan, me desculpe! — disse ela, a voz quebrada pela culpa.

Aidan respirou fundo, tentando controlar a dor. — Precisamos sair daqui, agora. Eles vão voltar, e da próxima vez, será pior.

Enquanto avançavam pelo campo, Penelope não conseguiu esconder sua frustração. Jesse andava ao lado dela, ainda tentando se recompor do caos recente.

— Eu não acredito, Jesse! — exclamou Penelope, o tom misturado entre exasperação e tristeza. — Você não consegue nem segurar uma arma direito!

Jesse abaixou a cabeça, envergonhado. — Eu... eu só queria ajudar...

Penelope bufou, o arrependimento evidente. — Não consigo entender como me apaixonei por alguém tão inútil. Se não fosse por Aidan, estaríamos mortos agora!

Jesse tentou argumentar, mas suas palavras saíram trêmulas. — Mas, Penelope, eu estava tentando proteger você!

Penelope revirou os olhos. — Tentar não é suficiente, Jesse. Você quase matou o Aidan! Aidan, apesar da dor, soltou uma risada fraca. — Acho que vou sobreviver, Penelope. Mas é melhor levarmos isso a sério antes que alguém mais se machuque de verdade.

Eles continuaram até o rancho onde o Dr. Samuel Witherspoon morava, um homem conhecido na região por suas habilidades médicas e histórias de vida impressionantes.

— Vamos levar o Aidan até o Dr Witherspoon — sugeriu Jesse, tentando mostrar alguma utilidade. — Ele vive não muito longe daqui, é um excelente médico.

Penelope olhou desconfiada para Jesse. — E como você sabe tanto sobre ele?

Jesse começou a contar enquanto cavalgavam em direção ao rancho. — O Dr Witherspoon é um ex-cirurgião do exército. Dizem que ele já tratou feridos em batalhas terríveis e agora vive aqui, no rancho Witherspoon. É um homem grande, com uma barba grisalha e olhos que parecem ver além do que está à frente. Dizem que ele é um pouco rabugento, mas quando se trata de medicina, ele é o melhor.

Chegando ao rancho, foram recebidos por Dr Witherspoon, um homem de meia-idade com ombros largos, vestindo uma camisa de linho e calças de montaria. Sua barba espessa e grisalha contrastava com os olhos azuis penetrantes.

— O que temos aqui? — perguntou Dr, aproximando-se de Aidan.

Penelope ajudou Aidan a descer do cavalo. — Ele foi baleado no ombro. Precisamos de sua ajuda, Dr.

Dr Witherspoon examinou rapidamente o ferimento. — Tragam-no para dentro. Precisamos limpar e estancar isso antes que piore.

Dentro da pequena casa, Dr Witherspoon preparou uma mesa improvisada enquanto Penelope e Jesse ajudavam Aidan a se acomodar. O médico trabalhou rápido, limpando o ferimento e extraíndo a bala com precisão.

— Já passei por piores, Dr — disse Aidan, tentando aliviar a tensão.

Dr Witherspoon deu um sorriso discreto. — Aposto que sim. Mas ainda assim, vai precisar descansar. Esse ombro vai doer por um bom tempo.

Penelope, visivelmente aliviada, olhou para Aidan. — Obrigada, Dr. Nós não saberíamos o que fazer sem você.

Dr Witherspoon terminou de enfaixar o ombro de Aidan e se virou para Penelope.

— Agora que ele está estável, o que aconteceu aqui? — perguntou Dr, olhando com curiosidade.

Penelope abriu a boca para explicar, mas Jesse rapidamente a interrompeu, a vergonha queimando em seu rosto.

— Nós fomos emboscados por ladrões de gado, Dr. Foi uma confusão, tiros para todo lado. Aidan levou um tiro enquanto nos protegia — mentiu Jesse, tentando soar convincente.

Dr Witherspoon levantou uma sobrancelha, claramente cético, mas não pressionou.

— Bem, vocês tiveram sorte de ele ter saído dessa com vida. Agora, ele precisa de repouso absoluto. Deixem-no descansar aqui esta noite, amanhã veremos como ele está.

Penelope lançou um olhar frustrado para Jesse, mas manteve silêncio. Aidan, percebendo a situação, apenas suspirou e assentiu.

— Obrigado, Dr. Vamos seguir suas instruções.

Dr Witherspoon deu um último olhar atento a Jesse antes de sair do quarto.

Quando o médico saiu, Penelope se virou para Jesse, sua voz um sussurro feroz.

— Emboscados? Sério, Jesse?

Jesse abaixou a cabeça, envergonhado. — Eu... eu só não queria que ele soubesse que fui eu quem atirou no Aidan.

Penelope balançou a cabeça, frustrada. — Jesse, precisamos ser honestos. Mentiras só vão piorar as coisas.

Aidan, ainda com dor, falou suavemente. — Deixem isso para depois. Vamos resolver isso juntos. Por agora, preciso descansar.

Jesse suspirou, sabendo que Penelope estava certa. — Tudo bem. Desculpa, Aidan. Vou melhorar.

Penelope, ainda irritada, mas tentando ser prática, assentiu. — Vamos deixar o Aidan descansar. E amanhã, discutimos tudo com calma.

Os três se acomodaram na pequena sala do rancho enquanto a noite caía. Apesar dos desafios e tensões, estavam juntos, prontos para enfrentar o que viesse pela frente, com a esperança de um novo dia e de resolverem seus problemas.

Na manhã seguinte, Aidan se levantou com dificuldade. Seu ombro ainda doía, mas a necessidade de resolver as coisas o impulsionava. Ele se vestiu lentamente e encontrou Penelope na cozinha, preparando café.

— Bom dia, Penelope — disse Aidan, sua voz rouca.

Penelope olhou para ele com preocupação. — Você deveria estar descansando.

— Eu já descansei o suficiente. Precisamos levar você de volta para casa antes que as coisas piores ainda mais.

Penelope assentiu, sabendo que ele estava certo. — Jesse está lá fora preparando os cavalos.

Aidan respirou fundo, preparando-se para a tarefa à frente. — Vamos resolver isso de uma vez por todas.

Enquanto saíam do rancho, os três montaram em seus cavalos e começaram a cavalgar de volta à fazenda dos Walton. À medida que se aproximavam, o cheiro de fumaça encheu o ar. Ao chegarem mais perto, viram as plantações em chamas.

— As plantações! — exclamou Jesse, cavalgando à frente em pânico.

Aidan e Penelope o seguiram rapidamente. Ao chegarem, viram homens conhecidos como os de Ezra Dawson ateando fogo nas plantações. No centro do caos, Ezra mantinha Jason como refém, com um revólver apontado para sua cabeça.



— Onde está minha filha? — rugia Ezra, sua voz carregada de raiva.  
Aidan puxou Penelope para baixo, escondendo-se atrás de uma cerca destruída. — Fique aqui. Vou resolver isso.  
Penelope assentiu, assustada, mas confiante na habilidade de Aidan.  
Aidan se esgueirou até uma posição mais alta e segura, pegando sua arma. De sua nova posição, ele podia ver claramente os homens de Ezra espalhados pelo campo, prontos para atacar Jesse, que estava no meio do caos, tentando apagar o fogo.  
— Jesse! — gritou Aidan. — Abaixе-se e venha até mim!  
Jesse, confuso, olhou ao redor, tentando localizar Aidan. — Onde você está?  
— Apenas abaixe-se e rasteje até aqui! — Aidan ordenou.  
Jesse se abaixou, começando a rastejar na direção da voz de Aidan, enquanto tiros começavam a ecoar pelo campo. Aidan, com precisão letal, acertava um a um dos homens de Ezra. O primeiro caiu sem saber o que o atingira, seguido rapidamente por outro.  
— Abaixе a cabeça, Jesse! — Aidan gritou, enquanto um tiro passou perto demais de seu jovem amigo.  
Jesse continuava a rastejar, seu coração batendo acelerado. Ele ouviu um grito e olhou para trás, vendo um dos homens de Ezra cair no chão, atingido por Aidan. Ele finalmente chegou perto de Aidan, que estava escondido atrás de uma carroça virada.  
— Aqui, rápido! — Aidan puxou Jesse para trás da cobertura. — Fique abaixado e quieto. Os tiros continuaram a ecoar, mas Aidan, com sua experiência e precisão, foi eliminando os homens de Ezra um por um. Finalmente, apenas Ezra e Jason restavam no campo, Jason ainda mantido como refém.  
Ezra, percebendo a desvantagem, gritou furioso. — Quem está atirando? Mostre-se, covarde!  
Aidan e Penelope permaneceram escondidos, observando a destruição ao redor. Jesse, no entanto, não conseguia conter a raiva e o desejo de proteger sua terra. Contra os conselhos de Aidan, ele se levantou, sacando seu revólver de maneira desajeitada.  
— Jesse, não! — Aidan gritou, mas já era tarde demais.  
Jesse começou a atirar contra os homens de Ezra, mas sua falta de habilidade era evidente. Suas balas zumbiam sem direção, errando os alvos ou acertando o chão.  
— Maldição, garoto! — Aidan murmurou, frustrado, enquanto se posicionava melhor para dar cobertura a Jesse.  
A primeira bala de Aidan acertou um dos homens de Ezra no peito, derrubando-o instantaneamente. O segundo caiu logo em seguida, um buraco aberto na testa. Aidan se movia com a precisão de um predador, cada disparo meticulosamente calculado.  
Jesse, entretanto, continuava a desperdiçar balas, atraindo a atenção dos homens de Ezra. Eles começaram a se concentrar nele, avançando rapidamente.  
Aidan rugiu, sua voz cortando o caos. — Abaixе-se, Jesse!  
Jesse, com medo e adrenalina, não ouvia. Ele continuava a disparar, seus tiros ineficazes apenas incitando mais violência. Um dos homens de Ezra, aproveitando a oportunidade, tentou flanquear Jesse, mas Aidan foi mais rápido. Com um tiro certo, ele acertou o homem no ombro, fazendo-o cair com um grito.  
Outro inimigo avançou, mas Aidan o interceptou com um disparo no abdômen, o homem caiu de joelhos antes de tombar no chão. O sangue começava a manchar a terra, a cena se tornando cada vez mais caótica.  
Jesse, desesperado, tentou se mover para uma posição melhor, mas tropeçou, caindo de costas. Um dos homens de Ezra viu sua chance e avançou com uma faca. Aidan não hesitou. Ele disparou, acertando o agressor no joelho, que caiu ao chão, gritando de dor.  
— Jesse, abaixe-se e venha até mim, agora! — Aidan gritou novamente, sua voz cheia de autoridade.

Finalmente, Jesse pareceu entender a gravidade da situação. Ele começou a rastejar em direção a Aidan, enquanto tiros ecoavam ao redor. Aidan continuava a abater os homens de Ezra um a um, cada tiro derrubando um inimigo com precisão mortal.

O som dos tiros era ensurdecedor. A poeira e a fumaça das plantações em chamas tornavam a visão turva, mas Aidan não parava. Ele eliminava os inimigos com uma eficiência brutal, seus tiros encontrando alvos com uma precisão implacável.

Penelope, ainda escondida, assistia com horror e admiração. O sangue escorria pela terra, os corpos caíam pesadamente, e os gritos de dor preenchiam o ar. A cena era um verdadeiro campo de batalha, e Aidan era o guerreiro implacável no centro de tudo.

Finalmente, a maioria dos homens de Ezra estava no chão, mortos ou incapacitados. Jesse conseguiu rastejar até a posição de Aidan, ofegante e coberto de poeira.

— Você quase se matou, garoto. — Aidan disse, a voz carregada de frustração. — Agora fique abaixado e não se mova.

Enquanto isso, Ezra Dawson, percebendo que seus homens estavam sendo dizimados, recuou, arrastando Jason como refém.

Penelope olhou para Aidan com gratidão misturada com preocupação. — O que vamos fazer agora?

Aidan pegou a jaqueta de Jesse, colocou seu chapéu para cobrir os olhos e amarrou uma bandana sobre o rosto. Sua aparência agora era completamente diferente, e Ezra não teria chance de reconhecê-lo. Ele se aproximou cautelosamente, a arma firme em suas mãos.

Ezra Dawson, ainda segurando Jason como refém, olhou para a figura encapuzada que se aproximava. Dez de seus homens estavam ao redor, todos com armas apontadas para Aidan.

— Quem diabos é você? — Ezra gritou, a raiva evidente em sua voz.

— Sou alguém que não tem tempo para brincadeiras, Dawson. — A voz de Aidan era firme, mas mascarada pelo pano. — Solte Jason e talvez você e seus homens saiam vivos daqui.

Ezra riu, mas havia uma ponta de nervosismo em sua risada. — Você acha que pode vir aqui e nos intimidar? Nós somos mais numerosos. Você está sozinho.

— Pode ser. — Aidan respondeu calmamente. — Mas sou muito bom no que faço.

Ezra olhou para seus homens, buscando apoio. — Matem-no!

No momento em que a ordem foi dada, Aidan agiu com uma velocidade assustadora. Ele puxou seu revólver e disparou, acertando o primeiro homem no peito. Em uma sequência rápida, cada tiro encontrou seu alvo. Os homens de Ezra caíram um a um, antes mesmo de terem a chance de reagir. O som dos tiros ecoou pelo campo, misturado com os gritos dos homens sendo abatidos.

Ezra ficou paralisado, incapaz de processar o que estava acontecendo. Em segundos, todos os seus capangas estavam mortos ou feridos no chão. A arma de Aidan ainda fumegava quando ele apontou diretamente para Ezra.

— Solte Jason. Agora.

Ezra, tremendo de medo, soltou Jason, que cambaleou para a liberdade. Ezra recuou lentamente, a expressão de terror estampada em seu rosto.

— Quem diabos é você? — ele gaguejou.

— Alguém que você nunca mais vai querer encontrar. — Aidan respondeu friamente, mantendo a arma apontada até que Ezra estivesse longe o suficiente.

Jason, ainda atordado, olhou para Aidan e deu um aceno de cabeça em agradecimento. Aidan retribuiu o gesto, o olhar duro ainda fixo no horizonte onde Ezra desapareceu.

Penelope e Jesse se aproximaram, ainda em choque com o que acabaram de testemunhar.

— Vamos sair daqui antes que ele volte com reforços. — Aidan disse, guardando a arma e ajeitando a jaqueta e o chapéu. — Temos que garantir a segurança de todos.

Jesse e Penelope se aproximaram cautelosamente, os olhos arregalados pela visão dos corpos espalhados e pela presença ameaçadora de Aidan. Penelope estava visivelmente abalada, enquanto Jesse, ainda impulsivo, mantinha uma expressão resoluta.

Aidan olhou para Penelope, tentando esconder a preocupação em seu rosto. — Penelope, você precisa voltar para casa. Seu pai está ficando cada vez mais perigoso. Não posso garantir sua segurança aqui.

Penelope balançou a cabeça, os olhos brilhando de determinação. — Não. Eu não vou voltar. Eu escolhi estar aqui com Jesse.

Jesse, percebendo a gravidade da situação, implorou a Aidan. — Por favor, Aidan. Eu posso escondê-la. Minha casa tem lugares onde ninguém jamais pensaria em procurar. Ela estará segura comigo, eu prometo.

Aidan olhou para Jesse, notando a sinceridade em seus olhos. Ele sabia que a decisão não seria fácil, mas a determinação de Penelope e o desespero de Jesse pesaram em sua mente. Após um momento de reflexão, Aidan suspirou profundamente. — Tudo bem, Jesse. Mas se algo acontecer com ela, será sua responsabilidade. Cuide bem dela.

Penelope sorriu, aliviada, e Jesse assentiu vigorosamente, grato pela decisão de Aidan. — Obrigado, Aidan. Prometo que a mantereí segura.

Aidan deu um último olhar para Penelope e Jesse antes de subir em seu cavalo. Ele sabia que tinha que confiar neles, pelo menos por enquanto. Virando o cavalo, ele partiu em direção ao saloon, onde esperava encontrar alguma paz e talvez uma bebida forte.

Quando Aidan chegou ao saloon, viu Jason já sentado no bar, uma expressão de alívio e gratidão em seu rosto.

— Achei que você não vinha. — Jason disse, erguendo um copo em saudação.

Aidan deu um leve sorriso, desmontando do cavalo e se aproximando. — Não podia recusar um drink com meu velho amigo.

Jason chamou o barman, pedindo duas doses do melhor uísque. — Precisamos disso depois do que passamos hoje.

Os dois brindaram, o som dos copos ressoando no bar. Aidan tomou um gole, sentindo a queimação descendo por sua garganta. Olhou para Jason, sabendo que a luta estava longe de terminar, mas pelo menos por agora, eles tinham um momento de trégua.

— À sobrevivência. — Jason disse, levantando seu copo novamente.

— À sobrevivência. — Aidan concordou, tomando outro gole, enquanto os dois amigos partilhavam um raro momento de paz no tumultuado oeste.

Enquanto a noite avançava no saloon, Aidan e Jason continuaram a beber. O uísque fluía livremente, e a tensão do dia começou a se dissipar, substituída por uma sensação calorosa e um pouco de imprudência.

— Lembra daquela vez em Red Rock? — Jason perguntou, rindo e batendo no balcão. — Quando você apostou seu cavalo num jogo de pôquer e acabou ganhando a mina de prata do velho Jenkins?

Aidan riu, quase derramando sua bebida. — Claro que lembro! O Jenkins nunca se recuperou daquela noite. Ele ainda me deve uns bons trocados.

A conversa se intensificou, as risadas ecoando pelo saloon. Outros frequentadores começaram a lançar olhares curiosos e irritados para a dupla barulhenta. Um homem robusto e de cara fechada, claramente incomodado, se aproximou da mesa deles.

— Ei, vocês dois, acalmem-se. Alguns de nós estamos tentando beber em paz aqui. — Ele resmungou, cruzando os braços.

Jason, com um sorriso atrevido, respondeu: — E quem é você pra nos dizer o que fazer, amigo?

O homem, visivelmente irritado, empurrou Jason, que tropeçou, derrubando a cadeira. Aidan levantou-se rapidamente para intervir, mas a situação já havia saído de controle.

Em segundos, o saloon se transformou em um campo de batalha, com cadeiras voando e socos sendo distribuídos.

A confusão atraiu a atenção do xerife local, que estava em sua ronda noturna. Ele correu para dentro do saloon com dois ajudantes, tentando separar os briguentos.

— Parem com isso, todos vocês! — O xerife gritou, mas sua voz foi abafada pelo caos.

Aidan, percebendo a gravidade da situação, tentou puxar Jason para fora do saloon. — Vamos sair daqui, Jason! Rápido!

Jason, teimoso e bêbado, resistiu. — Não vou a lugar nenhum até ensinar uma lição a esse sujeito!

Enquanto o xerife e seus ajudantes tentavam restaurar a ordem, Aidan e Jason viram uma oportunidade e decidiram fugir. Eles cambalearam para fora do saloon, rindo e tropeçando um no outro.

— Você acha que conseguimos despistá-los? — Jason perguntou, rindo.

— Só se pararmos de rir e correremos! — Aidan respondeu, tentando manter-se de pé.

O xerife, vendo os dois escapando, gritou: — Eles estão fugindo! Peguem-nos!

Aidan e Jason correram pelas ruas de terra da pequena cidade, suas botas batendo pesadamente no chão. Eles tropeçavam e esbarravam nas paredes, tentando se manter à frente do xerife e seus ajudantes.

— Vamos por aqui! — Aidan sugeriu, puxando Jason para um beco estreito.

— Boa ideia, amigo! — Jason respondeu, quase caindo ao virar a esquina.

Os dois bêbados continuavam sua fuga desajeitada, derrubando latas de lixo e esbarrando em barris. O xerife e seus ajudantes, sóbrios e determinados, os seguiam de perto.

A perseguição os levou até uma ponte de madeira que atravessava um riacho. Aidan e Jason, em sua tentativa desesperada de escapar, decidiram atravessar a ponte.

— Corre, Jason! — Aidan gritou, enquanto seus pés escorregavam nas tábuas molhadas.

Jason, rindo, quase caiu no riacho, mas conseguiu se segurar na beirada da ponte. — Quase fui pro banho, Aidan!

O xerife e seus ajudantes chegaram à ponte logo atrás deles. — Vocês não vão escapar!

— O xerife gritou, avançando.

Aidan e Jason, vendo que estavam prestes a ser capturados, decidiram improvisar. Eles pularam do outro lado da ponte, rolando pela encosta até o riacho.

— Vamos nadar, Jason! — Aidan sugeriu, já na água.

— Eu não sei nadar! — Jason respondeu, afundando e emergindo novamente.

O xerife e seus ajudantes ficaram na margem, tentando avaliar a situação. — Eles estão no riacho! — um dos ajudantes exclamou.

Aidan e Jason, agora molhados e enlameados, finalmente alcançaram a outra margem do riacho e continuaram correndo. As botas encharcadas e as roupas pesadas tornavam a fuga ainda mais difícil.

Finalmente, a fuga chegou ao fim quando Aidan e Jason, exaustos e sem fôlego, foram cercados em um beco sem saída. O xerife e seus ajudantes, também cansados, mas ainda determinados, fecharam o cerco.

— Chega de brincadeiras! — O xerife declarou, algemando os dois amigos.

Aidan, ainda rindo, olhou para Jason. — Bem, pelo menos a gente tentou, não é?

Jason, ofegante, respondeu: — Sim, foi uma das melhores perseguições que já tive!

Depois de serem levados à delegacia, Aidan e Jason foram jogados na cela. Sentados no chão frio, os dois amigos se entreolharam e começaram a rir novamente, apesar da situação.

— Parece que a gente não consegue evitar problemas, não é? — Jason disse, ainda rindo.

— Pelo menos temos um lugar para dormir esta noite. — Aidan respondeu, tentando encontrar o lado positivo.

O xerife, trancando a cela, balançou a cabeça em desaprovação. — Amanhã vocês vão ter que se explicar ao juiz. Boa sorte com isso.

Enquanto a noite avançava, Aidan e Jason se acomodaram na cela, as risadas eventualmente se transformando em suspiros cansados. Eles sabiam que a manhã traria novos desafios, mas por enquanto, estavam juntos, e isso era tudo o que importava.

O som estridente de metal contra metal ecoava pela delegacia, acordando Aidan e Jason com um sobressalto. Aidan abriu os olhos, sua cabeça latejando e a boca seca como o deserto. Ele viu Roy, um dos membros de sua própria gangue, batendo nas grades da cela com um bastão, um sorriso malicioso no rosto.

— Acordem, seus bebedores! — Roy zombou, batendo mais uma vez nas grades para garantir que ambos estivessem bem acordados. — Dormiram bem na cama dura da lei?

Aidan se levantou devagar, esfregando as têmporas. A dor de cabeça era quase insuportável, e a luz do sol entrando pela janela só piorava as coisas. Ele lançou um olhar de ódio para Roy, que continuava a rir.

— Roy, se eu não tivesse essas grades entre nós, você estaria pedindo misericórdia agora mesmo, seu verme. — Aidan rosnou, lembrando um lobo ameaçador.

Jason, com um humor igualmente sombrio, se sentou no banco de madeira, segurando a cabeça. — Se depender de mim, Roy, você vai passar o resto da vida com medo de sombras. — Ele acrescentou, sua voz carregada de raiva.

Roy, indiferente às ameaças, continuou a rir. — Ah, vocês me divertem tanto! Vocês não passam de bêbados arruaceiros. — Ele se afastou, ainda rindo, enquanto Aidan e Jason trocavam olhares de puro ódio.

Do lado de fora da cela, Jonah, com seu carisma natural, estava em plena ação. Ele conversava com o xerife, contando piadas e histórias engraçadas, conquistando a simpatia do homem da lei. O xerife ria alto, seus olhos brilhando com a genuína diversão proporcionada por Jonah.

— Sabe, xerife, esses dois são um problema às vezes, mas são boa gente. Só tiveram um azar ontem à noite. — Jonah dizia, colocando uma mão amigável no ombro do xerife.

— É, bem, eles realmente causaram um bom estrago, mas... acho que não causaram tanto dano assim. — O xerife respondeu, ainda rindo de uma das piadas de Jonah.

— Exato! E com tudo isso, aposto que um homem de sua sabedoria sabe que nem sempre vale a pena manter bons homens atrás das grades por uma noite mal dormida. — Jonah continuou, sua voz suave e convincente.

O xerife, já conquistado pelo charme de Jonah, balançou a cabeça lentamente. — Talvez você esteja certo, Jonah. Vou deixá-los sair desta vez. Mas diga a eles para se comportarem.

Jonah sorriu largamente, apertando a mão do xerife com gratidão. — Pode deixar, xerife. Vou garantir que eles fiquem na linha.

Enquanto isso, na cela, Aidan e Jason ainda estavam ruminando seus pensamentos de vingança contra Roy quando Jonah apareceu, com um sorriso triunfante no rosto.

— Bom dia, dorminhocos! — Jonah disse, abrindo a porta da cela. — Vocês estão livres. O xerife decidiu deixar essa passar.

Aidan e Jason se levantaram, ainda irritados, mas gratos por Jonah ter conseguido tirá-los dali. Enquanto saíam, Aidan olhou para Roy, que estava agora ocupado com outra tarefa.

— Isso ainda não acabou, Roy. — Aidan murmurou, sua voz baixa e ameaçadora.

Jason apenas assentiu, sua expressão sombria. — Ainda vamos ter nossa vingança.

O grupo saiu da delegacia, Aidan, Jason, Jonah, e Roy montados em seus cavalos, rumando de volta ao acampamento. A ressaca ainda pesava nas cabeças de Aidan e Jason, mas o ar fresco da manhã e o trote ritmado dos cavalos ajudavam a clarear as mentes.

Jonah parecia mais abatido do que de costume, seu olhar distante enquanto eles

cavalgavam. O peso dos últimos acontecimentos estava claramente visível em seu semblante. Após um longo silêncio, Jonah finalmente falou, sua voz carregada de cansaço e desesperança.

— Ouçam, rapazes. Marcus ouviu Henry Walton comentando sobre uma diligência carregada de dinheiro destinado ao governo. — Jonah fez uma pausa, suspirando profundamente. — Esse pode ser nosso último grande golpe. Estamos ficando sem opções, e se isso não der certo... bem, não sei mais o que fazer.

Aidan, ainda sentindo os efeitos da noite anterior, franziu a testa. — Jonah, não acha que é cedo demais para mais um golpe? Os federais fecharam as fronteiras e o cerco está se fechando em volta da gente. Estamos andando sobre gelo fino.

Roy, sempre pronto para provocar, riu debochado. — Tá com medo, Aidan? Achando que não aguenta mais um golpe?

Jason, que já estava irritado com Roy desde a delegacia, sacou sua arma e a engatilhou, apontando-a diretamente para a boca de Roy enquanto ambos cavalgavam. — Se continuar falando merda, Roy, vou fazer você engolir cada palavra. — Jason rosnou, sua voz baixa e mortal.

A tensão no ar era palpável. Aidan, mesmo com a cabeça latejando, estava pronto para intervir se necessário, mas antes que pudesse fazer qualquer movimento, Jonah se aproximou, sua expressão sombria.

— Chega, Jason. Abaixе essa arma agora. Temos que nos concentrar no que realmente importa. — Jonah ordenou, sua voz firme, mas cansada.

Jason, respirando pesadamente, relutantemente abaixou a arma, mas seus olhos ainda estavam fixos em Roy com uma raiva ardente. Roy, percebendo que havia levado a provocação longe demais, manteve-se em silêncio, mas o olhar desafiador não desapareceu completamente de seu rosto.

— Precisamos de foco. — Jonah continuou, agora com um tom mais calmo, tentando apaziguar o grupo. — Esse golpe pode ser nossa chance de escapar desse cerco e ganhar uma boa quantia de dinheiro. Precisamos trabalhar juntos.

Aidan suspirou, ainda preocupado, mas sabia que Jonah tinha um ponto. — Jonah, estávamos sempre prontos para qualquer coisa, mas agora... você parece diferente. Cansado. Será que vale a pena? Não estamos apenas colocando nossas vidas em risco, mas também nossa amizade.

Jonah olhou para Aidan, os olhos cansados e sombrios. — Eu sei, Aidan. Eu sei. Mas estou ficando sem opções. Sem esperança. E esse golpe... pode ser nossa última chance de sair dessa situação com algo. Estou perdido, irmão. Não sei mais o que fazer.

— Tudo bem. Vamos pensar nesse golpe. Mas precisamos ser inteligentes. Se algo der errado, estaremos todos perdidos. — Aidan disse, tentando trazer um pouco de razão para a situação.

— Concorde. — Jason murmurou, guardando sua arma. — Mas da próxima vez que Roy abrir a boca para provocar, não vou hesitar.

Jonah assentiu, sabendo que tinha que manter a paz no grupo se quisessem ter sucesso.

— Vamos, então. Ao acampamento.

## — CAPÍTULO INTERMINADO —

## — CAPÍTULO INTERMINADO —

Aidan acordou com uma dor aguda no ombro, o ferimento ainda fresco da bala que o atingira. O sol mal havia nascido, e o som do acampamento já estava em tumulto. Ele se levantou com dificuldade, esfregando os olhos, e viu a confusão se desenrolando diante dele.

Roy, sempre provocador, estava no centro do tumulto, gritando insultos para Sean e Will. - Vocês são um bando de inúteis! - ele bradava, a voz carregada de desprezo. - Não conseguem fazer nada certo!

Sean, com o temperamento sempre à flor da pele, não perdeu tempo em reagir.

- Cala essa boca, Roy, ou vou fazer você engolir esses dentes! - e, com um salto, partiu para cima de Roy.

Will e Marcus logo se juntaram à briga, e a luta rapidamente se transformou em uma confusão generalizada. Punhos voavam, e gritos de raiva e dor ecoavam pelo acampamento. Aidan, apesar da dor no ombro, se viu sendo puxado para a briga. Ele tentou separar os homens, mas logo estava também envolvido na luta, os cinco rolando pela lama e se sujando enquanto trocavam socos e chutes.

Aidan sentiu a lama fria se espalhando por suas roupas, o cheiro de terra úmida preenchendo suas narinas enquanto ele lutava para se levantar. Ele conseguiu agarrar Sean pelo colarinho, tentando puxá-lo para longe de Roy, mas foi atingido por um soco que o fez cambalear para trás.

No meio do caos, o som de cascos de cavalo se aproximando chamou a atenção de todos. Jonah apareceu, montado em seu cavalo, com o xerife Virgil Clayburn a reboque. Jonah desceu do cavalo com uma expressão de exasperação no rosto.

- Que diabos está acontecendo aqui? - Jonah rugiu, sua voz carregada de autoridade.

Os homens, ainda ofegantes e cobertos de lama, se afastaram um do outro, suas brigas momentaneamente esquecidas. Aidan, respirando pesadamente, observou enquanto Jonah se aproximava do xerife com um sorriso manipulador.

Virgil Clayburn, um homem corpulento com um bigode grosso, olhou para Jonah com desconfiança.

- Xerife Clayburn, esses homens precisam aprender a se comportar. - Jonah disse, a voz suave, mas carregada de intenções. - Mas creio que possamos fazer um acordo. Eles podem ser úteis para você.

Virgil Clayburn, um homem corpulento com um bigode grosso, olhou para Jonah com desconfiança.

- E que tipo de acordo você tem em mente, Jonah?

Jonah, com o olhar cansado mas astuto, respondeu.

- Não sei, de repente algum trabalho que precisa ser feito.

Clayburn cruzou os braços, observando os homens à sua frente.

— Pensando por esse lado... tenho um trabalho para vocês. Um trabalho que requer um pouco de... discrição. - interrompeu Clayburn.

Aidan franziu a testa.

-Do que se trata?

Clayburn lançou um olhar de desprezo.

-Um bando de bandidos está causando problemas em uma cidade próxima, mas o que realmente me interessa é o que eles têm: um carregamento de ouro que será transferido para o governo. Eu quero que vocês invadam essa transferência e recuperem a carga. Sem deixar rastros.

A atmosfera no acampamento ficou tensa. Aidan trocou olhares preocupados com Jason e Sean.

-E qual é o pagamento para isso?

Virgil sorriu, mas não era um sorriso amigável.

-O pagamento é simples: o ouro. Se vocês conseguirem, poderão ficar com uma parte generosa. Mas se falharem... bem, eu não preciso dizer o que acontece com quem me decepciona.

Jonah, percebendo a hesitação de Aidan, interveio.

-Nós somos homens que sabem se virar. Essa pode ser uma grande oportunidade para nós.

Aidan não tinha certeza. Invadir uma transferência de ouro era algo muito para a situação encurralada que se encontravam.

-E como você sabe que não haverá outras autoridades?

-O transporte será feito à noite, e a segurança deles estará distraída - garantiu Clayburn, com uma confiança perturbadora.

-Mas vocês precisarão agir rápido e manter-se fora da vista. Se a palavra se espalhar de que vocês estão envolvidos, será o fim para vocês.

Aidan balançou a cabeça, sentindo a pressão aumentar. O que quer que Clayburn estivesse planejando, isso parecia uma armadilha. Mas, olhando para os rostos de seus companheiros, ele percebeu que não havia como voltar atrás. Eles estavam presos em um jogo perigoso, e agora precisavam entrar nele de cabeça.

-Tudo bem, Xerife. Vamos fazer isso - Sean finalmente respondeu, a decisão pesando em seu coração. Ele sabia que estavam se enfiando em algo mais sujo do que poderiam imaginar, mas a vida deles dependia disso.

Virgil Clayburn sorriu, satisfeito.

-Ótimo. Preparem-se, e espero que tenham mais sorte do que o habitual.

O xerife Virgil Clayburn olhou para Jonah, seu olhar curioso.

— E quem é esse aqui? — ele perguntou, apontando com o queixo para Aidan.

— Esse é Aidan — Jonah respondeu, com um sorriso que tentava parecer confiante. — Um dos melhores homens que eu conheço. Ele tem um jeito especial para lidar com as situações mais complicadas.

Virgil avaliou Aidan por um momento, como se pesasse suas habilidades antes de prosseguir. — Certo, então. Tenho um trabalho diferente para você, Aidan. Um que pode ser mais lucrativo, mas também mais delicado.

Aidan ergueu uma sobrancelha, intrigado. — Do que se trata?

Jonah interveio rapidamente. — Aidan, você sabe que a corrupção está em todo lugar. O xerife aqui tem informações sobre um sujeito que está se metendo em assuntos que não deveria. Um tal de Eliah Tilman.

Virgil assentiu. — Exatamente. Tilman é um abolicionista autoproclamado. Ele está por aí, fazendo alarde de seus princípios, mas na verdade, ele lucra com a abolição da escravidão. E ele está se estabelecendo nos arredores de Gravewood, perto da mansão dos Hollow.

Aidan franziu a testa, cada vez mais interessado. — O que ele está fazendo lá?

— Ouvi dizer que ele está ajudando alguns dos antigos proprietários de escravos a



reestruturar suas finanças. Fazendo-os pagar uma espécie de proteção para que não sejam denunciados por suas ações passadas. O sujeito é astuto e, como você deve imaginar, não está exatamente alinhado com a lei — explicou Virgil, a voz carregada de desdém.

Jonah deu um passo à frente, olhando para Aidan com expectativa. — O xerife precisa que você vá até lá, veja o que ele está tramando e, se possível, coloque um fim nisso. Se conseguir reunir algumas provas de suas atividades, seria melhor ainda.

Aidan considerou por um momento. O que quer que Tilman estivesse fazendo, isso certamente não era legal e poderia ser a oportunidade perfeita para eles. — E qual é o pagamento?

Virgil sorriu, um sorriso que não trazia confiança. — Depende do que você conseguir. Se você pegar algo que possa incriminá-lo, podemos negociar um bom preço.

— Eu entendo — Aidan respondeu, seu olhar fixo no xerife. — E o que acontece se eu falhar?

— Bem — Virgil respondeu, dando de ombros —, então você e sua turma podem acabar com um grande problema em suas mãos. Mas estou confiando que você não é um homem que costuma falhar.

Jonah, observando a tensão no ar, fez uma pausa antes de dizer. — Então, Aidan, o que você acha? Vale a pena?

Aidan olhou para seus companheiros, que estavam em silêncio, absorvendo as informações.

— Eu vou fazer isso — decidiu Aidan, a determinação crescendo dentro dele.

Virgil observou Aidan com um ar de expectativa antes de prosseguir.

— Escute, Aidan, só para que você tenha uma ideia melhor de com quem está lidando, Eliah Tilman não é apenas um abolicionista qualquer. Ele é um homem inteligente, astuto. Um homem negro careca, que costuma usar um terno xadrez bem cortado. Sempre aparece com seus óculos, e tem essa maneira de falar que pode encantar até os mais céticos. Mas não se engane — ele é muito mais perigoso do que parece.

Aidan assentiu, absorvendo as informações. Um homem como Tilman poderia facilmente estar envolvido em esquemas que transbordam de corrupção, e a descrição do xerife só aumentava sua curiosidade e cautela.

— Vou dar uma olhada — Aidan disse, preparando-se para sair.

Antes que pudesse subir em seu cavalo, Jonah surgiu ao seu lado, com uma expressão séria. — Aidan, espere um minuto. Assim que você ver esse homem, eu quero que o sequestre. Traga-o de volta para mim.

Aidan parou, surpreso. — Sequestrá-lo? Jonah, isso é arriscado demais.

— Eu sei. Mas é o que precisamos fazer. E tenha cuidado ao trazê-lo. Todo o condado de Arizontia vai estar à sua procura assim que souberem que ele e o xerife sumiram. Não vai ser apenas você atrás dele — Jonah alertou, a gravidade em sua voz clara como água.

— E se eu não conseguir? E se ele tiver mais proteção do que estamos esperando? — Aidan questionou, seu olhar se fixando em Jonah.

— Então você se vira, Aidan. É assim que a vida funciona aqui. Às vezes, é preciso arriscar tudo para conseguir algo. E eu confio que você tem o que é preciso — Jonah respondeu, com a confiança inabalável que sempre demonstrara — Eu cuido de sumir com o corpo do Virgil, e você de trazer esse tal Tilman em segurança.

Aidan suspirou, ciente do peso da responsabilidade que estava assumindo. Com um aceno, ele montou seu cavalo, sentindo a determinação pulsar em suas veias.

## — CAPÍTULO DOZE —

### Na cova do leão

“Já se passaram semanas desde a morte de Elizabeth. O tempo não trouxe alívio, apenas uma tristeza persistente que se agarra a cada pensamento e memória. Tento seguir em frente, mas a dor ainda está lá, sempre presente. O mundo parece um lugar mais sombrio sem o brilho dos olhos dela.

Tenho me agarrado aos meus amigos, buscando nas pequenas alegrias do dia a dia um modo de continuar. Mas nada preenche o vazio deixado pela ausência de Elizabeth. Jason, Will, Marcus, Michael, todos tentam me animar à sua maneira, mas sei que eles também carregam seus próprios fardos.

Há alguns dias, Jonah surgiu com um plano louco e arriscado. Ele quer descobrir onde os Dawsons escondem seu dinheiro e roubá-los. A ideia é perigosa, e até um pouco louca. Jonah acredita que, se conseguirmos executar esse golpe, poderemos sair de nossa miséria, e finalmente fugir para o oeste, onde fugiremos de nossos pecados.

Jonah e os outros estão discutindo os detalhes do plano agora. Vou me juntar a eles em breve. Preciso disso, de alguma forma, me sentir útil novamente, ter um propósito. Talvez, ao lutar contra os Dawsons, eu possa encontrar um pouco de paz para minha alma atormentada. O tempo dirá se esse plano insano nos levará à redenção ou à ruína.” Ao escrever, Aidan fechou seu diário, se levantou, e partiu rumo a reunião que Jonah conduzia com Jason, e Marcus.

-Vocês tem certeza disso? - questionava Jonah.

-Tenho! Eu ouvi o Henry Walton dizendo claramente que os Dawsons estava no mesmo banco que eles - exclamou Jason.

-Está certo, essa pode ser nossa ultima grande chance! - exclamou Jonah - Aidan, quem bom que chegou, precisamos fazer uma última visitinha aos Dawson. Você vem comigo?

Aidan ainda meio aéreo e com um olhar triste, apenas balançou a cabeça concordando.

-Está bem. Enquanto vocês lidam com os Dawson, eu, Jason e Will vamos ao banco. Vamos analisá-lo e planejar.

Eles saíram da tenda, e partiram rumo ao seus cavalos, Roy, se aproximando chamou Jonah.

-Ei, Jonah! - disse ele se aproximando - Quando vamos assaltar os Dawson e os Walton?

Aidan com um olhar confuso para Jonah.

-O que... ele já sabe?

Roy com uma risada sarcástica.

-É lógico Gallagher, quem você acha que deu essa ideia?

-É verdade, Jonah? De novo você seguindo esses planos absurdos... de novo nos levando à morte! Jonah balançando sua cabeça em negação.

-Chega, Aidan... por favor... eu estou no meu limite... só vamos resolver com os Dawson, e depois veremos.

Aidan e Jonah subiram em seus cavalos, e partiram para a mansão dos Dawson.

O sol poente tingia o céu de um laranja profundo quando Aidan e Jonah mais uma vez alcançaram a imponente mansão colonial dos Dawson. Um dos escravos, reconhecendo-os, os saudou com um respeitoso

-Bem-vindos de volta, senhores - antes de guiá-los até a sala de estar onde Ezra Dawson os aguardava. O cheiro de tabaco pairava no ar, uma nuvem azulada saindo de um charuto nos dedos de Ezra enquanto ele se recostava em sua poltrona de couro.

-Aidan, Jonah - começou Ezra com sua voz profunda e cheia de autoridade - o cigarro é como a vida, não é? A fumaça sobe, dança no ar por um instante e logo se dissipa. Às vezes, me pergunto se nossa existência não é apenas uma série de fumaças no vento.

Jonah assentiu, seus olhos observando a fumaça com interesse contemplativo.

-Cigarros e a vida têm suas semelhanças, Ezra. Ambos são passageiros. Mas o que fazemos com eles, isso é o que realmente importa.

Ezra soltou uma baforada de fumaça e sorriu de canto.

-Bem colocado, Jonah. Mas falando em fazer algo com o que temos... Vocês já ouviram falar de Rufus McCaim? O fazendeiro teimoso ao sul, aquele que se recusa a vender suas terras?

Aidan franzia o cenho, recordando o nome de Rufus McCaim.

-Sim, ouvi algo sobre ele. Dizem que suas terras são as mais férteis da região.

Ezra assentiu, o charuto entre os dedos ainda queimando lentamente.

-Exatamente. Rufus tem sido um osso duro de roer, resistindo a todas as ofertas que lhe fizemos. Mas agora, acho que é hora de um de vocês ir até lá pessoalmente. Convencê-lo de que vender é do melhor interesse dele.

Jonah trocou um olhar significativo com Aidan antes de responder.

-Entendido, Ezra. Vamos tratar disso o quanto antes.

Ezra assentiu satisfeito, a fumaça do charuto se misturando com o crepúsculo que entrava pela janela.

-Ótimo. Rufus pode ser difícil, mas sei que vocês dois têm a persuasão necessária para lidar com ele. Vão lá e tragam boas notícias.

Com essas palavras, Aidan e Jonah se levantaram, prontos para partir.

Assim que deixaram a mansão dos Dawson para trás, Aidan e Jonah cavalgaram em direção ao sul, rumo às terras de Rufus McCaim. A lua cheia banhava a paisagem com uma luz prateada, destacando as copas das árvores e os campos abertos ao redor da fazenda isolada. Chegaram finalmente ao portão de madeira da propriedade de Rufus, onde um silêncio sombrio pairava sobre tudo.

Jonah deu um suspiro enquanto desmontava, tentando manter uma postura confiante enquanto se aproximava da porta da frente da casa principal. Aidan o seguiu de perto, uma sombra escura ao luar, pronto para intervir se necessário. Jonah bateu na porta e, após alguns momentos tensos, um homem idoso e rude surgiu.

-O que vocês querem aqui? - Rufus McCaim rosnou, os olhos estreitados com desconfiança enquanto olhava para Jonah e Aidan.

-Boa noite, senhor McCaim. Podemos entrar? - disse Jonah empurrando Rufus, e entrando em sua casa - Somos representantes dos Dawson - começou Jonah, mantendo sua voz calma e diplomática - Estamos aqui para discutir a compra de suas terras.

Rufus bufou, o desprezo evidente em seu rosto enrugado.

-Eu já disse a esses Dawson que não estou vendendo. Não me importa quanto dinheiro eles têm.

-Creio que sim - disse Jonah acendendo um cigarro.

Antes que a discussão pudesse avançar, um som de cavalos se aproximando rapidamente chamou a atenção de todos. A porta da frente foi aberta com violência, e os filhos de Rufus, Samuel e Thomas McCaim, entraram na casa com expressões ferozes.

-O que está acontecendo aqui, pai? - perguntou Samuel, olhando de Jonah para Aidan com desconfiança.

-Esses homens estão tentando me convencer a vender nossas terras - respondeu Rufus, com os olhos ainda fixos em Jonah.

Jonah e Aidan trocaram olhares tensos. Aidan podia sentir a tensão crescendo no ar. Jonah, por um breve momento, apertou a mandíbula de uma maneira quase imperceptível, seus olhos brilhando com uma intensidade fria.

-Vocês precisam ir embora agora - disse Thomas, dando um passo à frente.

Jonah sorriu de forma quase sinistra, mas controlada.

-Nós não queremos causar problemas. Só queremos conversar - disse Jonah, mas sua voz tinha um tom de ameaça velada, e ele calmamente levava sua mão ao coldre.

A situação estava à beira de um conflito quando Aidan, sentindo o perigo iminente, tentou intervir.

-Calma, pessoal. Vamos resolver isso de forma civilizada - disse ele se afastando e observando os breves movimentos dos McCaim.

Mas antes que pudessem continuar, Samuel puxou uma arma, e o caos se instalou. Jonah reagiu rapidamente, sacando seu revólver e disparando. A casa se transformou em um campo de batalha frenético, com tiros ecoando pelas paredes de madeira.

Aidan, rapidamente, sacou sua arma e se juntou à luta, tentando manter a situação sob controle enquanto os filhos de Rufus retaliavam com fúria. A violência irrompeu de maneira avassaladora,

o som dos disparos misturando-se aos gritos e à confusão.

No meio do caos, Jonah mirou na filha de Rufus, que havia surgido na sala, tentando proteger seu pai. Ele puxou o gatilho sem hesitação, e ela caiu ao chão, ferida gravemente. A expressão de Jonah era de uma calma perturbadora, como se ele estivesse apenas cumprindo uma tarefa qualquer.

Aidan, ficou paralisado ao ver a cena, rapidamente correu seus olhos para encontrar com os de Jonah, esperando que houvesse sido um mau entendido. Mas não foi isso que ele encontrou, ele encontrou frieza e ódio, ao olhar nos olhos de seu líder.

Finalmente, depois de um confronto brutal, o tiroteio cessou. O cheiro de pólvora enchia o ar, e a casa estava marcada pela destruição. Jonah se ergueu entre os corpos, respirando pesadamente, enquanto Aidan olhava ao redor, tentando compreender o que acabara de acontecer. Enquanto uma tosse seca e rápida escapou de sua garganta, e em um reflexo nervoso ele tentou abafar com a mão.

-Vamos sair daqui antes que mais alguém apareça - disse Jonah, sua voz fria e decidida.

Aidan estava atordoado. A cena diante dele era como um pesadelo tornado realidade. O silêncio pesado que se seguiu ao tiroteio contrastava com o cheiro acre de pólvora que enchia o ar. Ele olhou para Jonah, tentando encontrar nele alguma resposta para o que acabara de testemunhar, mas o rosto de Jonah revelava apenas determinação fria, sem arrependimento visível.

-Jonah... o que você fez? - murmurou Aidan, sua voz ecoando na sala agora devastada.

Jonah não respondeu imediatamente. Ele se aproximou do corpo caído da filha de Rufus, olhando-a por um momento antes de desviar o olhar.

-Não tínhamos outra escolha - disse ele, sua voz ainda calma, mas carregada de uma justificação que Aidan não conseguia aceitar.

Aidan sentiu um nó na garganta. Ele queria protestar, queria gritar de raiva e confusão, mas as palavras pareciam presas em sua boca seca. O olhar de Jonah o perfurava, um olhar tranquilo.

-Nós precisamos ir embora daqui antes que mais alguém chegue - repetiu Jonah, como se estivesse tentando convencer a si mesmo tanto quanto a Aidan.

Eles caminharam para fora da fazenda, montaram em seus cavalos e partiram, rumo a mansão de Ezra Dawson.

Aidan e Jonah cavalgavam em silêncio. A luz da suave lua se infiltrava pelas densas nuvens enquanto eles se aproximavam novamente da mansão de Ezra Dawson. O casarão colonial, com suas colunas brancas e janelas altas, parecia acolher a chegada dos dois homens cansados.

Jonah desmontou do cavalo com um suspiro, jogando a rédea para um dos empregados que esperava perto do portão. Aidan o seguiu, observando Jonah com um olhar pensativo.

Os dois homens foram conduzidos à sala de estar onde Ezra Dawson os aguardava, sentado confortavelmente em sua poltrona de couro com um charuto na mão, e Whisky na mesa. O ar estava impregnado com o cheiro de tabaco e madeira envelhecida. Ezra se levantou ao vê-los, um sorriso satisfeito se formando em seus lábios.

-Jonah, Aidan! - exclamou ele, estendendo os braços. - Vocês voltaram! Espero que tenham boas notícias para mim.

Aidan entrou na sala com um leve pigarro, que rapidamente se transformou em uma tosse seca e persistente. Ele ergueu o braço para cobrir a boca, tentando disfarçar o desconforto enquanto se aproximava de Ezra.

-Claro que temos, a questão de Rufus McCaim foi resolvida. Creio que ele não será mais um problema. Ele percebeu que não tinha outra escolha a não ser ceder - disse Jonah, sua voz suave e cheia de convicção. - Às vezes, o mundo precisa de uma pequena dose de persuasão para entender o que é melhor para todos nós.

Ezra soltou uma risada satisfeita, batendo palmas de leve.

-Excelente, meus amigos! Sabia que podia contar com vocês. - Ele deu uma tragada no charuto e soltou uma baforada de fumaça, sua expressão refletindo puro prazer. - Isso merece uma celebração. Mas primeiro, tenho outra proposta para vocês.

Aidan tossiu novamente, porém dessa vez ele parou logo. Aidan e Jonah trocaram olhares rápidos. Ezra continuou, seus olhos brilhando com um brilho calculista.

-Sei que vocês estão passando por momentos difíceis financeiramente. Então, aqui vai uma oportunidade para resolver isso. Amanhã, uma carroça carregada de títulos de crédito e dinheiro

vai passar pela estrada principal. A segurança será mínima. Uma oportunidade perfeita para um assalto rápido e fácil. O que me dizem?

Jonah não hesitou, seus olhos fixos em Ezra enquanto assentia.

-Estamos dentro. Precisamos do dinheiro, e parece uma oportunidade boa demais para deixar passar.

Ezra sorriu ainda mais, satisfeito com a prontidão de Jonah.

-Ótimo! Sabia que podia contar com você. Preparem-se. A carroça passará por volta do meio-dia. Será um trabalho limpo e rápido, se feito corretamente. Boa sorte, meus amigos.

Com um aceno de cabeça, Ezra voltou a se sentar, pegando novamente seu charuto. Jonah e Aidan saíram da sala, a tensão entre eles ainda palpável. Enquanto caminhavam de volta para seus cavalos, Aidan finalmente quebrou o silêncio.

-Jonah, temos que falar sobre o que aconteceu ontem à noite. Aquilo não foi certo.

Jonah parou e se virou para Aidan, seu olhar firme.

-Aidan, fiz o que era necessário. E farei novamente, se preciso for. Se vamos sobreviver neste mundo, temos que estar dispostos a fazer o que for preciso. Você me entende?

Aidan queria protestar, queria gritar que aquilo estava errado, mas sabia que Jonah estava decidido. Ele suspirou, assentindo lentamente.

-Só espero que não percamos nossas almas nesse processo.

Jonah montou em seu cavalo, lançando um último olhar para Aidan antes de seguir em frente.

-Aidan, às vezes, a única maneira de sobreviver é se adaptando. Vamos pegar essa carroça e garantir nosso futuro. Depois, podemos pensar sobre nossas almas.

Aidan e Jonah chegaram ao acampamento sob o céu estrelado, o vento frio da noite soprando pelas árvores. O acampamento estava em relativo silêncio, com a maioria dos homens já recolhidos em suas barracas ou sentados ao redor da fogueira. Marcus veio ao encontro deles assim que desmontaram.

-Jonah, Aidan, Horace quer falar com você, Jonah. Disse que é importante. Está contando uma de suas histórias mentirosas lá na fogueira - disse Marcus, apontando com o polegar para o grupo reunido.

Jonah assentiu e começou a caminhar em direção à fogueira, com Aidan logo atrás. Ao se aproximarem, ouviram a voz entusiasmada de Horace Guffin Whitley, envolvente como sempre, tecendo mais uma de suas histórias improváveis. Um grupo estava sentado ao redor dele, incluindo Emillie e Adeline, que ouviam com atenção. Isabella, por outro lado, o olhava com desprezo e vergonha.

...e foi então que eu, sozinho, enfrentei a gangue inteira de cinco homens armados, usando apenas minha coragem e um canivete! - exclamava Horace, fazendo gestos exagerados com as mãos.

Os olhos de Emillie e Adeline brilhavam com fascínio, mas Isabella bufava, cruzando os braços. Jonah se aproximou, interrompendo a história de Horace.

-Horace, precisamos conversar - disse Jonah, sua voz firme.

Horace parou de falar e olhou para Jonah, um sorriso forçado nos lábios.

-Ah, Jonah! Claro, claro.

Os outros ao redor da fogueira se dispersaram lentamente, deixando Jonah e Horace a sós.

-Fui ao banco hoje - começou Horace, seu tom mudando para algo mais sério. - Descobri que os Dawsons realmente colocaram sua fortuna lá, mas há um problema. O banco pertence a Tommaso Boneli Viccei, um empresário e chefe do crime italiano.

Jonah estreitou os olhos, intrigado e preocupado.

-E por que isso é um problema, Horace?

Horace suspirou, olhando em volta para garantir que ninguém mais estivesse ouvindo.

-Viccei não é um homem comum. Ele é um maníaco, mas também é incrivelmente elegante e poderoso. Já tive problemas com ele antes, e garanto que não é alguém com quem você quer mexer. Estou sugerindo que vocês recuem, pelo menos por enquanto. Enfrentar Viccei diretamente seria suicídio.

Jonah ficou em silêncio por um momento, absorvendo a informação. Finalmente, ele assentiu.

-Entendi, Horace. Vamos considerar isso. Mas não podemos nos dar ao luxo de perder oportunidades. Precisamos do dinheiro. Amanhã, temos um trabalho para fazer. Vamos assaltar uma carroça de títulos de crédito e dinheiro que vai passar pela estrada principal. A segurança

será mínima.

Horace ergueu uma sobrancelha, surpreso.

-Isso é perigoso, Jonah. Mas, se você acha que é o melhor caminho...

Jonah o interrompeu.

-Precisamos disso, Horace. E precisamos que todos estejam prontos.

Jonah continuava falando, enquanto Aidan se afastou da fogueira, procurando um lugar mais tranquilo para processar tudo o que havia acontecido. Sentou-se em uma rocha, observando a dança das chamas à distância. Seus pensamentos estavam agitados, e ele sentia uma inquietação crescente.

Jason, notando a expressão de Aidan, se aproximou e sentou-se ao lado dele, acendendo um cigarro.

-Parece que tem muita coisa na sua mente, Aidan - disse Jason, soltando uma nuvem de fumaça.

Aidan olhou para o amigo e suspirou.

-Jason, você já percebeu algo estranho no Jonah ultimamente?

Jason franziu a testa, confuso.

-Estranho? Não, não que eu tenha notado. Jonah é o mesmo de sempre. Por que está perguntando isso?

Aidan desviou o olhar, procurando as palavras certas.

-É só... sinto que algo está mudando nele. Algo não parece certo.

Jason balançou a cabeça, negando.

-Acho que você está vendo coisas, Aidan. Jonah é duro, sim, mas ele sempre foi assim. Ele faz o que é necessário para nos manter vivos.

Aidan ficou em silêncio por um momento, contemplando as palavras de Jason. Finalmente, ele decidiu mudar de assunto, ainda inquieto com seus próprios pensamentos.

-Jason, quero que me escute. Quando as coisas piorarem - e elas vão piorar, eu sei disso - quero que você suma da vista de todos. Vá para Cuba, para o Brasil, qualquer lugar longe daqui. Só fuja.

Jason ficou surpreso com a súbita mudança de tom de Aidan.

-Aidan, do que você está falando? Por que eu fugiria?

Aidan olhou para o amigo com seriedade, a voz firme e cheia de convicção.

-Porque eu me preocupo com você, Jason. E eu não quero que você acabe como o resto de nós. Há uma chance de uma vida melhor lá fora, longe de tudo isso. Você merece mais do que essa vida de violência e caos.

Jason hesitou, olhando para Aidan com uma mistura de confusão e preocupação.

-E quanto a você, Aidan? E os outros?

Aidan suspirou, os olhos voltando para a fogueira distante.

-Eu farei o que for necessário para segurar as pontas aqui, mas quero que pelo menos um de nós escape desse destino. Jonah está ficando cada vez mais imprevisível. Não quero que você se perca no meio disso tudo.

Jason assentiu lentamente, absorvendo as palavras de Aidan.

-Eu não sei, Aidan. Parece covardia fugir e deixar todos para trás.

Aidan colocou a mão no ombro de Jason, apertando-o com firmeza.

-Não é covardia, é sobrevivência. E você precisa sobreviver, para que ao menos uma parte de nós continue a existir, longe deste inferno.

Jason olhou para Aidan, vendo a sinceridade em seus olhos. Ele finalmente assentiu, embora relutante.

-Certo, Aidan. Eu vou pensar nisso. Mas só porque você pediu.

Aidan sorriu, um sorriso triste e cansado.

-Obrigado, Jason. Isso é tudo que peço.

Os dois homens ficaram em silêncio por um momento, observando as estrelas que brilhavam acima deles. Aidan sabia que o futuro era incerto e perigoso, mas ao menos agora ele tinha um pequeno lampejo de esperança de que Jason pudesse escapar e encontrar uma vida melhor. E isso, por enquanto, era o suficiente para ele continuar lutando.

## — CAPÍTULO TREZE —

### Amigos Até o Fim (ou Quase)

Aidan despertou com um pigarro rouco ecoando pelo acampamento. O ar estava frio e úmido, e ele podia sentir a rigidez em seus membros após uma noite mal dormida. Com um suspiro, Aidan se ergueu da cama improvisada de palha e cobertores finos, sentindo cada articulação estalar.

Aidan, ajeitou suas roupas e ajustou o coldre em sua cintura. Fora da barraca, o acampamento estava quieto, apenas o som distante de cavalos relinchando e o cheiro de café fresco indicando que o dia estava começando.

Jonah já em pé, de braços cruzados, com um semblante severo. A maioria do bando estava reunida ao redor da fogueira, a atenção voltada para ele.

-Escutem todos! - começou Jonah, a voz forte e autoritária. - Hoje temos um trabalho importante. Não precisamos de todos para isso. Marcus, Aidan, vocês vêm comigo. O resto de vocês, fiquem por aqui e estejam prontos para qualquer eventualidade.

O grupo murmurou em resposta, alguns acenando com a cabeça, enquanto outros trocavam olhares desconfiados. Jonah dispensou a maioria, que começou a se dispersar, retomando suas atividades matinais. Aidan caminhou em direção a Jonah. Marcus, se aproximou com um sorriso ansioso.

-Pronto para mais um dia de glória, não é, senhores? - disse Marcus, seu entusiasmo quase palpável.

Jonah lançou um olhar de lado para Marcus, mas não pôde evitar um leve sorriso.

-Sim, Marcus, mais um dia de glória. Só espero que sua energia dure até o final do dia.

Marcus riu, ajustando seu chapéu.

-Vamos sair antes que o sol esteja alto demais. Precisamos estar prontos para interceptar a carroça na estrada principal - disse Jonah, começando a caminhar em direção aos cavalos.

Aidan observou o jovem com um misto de preocupação e admiração. Marcus tinha o espírito que ele próprio já havia perdido há muito tempo, a crença ingênua de que tudo daria certo se apenas se esforçassem o suficiente.

-Marcus, você precisa entender que o mundo lá fora não é brincadeira — disse Aidan, a voz rouca e grave. - Fique atento, siga as ordens, e talvez a gente saia disso com vida.

Marcus assentiu vigorosamente, mas seu sorriso permaneceu.

-Está certo, Aidan.

Jonah interrompeu a troca de palavras com um aceno de cabeça.

-Vamos. Temos uma carroça para interceptar e pouco tempo. Fiquem atentos e sigam meus comandos. Hoje, nós daremos um passo para a mudança do nosso destino.

Enquanto se dirigiam para os cavalos, Aidan olhou para o Marcus mais uma vez. Havia algo de reconfortante na energia do rapaz, um lembrete de que ainda havia esperança e sonhos no mundo. Mas, ao mesmo tempo, Aidan sabia que aquela mesma energia podia ser a queda de Marcus se ele não fosse cuidadoso.

-Escuta, garoto - disse Aidan, montando em seu cavalo. - Mantenha a cabeça baixa, os olhos abertos e não faça nada estúpido. O mundo lá fora não perdoa.

Marcus concordou, montando em seu cavalo com um salto ágil.

-Entendido, Aidan. Estou com vocês.

Montaram seus cavalos e seguiram Jonah pela trilha que levava à estrada principal. O caminho era silencioso, apenas o som dos cascos dos cavalos quebrava a tranquilidade da manhã. A luz do sol começava a iluminar a paisagem, revelando a beleza rude do território.

Eles chegaram à estrada onde a carroça deveria passar. Jonah parou e ergueu a mão, sinalizando para que se espalhassem.

-Marcus, você fica aqui no morro. Qualquer sinal de problema, você nos avisa. Fique atento e cubra nossa retaguarda - ordenou Jonah.

-Entendido, Jonah. - respondeu Marcus, com um brilho de determinação nos olhos enquanto subia

no morro próximo.

Aidan e Jonah se posicionaram próximos à estrada, escondidos entre as árvores. O tempo passou lentamente, com a tensão no ar quase palpável. Finalmente, a carroça surgiu ao longe, o som das rodas de madeira ecoando na estrada de terra.

-Aí vem ela - sussurrou Aidan.

Jonah assentiu e deu o sinal para que se preparassem. Quando a carroça se aproximou, Jonah saiu do esconderijo com a arma em punho.

-Pare aí mesmo! Isso é um assalto! - gritou Jonah, a voz ecoando pela estrada.

A carroça parou bruscamente, e o casal que estava dentro olhou ao redor, assustado. O condutor, um homem de meia-idade, ergueu as mãos tremendo.

-Por favor, não nos machuquem! - implorou a mulher ao lado dele, segurando o braço do marido com força.

Aidan manteve a arma apontada, observando cada movimento. Jonah se aproximou da carroça, a expressão séria.

-Abram o baú na parte de trás da carroça. Agora! - ordenou Jonah, a voz carregada de ameaça.

-Por favor, estamos apenas transportando mercadorias para a cidade - respondeu o homem, a voz trêmula.

-Abram o baú! - Jonah repetiu, desta vez com mais ênfase, apontando a arma diretamente para o homem.

O homem obedeceu, desceu da carroça e, com mãos trêmulas, abriu o cadeado do baú. Sacos de batatas e alguns vegetais foram revelados. Aidan, frustrado, virou-se para Jonah.

-Droga, Jonah, isso é uma armadilha! Fomos enganados!

Antes que Jonah pudesse responder, o som de cascos de cavalos se aproximando ecoou ao redor. Aidan viu soldados federais rapidamente cercando-os. Um deles tinha Marcus como refém, enquanto um homem robusto, de cabelos curtos e bem cuidados, barba aparada e bigode imponente, emergiu do grupo. Vestia um terno azul escuro e tinha uma expressão grave.

-Bem, bem, o que temos aqui? Parece que pegamos vocês em flagrante, meus amigos - disse o homem, revelando-se como Percival Winslow. - E vejo que capturamos o ilustre Jonah O'Dell. Um prazer finalmente conhecê-lo. E estou surpreso que finalmente tenham caído em minhas mãos, seu bando de trapaceiros.

Jonah ergueu uma sobrancelha, mantendo sua postura relaxada apesar da situação tensa. Ele respondeu com uma voz suave, mas firme.

-Meu caro senhor, não faço ideia do que está falando. Nunca ouvi falar desse Jonah O'Dell. Acho que houve um engano.

Winslow esboçou um sorriso cínico, balançando a cabeça em desdém.

-Oh, não se faça de tolo, O'Dell. Vocês roubaram o meu banco, me causando um prejuízo gigante, e isso é algo que não passarei despercebido. Eu estava começando a achar que nunca os encontraria, mas aqui estão vocês, entregues de bandeja.

Jonah manteve sua compostura, respondendo com uma tranquilidade que contrastava com a agitação ao redor.

-Desculpe desapontá-lo, mas não roubei nenhum banco. O senhor deve estar confundindo nossa humilde operação com alguma outra coisa. Estamos apenas tentando sobreviver neste mundo difícil como qualquer um.

Winslow franziu o cenho, visivelmente irritado com a negação de Jonah.

-Poupe-me dos seus joguinhos, O'Dell. Conheço suas artimanhas. Não é à toa que meu banco estava repleto de títulos desaparecidos. E agora, você e seus comparsas vão pagar por isso.

Enquanto Winslow continuava a falar, Aidan, percebendo a gravidade da situação, agiu rapidamente. Com movimentos rápidos, ele sacou seu revólver, mirando no homem que mantinha Marcus como refém. Um único disparo ecoou pelo ar, atingindo o homem e permitindo que Marcus se libertasse, com o agente caído, Marcus pegou a arma dele e disparou contra outros dois agentes que estavam logo atrás.

Um tiroteio irrompeu enquanto os homens de Winslow reagiam à ação repentina. Jonah e Aidan, acostumados a situações assim, responderam com precisão, trocando tiros com os federais enquanto tentavam ganhar terreno, e Marcus se juntou a eles.

Winslow, vendo a oportunidade de escapar, montou seu cavalo e se afastou rapidamente,



deixando para trás a confusão e o caos. As balas voavam acertando as árvores enquanto Jonah, e Aidan mantinham sua precisão. Após um intenso confroto, os fderais já haviam morrido, e os poucos que restaram, fugiram.

Aidan estrassado, caminhava entre os corpos.

-Merda Jonah... isso foi mais uma armadilha.

Jonah com um olhar sério e fixo apenas disse duas palavras.

-Ezra Dawson.

-Aquele psicopata filho da puta - disse Aidan, guardando sua pistola no coldre. - Ele vai pagar pelo que fez conosco.

Marcus, com um olhar cansado e respiração pesada, se aproximou.

-Como... como assim... o... o que ele fez?

Aidan e Jonah trocaram olhares, e apenas mandaram Marcus os seguir.

Quando chegaram ao acampamento, os olhares curiosos de todos do bando se voltaram para eles.

Aidan, Jonah e Marcus estavam ensanguentados e exaustos.

-Jonah, Aidan! - exclamou Will. - Está tudo certo?

Michael se aproximou, a preocupação estampada no rosto.

-O que aconteceu lá?

Jonah desmontou do cavalo, o cansaço visível em seus olhos.

-Fomos traídos... de novo.

-O quê?! - exclamaram em coro Jason, Michael e Samuel.

Jason, com a mão no coldre, se aproximou.

-Quem foi o filho da puta?

Jonah se aproximou, sua voz carregada de frustração.

-Ezra Dawson... aquele filho da puta.

O acampamento ficou em silêncio, cada um processando a gravidade da situação. Aidan apertou os punhos, sua raiva fervendo sob a superfície.

-Ele nos armou uma cilada. Percival Winslow estava esperando por nós. Agora, estamos em guerra.

Will olhou para os dois, tentando entender a magnitude do que acabara de acontecer.

-O que faremos agora? - perguntou, a voz carregada de incerteza.

Jonah olhou para seu bando, seus olhos brilhando com uma determinação feroz.

-Vamos revidar. Vamos mostrar a eles que não somos um bando qualquer. Ninguém mexe com o bando O'Dell.

Aidan se afastou do tumulto do acampamento, precisando de um momento de paz. Caminhou até a beira do lago, sentando-se na grama. O silêncio ao seu redor parecia amplificar o som da água tocando suavemente a margem. Ele olhou para o lado e viu uma flor, branca e azul. A visão da flor trouxe uma enxurrada de memórias de Elizabeth, enchendo seus olhos de lágrimas.

Enquanto segurava a flor, ele ouviu passos suaves se aproximando. Emillie Roberts se sentou ao seu lado, observando-o com preocupação.

-Aidan, por que você está chorando, segurando essa íris? - perguntou ela, a voz suave e curiosa.

Aidan olhou para a flor em suas mãos, confuso.

-Íris? O que é isso?

-É o nome dessa flor - explicou Emillie. - Jason roubou alguns livros de Jonah pra mim porque eu queria aprender a ler. Comecei a ler sobre plantas, e essa é uma íris, de uma coloração que eu nunca havia visto, branca e azul.

Aidan suspirou, o peso das lembranças visível em seu rosto.

-Foi exatamente uma dessas que eu dei a Elizabeth... bom, antes dela... você sabe.

Emillie assentiu, compreendendo a dor em suas palavras. Eles ficaram em silêncio por um momento, a tranquilidade do lago oferecendo um breve alívio.

-Aidan, você tem medo da morte? - perguntou Emillie de repente, a voz hesitante.

Aidan pensou por um momento antes de responder, olhando para o horizonte.

-Em outros momentos da minha vida, não. Mas agora... agora eu tenho medo. Porque sei que sou um pecador. Sei que há coisas que fiz que não posso desfazer.

Emillie olhou para ele, a compreensão e a empatia em seus olhos.

-Aidan, todos nós temos nossos demônios. Mas você não está sozinho. Estamos todos lutando, de

uma forma ou de outra. E talvez, apenas talvez, possamos encontrar uma forma de redenção juntos.

Aidan suspirou, sentindo o peso de suas palavras.

-Você acredita mesmo nisso, Emillie? Que há redenção para gente como nós? Depois de tudo que fizemos?

Emillie pensou por um momento, olhando para o reflexo do sol no lago.

-Eu acredito que, enquanto estamos vivos, há sempre uma chance de mudarmos, de fazermos algo bom. Não podemos apagar o passado, Aidan, mas podemos escolher o que fazemos daqui em diante.

Aidan soltou um leve sorriso, tocado pela sinceridade dela.

-Às vezes, eu sinto que estou muito longe para ser salvo. Tudo o que fiz... cada decisão, cada erro. Parece que só estou afundando mais e mais.

-Ninguém está além da salvação, Aidan - disse Emillie, com firmeza. - Às vezes, as pessoas que parecem mais perdidas são as que mais precisam de redenção. E quem sabe? Talvez ajudar outros a encontrar seu caminho também ajude você a encontrar o seu.

Aidan ficou em silêncio, absorvendo suas palavras. Finalmente, ele olhou para Emillie, sua expressão suavizando.

-Obrigado, Emillie. Suas palavras... significam mais do que você imagina.

-Não precisa me agradecer, Aidan. Apenas... lembre-se que estamos todos juntos nessa. E enquanto estivermos, sempre haverá esperança.

Eles se sentaram em silêncio por mais um momento, lado a lado, sentindo a presença um do outro como um lembrete de que, mesmo nos tempos mais sombrios, a conexão humana podia oferecer um raio de luz.

## — CAPÍTULO QUATORZE —

### Vingança, o Estilo do Oeste

“Ezra Dawson fez o impensável. Aquele desgraçado nos vendeu para o maldito do Winslow. Pensou que podia nos enganar, nos trair como se fôssemos idiotas. Mas ele vai pagar por isso, eu juro por tudo que é sagrado. Jonah também está com ódio no coração, e agora, os demônios que ele enviou em tantas cobranças sujas estão vindo cobrar dele. O inferno não tem fúria como a nossa vingança.”

Aidan se levantou, guardou seu diário na sua bolsa, e caminhou em direção ao centro do acampamento, onde o bando estava agitado com a preparação para matar os Dawson.

-Jonah! Jonah! Preciso falar com você - Adeline anunciou, a urgência em sua voz fazendo ele virar imediatamente.

-O que foi, Adeline?

-O Jeremiah... - começou Adeline, tomando um momento para recuperar o fôlego - ele foi sequestrado por homens de Ezra Dawson...

Jonah franziu o rosto, a preocupação rapidamente se transformando em indignação.

-O quê? - disse ele, a voz carregada de raiva. - Como?

-Eu... eu não sei... Eu fui procurar ele na cidade. Vi ele num saloon, jogando de novo, aí uns homens se aproximaram e disseram que eram capangas dos Dawson. Eles o levaram enquanto eu assistia sem poder fazer nada...

Jonah socou o punho contra a mão, seus olhos ardendo com uma fúria contida.

-Esses filhos da puta... Eles acham que podem nos quebrar? Vamos mostrar a eles o erro que cometeram. Eles vão pagar por isso, com sangue.

Aidan colocou a mão no ombro de Jonah, tentando acalmá-lo.

-Relaxa Jonah, hoje isso acaba.

-Todos vocês, escutem bem! - anunciou Jonah, chamando a atenção de todos. Ele estava de pé no centro do acampamento, sua voz firme e carregada de determinação. - Eu, Aidan, Michael, Koda, Sean, Will, e Samuel vamos resgatar o Jeremiah e acabar com o Ezra. Roy, Marcus, vocês ficam aqui e cuidam do restante do bando.

Aidan observou enquanto Jonah falava.

-Vamos lá, pessoal! Preparem-se! - disse Aidan, dando um passo à frente. - Vamos mostrar a esses desgraçados o que acontece quando se mexe com a gente.

Michael, Koda, Sean, Will, e Samuel começaram a se preparar, verificando suas armas e montando seus cavalos.

-Vamos, então - disse Jonah, montando seu cavalo.

Enquanto cavalgavam, o céu estava nublado e pesado. O grupo avançava em silêncio, cada um concentrado em seus próprios pensamentos, mas unidos pela causa comum. À medida que se aproximavam da propriedade dos Dawson, o clima ficava ainda mais tenso.

A grande mansão branca dos Dawson surgiu no horizonte, imponente e opressiva contra o cenário cinzento. As colunas coloniais e as amplas varandas pareciam frias, e calmas, apenas com o amarelado brilho das lamparinas de dentro da mansão. O grupo desacelerou, alinhando-se lado a lado, formando uma fileira enquanto avançavam pela longa estrada que levava até a entrada principal, atravessando por longos campos de trigo. Jonah estava no centro, seus olhos fixos na mansão. Aidan estava à sua direita, a mandíbula cerrada. Michael, Koda, Sean, Will, e Samuel formavam os flancos, prontos para qualquer eventualidade.

Quando chegaram ao portão da mansão, Jonah levantou a mão, sinalizando para pararem. Ele desceu do cavalo, seguido pelos outros, e juntos caminharam em direção à entrada.

-Vamos acabar com isso - respondeu Jonah, seus olhos fixos na mansão. - Pelo Jeremiah.

Eles se aproximaram da porta principal, e Jonah bateu com força, o som ecoando pela casa. Houve um momento de silêncio, seguido por passos pesados do outro lado. A porta se abriu lentamente, revelando um capanga dos Dawson, que os olhou com surpresa antes que Jonah o empurrasse de

lado e entrasse.

Aidan e os outros seguiram, suas armas prontas. A mansão estava silenciosa, mas a tensão era alta. Eles se moveram pelos corredores amplos e elegantemente decorados.

-Ezra Dawson! - gritou Jonah, no hall de entrada, sua voz ecoando pelas paredes. - Saia e enfrente seu destino, seu traidor miserável!

O silêncio foi quebrado por passos apressados no andar de cima e nos quartos ao redor. Jonah e Aidan subiram rapidamente as escadas, enquanto os outros exploravam os quartos de baixo. De repente, uma chuva de balas começou, pegando o bando de surpresa e acertando em cheio Will, que caiu com impacto.

-Merda! - gritou Aidan, buscando cobertura atrás de uma coluna. Jonah fez o mesmo, retornando fogo na direção dos atiradores.

-Will está caído! - gritou Sean, enquanto disparava contra os homens de Ezra. Michael correu para ajudar Will, mas mais tiros os forçaram a recuar.

-Temos que avançar! - gritou Jonah. - Koda, contorne pela direita!

Koda acenou e correu, mantendo-se baixo enquanto se movia. Aidan continuou atirando, seus tiros precisos derrubando dois dos homens de Ezra. O som das balas ecoava pela mansão, misturado com gritos e o barulho de móveis sendo derrubados.

Samuel e Sean estavam próximos de Will e reagiram instantaneamente. Samuel se abaixou para cobrir Will enquanto Sean disparava contra os atacantes, buscando criar uma cobertura suficiente para permitir que Aidan e Jonah avançassem. O tiroteio ecoava pelos corredores da mansão, o som das armas misturando-se ao estampido dos tiros e aos gritos de ordem e dor.

-Ezra! - gritou Jonah novamente. - Saia e enfrente-nos!

Do andar de cima, uma voz respondeu.

-Vocês estão mortos, O'Dell! Vocês e todos os seus malditos homens!

Aidan avançou, disparando contra os atiradores no andar de cima. Ele se moveu rapidamente, subindo os degraus dois a dois. Ao chegar no topo, viu Jeremiah amarrado a uma cadeira, com um corte na testa. Ele correu até ele, desamarrando-o enquanto mais tiros ecoavam.

-Você está bem? - perguntou Aidan, ajudando Jeremiah a se levantar.

-Vou ficar - respondeu Jeremiah, embora claramente enfraquecido.

Jonah e os outros avançaram, empurrando os atiradores de volta para dentro dos quartos. A luta era intensa, mas o bando de O'Dell não recuava. Aidan, com Jeremiah a seu lado, se juntou aos outros enquanto eles pressionavam os homens de Ezra para um canto.

De repente, Ezra apareceu no corredor, com uma pistola na mão.

-Acabou, Jonah! - gritou ele.

-Para você, talvez - respondeu Jonah, atirando.

O tiro pegou Ezra no ombro, fazendo-o recuar. Antes que ele pudesse reagir, Aidan disparou, acertando Ezra no peito. O traidor caiu no chão, deixando escapar um último suspiro.

O tiroteio cessou, os últimos homens de Ezra rendidos ou mortos. Jonah se aproximou de Ezra, olhando para o corpo.

-Vamos sair daqui - disse Aidan, colocando uma mão no ombro de Jonah.

-Sim - respondeu Jonah. - Vamos levar nossos homens para casa.

Entendo, posso ajudar com uma narrativa que não promove violência explícita. Vamos continuar de uma forma mais adequada.

Aidan e Michael levantaram Will, que gemia de dor, enquanto o som de cavalos ecoava do lado de fora. Uma voz gritou ao longe:

-Ezra Dawson! Saia agora! - era Henry Walton.

Jonah ergueu as mãos em rendição, tentando apaziguar a situação.

-Dawson está morto! Não queremos mais violência! - exclamou ele, esperando que a razão prevalecesse.

Mas um dos capangas de Walton apontou para Jonah, reconhecendo-o.

-Esse é o homem que dizimou milhares dos nossos no confronto anterior com Henry! - acusou ele, enquanto tensionava o gatilho de sua arma.

Aidan, ao lado de Jonah, tentou manter a situação sob controle.

-Olhe, nós não queremos mais derramamento de sangue. Dawson era um problema para todos nós. Podemos resolver isso de outra forma - disse Aidan, com um tom conciliatório, esperando

que seus esforços fossem ouvidos.

Jonah assentiu, mantendo-se calmo apesar da tensão no ar.

-Henry, Dawson pagou por seus crimes. Não precisamos de mais mortes hoje - argumentou Jonah, buscando um acordo pacífico.

Mas a atmosfera estava carregada, e os homens de Walton estavam decididos. O capanga continuou apontando a arma para Jonah, seus olhos cheios de raiva.

-Pagou? Dawson merece mais que isso! E vocês vão pagar junto com ele! - exclamou o capanga, sua voz ecoando pelo corredor da mansão.

Aidan trocou olhares com Samuel e Michael, vendo que a situação estava se deteriorando rapidamente.

-Samuel, Michael, levem o Will para fora. Precisamos nos proteger! - ordenou Aidan em um sussurro rápido.

Enquanto Samuel e Michael se moviam para escoltar Will para longe do perigo, os homens de Walton começaram a se agitar, preparando-se para abrir fogo. O tiroteio parecia iminente, cada lado tenso e pronto para o confronto.

-Não precisamos fazer isso! - gritou Jonah mais uma vez, sua voz ecoando desesperadamente pelos corredores vazios da mansão.

Mas foi em vão. O primeiro tiro ecoou pelo ar, seguido por uma sucessão de disparos enquanto a batalha se iniciava. Jonah e Aidan reagiram rapidamente, procurando cobertura e devolvendo o fogo com precisão, tentando conter a violência que se desencadeava.

Jonah e Aidan lideravam o contra-ataque, disparando com precisão enquanto se moviam de cobertura em cobertura. Os homens de Walton, determinados e furiosos, retaliavam com uma chuva incessante de tiros.

Samuel e Michael conseguiram levar Will para um local mais seguro, mas a batalha ainda rugia ao redor deles.

Sean e Koda se mantinham firmes ao lado de Jonah, formando um perímetro defensivo enquanto tentavam avançar contra o inimigo.

-Mantenham a pressão! Não vamos recuar! - gritou Jonah, sua voz ecoando pelos campos de trigo. Aidan, concentrado e determinado, avançou com precisão, abatendo um a um dos capangas de Walton que tentavam flanqueá-los. O cheiro de pólvora e o gosto de adrenalina preenchiam o ar enquanto o confronto se intensificava.

-Samuel, Michael, mantenham Will seguro! - ordenou Aidan em meio ao tumulto, sua voz firme apesar do caos ao redor.

Enquanto os disparos ecoavam, os homens de Walton começaram a recuar, percebendo que estavam perdendo. A resistência dos Walton estava se desintegrando rapidamente diante da determinação impiedosa do bando de Jonah.

-Vamos, acabem com isso! - exclamou Jonah, avançando com Sean ao seu lado.

Eles pressionaram os últimos resistente, forçando-os a recuar para os cantos mais escuros dos campos.

Finalmente, o tiroteio cessou. Os últimos homens de Walton renderam-se ou foram neutralizados. Jonah olhou ao redor, o rosto marcado pela tensão e pelo cansaço da batalha. Aidan se aproximou, colocando uma mão em seu ombro em um gesto de solidariedade silenciosa.

-Está feito, Jonah. Os Dawson pagaram pelo seus crimes... e os Walton também - disse Aidan, sua voz calma contrastando com o tumulto recente.

Jonah respirou fundo, olhando para o corpo caído de Ezra Dawson.

-Não! Esse desgraçado merece mais uma coisa.

Jonah olhou ao redor. Seus olhos encontraram uma lâmpada a óleo pendurada próxima à porta de entrada da mansão dos Dawson. Com um gesto rápido e determinado, ele mirou cuidadosamente e disparou, acertando a lâmpada em cheio. O vidro estilhaçou com o impacto, espalhando óleo inflamável sobre o chão de madeira polida.

Em um piscar de olhos, as chamas se espalharam pelo pavimento, consumindo o combustível e consumindo tudo vorazmente pela entrada da mansão. O fogo se espalhou rapidamente, alimentado pela madeira seca e pelos móveis antigos. O calor se intensificou, transformando a mansão em um inferno crepitante.

Jonah não hesitou. Com um olhar frio, ele gritou para seu bando.

-Vamos sair daqui! Rápido!

Os homens de Jonah se retiraram precipitadamente, escapando dos estalos das chamas e da fumaça sufocante que começava a encher os corredores. Jonah liderou o caminho, seus passos rápidos e determinados enquanto a mansão ardia atrás deles, consumida pelas labaredas vorazes que iluminavam a noite escura como um farol de vingança.

O bando parou no lado de fora. Sean quebrou o silêncio tenso.

-E agora, Jonah?

Jonah olhou para o horizonte, onde as primeiras luzes do amanhecer começavam a clarear o céu escuro.

-Vamos voltar para casa. Nossos homens precisam de descanso - respondeu ele com firmeza, liderando o bando para fora do terreno dos Dawson. Eles deixaram para trás o cenário de destruição e conflito, marcado pelas chamas dançantes que devoravam o que restava da mansão. Enquanto caminhavam de volta aos seus cavalos, o silêncio substituiu os sons de guerra. Cada passo era pesado, carregado não apenas pelo cansaço físico, mas pela carga emocional que o confronto deixara em cada um deles.

E assim, eles partiram, deixando para trás os vestígios de um confronto sangrento.

## — CAPÍTULO QUINZE —

### Roubando Ricos, Ficando Pobres

O amanhecer pintava o céu com tons suaves enquanto o bando de Jonah retornava ao acampamento. O silêncio pesado acompanhava cada um dos homens, marcados pela recente batalha. Ao chegarem, a atividade no acampamento aumentou rapidamente. Will foi levado para uma mesa improvisada, onde Adeline e Emillie correram para prestar auxílio.

Jonah desmontou de seu cavalo com movimentos lentos e pesados. Seus ombros estavam caídos, o rosto marcado por linhas profundas de preocupação e exaustão. Os olhos, normalmente brilhantes de determinação, estavam agora opacos e sombrios. Ele esfregou a testa suada, os dedos trêmulos traindo sua tentativa de manter a compostura.

-Temos que roubar o banco hoje - disse Jonah, sua voz firme, mas carregada de uma intensidade quase desesperada.

Os membros do bando pararam, surpresos e confusos. O choque e a preocupação eram evidentes em seus rostos.

-Você está louco, Jonah? Não agora - disse Aidan, aproximando-se. - Estamos todos exaustos e feridos. Precisamos de tempo para nos recuperar.

-Precisamos de dinheiro, Aidan. Esse será o nosso último golpe. Depois disso, vamos pro oeste, e quem quiser sair do bando, que saia agora - respondeu Jonah, a raiva e a determinação misturando-se em sua voz. Ele encarou Aidan com um olhar penetrante. - Se você acha que é melhor que todos aqui, pode sair.

Aidan ficou confuso, balançando a cabeça lentamente.

-Eu nunca quis abandonar o bando, Jonah. Só acho que não é a hora certa para isso.

Jonah respirou fundo, a tensão em seus músculos visível. Ele fechou os olhos por um momento, tentando acalmar a tempestade interna. Quando falou novamente, sua voz era mais suave.

-Desculpe, Aidan. Estou só... estou só cansado. Mas precisamos fazer isso.

Roy, que estava próximo, aproveitou a oportunidade para se aproximar, seus olhos brilhando com uma intensidade quase febril.

-Jonah, talvez a gente possa fazer mais do que só roubar o banco - sugeriu Roy, sua voz baixa mas carregada de insinuações. - E se a gente sequestrar o gerente do banco? Ele deve saber onde está o dinheiro dos ricos da cidade. A gente pega ele e força a dizer tudo.

Aidan, percebendo a insinuação de Roy, retrucou imediatamente.

-Isso é loucura, Roy. Vamos nos enfiar num buraco ainda mais fundo. Estamos tentando sair dessa vida, não complicá-la mais.

Roy deu de ombros, um sorriso malicioso no rosto.

-Só estou dando ideias. A gente precisa de um bom plano, não é? Esse banco é o nosso bilhete de saída.

Jonah, visivelmente perturbado, olhou de Roy para Aidan, a confusão nítida em seus olhos cansados.

-Eu entendo, Aidan, mas... talvez Roy tenha razão. Precisamos pensar em todas as possibilidades. Aidan ficou perplexo, a frustração evidente em seu rosto.

-Jonah, isso não é uma boa ideia. Não agora. Estamos exaustos e vulneráveis.

Jonah respirou fundo novamente, a tensão visível em cada linha de seu rosto.

-Precisamos de dinheiro, Aidan. E rápido, os federais estão fechando o cerco, e eu não sei mais o que fazer.

Aidan assentiu, embora ainda preocupado.

-Tudo bem, Jonah. Estou com você. Mas precisamos ser cuidadosos. Não podemos nos dar ao luxo de mais erros.

Jonah olhou para o horizonte, a determinação voltando a endurecer seus traços.

-Vamos fazer isso. Por nós. Por todos que perdemos.

O bando, ainda confuso e hesitante, começou a se preparar. A incerteza e a tensão pairavam no ar, mas a decisão estava tomada. Eles seguiriam Jonah, mesmo que isso os levasse a um futuro incerto.

O bando começou a se preparar para o roubo do banco, com cada membro verificando suas armas e se certificando de que estavam prontos para a missão. O acampamento estava em um frenesi controlado, cada um sabendo que precisavam dar o seu melhor para que aquele golpe fosse um sucesso.

Isabella, determinada, se aproximou de Jonah, que estava concentrado enquanto verificava sua pistola.

-Jonah, eu quero ir também - disse ela, a determinação evidente em seus olhos.

Jonah suspirou, sem levantar o olhar.

-Nós já conversamos sobre isso, Isabella.

-Sim, eu sei - respondeu ela, sua voz ganhando urgência. - Mas você viu que eu era capaz no assalto ao trem. E desde então, você nunca mais me deixou participar de nenhuma ação.

Jonah finalmente levantou o olhar, visivelmente exausto e tentando manter a paciência.

-Isabella, não é uma questão de capacidade. É uma questão de segurança.

-Eu entendo - insistiu ela. - Mas eu tenho treinado. Como a Emillie se aproximou do Jason, ela convenceu ele de me ensinar, e me convenceu a aprender mais. E eu aprendi. Estou pronta.

Jonah olhou para ela, a tensão evidente em seu rosto. Ele sabia que Isabella era determinada e capaz, mas a preocupação com a segurança do bando sempre pesava em suas decisões.

Depois de um momento de silêncio, Jonah respirou fundo.

-Muito bem, Isabella. Mas você fica perto de mim o tempo todo. Entendeu?

Isabella sorriu, aliviada e agradecida.

-Entendido, Jonah. Obrigada.

Enquanto isso, Aidan se afastou da agitação do acampamento e foi até sua barraca. Ele se deitou na cama improvisada, fechando os olhos por um momento. A exaustão física e mental pesava sobre ele, e ele sabia que precisava de um pouco de descanso antes do grande golpe. Mesmo com a tensão no ar, ele tentou relaxar, deixando seus pensamentos se acalmarem enquanto esperava a hora de agir.

Ao pegar no sono, Aidan encontrou-se subitamente imerso em um sonho estranho e vívido, onde se via em um cenário florestal exuberante e sereno. A luz dourada do sol filtrava-se através das copas das árvores, pintando o chão de sombras suaves. Ele se viu como um espectador, observando uma clareira onde vários animais se reuniam silenciosamente.

No centro da clareira, um majestoso cervo erguia sua cabeça, suas galhadas imponentes capturando os raios do sol. Ao seu redor, outros animais estavam presentes, cada um com suas características distintas: um lobo, um corvo, um urso, e outros mais. O clima no ar era de expectativa, como se algo significativo estivesse prestes a acontecer.

O cervo, de alguma forma, parecia ser o líder silencioso do grupo. Seus olhos expressavam sabedoria e uma serenidade profunda. Aidan, como espectador, sentiu uma conexão inexplicável com aquele cervo, como se devesse algo a ele, ou como se fosse parte dele de alguma forma.

Então, de repente, a tranquilidade da cena foi interrompida por um movimento agitado nos arbustos ao redor da clareira. Um animal pequeno, um coelho, surgiu correndo desesperadamente, como se fugisse de algo terrível. O cervo ergueu a cabeça, alerta, enquanto os outros animais se preparavam para o que quer que estivesse por vir.

Sem aviso, um estrondo ecoou pela clareira. Aidan viu, horrorizado, o coelho cair de repente, atingido por um disparo. O cervo virou-se instantaneamente para encarar a fonte do ruído, mas antes que pudesse reagir, outro disparo ecoou, e o cervo foi atingido em cheio no peito. A cena se desfez em caos enquanto os outros animais tentavam desesperadamente se proteger.

-Aidan! - a voz de Jonah ecoou em seus ouvidos, enquanto ele era sacudido acordado. - Acorde, estamos prontos para partir.



Aidan abriu os olhos, o coração ainda batendo acelerado, a sensação do sonho ainda vívida em sua mente. Ele olhou para Jonah, que estava ao seu lado, e se levantou, tentando afastar a inquietação que a visão deixara. Sabia que algo sombrio estava por vir, mas por ora, tinha que focar na realidade à sua frente.

Aidan se levantou, ajustando o coldre e pegando a cartucheira que contornava seu corpo do ombro à cintura. Ele seguiu Jonah, observando que todos já estavam em seus cavalos, até mesmo Isabella, que vestia uma blusa azul marinha, um chapéu de Jason, botas de Will e uma pistola velha de Michael. Jonah olhou ao redor, certificando-se de que todos estavam prontos.

O sol começava a surgir no horizonte, lançando uma luz dourada sobre o acampamento. Aidan sentiu um frio na espinha, o peso da missão que estavam prestes a empreender apertando seu peito. Jonah montou em seu cavalo, virando-se para o grupo. Sua voz ecoou pelo acampamento, firme e determinada

-Vamos, pessoal. Esta é nossa chance. Nosso último golpe. Precisamos ser rápidos e precisos – Jason, Koda vocês ficam rodeando o acampamento, não deixe ninguém se aproximar até que voltemos. E custe o que custar, cuidem do Will.

Os membros do bando assentiram, seus rostos sérios e determinados. Cada um sabia o que estava em jogo e o perigo que corriam. Isabella, sentada com firmeza em seu cavalo, deu um último ajuste na pistola em seu coldre, seus olhos brilhando com determinação.

Jonah puxou as rédeas, fazendo seu cavalo avançar. Aidan seguiu logo atrás, mantendo um olhar atento em todos ao redor.

O som dos cascos dos cavalos ecoava no silêncio da manhã, um lembrete constante da tensão que pairava no ar.

Enquanto cavalgavam, Aidan não pôde deixar de se preocupar com o sonho que tivera. Ele se perguntou se era um presságio, um aviso do que estava por vir. Mas ele afastou esses pensamentos, concentrando-se na tarefa à frente. Não havia espaço para dúvidas ou distrações.

Eles seguiram pela trilha, o caminho já conhecido por todos. Jonah liderava com confiança, seus olhos fixos no horizonte. Aidan podia sentir a intensidade do momento, a eletricidade no ar enquanto se aproximavam do banco.

Sean, montado ao lado de Aidan, lançou um olhar travesso para Marcus e Michael, tentando aliviar a tensão que sentiam.

--Ei, Aidan, apostei com o Marcus que você vai ser o primeiro a desmaiar de medo - disse Sean, um sorriso malicioso no rosto.

Aidan riu, balançando a cabeça.

-Ah, é? E eu aposto que você vai ser o primeiro a correr gritando como uma menina - respondeu ele, sua voz carregada de camaradagem.

Marcus entrou na conversa, um brilho de humor nos olhos.

-Parem de implicar, crianças. Todos sabemos que o verdadeiro covarde aqui é o Michael. Aposto que ele nem lembra como se segura uma arma.

Michael, fingindo indignação, retrucou:

-Ei, eu sei muito bem como segurar uma arma, obrigado! Só porque a minha pistola é velha não significa que eu não saiba usá-la.

Eles riram juntos, o som descontraído aliviando um pouco da tensão que pairava sobre eles. O medo ainda estava presente, mas, por um momento, a amizade e a brincadeira ajudaram a mantê-lo à distância.

Então, Roy apareceu, seu olhar frio e provocador. Ele sorriu de maneira ameaçadora, tentando perturbar o grupo.

-Vocês parecem muito confiantes para um bando de mortos de fome. Talvez eu devesse lembrar a todos quem realmente manda aqui.

Sean olhou para Roy, os olhos cheios de desprezo, e respondeu sem hesitar:

-Ah, vai se ferrar, Roy. Ninguém aqui liga para as suas ameaças. Se quiser falar, fale com as balas. Os outros riram e concordaram, apoiando a resposta de Sean. Roy estreitou os olhos, mas não disse mais nada. Ele sabia que, pelo menos por agora, não conseguia abalar a determinação do grupo. Michael, acelerou, enquanto Isabella num tom quase sutil, desacelerou.

Isabella, ajustando a pistola em seu coldre, lançou um olhar de relance para Michael, um sorriso leve brincando em seus lábios.

-Essa é a sua velha confiável, não é? - ela perguntou, com um tom casual, mas seus olhos revelando algo mais profundo.

Michael assentiu, olhando para a pistola com um misto de orgulho e nostalgia.

-Sim, ela já viu muitas coisas. Está comigo desde o começo.

Isabella olhou para ele, seus olhos azuis encontrando os dele.

-Você sabe, Michael, sempre admirei sua habilidade com armas. E com tudo mais, na verdade.

Michael se sentiu um pouco desconfortável com o elogio, mas a gratidão brilhava em seu rosto.

-Obrigado, Isabella. Significa muito vindo de você.

Eles trocaram um sorriso tímido antes de retomar a postura séria, focados na missão iminente.

Enquanto isso, Aidan observou Samuel, montado ao seu lado. Samuel sempre fora reservado, um homem de poucas palavras, mas Aidan sentiu uma necessidade súbita de quebrar esse silêncio.

-Samuel, como você está se sentindo sobre tudo isso? - perguntou Aidan, sua voz carregando uma sinceridade que raramente demonstrava.

Samuel olhou para Aidan, seus olhos escuros revelando uma mistura de preocupação e determinação.

-A verdade? Estou com medo, Aidan. Esta não é nossa primeira vez, mas algo neste golpe parece diferente. Mais perigoso.

Aidan assentiu, compreendendo.

-Eu também sinto isso. Mas estamos juntos nisso. Você é importante para este grupo, Samuel, mesmo que não fale muito. Sua presença é reconfortante.

Samuel baixou o olhar por um momento antes de responder, sua voz calma e firme.

-Sempre estarei aqui quando precisar, Aidan. Não precisa de palavras para saber que estou do seu lado.

Aidan sentiu um nó na garganta, emocionado com a sinceridade de Samuel.

-Obrigado, meu amigo. Isso significa muito para mim.

Aidan nunca havia estado em Montclair, uma cidade ferroviária e industrial de ruas pavimentadas, e ao chegarem, ele ficou maravilhado. A visão das chaminés soltando fumaça no horizonte, as máquinas e ferrovias entrelaçadas por toda a cidade, tudo isso era novo para ele. Era uma paisagem de progresso e poder, uma imagem tão impressionante quanto intimidadora.

Ao se aproximarem do centro da cidade, o bando desacelerou, movendo-se com cuidado pelas ruas ainda desertas. Jonah fez um sinal, indicando que deveriam se dividir. Aidan e Isabella seguiram para a parte traseira do banco, enquanto Jonah e os outros se posicionaram na entrada principal.

A tensão era palpável. Aidan sentiu seu coração acelerar enquanto esperava o sinal de Jonah. Ele olhou para Isabella, que estava ao seu lado, e viu a mesma determinação em seus olhos. Ela estava pronta. Todos estavam.

O sinal de Jonah veio. Em um movimento sincronizado, o bando invadiu o banco, suas armas em punho. Aidan sentiu a adrenalina correr por suas veias, seu corpo reagindo automaticamente. Eles tinham apenas um momento para fazer tudo certo.

Dentro do banco, o caos se instalou rapidamente. Clientes e funcionários foram rendidos, jogados ao chão sob a mira de armas. Aidan e Isabella tomaram suas posições, enquanto Jonah se dirigia ao gerente com firmeza, exigindo que ele revelasse o local do cofre.

-Todos no chão! - gritou Jonah, sua voz ecoando pelo salão do banco. - Isso é um assalto! Colaborem e ninguém se machuca!

Aidan se posicionou perto da entrada, mantendo a vigilância. Tudo parecia estar indo conforme o plano, mas ele não conseguia se livrar da sensação de que algo estava prestes a dar errado. Ele olhou ao redor, atento a qualquer sinal de perigo.

Isabella, ao lado de Aidan, mantinha sua arma firme, seus olhos atentos a qualquer movimento. Ela se virou para Aidan, sussurrando:

-Estamos prontos para qualquer coisa. Não vamos deixar que nada dê errado.

Aidan assentiu, tentando se convencer de que poderiam sair dali inteiros. O tempo corria, e eles sabiam que precisavam ser rápidos.

Jonah, com a arma apontada para o gerente, ordenou:

-Abra o cofre. Agora!

O gerente, tremendo, se levantou lentamente e começou a caminhar em direção ao cofre. Jonah e

Roy o seguiram de perto, mantendo suas armas apontadas para ele. O resto do bando mantinha os olhos fixos nos reféns, prontos para qualquer reação.

Aidan sentiu o suor escorrer por sua testa enquanto observava a cena. Ele percebeu um movimento furtivo no canto do olho e se virou, vendo um dos clientes tentando se mover. Ele apontou sua arma, gritando:

-Não se mova!

O homem congelou, levantando as mãos em sinal de rendição. Aidan voltou sua atenção para a entrada do banco, sentindo a pressão aumentar a cada segundo.

O som do cofre sendo aberto ecoou pelo salão. Jonah e Roy começaram a pegar o dinheiro, enchendo sacolas com notas e moedas. A adrenalina corria alta, e cada movimento parecia durar uma eternidade.

De repente, o som de passos se aproximando rapidamente tirou Aidan de seus pensamentos. Ele se virou, vendo a figura de um oficial de polícia entrando no banco. Aidan ergueu sua arma, preparado para qualquer confronto.

-Polícia! Mãos ao alto! - gritou o oficial.

Aidan se moveu rapidamente, apontando sua arma para o oficial. Isabella se posicionou ao lado dele, pronta para apoiar.

-Não dê mais um passo! - gritou Aidan, sua voz firme e determinada.

O oficial hesitou, avaliando a situação. O tempo parecia parar enquanto todos aguardavam o próximo movimento. Jonah, percebendo a situação, se virou e gritou:

-Aidan, Isabella, saiam daí! Agora!

O bando começou a se mover rapidamente, recolhendo as sacolas de dinheiro e se preparando para a fuga. Aidan e Isabella recuaram lentamente, mantendo suas armas apontadas para o oficial.

-Vamos! - gritou Jonah, liderando o caminho para a saída.

Quando saíram do banco, o bando foi imediatamente confrontado por uma visão aterradora. A rua estava cercada por policiais, todos com armas em punho, prontos para disparar. Havia uma tensão quase palpável no ar, uma linha tênue entre vida e morte.

-Mãos ao alto! Vocês estão cercados! - gritou um dos oficiais.

Jonah ergueu as mãos, tentando ganhar tempo enquanto seus olhos avaliavam a situação. Ele olhou para Aidan, sua voz baixa e urgente.

-Temos que encontrar uma saída, agora!

Aidan assentiu, sua mente trabalhando freneticamente. Ele olhou ao redor, procurando qualquer rota de escape. Isabella manteve sua arma apontada, sua expressão tensa.

-Precisamos fazer um desvio - murmurou Aidan. - Vamos pela lateral.

Jonah fez um sinal para os outros, indicando que deveriam seguir Aidan. O bando começou a se mover lentamente, mantendo as armas levantadas, mas prontas para reagir a qualquer ameaça.

-Não façam nada estúpido! - gritou outro oficial, aproximando-se cautelosamente.

Jonah deu um passo à frente, sua voz calma mas firme.

-Não queremos machucar ninguém. Apenas queremos sair daqui.

-Isso não vai acontecer - respondeu o oficial. - Larguem as armas e se rendam!

Aidan, sentindo a pressão aumentar, fez um gesto para Isabella. Eles começaram a se mover pela lateral do banco, tentando evitar a linha de tiro dos policiais. O resto do bando os seguiu, mantendo uma formação apertada.

-Aidan, por aqui! - gritou Jonah, apontando para um beco estreito entre dois prédios.

Aidan liderou o grupo, correndo pelo beco enquanto os policiais tentavam se reposicionar. Tiros foram disparados, ricocheteando nas paredes de tijolos ao redor deles. O som era ensurdecedor, mas Aidan manteve o foco, guiando o bando através do labirinto de ruas estreitas.

-Não parem! - gritou Jonah, sua voz quase abafada pelos disparos.

O pânico se instalou enquanto o bando emergia do beco estreito, tentando alcançar seus cavalos. Mas antes que pudessem montar, o som de tiros preencheu o ar e os policiais surgiram de todas as direções, cercando o banco e as ruas ao redor.

-Estamos cercados! - gritou Jonah, puxando Aidan pelo braço. - Temos que fugir a pé!

O bando correu desesperadamente pelas ruas pavimentadas, buscando refúgio. Michael foi o último a sair do beco, e um tiro certeiro o atingiu no peito. Ele caiu pesadamente no chão, ofegante, enquanto o caos se desenrolava ao seu redor.

-Michael! - gritou Aidan, voltando-se para ajudar seu amigo.  
Isabella soltou um grito de desespero, correndo até ele. Ela se ajoelhou ao lado de Michael, segurando sua mão enquanto lágrimas escorriam pelo rosto.  
-Por favor, fique comigo! - ela chorou, seu coração partido.  
Michael tentou falar, mas seus olhos estavam ficando vidrados. Jonah e os outros formaram um círculo, tentando proteger Isabella e Michael dos tiros.  
-Não temos tempo! Precisamos sair daqui! - gritou Jonah, a voz embargada. - Roy, pegue Isabella! Aidan, cubra-nos!  
Roy puxou Isabella, que resistiu, soluçando desesperadamente. Michael soltou um último suspiro antes de fechar os olhos para sempre.  
-Não! Eu não posso deixá-lo! - Isabella gritava, enquanto Roy a forçava a se levantar.  
-Ele se foi, Isabella! Precisamos ir agora! - disse Roy com firmeza, a dor evidente em seus olhos. O bando começou a subir nos telhados das casas próximas, usando escadas e saliências para escapar dos tiros dos policiais. Eles correram de telhado em telhado, suas sombras movendo-se rapidamente contra o céu noturno.  
Finalmente, avistaram uma casa grande e bem cuidada, com janelas iluminadas. Jonah liderou o grupo, forçando a entrada pela janela do segundo andar. Eles caíram no quarto de uma família, pegando todos de surpresa.  
Aidan segurou sua arma firme, movendo-se rapidamente para render os ocupantes. Havia um homem de meia-idade, alto e robusto, com cabelos grisalhos e olhos cheios de medo. Ao seu lado, uma mulher mais jovem, com longos cabelos castanhos e expressão de choque. Entre eles, dois filhos, uma menina de cerca de oito anos com cabelos cacheados e olhos arregalados, e um garoto de doze anos, segurando firmemente a mão da mãe.  
-Fiquem calmos e ninguém se machuca! - gritou Jonah, sua voz autoritária. - Só queremos um lugar para nos esconder até a poeira baixar.  
O homem deu um passo à frente, tentando proteger sua família.  
-Por favor, não machuquem meus filhos - ele disse, sua voz trêmula.  
-Se cooperarem, ninguém se machucará - respondeu Roy, empurrando o homem de volta.  
A mulher começou a chorar, abraçando seus filhos.  
-Por favor, façam o que eles dizem - ela sussurrou, olhando para o marido.  
Aidan olhou para Isabella, que estava visivelmente abalada, ainda chorando pela perda de Michael. Ele colocou uma mão em seu ombro, tentando oferecer algum consolo.  
-Vamos sair dessa, Isabella - disse ele suavemente. - Mas precisamos manter a calma.  
Enquanto os policiais cercavam a casa, o bando se preparava para o que poderia ser sua última batalha. A tensão era palpável, e a dor da perda de Michael pesava sobre todos eles. O som de passos e vozes lá fora indicava que os policiais estavam se aproximando.  
-Eles estão vindo - sussurrou Aidan, ajustando seu coldre e preparando sua arma. - Estamos prontos?  
Jonah assentiu, seus olhos brilhando com determinação.  
-Estamos. Vamos sair daqui vivos, custe o que custar.  
A tensão no ar era sufocante enquanto o bando se preparava para enfrentar os policiais que cercavam a casa. Do lado de fora, o som das ordens dos oficiais e o crepitar das botas marchando sobre as ruas pavimentadas aumentavam a ansiedade.  
-Fiquem juntos e não percam a calma! - ordenou Jonah, enquanto todos se posicionavam estrategicamente pela casa.  
A tempestade que se aproximava trouxe nuvens escuras, cobrindo o céu e lançando uma sombra sobre Montclair. Raios cruzavam o horizonte e trovões ecoavam, prenunciando a chuva torrencial que logo se seguiria.  
-Eles estão avançando! - gritou Roy, olhando pela janela.  
Os policiais começaram a atirar, e o som das balas quebrando janelas e perfurando paredes encheu a casa. O pânico crescia entre os reféns, que se encolhiam nos cantos, tentando se proteger.  
Marcus estava perto de uma janela, tentando encontrar uma boa posição para contra-atacar, quando uma bala o atingiu no ombro. Ele soltou um grito de dor e caiu no chão, segurando o ferimento ensanguentado.  
-Marcus! - exclamou Sean, correndo para ajudá-lo. Ele se ajoelhou ao lado de Marcus, seu rosto

contorcido de preocupação e desespero.

-Eu... eu vou ficar bem - murmurou Marcus, tentando disfarçar a gravidade do ferimento.

Sean segurou a mão de Marcus, seus olhos fixos nos dele, tentando transmitir coragem. Mas era evidente que o impacto da situação estava devastando-o. Sean e Marcus tinham uma conexão profunda, forjada através de incontáveis batalhas e dificuldades. A visão de seu amigo caído e ferido era um golpe cruel para Sean, que sentia seu coração apertar.

-Vamos sair dessa, Marcus - disse Sean, sua voz trêmula, mas firme. - Você só precisa aguentar mais um pouco.

-Não se preocupe comigo, Sean - respondeu Marcus, com um sorriso fraco. - Apenas cuide de todos.

A chuva começou a cair, pesada e incessante, abafando o som dos tiros e criando uma cacofonia de ruído. A casa estava cercada, e os policiais se moviam com determinação, prontos para acabar com a resistência.

-Eles estão invadindo! - gritou Aidan, segurando firmemente sua arma.

Jonah e Roy se prepararam para o confronto final, seus rostos endurecidos pela determinação. Isabella, ainda abalada pela morte de Michael, ergueu sua pistola com mãos trêmulas, mas seu olhar mostrava uma nova resolução.

-Não vamos nos render - disse Jonah, olhando para cada um de seus companheiros. - Vamos lutar até o fim.

Os policiais começaram a entrar pela porta da frente, e o confronto se tornou inevitável. Tiros ecoaram pela casa, e o ar se encheu de pólvora e gritos. O bando lutava com toda a força que lhes restava, cada um movido por suas próprias razões para sobreviver.

Sean, apesar da dor visível em seus olhos, lutava ferozmente, sua raiva e tristeza se transformando em uma determinação implacável. A visão de Marcus ferido alimentava seu desejo de proteger seus amigos e encontrar uma saída.

-Fiquem juntos! Não desistam! - gritou Jonah, enquanto a batalha se intensificava.

A casa se tornou um campo de batalha caótico, e a linha entre vida e morte se tornava cada vez mais tênue. O bando sabia que estavam em uma situação desesperadora, mas a esperança de escapar ainda brilhava, mesmo que fracamente, em seus corações.

Aidan viu que a situação se tornava insustentável dentro da casa. Os tiros ecoavam cada vez mais alto, misturados aos gritos de ordens dos policiais e aos gritos de seus companheiros. Com um olhar rápido ao redor, ele avistou uma janela no segundo andar, quebrada e parcialmente escondida pela cortina de chuva que caía incessantemente. Sem hesitar, ele correu em direção a ela, gritando para o restante do bando seguir seu exemplo.

Isabella, com o rosto molhado pelas lágrimas misturadas com a chuva, correu desesperadamente atrás de Aidan. Seus passos deslizavam no telhado molhado, sua respiração ofegante ecoando no caos ao redor. Ela tropeçou em uma telha solta, mas conseguiu se equilibrar a tempo de continuar. Aidan, por sua vez, ficou para trás por um momento precioso, enfrentando os guardas que se aproximavam com firmeza. Ele sabia que cada segundo contava para permitir que o resto do bando escapasse. Segurando os guardas com tiros bem colocados e movimentos rápidos, ele conseguiu criar uma breve distração, permitindo que os outros ganhassem terreno.

A chuva dificultava a visibilidade, mas também obscurecia os movimentos do bando, ajudando a despistar temporariamente os policiais que agora invadiam a casa.

Enquanto isso, Aidan finalmente conseguiu se juntar aos outros, pulando para o telhado adjacente. Ele olhou para trás, vendo os policiais vasculharem a casa onde momentos atrás estavam encurralados. A adrenalina ainda pulsava em suas veias, mas ele sabia que o perigo ainda não havia passado.

-Vamos! Precisamos nos mover rápido! - gritou Jonah, liderando o caminho pelas passagens estreitas entre os telhados. A chuva continuava a cair sem piedade, criando uma cortina natural que, por ora, os protegia dos olhares curiosos e das armas dos policiais.

-Não! Não... Marcus... por favor... eu quero morrer com ele... não! - protestava em desespero Sean, o agarrando - Meu amigo... meu melhor amigo...

-Vamos! - gritava Aidan - Não temos tempo.... - disse ele arrastando Sean, que continuava a protestar e gritar, enquanto via Marcus com um semblante de dor e sofrimento.

Isabella estava à frente, correndo com uma mistura de determinação e angústia estampada em seu

rosto. Ela não podia deixar de pensar em Michael, na dor que ele enfrentou e no sacrifício que fizeram para continuar vivos.

O bando avançou pelos telhados, desviando-se pelas chaminés e paredes cobertas de musgo. O terreno era traiçoeiro, e a chuva só aumentava o desafio de manter o equilíbrio. Sean olhava para trás, preocupado com Marcus, mesmo sabendo que seu amigo estava morto.

Eles corriam como sombras fugidias, fugindo pela cidade envolta em névoa e chuva, com os policiais ainda em seu encalço. Isabella, à frente, saltou para um telhado mais baixo, mas suas botas escorregaram na superfície molhada. Ela perdeu o equilíbrio e caiu com um grito abafado, rolando para o beiral do telhado, tentando desesperadamente se equilibrar, mas um desliz inevitável fez com que ela caísse, batendo com força no chão. A dor cortante misturou-se com o desespero enquanto ela tentava se levantar, mas antes que pudesse reagir, os policiais a cercaram. Suas vozes ordenando que ela se rendesse. Isabella tentou se levantar, mas uma dor lancinante em seu tornozelo a paralisou por um momento.

Jonah e os outros membros do bando, que já estavam no telhado adjacente, assistiram impotentes à cena. Os olhos de Jonah se estreitaram em frustração e angústia enquanto ele via Isabella ser capturada. A chuva continuava a cair sem piedade, obscurecendo os gritos de protesto e a resistência dos membros restantes do grupo.

-Porra! - Jonah cuspiu a palavra com raiva contida, sentindo o peso da perda de mais um membro do bando.

Roy colocou uma mão em seu ombro, tentando transmitir apoio silencioso. Sean, Marcus e Aidan permaneceram em silêncio, seus rostos sombrios e cheios de determinação misturados com a dor da perda recente.

-Temos que continuar. Não podemos parar agora - disse Aidan, sua voz baixa, mas firme.

Ao correr mais um pouco, encontraram uma janela aberta, numa casa sem luz. Sem hesitar ele invadiram, e vendo que estava abandonada, se esconderam.

## — CAPÍTULO DEZESSEIS —

### O Diabo no Divã

A noite caía pesada sobre Montclair, transformando suas ruas em um labirinto sombrio e traiçoeiro. O toque de recolher imposto pelos federais silenciava a cidade, onde cada esquina escura escondia um possível espião. O som distante de uma lamparina balançando no vento ecoava pelas ruas desertas, criando um cenário de tensão palpável.

Jonah, com seu rosto marcado pela determinação e cautela, reuniu seus companheiros. Ele sabia que cada movimento precisava ser calculado, cada sussurro contido.

-Sean, Samuel, vocês vão pelo lado leste. Aidan, Roy, comigo pelo oeste. Encontramo-nos na clareira além da ferrovia antes do amanhecer - ordenou Jonah, a voz baixa mas firme.

Sean e Samuel concordaram, os olhos refletindo a gravidade da situação. Eles sabiam que a sobrevivência dependia da habilidade de cada um em se manter fora de vista.

Escondendo-se nas sombras, os homens avançaram em silêncio, movendo-se lentamente pelas ruas molhadas. A chuva fina caía sobre a cidade, criando um ruído suave que ajudava a mascarar seus passos. Guardas patrulhavam incansavelmente, suas lamparinas lançando facho de luz que varriam os becos.

-Cuidado, Roy, abaixe-se! - sussurrou Aidan, puxando o companheiro para trás de uma pilha de caixas vazias enquanto os guardas passavam.

Os homens prenderam a respiração enquanto as luzes passavam perigosamente próximas. A adrenalina corria por suas veias, cada segundo parecia uma eternidade. Quando a luz se afastou, Jonah fez um sinal para que continuassem.

A próxima etapa os levou até a linha férrea, onde vagões vazios proporcionavam um esconderijo temporário. Eles se esgueiraram para dentro de um vagão abandonado, aguardando o momento certo para prosseguir.

-Ouçam... - começou Jonah, virando-se para os outros. - Temos que chegar à clareira antes do amanhecer. Fiquem atentos, qualquer coisa pode acontecer.

Enquanto aguardavam, cochicharam entre si, discutindo o plano e reforçando os detalhes. O tempo parecia se arrastar, mas a esperança de escapar mantinha-os focados.

De repente, o som de uma carroça se aproximando ecoou pela noite. Jonah fez sinal para que todos se escondessem melhor, as mãos segurando firmemente suas armas.

A carroça surgiu na escuridão, e os homens observaram cautelosamente enquanto ela parava. Vozes sussurrantes se misturaram ao tilintar de objetos na parte de trás da carroça. Jonah ergueu a mão, fazendo um gesto para que Aidan e Roy se preparassem.

Os federais, vigilantes em sua ronda noturna, logo se aproximaram da carroça, ordenando que o veículo parasse. Aidan segurou a respiração, observando de onde estava.

-Quem vai lá? - perguntou um dos federais, sua voz áspera cortando o ar úmido.

Horace, com seu jeito espalhafatoso, começou a falar, suas palavras fluindo em um tom confiante e exagerado. Ele lançou mão de uma série de histórias improváveis e explicações meticulosas que, surpreendentemente, pareciam convencer os federais a deixá-lo passar. Aidan soltou um suspiro de alívio, mal acreditando na sorte que tiveram.

-Horace? - Jonah sussurrou enquanto se aproximavam da carroça. — O que você está fazendo aqui?

Horace deu um sorriso maroto, inclinando-se para sussurrar.

- Fui enviado por Tommaso Viccei. Ele quer conhecê-los, ele está com Isabella.

-Tommaso? - Jonah estreitou os olhos. - Como sabemos que não está nos traindo? E como Isabella

está com ele? Nós a vimos ser presa!

Horace fez uma pausa, o olhar ficando sério por um momento.

-Tommaso sabe onde todos estão a todo momento. Ele tem todos no bolso nesta cidade, incluindo a polícia. Não temos tempo para explicações detalhadas agora.

Jonah ficou em silêncio por um momento, a tensão no ar se tornando quase palpável. Finalmente, ele assentiu.

-Muito bem, Horace. Mas se isso for uma armadilha, será a última vez que você nos trai.

Horace sorriu de forma marota, conduzindo a carroça com mais rapidez.

-Eu nunca te traí, Jonah. Qual foi a parte que você não entendeu? Ele me obrigou a vir. Acha mesmo que eu queria estar aqui hoje? Os federais estão em peso, vasculhando todas as carroças e pedindo mandados para invadir as casas.

Jonah olhou sério.

-E isso tudo por... nós? Parecia que eles estavam esperando a notícia do assalto...

-Vamos tirar vocês daqui, depois pensamos nisso - completou Horace.

A carroça avançava pela cidade silenciosa, cada ruído amplificado pela tensão do momento. Montclair parecia uma prisão sem muros, cada esquina patrulhada por guardas vigilantes. Mas com Horace liderando o caminho, os homens tinham uma chance de escapar da escuridão que se fechava sobre eles.

Conforme a carroça avançava, Horace precisava desviar a atenção dos guardas várias vezes. Em uma esquina, um grupo de federais acenou para que parassem.

-Pare aí! - gritou um dos guardas, segurando a lanterna alta.

Horace, sem perder a compostura, começou a falar antes mesmo de pararem completamente.

-Senhores, boa noite! - disse ele com um sorriso exagerado. - Estou apenas levando algumas provisões para a mansão de Tommaso Viccei. Ele está dando uma festa esta noite.

-Festa? - um dos guardas levantou a sobrancelha, desconfiado. - Com o toque de recolher?

-Exatamente! - Horace respondeu rapidamente. - É uma festa privada, apenas para convidados especiais. Vocês sabem como ele é...

Os guardas trocaram olhares, claramente desconfiados, mas não queriam causar problemas com alguém tão influente como Tommaso.

-Está bem. Mas não se demorem - disse o guarda, acenando para que prosseguissem.

Eles continuaram seu caminho, e Horace soltou um suspiro de alívio.

-Isso foi por pouco... - murmurou Aidan.

-Só mais um pouco, rapazes. Estamos quase lá - disse Horace, tentando manter a moral elevada.

Finalmente, a mansão de Tommaso Viccei apareceu no horizonte, uma construção grandiosa iluminada por centenas de lanternas. Horace parou a carroça e entregou roupas finas para os homens.

-Tommaso está dando uma festa. Vocês precisam se trocar para entrar - explicou Horace. - Ele quer falar com vocês sem chamar atenção.

Os homens trocaram de roupas rapidamente, e logo estavam disfarçados como convidados da festa. Caminharam em direção à mansão, passando pelos portões imponentes e entrando no salão principal, onde a música e o burburinho das conversas preenchiam o ar.

A mansão estava decorada de forma opulenta, com lustres de cristal e cortinas de veludo. Os convidados, todos da alta sociedade, circulavam com taças de vinho e sorrisos falsos.

Jonah, Aidan, Roy, Sean e Samuel estavam tensos, mas sabiam que precisavam manter a calma. Horace os guiou até uma sala privada, onde foram recebidos por dois guarda-costas que os escoltaram até uma sala mais reservada.

A porta se abriu, revelando um espaço luxuoso, decorado com mobílias requintadas e quadros de artistas renomados. No centro da sala, sentado elegantemente em um divã bordô, estava Tommaso Viccei. Ele era um homem bem vestido, trajando um terno cor borgonha e um colete vermelho por dentro do terno. Ao seu lado, repousava uma cartola da mesma cor.

Tommaso tinha uma presença imponente, seus olhos observadores analisando cada um dos recém-chegados. Com um sorriso afável, ele se levantou e abriu os braços em um gesto de boas-vindas.

-Senhores, benvenuti! - disse ele, seu forte sotaque italiano misturando-se às palavras. - É um prazer finalmente conhecê-los.



Seu tom de voz era melódico, mas com uma firmeza subjacente que sugeria um homem acostumado a ter controle. Ele gesticulava com as mãos enquanto falava, reforçando suas palavras com movimentos elegantes.

-Por favor, sentem-se. Temos muito a discutir e não há tempo a perder - continuou Tommaso, apontando para as cadeiras dispostas ao redor de uma mesa luxuosa.

Jonah e os outros se sentaram cautelosamente, ainda desconfiados, mas cientes de que aquele era um momento crucial.

-Sei que vocês têm perguntas - começou Tommaso, pegando uma taça de vinho de uma bandeja próxima. - Isabella está segura, posso garantir. Eu a tirei da prisão antes que qualquer mal pudesse acontecer a ela. Aqui em Montclair, io controllo tutto. A polícia, os federais, todos me obedecem. Ele deu um gole no vinho, seus olhos nunca deixando os dos homens à sua frente.

-Vocês foram bastante corajosos ao assaltar meu banco. Um ato audacioso, devo admitir. Por sorte, isso não causou grandes dificuldades financeiras para mim. Mas isso é o de meno. Eu queria ter a chance de falar com homens tão talentosos que chamaram a atenção de todos os federais do país. Os melhores atiradores do oeste, os homens que mataram Oswald Markins e estão na lista negra de Percival Winslow. Me conte mais sobre eles - disse com um largo sorriso.

-Estamos honrados senhor... Tommaso - disse Jonah com um sorriso que não alcançava os olhos, enquanto erguia seu braço e pegava uma taça

-Ha, ha, ha, ótimo... ótimo, adorei você amicco - disse ele se levantando - vamos, sigam-me, quero lhes apresentar a casa, e a festa!

Tommaso Viccei conduziu o grupo pelo salão principal de sua mansão, parando diante de uma série de retratos que adornavam as paredes com uma imponência quase reverencial. Cada quadro parecia irradiar a importância histórica de sua família, evidenciando o legado que Tommaso desejava transmitir.

Ele parou em frente ao primeiro quadro, um homem austero com uma expressão resoluta, vestido com um uniforme militar da Guerra Civil Americana.

-Este é meu bisavô, Vincenzo Viccei - começou Tommaso, sua voz ressoando com orgulho. - Ele foi um dos primeiros italianos a se alistar no Exército da União durante a Guerra Civil. Sua bravura no campo de batalha em Antietam e Gettysburg foi lendária, e ele recebeu várias honrarias por sua coragem.

Eles continuaram para o próximo quadro, uma mulher de olhar severo mas bondoso, vestida em roupas de época da virada do século.

-Minha bisavó, Isabella Viccei - disse Tommaso com um leve sorriso - Ela foi uma das pioneiras no movimento pelos direitos das mulheres na América. Fundou várias escolas para meninas imigrantes e lutou pelo direito ao voto feminino. Sem ela, muitas mulheres não teriam tido a educação que mereciam, e outras dessas baboseiras de mulher.

O grupo avançou para um retrato de um homem de meia-idade com um olhar calculador e um sorriso confiante.

-Ah... este sim! Este é meu avô, Salvatore Viccei - disse Tommaso, fazendo uma pausa dramática - Ele construiu o império ferroviário que conectou Montclair a outras cidades importantes. Foi um homem de visão, e seu trabalho ajudou a transformar esta cidade em um centro de comércio e indústria.

Tommaso apontou para o quadro ao lado, onde um jovem Salvatore, com um olhar astuto e determinado, estava cercado por engenheiros e operários, todos trabalhando na construção das primeiras linhas ferroviárias.

-Salvatore era um visionário, um homem de grandes ambições. Ele negociou acordos com governos locais e investidores privados, garantindo que as rotas mais lucrativas passassem por Montclair. Durante anos, ele dominou o transporte ferroviário, tornando nossa cidade um centro de comércio vital.

Ele fez uma pausa, observando os rostos atentos dos homens à sua frente antes de continuar.

-Mas o poder, meus amigos, é uma coisa volátil. E é aqui que a família Clarke entra na história. Tommaso caminhou até outro quadro, desta vez mostrando um encontro formal entre Salvatore Viccei e Alfonso Clarke, o patriarca da família Clarke. Alfonso era um homem de aparência robusta, com um olhar penetrante e uma presença dominante.

-Alfonso Clarke era um negociador implacável e astuto - explicou Tommaso - Quando a indústria

ferroviária começou a se expandir rapidamente, Alfonso viu uma oportunidade. Ele propôs uma parceria com meu avô, prometendo investir grandes somas de dinheiro na expansão das linhas ferroviárias em troca de uma participação no controle.

Tommaso sorriu ironicamente.

-Salvatore, sempre em busca de novos investimentos e alianças estratégicas, aceitou a proposta. No início, a parceria foi benéfica para ambos os lados. As ferrovias prosperaram e Montclair floresceu como um hub comercial.

Ele se virou para outro quadro, que mostrava um Alfonso mais velho, mas ainda imponente, apertando as mãos de políticos e empresários.

-Com o tempo, porém, os Clarke começaram a consolidar seu poder. Através de manobras políticas e acordos secretos, Alfonso conseguiu influenciar decisões governamentais que favoreciam suas empresas. A influência política dos Clarke cresceu exponencialmente, enquanto a dos Viccei começou a declinar.

Tommaso suspirou, seus olhos escurecendo com a lembrança.

-Quando Salvatore adoeceu, Alfonso viu sua chance. Usando sua influência, ele conseguiu garantir contratos exclusivos para suas empresas, e aos poucos, tomou o controle das operações ferroviárias. No fim, a família Clarke se tornou a força dominante na indústria ferroviária, enquanto a influência dos Viccei se limitou ao setor bancário.

Ele se voltou para os homens do bando O'Dell, sua expressão agora séria.

-Esta é a realidade do poder, senhores. É um jogo de complexo, onde alianças e traições moldam o destino das famílias e das cidades. Mas a família Viccei nunca esquece suas raízes e suas ambições. E como herdeiro deste legado, estou determinado a recuperar e expandir nossa influência.

Chegaram, então, a um quadro de um homem mais jovem, trajando um terno elegante e segurando uma bolsa de documentos.

-Meu pai, Enrico Viccei," continuou Tommaso, seu tom de voz se suavizando um pouco. "Ele foi o fundador do banco Viccei, o coração financeiro desta cidade. Durante a Grande Depressão, foi ele quem manteve as portas do banco abertas, oferecendo suporte financeiro aos mais necessitados quando outros bancos falharam.

Cada retrato contava uma história de resistência, ambição e sucesso, pintando uma imagem da dinastia Viccei como pilares inabaláveis da comunidade.

Tommaso parou diante do último retrato, um jovem rapaz com uma expressão determinada, olhando para o futuro.

-E finalmente, aqui estou eu - disse ele, apontando para seu próprio retrato - Tenho a honra de continuar o legado de minha família, mantendo a ordem e o progresso nesta cidade. Meu objetivo é garantir que Montclair continue a florescer, não importa o custo.

Os membros do bando O'Dell ficaram em silêncio, absorvendo a grandiosidade da história da família Viccei. O salão parecia mais vasto e imponente à medida que entendiam a profundidade das raízes de Tommaso em Montclair. Tommaso Viccei, com sua mistura de elegância e firmeza, era a personificação de uma linhagem que moldou a América de várias maneiras.

Com um gesto convidativo, Tommaso os guiou para uma escada que levava ao andar superior.

-Vamos, senhores. É hora de nos misturarmos com os outros convidados. Deixe-me apresentá-los às figuras que atualmente movem os fios desta cidade.

Enquanto subiam, Tommaso continuou a falar sobre a importância da sua família e como cada geração deixou sua marca indelével na história de Montclair e, por extensão, na história americana. Ao chegarem ao topo, uma grande sala de baile se abriu diante deles, repleta de convidados importantes, cada um com sua própria história para contar.

-Permitam-me apresentá-los aos pilares desta cidade - disse ele com um sorriso confiante.

-Aqui temos o prefeito, Senhor Graham, um homem dedicado ao progresso e ao bem-estar de Montclair - ele acenou para um homem de meia-idade, de rosto afável e olhos calculistas.

-Ao seu lado está o Senhor Ethan Clarke, dono da companhia de bondes e da ferrovia, um visionário que tem ajudado a moldar a infraestrutura da nossa cidade - continuou, indicando um homem de postura firme e olhar perspicaz.

-E aqui, o Senhor Robert Lawson, o banqueiro que vocês tiveram a infelicidade de agredir durante o assalto. Um homem de negócios astuto e um aliado valioso - Tommaso deu um sorriso irônico

ao mencionar Lawson, um homem de aparência severa, ainda exibindo um curativo no rosto.

-O delegado Anderson, responsável pela segurança de Montclair e pela libertação de Isabella. Um homem de princípios, mas que sabe onde está o verdadeiro poder - ele fez um gesto de agradecimento ao delegado, que acenou discretamente.

Tommaso sorriu, um sorriso que não alcançou os olhos.

-Esses são os homens que moldam Montclair hoje, senhores. Agora, por favor, desfrutem da festa. Tenho certeza de que encontrarão esta noite... instrutiva.

Com essas palavras, Tommaso se afastou, deixando os homens do bando O'Dell para absorver a magnitude do poder e influência que estavam cercados.

-Bom, senhores, vamos dividir e conquistar! - disse com um sorriso modesto Jonah, erguendo seu braço e pegando uma taça de vinho.

A festa estava em pleno andamento, com uma orquestra tocando uma melodia animada e convidados em trajes luxuosos conversando e rindo. Aidan caminhava pelo salão, observando o cenário à sua volta. Ele se aproximou de uma mesa repleta de iguarias, seu estômago roncando ao ver a comida.

Aidan se servia de algumas fatias de presunto e queijo, enchendo um prato com pães frescos e frutas.

Enquanto mordia um pedaço de presunto, uma mulher se aproximou. Ela era deslumbrante, com longos cabelos castanhos ondulados que caíam em cascata sobre seus ombros. Seus olhos verdes eram penetrantes, e seus lábios vermelhos se curvaram em um sorriso sedutor. Vestia um elegante vestido vermelho com detalhes dourados, que realçava suas curvas e a tornava ainda mais atraente.

-Não costumo ver homens tão bem apessoados comendo com tanto apetite - disse ela, sua voz suave e cheia de insinuação.

Aidan olhou para ela, limpando a boca com um guardanapo e tentando não parecer impressionado.

-Bom, quando você passa um dia inteiro cavalcando e atirando, acaba com uma fome danada - respondeu, tentando manter o tom casual.

Ela riu, um som musical que parecia iluminar a sala.

-Entendo. Sou Evangeline, e você?

-Aidan - disse ele, estendendo a mão. Ela a pegou, seus dedos macios contrastando com os calos das mãos dele.

-Prazer em conhecê-lo, Aidan. E o que traz um homem como você a uma festa como esta? - perguntou, seus olhos brilhando de interesse.

-Negócios - respondeu ele, mantendo a resposta vaga. - E você, Evangeline? O que te traz aqui?

-Oh, eu sou uma das muitas... amigas do senhor Viccei - disse ela, dando um sorriso enigmático.

- Ele sabe como organizar uma festa, não acha?

-Acho que sim - respondeu Aidan, ainda com um olho na comida, mas agora mais atento à presença dela. - Você conhece bem o senhor Viccei?

-Sim, conheço. Ele é um homem fascinante, cheio de histórias e segredos. E você, Aidan? Tem alguma história interessante para compartilhar? - perguntou, inclinando-se ligeiramente mais perto, o que fez o perfume doce dela envolver Aidan.

Aidan deu um meio sorriso.

-Não - disse com um corte seco Aidan

Ele deu um último gole em seu copo de whisky, colocando-o de volta na mesa com um movimento preciso.

-Desculpe, Evangeline - disse ele calmamente, sua voz firme e decidida - Acho que preciso dar uma volta pela festa.

Ela arqueou as sobrancelhas, um lampejo de surpresa passando por seus olhos verdes.

-Oh, claro. Não quero prendê-lo aqui.

Aidan assentiu, um leve sorriso cortês brincando em seus lábios.

-Foi um prazer conhecer você, Evangeline. Aproveite a festa.

Com isso, ele se afastou, deixando Evangeline com uma mistura de curiosidade e admiração em seus olhos. Ela o observou desaparecer entre os convidados, sua mente girando com pensamentos sobre o enigmático Aidan.

Aidan caminhava pela festa, observando as pessoas ao seu redor com uma mistura de

desconfiança e cansaço. Ele se sentia como um estranho em meio a um mundo que nunca entenderia completamente. A luz baixa e as vozes distantes criavam um ambiente surreal, contrastando com seus pensamentos sombrios.

Enquanto caminhava pela festa, Aidan procurava por seus amigos. Ele viu Jonah conversando com Tommaso e os outros membros importantes da cidade, seu tom diplomático e cortês mascarando suas verdadeiras intenções. Roy estava em uma mesa de jogo, lidando com as cartas com habilidade enquanto mantinha um olho atento ao seu redor.

Ao encontrar uma varanda tranquila, Aidan se recostou contra a balaustrada de madeira escura. Ele olhou para o céu estrelado, perdido em pensamentos. A noite estava tranquila, apenas o suave sussurro do vento quebrava o silêncio ocasionalmente. Ele se sentia como se estivesse à beira de um precipício, olhando para um futuro incerto.

*“Sinto falta de você, Elizabeth”*, pensou ele, sua voz interior carregada de dor e saudade. A imagem dela, sorrindo para ele, era um lembrete constante de tudo o que ele tinha perdido. Desde sua morte.

A sensação de impotência o consumia, deixando-o vulnerável à incerteza do amanhã.

*“Eu queria poder mudar as coisas”*, murmurou Aidan para si mesmo, sua voz carregada de resignação e desespero. Ele sabia que não podia voltar atrás no tempo, nem mudar o curso dos eventos que já estavam em movimento. O peso de suas escolhas passadas parecia esmagador sobre seus ombros cansados. Uma brisa fria soprou pela sacada, fazendo Aidan tremer ligeiramente. Ele fechou os olhos por um momento, tentando encontrar algum tipo de paz interior que parecia fugir dele. *“Preciso encontrar uma maneira de seguir em frente...”*

Ele permanecia ali, pensativo, até que uma tosse subiu pela garganta de Aidan, forçando-o a apoiar-se por completo na sacada. O aperto em seu peito aumentava, junto com a sensação de falta de ar. Era como se o próprio ar estivesse se tornando mais escasso ao seu redor.

Aidan tentou recuperar o fôlego, lutando contra a tosse persistente que parecia não querer cessar. Seus pensamentos se tornaram turvos enquanto ele tentava controlar a respiração. A preocupação crescia dentro dele.

-Não posso fraquejar agora - disse ele a si mesmo, buscando uma força interior que parecia distante naquele momento. Aidan sabia que tinha responsabilidades com seu grupo, um vínculo que o mantinha conectado a uma causa maior, apesar de todas as dúvidas.

Aidan permaneceu ali na sacada, lutando contra a sensação de asfixia que o dominava, enquanto o silêncio da noite envolvia seus pensamentos sombrios e suas esperanças perdidas no vasto horizonte.

Nesse momento crítico, o estranho de colete verde-musgo apareceu ao seu lado, segurando uma taça de cristal como se estivesse apenas de passagem pela sacada.

-Aidan - disse o estranho calmamente, sua voz ecoando com uma profundidade incomum. - Você parece perturbado.

Aidan ergueu os olhos, encontrando o olhar penetrante do homem. Ele sentiu desconforto diante da presença misteriosa.

-Você sempre aparece nos momentos mais inesperados - respondeu Aidan, seu tom sério e cauteloso. Ele não confiava completamente naquele estranho, cujas motivações e natureza eram tão enigmáticas quanto sua própria existência.

O homem sorriu enigmaticamente.

-Ah, Aidan, você me lembra de alguém que conheci há muito tempo. Meu irmão, antes de tudo mudar - disse ele, sua voz carregada de um remorso silencioso. Parecia que ele carregava um fardo pesado, talvez o peso de séculos de existência.

Aidan franziu o cenho, desconfortável com a intensidade da conversa. Ele não estava interessado em filosofias antigas ou em estranhos que pareciam saber mais do que deveriam.

-Desculpe, mas não estou interessado em conversar agora - respondeu Aidan, tentando afastar o homem. Ele queria se concentrar em encontrar seus amigos ou, melhor ainda, em desaparecer discretamente da festa.

O homem não desistiu facilmente. Ele continuou a falar, Aidan ouvia apenas parcialmente, sua mente ocupada com suas próprias preocupações e com a sensação cada vez mais opressiva em seu peito.

-Um inventor excêntrico está prestes a se afogar na piscina, ou você vai lá e o ajuda, ou... - O

homem deixou a frase no ar, sua expressão sugerindo que havia mais em jogo do que simplesmente a vida de um inventor bêbado.

Aidan respirou fundo, sentindo a pressão em seu peito aumentar com cada batida do coração. Ele olhou para o estranho por um momento, tentando decifrar suas palavras.

-Há muito mais em jogo aqui do que apenas esta festa, Aidan - começou o homem, sua voz suave carregando um tom que misturava sabedoria e mistério. - Você, mais do que muitos, carrega o peso de escolhas que moldam não apenas seu próprio destino, mas o de muitos ao seu redor.

Aidan franziu o cenho, seu olhar fixo no horizonte distante.

-O que você quer dizer? - perguntou ele, sua voz carregada de desconfiança.

O homem sorriu, um sorriso que parecia mais tristeza do que alegria.

-Eu vejo em você um reflexo do passado que já não existe mais, um tempo em que as decisões eram mais simples e as consequências menos severas - disse ele, sua voz ecoando como se contasse histórias antigas.

-A vida não é feita apenas de escolhas, mas das marcas que deixamos nelas - continuou o homem, suas palavras fluindo como água em um riacho calmo - Você lembra de quando tudo era mais claro, Aidan? Quando o futuro não parecia um labirinto do qual não se pode escapar?

Aidan não respondeu imediatamente, sua mente lutando com as palavras do estranho. Ele se lembrou de Elizabeth, de como ela sempre via a vida com uma simplicidade que ele parecia ter perdido para sempre.

-Às vezes, eu gostaria de voltar ao tempo em que tudo era mais simples - admitiu Aidan, sua voz carregada de saudade.

O homem acenou com sua cabeça, compreendendo silenciosamente.

-Todos nós desejamos isso em algum momento - disse ele, sua voz baixa como se estivesse confessando um segredo antigo - Mas a vida nos ensina que o passado é apenas uma sombra, e o presente é onde devemos encontrar nossa redenção.

Aidan olhou para o homem, sentindo-se desconfortável com a profundidade das palavras e a intensidade de suas emoções.

-Quem é você, afinal? - perguntou ele, sua curiosidade misturada com cautela.

O homem sorriu, um sorriso triste e enigmático.

-Foi como eu já te disse, sou apenas um observador, um viajante neste mundo vasto e implacável

- respondeu ele evasivamente - Apenas uma sombra entre muitas.

-Olha, eu não sei quem você é, nem por que está aqui - disse ele finalmente, sua voz firme apesar da incerteza - Mas eu não tenho tempo para filosofias esta noite. Preciso encontrar um amigo.

O homem assentiu novamente, seu semblante misterioso revelando pouco sobre suas verdadeiras intenções.

-Entendo - disse ele, sua voz suave carregando um tom de despedida. - A escolha é sempre sua, Aidan. Espero que encontre o que procura.

Aidan deixou a sacada, ainda sentindo o peso das palavras do homem.

## — CAPÍTULO DEZESETE —

### O Protótipo da Desilusão

Caminhando de volta para a festa, Aidan procurou o inventor excêntrico que o estranho havia mencionado. Os sons da festa ficaram mais altos enquanto ele se aproximava da multidão novamente.

Finalmente, Aidan avistou o inventor. Ele era um homem alto e magro, com cabelos desgrehados e um bigode grosso. Seu colete estava manchado de vinho, e ele segurava uma taça de metal em uma mão trêmula. Os olhos, escondidos atrás de óculos redondos e grossos, estavam vermelhos de tanto beber.

-Malditos imbecis! - gritou o inventor, balançando a taça no ar - Aquele gordo ladrão levou todo o crédito pelo meu trabalho!

Aidan se aproximou cautelosamente, observando o inventor com curiosidade. O homem parecia perdido em sua própria frustração, murmurando para si mesmo enquanto tomava outro gole de vinho.

-Você parece que está tendo um dia difícil - disse Aidan, tentando chamar a atenção do inventor. O homem virou-se bruscamente, quase derrubando sua taça.

-Quem é você? - perguntou ele, sua voz carregada de desconfiança e embriaguez.

-Um amigo - respondeu Aidan calmamente - Alguém que talvez possa entender o que você está passando.

O inventor bufou, seu rosto contorcido em uma expressão de desgosto.

-Difícil? Isso é um eufemismo - disse ele amargamente. - Eu sou Phineas Abernathy, o verdadeiro gênio por trás das invenções que aquele ladrão gordo, Barnaby O'Hara, roubou de mim.

Aidan inclinou a cabeça, interessado na história.

-Conte-me mais sobre isso, Phineas.

Phineas começou a falar, sua voz oscilando entre raiva e tristeza.

-Eu e Barnaby éramos... colegas. Trabalhávamos juntos, desenvolvendo tecnologias que poderiam mudar o mundo. Mas ele... ele roubou minhas ideias, apresentou-as como se fossem dele e recebeu todos os créditos. Agora ele é rico e famoso, enquanto eu... eu sou apenas um bêbado esquecido.

Aidan assentiu, compreendendo a frustração de Phineas.

-Isso é uma grande injustiça. Mas o que você quer, Phineas? Reconhecimento?

-Reconhecimento? - riu Phineas amargamente - O que eu vou fazer com reconhecimento? Estou falido, desacreditado. Ninguém quer ouvir a verdade. Preferem acreditar nas mentiras daquele charlatão gordo.

-O mundo pode ser um lugar cruel - disse Aidan, olhando para Phineas com um olhar firme. - Mas sempre há uma maneira de acertar as contas. Você só precisa de alguém que acredite em você.

Phineas balançou a cabeça, parecendo mais cansado do que nunca.

-Ninguém pode me ajudar agora - disse ele com tristeza - Estou cansado de lutar, Aidan. Cansado de ser enganado e esquecido.

-Não parece o tipo de homem que desiste fácil - Aidan respondeu, sua voz carregada de convicção.

-Estou cansado - repetiu Phineas, a voz quebrada - Talvez seja melhor acabar com tudo - disse ele, se aproximando da piscina.

Aidan se colocou entre Phineas e a água, seu olhar duro.

-Escuta aqui, parceiro. Todos nós passamos por momentos difíceis. Mas desistir? Isso não é uma opção. Não enquanto você ainda pode lutar.

Phineas olhou para ele, seus olhos cheios de uma tristeza profunda.

-Por quê? Por que eu deveria continuar?

-Porque você é melhor do que isso - Aidan respondeu, a voz baixa mas firme. - Você tem algo

que aquele ladrão nunca terá: o verdadeiro talento. E isso é algo que vale a pena lutar. Phineas ergueu a taça, os olhos vidrados na piscina, como se esperasse que o líquido negro pudesse absorver todas as suas frustrações. Aidan, com a expressão de alguém que já viu de tudo e não se impressiona mais com muito, aproximou-se e colocou uma mão firme no ombro do inventor.

-Ouça, Phineas, o mundo não dá a mínima pro seu lamento - Aidan disse, a voz grave e triste - Você tá aqui, choramingando, enquanto o ladrão gordo tá lá fora colhendo os frutos do seu trabalho. É assim que quer terminar?

Phineas virou o rosto para ele, os olhos ainda turvos de vinho, mas agora um pouco mais focados.

-E o que você sugere, então? Que eu levante e siga em frente como se nada tivesse acontecido? - perguntou Phineas, a voz carregada de desespero.

Aidan apertou os lábios, observando a festa que continuava sem perceber o drama pessoal se desenrolando. Ele deu um passo para mais perto de Phineas, seu olhar frio.

-Não tô dizendo que é fácil. Nada é. Mas ficar aqui, se afogando no vinho, só vai te afundar mais. Se ele roubou suas invenções, você tem que fazer algo sobre isso. Mostrar que ele não te venceu

-Aidan respondeu, a voz firme e sem rodeios.

Phineas olhou para o chão, a raiva e a tristeza misturadas em seu semblante. Ele parecia à beira de desistir, mas as palavras de Aidan pareciam penetrar lentamente.

-E quanto a mim? E quanto ao que eu perdi? - perguntou Phineas, sua voz quebrando um pouco. Aidan suspirou, sua expressão permanecendo grave e direta.

-Você perdeu muito, eu sei. Mas o que vai fazer? Se entregar? O mundo não te dá nada de graça. Se você quer algo, tem que tomar. Deixar tudo acabar assim, sem lutar, não é uma opção.

Phineas olhou para Aidan, os olhos cheios de uma mistura de ceticismo e uma faísca de esperança.

-E se eu não conseguir? E se tudo estiver contra mim?

Aidan deu um breve olhar de compaixão, mas sem abrir mão de sua postura firme.

-Se você não tentar, já perdeu. Às vezes, a diferença entre vencer e perder é continuar em pé quando todos os outros já caíram.

Phineas parecia ponderar sobre as palavras, um misto de frustração e esperança nos olhos.

-Então, você acha que eu ainda tenho uma chance?

Aidan fez um gesto com a mão, como se estivesse acenando para o futuro incerto.

-Não há garantias. O mundo é um lugar cruel. Mas uma coisa é certa: se você desistir agora, não terá chance alguma. E viver sabendo que nunca tentou... é um inferno que você não quer enfrentar.

Phineas hesitou, mas as palavras de Aidan tinham penetrado. Ele parecia, se não completamente convencido, ao menos mais inclinado a reconsiderar sua decisão.

Phineas respirou fundo, os olhos perdidos em algum ponto além da festa. Ele levantou a taça, mas desta vez não para beber. Com um movimento brusco, ele arremessou o cristal na piscina, o som do vidro quebrando ecoando como um sinal de mudança.

-Maldito seja, Barnaby - murmurou, a voz agora mais firme. - Eu vou fazer ele pagar por cada gota de suor que ele roubou de mim.

Aidan assentiu, satisfeito com a mudança de atitude. - É isso. Agora, por onde começamos?

Antes que Phineas pudesse responder, um barulho alto interrompeu a conversa. A festa, até então um mar de risadas e música, subitamente se silenciou. Aidan olhou em direção ao som e viu um grupo de homens entrando pela porta principal, suas presenças sombrias e ameaçadoras.

-Aí está ele! - gritou um dos homens, apontando para Phineas. - É o inventor maluco que andou falando demais.

Aidan colocou a mão instintivamente na arma em seu cinto, os olhos se estreitando. - Você os conhece, Phineas?

Phineas olhou apavorado para o grupo, reconhecendo imediatamente os homens de Barnaby. - São os capangas de Barnaby. Ele deve ter ouvido sobre a minha presença aqui.

Os homens se aproximaram rapidamente, empurrando convidados para o lado. O líder, um homem corpulento com um bigode grosso, sorriu de forma ameaçadora.

-Ora, ora, Phineas. Achou mesmo que podia espalhar suas mentiras sem consequências? - disse ele, sua voz gotejando desprezo.

Aidan deu um passo à frente, colocando-se entre Phineas e os homens.

-Se tem algo a resolver, resolvam comigo.

O líder riu, um som desagradável que fez alguns dos convidados recuarem ainda mais.

-E quem é você, o protetor dos fracassados?

Aidan não respondeu com palavras. Em vez disso, ele sacou sua arma com a rapidez de um relâmpago, o cano brilhando sob as luzes da festa.

-Última chance. Saiam daqui antes que eu faça vocês saírem.

O líder parou de rir, a expressão mudando para uma carranca de ódio.

-Você acabou de cavar sua própria cova, amigo.

A tensão na sala atingiu um ponto de ruptura. Phineas, atrás de Aidan, tremia visivelmente, mas havia uma determinação renovada em seus olhos.

-Não vou deixar Barnaby destruir o que me resta - murmurou ele, mais para si mesmo do que para qualquer um.

Aidan manteve os olhos fixos nos homens à sua frente, o dedo preparado no gatilho.

-Phineas, vá para a porta dos fundos. Eu cuido desses desgraçados.

Phineas hesitou, mas a urgência na voz de Aidan o fez se mover. Ele começou a recuar lentamente, sem tirar os olhos dos capangas.

-Você não vai escapar disso, Aidan - disse o líder, começando a sacar sua própria arma.

Com o caos no ambiente finalmente começando, a porta dos fundos da imponente mansão se abriu com um estrondo, e uma figura imponente entrou na festa. Tommaso Boneli Viccei, avançou com um passo firme e decidido. Seu terno escuro estava drenando a confiança dos homens de Barnaby, e seu olhar, frio e ameaçador, percorreu o ambiente com uma autoridade inquestionável.

Tommaso parou ao descer as escadas, o barulho e o murmúrio cessando instantaneamente com sua presença. Seus olhos escuros encontraram o grupo de capangas de Barnaby, que ainda estavam com suas armas em punho. O pavor e a raiva eram evidentes em seu rosto.

-O que é isso? - Tommaso disse, sua voz carregada de raiva. - Como ousam invadir a minha festa? Quem pensa que são para criar tamanho desrespeito?

Sem esperar por uma resposta, Tommaso fez um gesto brusco para seus próprios capangas, homens grandes e imponentes, que imediatamente começaram a se mover com precisão. Eles cercaram os homens de Barnaby, o olhar severo em seus rostos enquanto preparavam-se para agir.

-Peguem esses imbecis - ordenou Tommaso, sua voz fria e autoritária.

Os capangas de Tommaso avançaram rapidamente, agarrando os homens de Barnaby com uma força brutal. Eles foram cercados e arrastados para o canto, os gritos de protesto e as tentativas de resistência não sendo mais do que murmúrios desesperados. Tommaso assistiu com um olhar impassível, sem se incomodar com a cena de violência que estava se desenrolando diante dele.

Os capangas de Tommaso bateram nos homens de Barnaby, forçando-os a se ajoelhar e pedir clemência. Depois de uma surra rápida e eficaz, os corpos machucados foram arrastados para fora da festa. O som dos passos pesados e dos gritos de dor ecoava pela sala enquanto os capangas de Tommaso concluíam seu trabalho.

Quando os homens de Barnaby foram finalmente removidos, Tommaso se voltou para os convidados ainda presentes. Seu olhar era frio e desdenhoso.

-Continuem a festa - disse ele com um tom seco, sua voz cortando o silêncio que havia se estabelecido. - Não deixem que isso estrague a noite. E lembrem-se, desrespeito aqui não será tolerado.

Com isso, Tommaso fez um gesto imperioso para que a música fosse retomada, e a festa recomeçou, embora em um tom mais cauteloso. Aidan observou a cena com um olhar crítico, absorvendo a maneira eficaz com que Tommaso mantinha o controle e a ordem. A presença de Tommaso e seu modo implacável de lidar com as ameaças demonstravam claramente que, naquele ambiente, a força e a intimidação eram as regras do jogo.

Enquanto a festa se desenrolava com uma leveza forçada, Jonah se aproximou de Aidan com uma expressão de preocupação visível. Os dois estavam próximos da borda da piscina, longe da agitação dos capangas e da festa que continuava seu curso, tentando voltar ao normal.

Jonah, com um tom grave, disse:

-Aidan, já deu o que tinha que dar aqui. Não estamos mais a fim de ver mais confusão. Vamos embora antes que as coisas piores.

Aidan virou-se para Jonah, seu olhar penetrante refletindo o peso das palavras do amigo. O ruído distante da festa e o murmúrio dos convidados pareciam um eco distante enquanto ele ponderava



sobre a proposta de Jonah. A noite tinha mostrado suas garras e Aidan sabia que continuar ali não faria bem a ninguém.

-Concordo, Jonah - respondeu Aidan, sua voz baixa e resoluta. - Não vamos ganhar nada ficando aqui. É melhor darmos o fora antes que surjam mais problemas.

Jonah assentiu com um leve sorriso de alívio. Ele sabia que Aidan estava pensando de forma prática, como sempre. O ambiente ao redor começava a voltar ao seu ritmo normal, mas a tensão ainda era palpável. Com um último olhar para a cena caótica, Aidan e Jonah começaram a se dirigir para a saída da área da piscina.

-Vamos sair daqui - disse Jonah, tomando a dianteira. - Não vale a pena se arriscar mais.

Aidan seguiu atrás, seu olhar focado e determinado. Eles atravessaram a área da piscina, passando pelos convidados que começavam a se recompor. O silêncio que envolvia sua saída contrastava com o barulho da festa, e, ao saírem pela porta principal da mansão, a sensação de liberdade os envolveu.

Com o passo firme, os dois amigos deixaram a mansão de Tommaso para trás, a noite fria oferecendo um alívio bem-vindo após a tensão. Aidan sentia o peso dos eventos, mas também a determinação de seguir em frente, ciente de que o próximo passo precisava ser calculado com cuidado. A estrada diante deles parecia um caminho para novas oportunidades e, talvez, uma chance de deixar o caos da festa para trás.

## — CAPÍTULO DEZOITO —

### Bom Dia, Inferno

O primeiro sinal do amanhecer tingia o horizonte de tons suaves de rosa e laranja, mas para Aidan, a nova luz do dia trazia apenas mais dor. Ele acordou no acampamento com uma sensação de ardência nas costas e nas juntas. Cada movimento era uma tortura, e a dor intensa nas costas irradiava até os ossos, dificultando sua respiração. Com um esforço monumental, ele se sentou, sentindo os músculos protestarem com cada centímetro que se movia.

Aidan tentou levantar-se, as mãos trêmulas buscando apoio no chão. Ele caminhou lentamente até a bacia de água, pretendendo lavar o rosto, mas as articulações doloridas e a tremedeira nas mãos o impediram. Ele olhou para seu reflexo na água, vendo um rosto marcado pela dor e cansaço.

De repente, a tenda foi aberta com força, e Jonah entrou, o rosto sombrio e a expressão séria.

-Aidan, levante-se. Temos que ir ver o Tommaso. Precisamos fazer uma praça para que ele não nos veja como alvos. Não ainda.

Aidan, apesar da dor, tentou brincar.

-Bom dia, Jonah.

Mas Jonah, de mau humor, o ignorou.

-Estou esperando nos cavalos - disse, antes de sair apressadamente.

Com dificuldade, Aidan pegou seu revólver, colocando-o no coldre. Ele ajeitou a jaqueta, tentando ignorar a dor persistente que parecia crescer a cada segundo. Caminhou com passos lentos até onde os cavalos estavam amarrados.

Ao chegar, viu Jason, ainda com cara de sono, recebendo um beijo de Emillie. Ela entregou a ele uma mochilinha com pães, e ele ficou com as bochechas coradas de vergonha. Aidan, apesar de sua dor, sorriu de felicidade ao ver a cena.

O clima foi cortado abruptamente quando Roy chegou, andando com um gingado provocador. Sua presença ameaçadora fez a arma em seu coldre balançar, como se ele estivesse pronto para sacá-la a qualquer momento.

-Vamos logo, temos que fazer isso rápido - disse Roy, a voz dura e sem emoção.

Aidan montou em seu cavalo com dificuldade, sentindo a dor nas costas aumentar a cada movimento. Jason e Emillie trocaram um olhar preocupado, mas não disseram nada. O grupo começou a cavalgar em direção ao ponto de encontro com Tommaso, o silêncio quebrado apenas pelo som dos cascos batendo no chão.

Aidan sentia a dor intensificar-se, mas mantinha o rosto impassível. Ele sabia que precisava ser forte, tanto para si quanto para o bando. Enquanto cavalgavam, ele olhou para Jason, lembrando-se de sua conversa na noite anterior. A amizade deles era um dos poucos pontos de luz em sua vida, e ele estava determinado a proteger isso a todo custo.

Finalmente, chegaram a imponente mansão de Tommaso. Aidan desceu do cavalo com dificuldade, cada passo uma agonia. Ele respirou fundo, tentando se preparar para o encontro.

Tommaso, com sua presença imponente, os aguardava na sala de jantar.

-Vocês demoraram - disse, a voz fria e controlada.

Jonah deu um passo à frente.

-Tivemos alguns contratempos. Mas estamos aqui agora. O que você quer de nós?

Tommaso olhou para eles, avaliando cada um com um olhar calculista.

-Preciso que vocês façam um serviço para mim. Algo que mostre que vocês não são uma ameaça. Aidan sentiu a tensão no ar, a dor em seu corpo parecia um reflexo do peso da situação. Mas ele manteve-se firme, sabendo que o bando dependia de sua força e determinação.

Tommaso observou o grupo por um momento, seu olhar frio avaliando cada um deles. Seus olhos se fixaram em Jason, que ainda parecia sonolento.

-Não me lembro de tê-lo visto antes - disse Tommaso, a voz carregada de uma curiosidade desconfiada. - E essas olheiras, garoto? Parece que não dorme há dias. Está virando pai ou algo

assim?

Jason, com um sorriso orgulhoso, respondeu prontamente.

-Ainda não, mas minha esposa está esperando um bebê.

Tommaso fez uma expressão estranha, quase cínica, ao ouvir a notícia. Aidan, ao notar a reação de Tommaso, sentiu um calafrio de preocupação. Eles mal conheciam aquele homem poderoso e sabiam que qualquer passo em falso poderia ser fatal.

Tommaso então mudou de assunto, voltando ao que realmente importava.

-Bem, vamos ao que interessa. Tenho um serviço para vocês. Não é simples, mas se fizerem direito, mostrarão que são úteis para mim.

Ele deu uma pausa, deixando o peso das palavras se assentar.

-Há um lugar chamado La Chupa Rana. Uma área bem isolada, perigosa. Preciso que vocês vão até lá e recuperem algo para mim. É um carregamento de armas que foi roubado por um grupo rival. Eles estão escondidos em um velho entreposto no pântano.

Jonah, que estava em silêncio até então, com o olhar perturbado, cabelos desarrumados e barba por fazer, finalmente se pronunciou.

-O que exatamente estamos procurando? - perguntou, sua voz rouca e cansada.

-Vocês vão saber quando virem - respondeu Tommaso, com um sorriso enigmático. - Apenas certifiquem-se de que os ladrões não fiquem por perto para atrapalhar.

Roy, que estava em silêncio até então, sorriu com desprezo.

-Parece fácil. Vamos mostrar a esses vermes quem manda.

Tommaso deu um passo à frente, seu olhar perfurante fixo em Roy.

-Não subestime seus inimigos, garoto. La Chupa Rana não é um lugar para amadores. E se falharem, não esperem misericórdia.

Aidan sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Ele trocou um olhar com Jason, que apertou os lábios em uma linha determinada.

Tommaso então se afastou, indicando que a reunião havia terminado.

-Vocês têm até o fim do dia. E lembrem-se, quero resultados, não desculpas.

Aidan, ainda sentindo as dores nas costas e nas juntas, montou novamente em seu cavalo. Jonah e Roy seguiram seu exemplo, enquanto Jason ajeitava a jaqueta e verificava seu revólver.

Cavalgaram em silêncio por algum tempo, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Aidan sabia que a missão seria difícil, mas também sabia que era uma oportunidade para provar o valor do grupo e garantir sua sobrevivência.

-La Chupa Rana - murmurou Jonah, mais para si mesmo do que para os outros. - Vamos mostrar a Tommaso do que somos feitos.

O grupo cavalgava sob o sol escaldante, o calor refletindo no terreno árido enquanto seguiam em direção a La Chupa Rana. Aidan, sentindo o peso das dores nas costas e nas juntas, cavalgava ao lado de Jason, que ainda parecia absorver as palavras de Tommaso. Roy e Jonah estavam um pouco à frente, discutindo entre si, alheios à conversa que Aidan planejava ter.

Aidan olhou para Jason, sua expressão grave.

-Jason, preciso falar com você. Sério.

Jason virou-se para ele, franzindo a testa.

-O que foi, Aidan?

-Quero que volte para sua família. Essa missão... pode ser perigosa demais. Você tem uma esposa esperando um filho. Deveria estar com eles, não aqui, arriscando sua vida.

Jason balançou a cabeça, sua determinação clara.

-Minha família é importante, mas vocês também são minha família. Não vou abandonar vocês agora.

Aidan suspirou, sua frustração evidente.

-Estou falando sério, garoto. Você tem algo pelo que viver. Eu... - Ele fez uma pausa, tentando encontrar as palavras certas. - Eu não quero que se machuque.

Jason manteve seu olhar firme.

-E eu não vou fugir. Estou aqui porque quero proteger todos nós. Não vou deixar você ou os outros para trás.

Aidan diminuiu o ritmo do cavalo, certificando-se de que Jonah e Roy não pudessem ouvir. Os sons do grupo à frente tornaram-se abafados pelo trotar dos cavalos, criando uma bolha de

privacidade entre ele e Jason.

-Jason, escuta - Aidan começou, sua voz baixa e urgente. - Você precisa fugir, rápido. Pegue sua mulher e desapareça. Chegou a hora. Estamos sem tempo. Os federais estão na cola, as escolhas duvidosas de Jonah, seu comportamento suspeito... Você tem que fugir, agora.

Jason virou-se para Aidan, confusão e preocupação marcando seu rosto. Ele parecia buscar algo nos olhos de Aidan, uma explicação que fizesse sentido para o pânico evidente nas palavras do amigo.

-Você está dizendo isso por causa das dores que está sentindo? Você vai morrer, Aidan?

Aidan sentiu um nó se formar em sua garganta. As dores nas costas e nas juntas eram constantes lembretes de sua própria mortalidade, mas isso não era tudo. Ele precisava proteger Jason.

-Talvez... talvez as dores estejam me lembrando do tempo que tenho, mas não estou preocupado comigo agora - respondeu Aidan, tentando manter sua voz firme. - Estou preocupado com você, com o que vai acontecer se você ficar. Jonah está tomando decisões erradas, decisões que podem nos levar direto para a morte. Os federais estão cada vez mais próximos e, sinceramente, não sei se todos vamos sair dessa.

Jason balançou a cabeça, a determinação em seus olhos se intensificando.

-Não vou deixar vocês, Aidan. Não vou fugir como um covarde. Vocês são minha família também. Minha mulher entende isso.

Aidan suspirou profundamente, sentindo o peso do desespero em suas palavras.

-Não se trata de ser covarde, Jason. Trata-se de sobrevivência. Você tem uma chance de construir algo real, longe de toda essa violência e morte. Tem uma chance de criar seu filho em paz. Você não precisa carregar o fardo que eu carrego, ou que Jonah carrega. Tem uma saída para você.

Jason olhou fixamente para Aidan, seus olhos refletindo uma mistura de lealdade e teimosia.

-E se eu for embora, quem vai cuidar de vocês? Quem vai garantir que vocês também tenham uma chance? Não posso simplesmente virar as costas.

Aidan apertou o punho em frustração, sentindo a dor lancinante em suas juntas. Ele sabia que Jason estava sendo honesto, mas também sabia que a teimosia do jovem poderia custar-lhe a vida.

-Jason, eu já fiz minha escolha. Estou preparado para o que vier. Mas você... você ainda tem uma vida inteira pela frente. Não desperdice isso por causa das nossas escolhas. Acredite em mim, fugir agora é a coisa mais corajosa que você pode fazer.

Jason estreitou os olhos, analisando cada palavra de Aidan.

-Você realmente acredita nisso? Que fugir é o certo?

Aidan assentiu, sua expressão grave.

-Sim, acredito. Fugir não é desistir. É dar um futuro para sua família, um futuro que você merece. Não deixe que a lealdade ao bando te cegue para o que realmente importa.

O silêncio entre eles era pesado, cada um absorvendo as palavras do outro. Aidan podia ver a batalha interna que Jason travava, o conflito entre o dever para com os amigos e o amor pela família. Ele só esperava que Jason tomasse a decisão certa.

Antes que Jason pudesse responder, Roy, ouvindo parte da conversa, se aproximou com um sorriso provocador.

-O que está acontecendo aqui, hein? Aidan, dando conselhos de pai para filho?

Jason, irritado, virou-se para Roy.

-Cala a boca, Roy. Isso não é da sua conta.

Roy riu, aumentando ainda mais a tensão.

-Ah, parece que o garotinho está nervoso. Vai fazer o que, Jason? Vai correr para casa?

Jason, tomado pela raiva, sacou sua pistola enquanto ainda cavalgava, apontando-a para Roy.

-Eu disse para calar a boca!

Aidan, alarmado, colocou a mão no braço de Jason, tentando acalmá-lo.

-Jason, abaixe a arma. Não precisamos disso agora. Concentre-se no que realmente importa.

Roy, com um sorriso desdenhoso, levantou as mãos em sinal de rendição.

-Calma, calma. Só estou brincando. Vamos manter o foco, certo?

Jason, com o coração batendo acelerado, abaixou lentamente a arma, ainda olhando furioso para Roy.

-Só mais uma palavra, Roy, e eu juro...

Aidan, tentando trazer a paz de volta ao grupo, deu um passo à frente.

-Vamos todos focar na missão. Temos trabalho a fazer.

O grupo continuou sua cavalgada, adentrando um pantanal denso e úmido. O sol ainda brilhava intensamente no céu, lançando sombras longas sobre a vegetação rasteira. Após horas de viagem, avistaram uma pequena cidade no horizonte, suas construções de madeira e telhados desgastados pelo tempo destacando-se contra o verde ao redor. La Chupa Rana não era mais que um punhado de prédios enfileirados ao longo de uma estrada de barro, cercada por pântanos e árvores retorcidas.

À medida que se aproximavam, os habitantes da cidade pararam o que estavam fazendo para encará-los. Olhares hostis e desconfiados os seguiam, revelando rostos enrugados e marcados pelo sol e pelo trabalho árduo. Alguns homens, de aparência rude e suja, usavam chapéus de abas largas e roupas esfarrapadas. Mulheres com vestidos simples e crianças de pés descalços os observavam de portas entreabertas.

Um homem em particular, com uma barba desgrenhada e um dente de ouro reluzente, mascava tabaco enquanto cuspiu no chão. Outro, com uma cicatriz que ia do olho até o queixo, segurava uma espingarda com firmeza, os olhos semicerrados em desconfiança.

Jonah desceu de seu cavalo com um movimento decidido e se dirigiu ao saloon, seguido pelos outros. Ao empurrar as portas batentes, os sons de conversas e risadas cessaram instantaneamente. Todos os olhos se voltaram para os quatro homens que entravam. O ar parecia carregar uma tensão palpável enquanto se dirigiam ao balcão. O barman, um homem calvo e robusto, enxugava um copo com um pano sujo, seu olhar avaliador fixo em Jonah.

-Estamos procurando informações - disse Jonah, a voz grave e firme.

Antes que o barman pudesse responder, um homem ao lado de Jonah, evidentemente embriagado e mal-encarado, começou a discutir.

-O que diabos vocês pensam que estão fazendo aqui?

Jonah não hesitou. Num movimento rápido e brutal, segurou a cabeça do homem e bateu-a com força contra a mesa, o som do crânio se quebrando ecoando pelo saloon. O homem caiu morto, e os outros caipiras do bar se levantaram de suas cadeiras, prontos para atacar.

Mas Jason, Roy e Aidan já estavam com suas pistolas nas mãos, mirando nos agressores. Jonah gritou, sua voz carregada de autoridade e ameaça.

-Não precisa de mais mortes. Eu só quero saber se alguém viu algum carregamento por aqui.

O silêncio tomou conta do saloon, a tensão crescendo a cada segundo. De repente, um homem no canto do bar se levantou abruptamente e correu para a saída dos fundos. Jonah saiu em perseguição imediata, com Aidan logo atrás.

O homem correu pelos fundos do saloon, atravessando uma porta que dava para um beco estreito e lamacento. Quando parecia que ele poderia escapar, Roy surgiu de uma esquina e se jogou sobre o fugitivo, derrubando-o no chão. Jonah se aproximou rapidamente, levantando o homem pelos colarinhos e começando a espancá-lo com força.

-Onde está o carregamento? - Jonah rugiu, entre socos violentos.

O homem, com o rosto já ensanguentado, tentou falar, mas foi interrompido por mais golpes. Aidan, vendo a brutalidade da cena, interveio.

-Jonah, calma! - ordenou Aidan, segurando o braço do companheiro. - O cara quer falar. Deixe ele falar.

Jonah respirava pesadamente, mas parou de bater no homem. Aidan se ajoelhou ao lado do homem caído, olhando diretamente em seus olhos aterrorizados.

-Fala logo! - Aidan disse com uma voz firme. - Onde está o carregamento?

O homem, tremendo e gemendo de dor, finalmente conseguiu articular algumas palavras.

-Na velha cabana... no pântano... perto da árvore morta... Eu juro, é tudo o que sei!

Aidan olhou para Jonah, confirmando que a informação era legítima. Jonah deu um último empurrão no homem, que caiu gemendo no chão.

-Vamos - disse Jonah, sua voz ainda carregada de raiva, mas controlada. - Temos o que precisamos.

Os quatro homens voltaram para os cavalos, prontos para seguir a próxima pista. As tensões ainda estavam altas, mas todos sabiam que o pior ainda estava por vir. La Chupa Rana havia mostrado suas garras, e agora eles precisavam estar prontos para enfrentar qualquer coisa que viesse em seu caminho.

O grupo cavalgou em direção à cabana, a vegetação do pântano se fechando ao redor deles enquanto o cheiro de terra úmida e decomposição enchia o ar. As árvores torcidas e o terreno lamacento tornavam a passagem difícil, mas eles seguiram adiante, guiados pela descrição do homem espancado.

Quando finalmente avistaram a cabana, perceberam que não estavam sozinhos. Vários homens mal-encarados se aproximaram, suas expressões duras e desafiadoras.

-O que vocês querem aqui? - um deles perguntou, a voz carregada de desconfiança.

Jonah lançou um olhar de ódio para o grupo. Sem responder, sacou sua pistola e, em um movimento rápido, disparou contra três dos homens, matando-os instantaneamente. Os tiros ecoaram pelo pântano, e um tiroteio frenético começou.

-Você está louco, Jonah? - gritou Aidan, enquanto se protegia atrás de uma árvore.

Jonah ignorou o grito de Aidan, focado apenas em eliminar os inimigos. Jason, com uma precisão letal, acertou três homens com tiros certos na testa. Aidan, experiente e ágil, eliminou outros com tiros precisos, enquanto Roy, com um sorriso sádico, atirava nos joelhos dos homens antes de terminar com um tiro na cabeça de cada um.

Após o intenso tiroteio, o silêncio voltou ao pântano, interrompido apenas pelos gemidos dos feridos e o som do vento nas árvores. Eles se aproximaram da cabana, agora cercada de corpos.

Ao entrarem, encontraram uma carroça lacrada no centro da sala. Uma senhora muito velha, curvada e frágil, ergueu a mão em um gesto de advertência.

-Não se aproximem da carroça - ela disse, sua voz trêmula, mas firme.

Jonah, impiedoso, não hesitou. Com um movimento rápido, agarrou a velha pelo pescoço e começou a enforcá-la. Aidan tentou intervir, mas era tarde demais. A velha caiu ao chão, seu corpo velho e gelado repousando sobre o assoalho de madeira inchado pela umidade do pântano ao redor.

-O que você fez, Jonah? - Aidan exclamou, olhando para o corpo da senhora.

Jonah ignorou o comentário e subiu na carroça, sua expressão endurecida.

-Eu a levarei até Viccei. O resto de vocês, voltem ao acampamento.

Aidan se ofereceu para ir junto, mas Jonah o cortou com um olhar frio.

-Não, eu vou sozinho.

Roy, observando a cena, zombou e gargalhou, claramente se divertindo com a situação. Aidan, com raiva contida, olhou para Roy.

-Você tem um dedo nesse comportamento de Jonah.

Roy o provocou com um sorriso malicioso.

-Talvez sim, talvez não.

Com isso, Jonah partiu, conduzindo a carroça, deixando Aidan, Jason e Roy para trás. A tensão no ar era palpável, e Aidan sabia que as escolhas de Jonah estavam levando-os por um caminho cada vez mais perigoso e incerto. Enquanto Aidan, Jason, e Roy retornavam ao acampamento.

## — CAPÍTULO DEZENOVE —

### Como Não Fazer Amigos Parte I

"Mais um fiasco marcado na nossa história. O assalto ao banco foi um completo desastre. Deveria ter sido simples, mas acabou em um banho de sangue. O bando tem perdido mais do que acertado. É como se o destino estivesse nos dando um tapa atrás do outro, e não conseguimos nos levantar. Tivemos que recolher os corpos de Michael e Marcus. Os federais os deixaram em uma cova mal feita, e tivemos que cavar em uma clareira ao redor de Montclair. Foi um funeral sombrio e digno, o tipo que ninguém quer presenciar. Aquelas velas e cruzeiras improvisadas não conseguem consertar o que foi perdido.

A culpa pelo fiasco foi lançada sobre Jonah. As tensões estão altas, e a frustração se tornou diária. A relação entre os membros do bando está se deteriorando. Jonah, que já estava na beira do precipício, quase atirou em Sean quando ele o culpou diretamente pelo fiasco. O bando parece estar se desfazendo, e a confiança é algo raro agora.

A nossa recente reunião com Tommaso não trouxe clareza, apenas mais incertezas. Jonah, não confia em Tommaso, e eu também não confio. Ele tem um jeito de falar e se portar que não combina com a nossa forma de fazer as coisas. É um tipo de homem que faz promessas sem um pinga de sinceridade nos olhos. Não podemos nos dar ao luxo de confiar em qualquer um que cruzar nosso caminho. No entanto, aqui estamos, esperando que Tommaso nos ofereça algum tipo de alívio para a nossa situação.

Em La Chupa Rana, o confronto foi inevitável. Jonah, dominado pela raiva, iniciou um tiroteio. Jason e Roy mostraram sua letalidade, e eu fiz o que pude. Encontramos uma carroça lacrada e uma senhora velha que Jonah matou sem hesitar. Ele está fora de controle, influenciado por Roy. A situação parece cada vez mais desesperadora, e não sei por quanto tempo o bando vai aguentar essa pressão. As coisas estão mudando rápido, e, se não encontramos uma solução logo, a nossa história pode acabar com um final muito mais amargo do que o esperado."

Aidan fechou o diário e guardou-o com um suspiro cansado. Ele se levantou, a sensação de peso nos ombros tão pesada quanto o próprio cansaço. Caminhou até o centro, onde Jonah estava com o olhar fixo para o chão, imerso em algo que nem mesmo ele compreendia.

Ao ver Aidan se aproximando logo se levantou.

-Ah... olá, Aidan... - disse Jonah, sua voz carregada de um tom estranho. - Recebi uma carta hoje cedo. Tommaso nos convidou para um café. Só nos chamou, ignorando a presença de Roy.

"*Graças a Deus*", pensou Aidan, mas antes que pudesse relaxar, Jonah continuou.

-O que acho uma falta de respeito, especialmente considerando que Roy é o nosso membro mais confiável...

Aidan levantou uma sobrancelha, incrédulo.

-Roy, confiável? Jonah, você realmente acredita nisso? Esse homem tem estado mais para um veneno do que para um aliado.

Jonah virou-se abruptamente, o brilho de raiva nos olhos fazendo o ambiente parecer ainda mais carregado.

-Você não entende, Aidan. Roy tem sido mais leal do que muitos aqui. Você, por exemplo. Quantas vezes você questionou minhas decisões?

Aidan sentiu uma sensação gelada no estômago. As palavras de Jonah eram como facadas precisas. Ele apertou os punhos, tentando manter a compostura.

-Questionar suas decisões? Jonah, eu sempre estive ao seu lado. Desde o início. Foi você quem me tirou da decadência, me deu um futuro. Nunca pensei que um dia você duvidaria de mim.

Jonah balançou a cabeça, a raiva se misturando com uma frustração amarga.

-Talvez eu tenha sido cego, Aidan. Talvez... talvez esteja na hora de abrir os olhos para quem realmente está ao meu lado.

Aidan deu um passo à frente, a voz carregada de uma intensidade silenciosa.

-E quem está ao seu lado, Jonah? Roy? Um homem que parece mais interessado em nos ver afundar? Você está perdendo a clareza, se deixando levar por ressentimentos e amargura. Você já foi um líder decidido, alguém em quem eu realmente confiava. Agora, parece que a única coisa que você faz é se afundar mais fundo na escuridão.

Jonah olhou para Aidan, o olhar carregado de confusão e frustração. Era visível que ele estava abalado, sem a confiança e o foco que outrora o definiam. Seus olhos vacilavam entre o cansaço e uma raiva indomável.

-E o que você sugere, Aidan? - Jonah perguntou, a voz quase um sussurro carregado de amargura.

-Que eu confie cegamente em você? Em tudo que foi dito, em tudo que foi feito?

Aidan suspirou, o peso da situação quase o fazendo vacilar.

-Não, Jonah. Eu não quero que você confie cegamente em ninguém. Eu só quero que você veja a verdade. Estamos desintegrando. O bando, as amizades, a lealdade... tudo está desmoronando. Se não conseguirmos encontrar um caminho juntos, não haverá nada mais para confiar.

Jonah permaneceu em silêncio, os olhos vagando pela cena ao redor como se buscassem uma resposta em meio ao vazio.

Finalmente, Jonah falou, sua voz fraca e quebrada.

-Talvez você esteja certo, Aidan. Mas eu... eu não sei mais o que fazer. É difícil ver onde tudo deu errado. E tenho certeza que não fui eu o culpado.

Aidan sentiu uma onda de frustração. Aquele homem que antes era um pilar de força e determinação agora parecia estar à beira do colapso, consumido por uma confusão que ele mesmo não conseguia explicar. Ele estava exausto de tentar salvar alguém que parecia estar se afundando sem querer ser salvo.

-Não tenho todas as respostas, Jonah. Só sei que, se continuarmos assim, não sobrá nada. Só... não faça isso. Não se perca na escuridão que está ao seu redor.

Jonah ergueu a cabeça, a expressão sombria, mas ele acenou com a cabeça.

-Vamos. Não podemos nos dar ao luxo de ficarmos parados aqui discutindo.

Os dois homens, montaram em seus cavalos e partiram na direção da mansão de Tommaso. O caminho estava envolto em uma bruma matinal, e o som dos cascos dos cavalos ecoava em um ritmo metódico.

A mansão de Tommaso, começou a se revelar à medida que se aproximavam. Quando chegaram, desceram dos cavalos e foram recebidos por um criado que os conduziu até a entrada principal. Aidan sentiu o peso da tensão e do desconforto aumentar à medida que avançavam para o interior da mansão. Jonah parecia uma sombra de seu antigo eu, seus passos pesados e desanimados.

Dentro da mansão, a opulência do ambiente era palpável. Tommaso aguardava na sala de recepção, uma combinação de elegância e frieza. Seu terno estava impecável, e o olhar calculista não deixava dúvidas sobre seu caráter.

-Bom dia, senhores - disse Tommaso com um sorriso que parecia mais uma máscara. - É um prazer vê-los aqui.

Jonah acenou com um gesto seco, o olhar carregado de desconfiança. Aidan, embora tentasse manter a postura, estava visivelmente incomodado com a situação.

Tommaso indicou as cadeiras e fez um gesto para que se sentassem. O café foi servido e a atmosfera estava carregada de uma tensão quase palpável. Tommaso, depois de garantir que o criado havia saído, começou a conversa com uma frieza calculista.

-Então, tenho um trabalho que pode interessar a vocês - começou Tommaso, seus olhos fixos em Jonah. - Um trabalho que promete ser bastante lucrativo.

Jonah, com uma expressão fechada, levantou uma sobrancelha.

-E qual é esse trabalho? - perguntou ele, a voz carregada de ceticismo.

Tommaso manteve o sorriso, mas seus olhos eram frios como aço.

-Sabotagem de um concorrente que está ameaçando meu controle sobre a cidade. Preciso que vocês não afetem diretamente, procurem afetar sua família, se é que me entendem - explicou Tommaso. - É uma oportunidade de se mostrar capaz e, claro, ser bem recompensado por isso.

Aidan, ouvindo a proposta, não conseguiu esconder seu desconforto.

-Tortura? - perguntou Aidan, a voz carregada de desdém. - Isso não parece o tipo de trabalho que normalmente fazemos. Além disso, por que deveríamos fazer isso por você?

Jonah olhou para Aidan com uma mistura de frustração e raiva, seu tom impaciente.



-Aidan, você não vê? - Jonah disse, tentando conter o desdém em sua voz. - Isso é um trabalho que pode resolver nossos problemas financeiros. Não podemos nos dar ao luxo de recusar uma oferta como essa.

Tommaso, percebendo a crescente tensão, observou com um olhar calculista.

-Eu entendo a hesitação de seu amigo, Jonah - disse Tommaso com um tom que parecia quase divertido. - Mas a quantia é significativa. 50 mil dólares. É mais do que o suficiente para mudar as suas circunstâncias.

Aidan olhou para Tommaso com um olhar penetrante, sua preocupação com Jonah crescendo a cada palavra.

-50 mil dólares ou não, isso não é algo que devemos fazer - disse Aidan, seu tom firme. - Jonah, estamos falando de comprometer nossos princípios por um pagamento. Isso não parece certo.

Jonah balançou a cabeça, a expressão endurecida pela ganância e desconfiança.

-Princípios? - ele perguntou, sua voz carregada de amargura. - Nossos princípios não vão nos manter alimentados ou nos tirar dessa situação. O dinheiro é o que precisamos, Aidan. E se você não consegue ver isso, então talvez não esteja vendo a realidade como eu estou.

Aidan sentiu uma onda de frustração e desilusão. Ele deu um passo à frente, sua voz baixa, mas cheia de intensidade.

-E o que você está se tornando, Jonah? - perguntou Aidan, sua voz carregada de dor. - Não é apenas sobre o dinheiro. É sobre o que estamos sacrificando para obtê-lo. Você está se perdendo, e isso está mudando tudo o que fomos.

-Droga, Aidan... temos passado fome! Estamos morrendo aos poucos, e você me vem com falsos ideais?

Jonah, com um olhar de desdém, virou-se para Tommaso.

-Se Aidan não quer participar, não posso fazer nada - disse Jonah, sua voz fria. - Eu vou aceitar o trabalho. Se Roy estiver disponível, o trago para ajudar. Se precisar de mais alguém, vou procurar. Tommaso observou a cena com uma expressão de satisfação.

-Jonah, você está cometendo um erro - disse Aidan, sua voz carregada de amargura. - Não estou disposto a ser parte disso.

Jonah apenas acenou com a cabeça, sua expressão distante e fria.

-Se não quiser ir, fique. Eu vou resolver isso com Roy.

Jonah montou seu cavalo e, com uma expressão fechada e tensa, partiu da mansão de Tommaso. Aidan, ainda repleto de frustração, assistiu-o se afastar, o peso das palavras não ditas pairando no ar. Aidan decidiu retornar ao acampamento, seu coração pesado com o peso das escolhas feitas e das mudanças que via em Jonah.

O dia estava claro e fresco quando Aidan chegou ao acampamento, os sons do trabalho cotidiano se misturando com a tranquilidade do ambiente natural. Will estava de volta ao trabalho, apesar das dificuldades visíveis. Seus movimentos eram lentos e cansados, mas ele estava firme na sua tarefa, determinado a seguir em frente. Em outra parte do acampamento, Emillie, Adeline e Isabella corriam animadamente em direção ao lago, rindo de algo. Samuel e Sean estavam conversando em um canto, a voz de Sean carregada de frustração, enquanto Samuel tentava manter um tom calmante.

Koda estava ocupado esfolando um cervo, o sangue e a pele do animal formando uma cena de trabalho árduo. Jeremiah estava acordando com uma cara de ressaca, os olhos pesados e a expressão desconfortável. Jason estava um pouco afastado, com um livro em mãos e uma expressão confusa, os olhos franzidos enquanto tentava ler.

Aidan se aproximou de Jason, seus passos carregados de cansaço e frustração. A tensão do dia se refletia em sua postura, e sua preocupação com Jonah estava se transformando em uma busca por algum tipo de consolo ou resposta.

-Jason, o que está fazendo? - perguntou Aidan, tentando disfarçar a frustração em sua voz. - Você está lutando com esse livro, parece.

Jason ergueu o olhar, um brilho de alegria genuína em seus olhos.

-Aidan, você não vai acreditar! - disse Jason, com um sorriso que irradiava entusiasmo. - Descobri que vou ser pai. Não consigo parar de pensar em todas as histórias que quero contar para meu filho. Sempre quis isso, e agora está acontecendo. Não consigo expressar o quanto estou animado! Aidan ficou parado por um momento, a surpresa e a felicidade se misturando em seu rosto. Ele

sorriu, mas a tristeza em seus olhos era inconfundível.

-Isso é incrível, Jason - disse Aidan, a voz carregada de sinceridade. – Então quer dizer que você... e a Emillie?

-Sim! – respondeu com entusiasmo – Isso não é incrível?

-É sim... e é por isso que está lendo? Ou melhor, tentando – zombou Aidan.

-É sim, só que... é mais difícil do que eu imaginava - admitiu Jason, com um sorriso nervoso. - Estou tentando me preparar para contar histórias para o meu filho. Quero estar pronto, para que ele possa ouvir boas histórias quando crescer. Mas essas palavras, elas são complicadas. Não é fácil como eu pensava.

Aidan viu a luta no rosto de Jason e se aproximou um pouco mais, a preocupação agora voltada para o amigo.

-Você está se forçando a ler esses livros, não está? - Aidan observou, o tom de sua voz carregado de compreensão. - Não precisa ser perfeito. Só precisa estar lá para ele, com suas histórias.

Jason balançou a cabeça, a frustração visível.

-Eu sei, Aidan, mas eu quero que ele tenha algo especial. Sempre sonhei em ser pai, e agora que vou ser, quero garantir que faço o melhor possível. Não quero apenas contar histórias, quero que ele possa ver o quanto me esforço para fazer isso bem.

Aidan sentiu um aperto no peito. Ele sorria, mas os olhos expressavam uma tristeza profunda.

-Eu... - começou Aidan, hesitante, - sempre quis isso. Mas, com o que aconteceu, não sei se algum dia vou ter a chance. Ver você realizar esse sonho me faz feliz, mas também me faz sentir o peso do que nunca terei.

Jason percebeu a tristeza nos olhos de Aidan e tentou oferecer um sorriso reconfortante.

-Aidan, você é como um irmão para mim. Eu sei que as coisas não têm sido fáceis, e não tenho palavras para expressar o quanto valorizo sua amizade e apoio. Apenas saiba que, mesmo que as coisas estejam difíceis agora, você sempre terá um lugar especial na minha vida e, de alguma forma, na vida do meu filho também.

Aidan se sentou ao lado de Jason, com um sutil sorriso, apreciando o conforto da presença silenciosa do amigo. Observava Jason com um livro em mãos, a expressão de esforço visível à medida que tentava acompanhar as palavras.

O calor da tarde começava a se intensificar. Aidan sentiu uma leve fraqueza, sua respiração tornando-se mais pesada. Passou a mão na testa, tentando aliviar o desconforto crescente.

Jason lutava para manter o foco, o livro quase escorregando de seus dedos. Aidan notou o esforço e, ao mesmo tempo, o próprio cansaço crescente. O suor começava a formar pequenas gotas em sua testa, escorrendo lentamente pelo rosto.

A sensação de fraqueza era agora acompanhada por uma tremedeira sutil em suas mãos. Cada movimento parecia mais difícil, e a falta de ar se fazia mais evidente. Aidan sentiu seus dedos tremerem levemente ao apoiar a mão sobre o peito, tentando controlar a respiração.

O calor e a falta de ar pareciam se intensificar. Cada respiração era um esforço, e Aidan começou a se sentir mais desconfortável. Ele tentou controlar a respiração, fechando os olhos por um momento, e se apoiando em um sentimento de opressão que estava crescendo.

Jason, alheio ao estado de Aidan, continuava a ler com determinação. Suas palavras começavam a se misturar, e ele fazia pausas frequentes para se ajustar, respirando fundo para recuperar o foco.

O ar estava pesado, e respirar parecia um esforço maior.

A sensação de opressão em seu peito aumentava, e Aidan apoiou uma mão sobre ele, tentando controlar a respiração. A tremedeira em suas mãos estava agora se tornando mais perceptível, e ele sabia que precisava se afastar, para não atarpalhar Jason.

Até que Jason fechou o livro e olhou para Aidan, seus olhos brilhavam com uma mistura de alívio e orgulho. Ele estava animado para compartilhar seu progresso com o futuro que o aguardava. Aidan, com um sorriso forçado, tentou oferecer um incentivo genuíno.

-Você está indo bem, Jason. - Aidan disse, a voz rouca.

Jason sorriu com gratidão. A energia positiva de Jason contrastava com o crescente mal-estar de Aidan. Sabendo que precisava se afastar, Aidan se levantou com dificuldade, os passos pesados e a respiração pesada. A tremedeira em suas mãos estava agora evidente, e ele teve que se apoiar no chão para manter o equilíbrio.

Ele olhou para Jason uma última vez, sentindo uma esperança. Era um sonho que Aidan sabia que

jamais realizaria, enquanto Jason começava a preparar-se para o próximo livro. Aidan se afastou lentamente, dirigindo-se a um lugar mais isolado, onde pudesse lidar com o desconforto crescente e refletir sobre sua própria realidade.

Aidan se afastou do acampamento, seus passos pesados e o corpo visivelmente cansado. Caminhou até uma pequena clareira, longe dos outros, onde a sombra das árvores oferecia um pouco de alívio do calor. Lá, encostou-se a uma árvore e sentou-se no chão, tentando recuperar o fôlego.

Enquanto olhava para o céu filtrado pelas folhas, seu pensamento se voltou para Elizabeth. A sensação de saudade e perda era constante, mas naquele momento, estava mais forte do que nunca. Aidan fechou os olhos, e as memórias de Elizabeth começaram a invadir sua mente como uma onda persistente.

Ele a viu novamente, sorrindo para ele com aquele brilho no olhar que sempre o fazia sentir-se amado e seguro. Recordou a última vez que falaram sobre seus sonhos de futuro. Elizabeth estava com a mão sobre a barriga, os olhos brilhando de esperança.

**"Se tivermos um menino, que tal chamar ele de Brian?"** disse Elizabeth, com um sorriso sonhador. **"E se for uma menina, Bonny. Eu sempre amei esses nomes. Eles têm uma sonoridade especial, não acha?"**

Na memória, a voz de Elizabeth era clara e suave, como se ela estivesse ali com ele. Aidan se lembrava das conversas sobre a fazenda que construiriam, dos planos para um futuro juntos. Agora, tudo parecia tão distante e inalcançável.

Ele começou a falar em voz baixa, como se estivesse conversando com ela diretamente.

-Elizabeth, eu gostaria tanto que você estivesse aqui. Nós sonhamos tanto com isso. Um lar, uma família... tudo o que sempre quisemos. Eu ainda vejo os rostos de Brian e Bonny em meus sonhos, como se você estivesse aqui para me lembrar de tudo o que perdemos.

O calor do sol parecia menos intenso agora, mas a sensação de opressão em seu peito não diminuía. A tremedeira nas mãos de Aidan era mais perceptível, e ele passou a mão pelo rosto, tentando esconder a fraqueza crescente.

-Brian e Bonny... você escolheu os nomes com tanto amor. Eu sempre me imaginei contando histórias para eles, ensinando-os sobre o mundo. Agora, tudo isso parece um sonho perdido. Eu sinto tanto a sua falta, Elizabeth. E o que eu gostaria de fazer para mudar as coisas...

As lembranças se misturavam com a realidade dolorosa de sua situação. Aidan sentia uma dor profunda, não apenas pela ausência de Elizabeth, mas também pelo futuro que nunca iria viver. O desejo de ter uma família, de dar vida aos sonhos que compartilharam, parecia tão distante e inatingível agora.

Ele se apoiou na árvore, fechando os olhos novamente enquanto lutava para manter as lágrimas à distância. O calor do sol ainda estava presente, mas a sombra das árvores parecia envolvê-lo, oferecendo um momento de alívio enquanto ele se permitia sentir a perda mais uma vez.

-Se você pudesse ver isso agora... - Aidan sussurrou para o vazio, sua voz carregada de tristeza. - Se você pudesse ver o que se tornou... Não era para ser assim. Eu gostaria que você pudesse estar aqui para que pudéssemos montar a família que sempre sonhamos.

O som do vento nas folhas e o canto dos pássaros eram os únicos acompanhantes de Aidan. Ele permaneceu ali por um tempo, mergulhado em suas lembranças e no sentimento de saudade.

À medida que o sol se punha, a sombra das árvores tornou-se mais pronunciada, e Aidan estava sentado, mergulhado em suas lembranças e sentindo o peso crescente de sua própria fraqueza. Jonah aproximou-se com uma expressão carregada e um semblante que indicava um estado emocional tumultuado.

Jonah se sentou ao lado de Aidan, o silêncio entre eles carregado de tensão. Depois de alguns momentos de silêncio, Jonah começou a falar, sua voz carregada de frustração e desespero.

-Aidan, eu estive em um dilema. Fui ao lugar onde Tommaso queria que fizéssemos o trabalho. O rival dele estava doente, deitado na cama. Seus filhos estavam lá, cuidando dele. Aquilo... aquilo me trouxe lembranças de Mett.

Aidan se virou para Jonah, o peso das palavras de seu amigo visível em seu rosto. A lembrança de Mett eram dolorosas e sabia que a situação estava afetando profundamente Jonah.

-Jonah, o que aconteceu? - Aidan perguntou, tentando entender a profundidade do que Jonah estava passando.

-Eu não consegui seguir em frente com o trabalho. Olhei para aquela família e não consegui executar a ordem. Voltei a Tommaso e disse que não faria o trabalho. Ele ficou furioso. Mas não é só isso. É que... eu vejo todo o bando se desintegrando e sinto que estou perdendo o controle. A raiva de Jonah estava evidente, mas também havia um elemento de desespero misturado. Aidan tentou oferecer conforto, mas o crescente descontrole de Jonah parecia inabalável.

-O que Tommaso disse? - Aidan perguntou, tentando compreender as consequências.

-Ele ficou furioso e jurou vingança. Mas não é apenas sobre o trabalho. É sobre a sensação de traição e desmoronamento que vejo ao meu redor. Estou vendo o bando se fragmentar, e sinto que estou perdendo o controle de tudo. - Jonah respirou fundo, sua voz carregada de uma raiva contida.

- E, mais do que isso, sinto que não posso confiar em ninguém. Parece que todos estão se afastando, e você também parece estar distante.

Aidan percebeu a gravidade das palavras de Jonah e tentou manter a calma, mas a crescente sensação de traição e raiva em Jonah era evidente.

-Jonah, não é que eu esteja distante. Estou lutando para manter tudo junto, assim como você. Não estamos em um momento fácil, e as coisas estão desmoronando para todos nós - Aidan tentou argumentar.

-Não me venha com isso, Aidan. Eu vejo o que está acontecendo. Sinto que você e os outros estão me deixando para trás. O que está acontecendo com o bando não é só culpa minha. É uma falência coletiva, e você está tão imerso nos seus próprios problemas que não vê a verdadeira situação.

Jonah se levantou, seu tom agora feroz e desafiador. Ele olhou para Aidan com uma intensidade fria, a raiva e a desconfiança dominando seus olhos.

-Se você acha que estou exagerando, então talvez você seja parte do problema. Estou vendo a traição em cada canto, e a única coisa que posso fazer é lutar para manter o que resta. Se vocês não podem ver isso, então talvez eu esteja lutando sozinho mesmo.

Aidan tentou manter a postura, mas a crescente tensão e o peso de suas próprias dificuldades estavam claros. Ele sentiu o desconforto crescente em seu peito e o aumento do cansaço, enquanto observava Jonah se afastar.

-Jonah, eu só quero que entendamos o que estamos passando juntos. Não estou contra você - Aidan disse, sua voz cansada e firme.

Jonah virou-se para Aidan, sua expressão implacável. Ele fez um gesto com a mão e, com um último olhar de desdém, se afastou, deixando Aidan sozinho.

## — CAPÍTULO VINTE —

### Como Não Fazer Amigos Parte II

O acampamento entrou em um frenesi. Do meio do caos, um homem apareceu, montado em um cavalo. Edward Russel, com um olhar de satisfação sádica no rosto, se aproximou de Jonah. Jonah parou e se virou para enfrentar Edward, sua expressão um misto de raiva contida e frieza calculada.

-Jonah, que surpresa encontrá-lo aqui - disse Edward, descendo do cavalo com uma calma provocadora. - O mundo está mudando, sabe? Novas tecnologias estão surgindo, e não há mais espaço para homens como você e seu bando nesta sociedade.

Aidan, ainda lutando para se manter de pé, observava a cena com um misto de ansiedade e desespero. Ele sabia que a situação estava prestes a se deteriorar ainda mais.

-O que você quer, Russel? - Jonah respondeu, sua voz fria e dura.

Edward deu um sorriso, o tipo de sorriso que não chegava aos olhos.

-Eu quero o fim da sua era, Jonah. Vocês são um resquício do passado, uma ameaça ao progresso. Já não há lugar para vocês nesse novo mundo.

Jonah riu, um som áspero e sem humor.

-E você acha que pode simplesmente nos apagar, Russel? Você realmente acredita que o que está por vir será melhor do que o que temos agora?

Edward se aproximou mais, seus olhos brilhando com uma malícia fria.

-Eu acredito que a ordem e a lei prevalecerão. Você e seu bando são apenas obstáculos no caminho para um futuro mais controlado, mais previsível. Você não pode lutar contra isso, Jonah. Você está no fim da linha.

Jonah estreitou os olhos, cada palavra de Edward acendendo mais a fúria dentro dele.

-Você acha que me assusta com essas ameaças? Acha que vou simplesmente desistir? Você não sabe nada sobre mim, sobre o que estamos dispostos a fazer para sobreviver.

Edward deu um passo para trás, ainda mantendo seu sorriso calculado.

-Talvez você seja mais perigoso do que eu imaginava, Jonah. Mas isso não muda nada. Sua era está acabando. Eu vou fazer questão de garantir isso.

A tensão entre os dois era palpável, e Aidan podia sentir o clima ficar ainda mais tenso. Ele sabia que Jonah estava prestes a explodir, e que Edward estava provocando deliberadamente.

Antes que qualquer um pudesse reagir, o som dos federais cercando o acampamento se intensificou. Edward olhou ao redor, satisfeito com o caos que havia causado.

-Considere isso uma cortesia governamental, Jonah. A próxima vez que nos encontrarmos, não haverá mais conversa. Apenas consequências.

A tensão no acampamento aumentava, e Jonah, tomado pela raiva, ergueu a voz, sua autoridade indiscutível se fazendo sentir.

-Todos, arrumem suas coisas! Vamos sair daqui agora! - Ele olhou ao redor, seus olhos faiscando.

- Onde está Adeline? Quero que ela arrume minha tenda imediatamente.

Isabella, nervosa, respondeu rapidamente:

-Adeline saiu com Emillie. Elas foram procurar tecido.

Jonah ficou indignado, cerrando os punhos.

-Como assim, saíram? Estão loucas? Em meio a tudo isso?

Antes que ele pudesse continuar, Adeline apareceu no horizonte, cambaleando e visivelmente ferida. Sua roupa estava rasgada e manchas de sangue se espalhavam pelo tecido. Jonah olhou para ela por um breve momento, mas não demonstrou nenhuma compaixão, virando-se de volta para dar mais ordens.

Aidan, Will, Sean, e Isabella correram até Adeline, preocupação estampada em seus rostos. Eles a seguraram antes que ela caísse no chão, a respiração dela irregular e fraca.

-Adeline, o que aconteceu? Onde está Emillie? - Aidan perguntou, a voz cheia de urgência.

Com dificuldade, Adeline conseguiu falar, sua voz um sussurro quase inaudível.

-Tommaso... ele pegou Emillie. Quase me pegou também. Ele... ele está nos atraindo para uma armadilha.

A notícia caiu como uma bomba no acampamento. Jason, que estava perto, ouviu tudo. Seu rosto se contorceu em uma mistura de ódio e desespero. A veia em sua têmpora pulsava visivelmente enquanto ele se aproximava de Adeline, tentando controlar a raiva que fervia dentro dele.

-Tommaso... pegou minha mulher grávida? - Jason rosnou, cada palavra carregada de um ódio visceral. Ele cerrou os dentes, os olhos cheios de uma fúria que ameaçava transbordar. - Eu vou matar aquele desgraçado! Ele não vai sair vivo dessa, juro por Deus!

Jonah, ainda ignorando o sofrimento de Adeline, observava o caos se desenrolar com um olhar frio e calculado. Aidan, Will, Sean, e Isabella tentaram acalmar Adeline, mas a situação estava se descontrolando.

-Jason, calma! - Aidan tentou intervir, sua própria voz trêmula de preocupação. - Precisamos pensar com clareza. Se Tommaso realmente está nos atraindo para uma armadilha, precisamos ser inteligentes sobre isso.

Jason, no entanto, parecia além da razão, sua respiração pesada e descontrolada.

-Inteligentes? Ele está com Emillie! Eu não vou ficar parado enquanto ele faz sabe-se lá o quê com ela! Eu vou atrás dele agora!

Jonah finalmente se virou, sua voz cortante.

-E você vai acabar morto, Jason. Não podemos agir por impulso. Se Tommaso está nos atraindo, precisamos estar preparados para o que vier.

A tensão entre os dois era palpável, mas antes que a situação pudesse escalar ainda mais, Isabella, ainda cuidando de Adeline, gritou:

-Por favor, parem! Adeline está ferida. Precisamos cuidar dela e planejar nosso próximo passo com calma.

Aidan assentiu, tentando acalmar os ânimos.

-Isabella está certa. Vamos cuidar de Adeline primeiro. Depois, decidimos o que fazer em relação a Tommaso.

Jason relutantemente assentiu, ainda tremendo de raiva, enquanto Aidan e os outros levavam Adeline para dentro de uma tenda para cuidar de seus ferimentos. Jonah observava tudo com um olhar gélido. Ele colocou a mão no ombro do homem, tentando aparentar empatia.

-Jason, eu entendo sua dor. Vamos resgatar Emillie. - Jonah falou com uma firmeza quase paternal. - Mas precisamos ser estratégicos. Não podemos nos arriscar a perder mais alguém.

Jason, ainda com o rosto contorcido de raiva e desespero, olhou para Jonah, tentando se acalmar. Jonah aproveitou o momento para traçar seu plano.

-Vamos reunir um pequeno grupo. Roy, Jason, Sean, Samuel... - Ele fez uma pausa e olhou diretamente para Aidan. - E Aidan, se você quiser.

Aidan, lutando contra a dor que ainda sentia em seu corpo, assentiu devagar. Ele sabia que não podia deixar Jason enfrentar isso sozinho, mesmo com a fraqueza o consumindo.

-O restante de vocês, fiquem aqui e protejam o acampamento. Comecem a arrumar as coisas, porque vamos ter que sair daqui rápido. - Jonah continuou, sua voz firme. - Precisamos estar prontos para nos mover a qualquer momento.

Enquanto ele falava, Jonah manteve o semblante preocupado, mas seu olhar traía uma determinação fria e implacável. Ele sabia que a situação com Tommaso precisava ser resolvida, e estava disposto a fazer o que fosse necessário.

Aidan fez um esforço para se levantar, suas pernas trêmulas e a respiração pesada. Ele cambaleou, quase caindo, mas conseguiu se equilibrar, ignorando a dor que irradiava por todo o seu corpo. Jonah não pareceu notar ou se importar com o esforço de Aidan, sua atenção já voltada para o plano de resgate.

Jason, ainda em um turbilhão de emoções, apertou o punho ao lado de Jonah, os olhos brilhando com uma mistura de esperança e fúria.

-Vamos trazer Emillie de volta - disse Jason, sua voz carregada de determinação.

-Vamos sim. - Jonah respondeu, sua voz baixa, mas cheia de promessa. Ele olhou para os homens que havia convocado, sua expressão dura. - Preparem-se. Partimos em breve.

Enquanto os escolhidos se preparavam, o restante do bando começou a arrumar o acampamento,

a atmosfera carregada de urgência e tensão. Isabella continuava a cuidar de Adeline, que estava cada vez mais consciente e em pânico com a situação de Emillie.

O grupo partiu em silêncio, cada um montado em seu cavalo, com expressões determinadas e tensas. A noite estava caindo rapidamente, trazendo uma escuridão que parecia engulir as esperanças de Jason. Aidan montava com dificuldade, sua respiração ainda pesada e dolorida, mas sua determinação inabalável. Jonah liderava o grupo, seus olhos fixos à frente, uma expressão sombria no rosto.

O caminho para a mansão de Tommaso era longo e sinuoso, e a tensão entre os homens era palpável. Jason cavalgava ao lado de Aidan, o rosto marcado pela dor e raiva, as mãos segurando as rédeas com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

-Jonah, isso não é apenas sobre resgatar Emillie, não é? - Aidan perguntou, sua voz baixa, mas firme.

Jonah olhou de relance para Aidan, seus olhos brilhando com uma intensidade feroz.

-Claro que é, Aidan. Mas Tommaso precisa pagar pelo que fez. Ele nos subestimou, e agora vai aprender a lição.

Jason apertou os punhos, seus olhos fixos à frente, mas ele não disse nada. A raiva fervia dentro dele, e cada palavra de Jonah parecia alimentar ainda mais seu ódio.

-Só espero que isso não acabe piorando as coisas para Emillie. - Aidan continuou, tentando manter a calma.

-Não se preocupe, Aidan. - Jonah respondeu, a voz fria. - Vamos garantir que ela esteja segura. Mas Tommaso vai pagar.

Eles continuaram a cavalgar em silêncio, o som dos cascos ecoando na noite escura. Ao se aproximarem da mansão, desceram dos cavalos e se moveram furtivamente pela propriedade, utilizando a escuridão a seu favor.

Ao se aproximarem da mansão, Jonah fez um sinal com a mão para que todos se dispersassem e assumissem posições estratégicas. As sombras da noite ofereciam cobertura enquanto se moviam furtivamente, cada um dos homens consciente da importância da missão. Aidan se escondeu atrás de uma grande caixa de madeira, observando o ambiente com atenção.

Jonah avançou em silêncio, os olhos atentos a qualquer movimento. Roy e Jason se posicionaram atrás de algumas colunas, enquanto Samuel e Sean se ocultavam nas sombras próximas à entrada lateral. A mansão estava silenciosa, mas a tensão no ar era palpável.

Aidan fez contato visual com Jonah, que sinalizou com um leve movimento de cabeça. Ao mesmo tempo, um guarda se aproximava, caminhando lentamente pelo pátio. Jonah deu mais um sinal, e Aidan entendeu imediatamente. Com precisão e sincronia, ambos avançaram ao mesmo tempo. Aidan emergiu de trás da caixa, movendo-se rapidamente para a esquerda, enquanto Jonah avançava pela direita.

O guarda não teve tempo de reagir. Aidan agarrou o homem pela boca, abafando qualquer som, enquanto sua faca encontrava o coração do guarda com precisão letal. Do outro lado, Jonah fez o mesmo com outro guarda, movendo-se com uma fluidez mortal. Em segundos, ambos os corpos caíram no chão, silenciosos e sem vida.

Jason observou a cena, os olhos fixos em Jonah, seu rosto uma máscara de concentração e raiva contida. Samuel e Sean avançaram para ajudar a mover os corpos para um local mais oculto, garantindo que nenhum outro guarda os encontraria facilmente.

Continuando sua abordagem furtiva, o grupo se moveu em direção à entrada lateral da mansão. Jonah liderava o caminho, seus movimentos calculados e precisos. A cada passo, eles se aproximavam mais de seu objetivo. A luz fraca das lanternas nos corredores externos lançava sombras longas, mas o grupo estava bem treinado para se manter fora de vista.

Aidan se posicionou atrás de outra caixa, observando um par de guardas que patrulhava a entrada. Jonah novamente fez um sinal, e desta vez Samuel e Sean se moveram. Eles avançaram silenciosamente, e antes que os guardas pudessem perceber o perigo, suas vidas foram tiradas com a mesma eficiência letal. As facas foram retiradas rapidamente, e os corpos, movidos para fora de vista.

Quando chegaram à porta principal da mansão, Jonah fez um sinal para que todos se preparassem. Ele ergueu o pé e, com um chute poderoso, arrombou a porta, gritando com uma voz cheia de ódio e determinação.

-Sr. Viccei, a morte veio te cobrar... seu filho da puta!

A voz de Jonah ecoou pela mansão, preenchendo o espaço com uma promessa de violência. O caos se instaurou na mansão, um tiroteio intenso inrompeu.

O tiroteio começou com uma violência implacável. Balas rasgaram o ar, atingindo capangas de Tommaso que tentavam se reagrupar.

Jason disparava com precisão, cada tiro encontrado seu alvo com uma eficácia letal. Samuel e Sean moviam-se em um padrão coordenado, cobrindo os flancos e eliminando qualquer ameaça com frieza calculada. Aidan, apesar de seu cansaço, participou do tiroteio com uma determinação feroz, seu olhar fixo em cada inimigo que surgia.

O tiroteio era intenso e desordenado. As paredes da mansão eram adornadas com marcas de balas, e os capangas de Tommaso tentavam se reagrupar atrás de móveis e armaduras. Jonah, no meio do caos, movia-se com uma calma fria, sua expressão imperturbável enquanto supervisionava a carnificina.

Após o tiroteio, os corpos dos capangas de Tommaso se espalhavam pela mansão. Jonah e seu bando avançaram lentamente em direção ao escritório de Tommaso, com Jason no meio do caminho, desesperado, saindo da mansão para procurar Emillie nos arredores. A sala estava imersa em um silêncio inquietante, o som da luta dando lugar a uma tensão pesada.

Ao abrirem a porta do escritório, eles entraram em um ambiente de ostentação e excessos. No centro da sala, um tapete branco cobria o chão, e um sofá luxuoso estava posicionado ao fundo, parcialmente oculto por uma estrutura de armaduras medievais e clavas ornamentadas. O escritório de Tommaso era uma exibição de poder e riqueza, mas agora parecia mais um cenário de tensão iminente.

Jonah, com um olhar de desdém, se dirigiu à mesa de Tommaso. Sobre ela estava um charuto, o qual Jonah pegou com uma calma fria e calculada. Ele se sentou em uma cadeira de frente ao sofá onde Tommaso estava escondido, o rosto impassível enquanto observava a área ao redor.

Aidan e os outros permaneciam em alerta, seus olhares fixos na posição de Tommaso. A tensão na sala era palpável, cada respiração carregada de uma expectativa feroz. Jonah acendeu o charuto, o cheiro do tabaco se misturando com o aroma do sangue e da pólvora ainda no ar.

-Então, Sr. Viccei - Jonah começou, a voz baixa e ameaçadora. - Você achou que poderia brincar conosco e sair impune?

A voz de Jonah era um sussurro gelado, mas carregava um peso de ameaça que parecia quase tangível. Tommaso, escondido atrás do sofá, não se mexia. O silêncio era a resposta, um prenúncio do confronto iminente.

Jonah levantou-se calmamente, ainda segurando o charuto. Ele caminhou até o sofá e, com uma expressão de pura frieza, virou-o lentamente. Tommaso estava ali, pálido e visivelmente assustado, os olhos arregalados com a chegada de seus inimigos.

-Você nunca deveria ter mexido com a gente, Tommaso - Jonah disse, a voz agora cheia de uma raiva controlada. - Nunca.

Com um movimento rápido e preciso, Jonah puxou a arma. Tommaso não teve tempo de reagir. O tiro ecoou na sala, e Tommaso caiu de volta no sofá, a expressão de dor e surpresa estampada no rosto. A bala acertou sua barriga, e a dor o fez perder o controle das pernas. O sangue começou a manchar o tapete branco, criando um contraste macabro com o luxo do ambiente.

Tommaso tentou se mover, mas o choque e a dor o paralisaram. Jonah se aproximou, o olhar frio e implacável. Ele se inclinou sobre Tommaso, o charuto ainda fumegando entre os dedos.

-Agora - Jonah murmurou, com um tom de desprezo absoluto - você vai pagar pelo que fez. E não há ninguém que possa te salvar desta vez.

Tommaso, agora completamente impotente e em agonia, olhou para Jonah com um misto de medo e desespero. A cena estava carregada de um silêncio sombrio, onde a promessa de mais sofrimento pairava no ar.

Jonah, com uma expressão de desdém, se aproximou de Tommaso, que agora estava caído e sangrando no sofá. O charuto ainda queimava entre os dedos de Jonah, sua fumaça formando um contraste sinistro com o cenário de morte. Com um movimento calculado e imperturbável, Jonah pegou um machado medieval que estava pendurado na parede.

Os outros, incluindo Aidan, Samuel, e Sean, observavam a cena com uma mistura de horror e perplexidade. Jonah se inclinou sobre o corpo de Tommaso, sua frieza inabalável enquanto



começava a esquartejar o homem. O machado cortava através da carne e dos ossos com um som sombrio e cruel. O sangue jorrou e se espalhou pelo carpete branco, manchando o luxo do ambiente de forma grotesca.

Cada golpe do machado parecia ressoar na sala, e o corpo de Tommaso foi dividido em pedaços, os órgãos e o sangue se espalhando pelo chão. A cena era um espetáculo horrível de brutalidade, e o desespero e a dor de Tommaso eram visíveis em cada contorção de seu corpo.

Aidan, Samuel e Sean estavam visivelmente perturbados. Seus rostos mostravam uma mistura de indignação e choque. Era evidente que essa ação estava além do que esperavam de Jonah. A brutalidade do ato era tão desumana que parecia ter quebrado alguma barreira dentro deles. Aidan, com o rosto pálido, olhou para Jonah com uma expressão de incredulidade e raiva contida. Samuel e Sean também estavam perturbados, seus olhos fixos na cena, sem conseguir desviar o olhar.

Roy, ao contrário dos outros, parecia ter um leve interesse, seu olhar fixo no espetáculo de destruição, como se estivesse avaliando a eficácia da tortura. Sua expressão era quase impassível, uma anomalia entre o grupo perturbado.

Após o ato horrível, Jonah levantou-se, limpando a lâmina do machado com uma calma fria. Ele lançou um último olhar para o corpo esquartejado de Tommaso, seu rosto inexpressivo, e então se afastou. A cena estava carregada de um silêncio pesado, apenas interrompido pelos sons distantes do caos na mansão.

Jonah se dirigiu para fora do escritório, os passos pesados e decididos. Aidan, Samuel, e Sean seguiram-no, ainda atordoados pela brutalidade do ato. Eles sabiam que a missão estava longe de terminar e que o preço da violência tinha um custo pessoal alto.

O grupo se dirigiu para o lago próximo à mansão, onde Jonah continuou com sua demonstração de crueldade. Ele pegou a cabeça de Tommaso, que havia sido separada do corpo, e caminhou lentamente em direção ao lago. Os olhos dos outros seguiam-no, a indignação e o desconforto agora evidentes em suas expressões.

Jonah, com um olhar frio e calculado, lançou a cabeça de Tommaso aos jacarés que nadavam nas águas escuras. A cabeça flutuou por um momento antes de ser rapidamente engolida pelas criaturas, um destino brutal que parecia ser o ponto final para a cruel vingança de Jonah.

Os homens observavam, o horror do ato visível em seus rostos. Aidan, Samuel e Sean estavam claramente enojados e perturbados, suas expressões mostrando um profundo desconforto com o que acabaram de testemunhar. Jonah, por outro lado, parecia indiferente ao impacto de suas ações sobre seus companheiros.

À medida que o grupo se afastava da cena horrenda, a atmosfera estava carregada de tensão e desconforto. Jonah caminhava à frente, sua expressão imperturbável enquanto seus companheiros lutavam para processar o que acabaram de testemunhar. Aidan, Samuel e Sean estavam em silêncio, o choque e a indignação visíveis em suas expressões.

Aidan, tentando encontrar palavras para expressar seu desagrado, finalmente falou, sua voz carregada de frustração e desconforto:

-Jonah, o que diabos você fez? Isso não é o que costumávamos ser. Isso... isso é um massacre.

Samuel, ainda chocado, tentou encontrar alguma lógica no ato brutal.

-Não é como se isso fosse algo que você faria, Jonah. O que aconteceu com a nossa missão, com fazer justiça?

Sean, com um olhar perturbado, adicionou:

-Nós sabíamos que Tommaso era um inimigo, mas isso... isso é uma crueldade sem sentido. Não somos monstros.

Jonah, indiferente às críticas, os encarou profundamente.

-Às vezes, para fazer um ponto, você tem que se assegurar de que o recado seja claro. Tommaso fez sua escolha, e agora ele paga o preço. Se isso causa desconforto em vocês, talvez seja um sinal de que estão começando a entender o que realmente está em jogo.

Aidan balançou a cabeça, visivelmente irritado:

-Não é sobre entender, Jonah. É sobre manter nossa humanidade. Isso foi além do limite.

Enquanto a tensão entre eles aumentava, o som dos cascos de cavalo ecoou ao longe. Jason apareceu, ofegante e visivelmente aliviado. Ele estava sem seu casaco, que havia cedido a Emillie, e seu olhar era de pura alegria e inocência.

-Aidan! Sean! Samuel! - Jason exclamou, com um sorriso radiante. - Eu consegui encontrar

Emillie!

Ele guiava Emillie, que parecia cansada, mas estava envolta no casaco de Jason. O olhar de Jason era de alívio e felicidade por finalmente estar reunido com sua esposa, sem ter ideia da brutalidade que havia ocorrido na mansão.

-Veja, ela está bem! - Jason continuou, sem perceber a atmosfera carregada ao redor. - Eu a encontrei perto do lago, numa cabana. Eu... eu estou tão feliz de ter ela de volta.

A expressão de felicidade de Jason era um contraste chocante com o que Jonah e os outros haviam feito. A indignação de Aidan, Samuel e Sean era palpável, e o contraste entre a alegria ingênua de Jason e o horror do que haviam acabado de testemunhar deixou a cena ainda mais perturbadora. Aidan tentou manter a calma, mas sua voz estava carregada de frustração.

-Isso... é... realmente muito bom... é.

Enquanto o grupo se afastava da mansão com a intenção de escapar, o ambiente estava pesado com uma mistura de alívio e tensão. Jason estava aliviado por Emillie estar em segurança, mas a realidade da brutalidade de Jonah ainda pairava sobre ele e seus companheiros. Eles chegaram aos cavalos e estavam prestes a montar quando o som de passos apressados e o estalo de comandos cortaram o ar.

Edward Russel, acompanhado de uma tropa de policiais de Montclair, surgiu repentinamente, suas silhuetas emergindo das sombras com uma força imponente.

Russel, com um sorriso triunfante e um olhar gelido, segurava um mandato governamental que exibia com um gesto de vitória.

-Senhoras e senhores, é um prazer ver que o destino finalmente os trouxe a mim — Russel anunciou, sua voz carregada de sarcasmo e satisfação. - Aqui está o mandato governamental que me concede o direito de acabar com sua pequena revolta. O jogo acabou para vocês.

A expressão de Jonah foi de pura frustração e raiva ao ver Russel e sua força policial. O grupo estava cercado, sem opções evidentes de fuga, e a atmosfera estava prestes a explodir em violência.

-Preparem-se para a batalha! - Jonah gritou para seus homens, sua voz cortando o ar com uma intensidade feroz. - Não vamos cair sem lutar!

A batalha começou com uma ferocidade brutal. Os policiais dispararam contra o grupo, e Jonah e seus homens se lançaram ao confronto com uma determinação desesperada. O som dos tiros e o caos da batalha ecoavam pelo campo. Jonah disparava com precisão, seus olhos fixos em Russel, enquanto Aidan, Sean, e Samuel lutavam com todas as suas forças.

Jason, vendo o perigo iminente, estava em um estado de pânico controlado. Ele agarrou a mão de Emillie e, com o coração acelerado, a conduziu para longe do campo de batalha.

-Emillie, vá! - Jason ordenou, seu olhar carregado de desespero e determinação. -

Fique fora de vista e encontre um lugar seguro!

Emillie, com os olhos cheios de medo, tentou resistir, mas Jason a empurrou para a direção oposta, garantindo que ela tivesse uma chance de escapar. Jason sabia que precisava voltar para ajudar seus amigos, mas o preço seria alto.

Enquanto Emillie se afastava, Jason voltou ao campo de batalha. No entanto, ele foi capturado pelos policiais de Russel, seu esforço para lutar pela sua causa frustrado pela força esmagadora das autoridades.

Samuel, no meio da batalha, foi capturado por Russel e seus homens. Russel, com um sorriso cruel, usou Samuel como refém, sua presença uma arma psicológica poderosa contra Jonah e o grupo.

-Jonah, veja o que você causou - Russel provocou, segurando Samuel contra ele com uma arma apontada para sua cabeça. - Entregue-se agora, ou seu amigo pagará o preço.

Jonah, com uma frieza implacável, não demonstrou qualquer emoção diante da ameaça. Ele continuou a lutar com um foco intenso, ignorando o apelo de Russel. Mas a situação rapidamente se deteriorou quando Russel, sem perder tempo, atirou em Samuel, deixando seu corpo cair no chão. A visão do corpo de Samuel foi um golpe brutal para Aidan e Sean, ambos visivelmente afetados pela perda de um companheiro.

-Merda! - Aidan gritou, a raiva e a dor claras em seu rosto. - Não podemos continuar assim!

Sean, igualmente abalado, balançou a cabeça em descrença, a dor da perda de Samuel afetando profundamente seu espírito de luta.

No meio do caos, Roy, com um olhar de frieza calculada, aproximou-se de Jonah e murmurou palavras perturbadoras, seu comportamento influenciado pela crescente psicopatia de Jonah.

-Olhe ao redor, Jonah. O mundo está se despedaçando. A única coisa que resta é o poder. E você, como sempre, não vê nada além do seu próprio desejo de vingança.

Jonah, com a mente cada vez mais contaminada pelas palavras de Roy e pela brutalidade ao seu redor, parecia cada vez mais distante da pessoa que era antes. Seu comportamento estava se tornando ainda mais errático e implacável, alimentado pela combinação de raiva, dor e a influência manipuladora de Roy.

Enquanto a batalha se desenrolava e os tiros ecoavam pelo campo, uma tempestade começou a se formar no horizonte. Nuvens pesadas se acumulavam, e o vento começava a soprar com força crescente, carregando o presságio de uma tempestade violenta. A atmosfera estava carregada, tanto com o peso da chuva iminente quanto com o sentimento de desespero que permeava o campo de batalha.

Aidan, exausto, conseguiu se arrastar até Jonah. Seus movimentos eram lentos e dolorosos, mas a urgência em seu olhar era clara. Ele encontrou Jonah, que estava ocupado lutando contra as forças de Russel, e se aproximou com dificuldade.

-Jonah... Jason foi capturado - Aidan disse, sua voz áspera e tremendo. - Precisamos resgatá-lo, mas é agora ou nunca. Eles vão matar ele se não fizermos algo imediatamente.

Jonah, com o rosto coberto de sujeira e suor, olhou para Aidan com um misto de frustração e cansaço. Ele estava claramente consumido pela batalha e pela situação desesperadora em que se encontravam.

-Não podemos fazer isso agora, Aidan - Jonah respondeu, a voz fria e distante. - É um risco muito grande, e já estamos encurralados. Precisamos garantir nossa própria sobrevivência antes de qualquer coisa.

Aidan olhou para Jonah com descrença. A decisão de Jonah parecia uma desculpa esfarrapada, uma tentativa de evitar uma ação decisiva. A situação estava piorando rapidamente, e a falta de compromisso de Jonah em salvar Jason era evidente para Aidan.

-Não, Jonah! - Aidan protestou, a raiva e a urgência claras em sua voz. - Não podemos deixar Jason para trás. Ele é um dos nossos. Se não fizermos nada, vai ser em vão tudo o que passamos até agora.

Jonah, diante da pressão e do desespero de Aidan, relutantemente percebeu que a situação estava se tornando insustentável. Com Russel e seus homens se aproximando cada vez mais, o grupo estava encurralado. A decisão de lutar ou fugir se tornava iminente.

Com o tempo se esgotando, eles decidiram fugir em direção ao lago próximo, uma rota de escape que poderia levá-los para o mar, onde poderiam ter uma chance de se perder no horizonte e escapar da captura. O grupo se dirigiu rapidamente para o lago, onde uma canoa estava escondida.

A tempestade estava agora sobre eles, a chuva começava a cair torrencialmente, e o vento uivava com força. Jonah, Aidan, Sean e Roy rapidamente se embarcaram na canoa, suas roupas ensopadas e a tensão alta. Com o auxílio do pouco tempo que tinham, eles começaram a remá-la para longe da costa.

No entanto, enquanto se afastavam, Russel apareceu na beira do lago, gritando para o grupo. Seu olhar estava cheio de desprezo e raiva.

-Hoje vocês não vão fugir! - Russel gritou, sua voz cortando o vento e a chuva. - Vocês não terão uma saída!

Ele levantou sua arma e disparou contra a canoa. As balas atingiram a canoa, e um dos impactos fez com que ela começasse a afundar. A água rapidamente inundou a embarcação, e o grupo lutou para se manter à tona. O mar revoltoso tornou um abismo implacável, engolindo a canoa e seus ocupantes.

Jonah, Aidan, Sean e Roy lutavam contra as ondas e a correnteza, mas a tempestade estava contra eles. A chuva caía torrencialmente, misturando-se com o mar turbulento. Jonah, com um olhar de frustração e derrota, tentava desesperadamente se manter à tona, enquanto Aidan, exausto e ferido, começou a perder a consciência devido ao esforço e ao frio.

Finalmente, com as forças se esgotando e a tempestade intensificando, Aidan desmaiou, sendo levado pelas ondas.

## — CAPÍTULO VINTE E UM —

### O Pecado dos Inocentes, e o Martio

A tempestade havia se acalmado, e o amanhecer trouxe uma luz fria e pálida. Aidan estava inconsciente, sua respiração fraca e irregular. Ele havia sido levado pelas ondas até a costa, onde a maré o depositou em uma praia isolada e rochosa. A água ainda escorria de suas roupas ensopadas, e o frio o envolvia como uma manta implacável.

Aidan acordou com um salto, seu corpo se contorcendo de dor e confusão. Ele se encontrou pendurado de cabeça para baixo, amarrado a uma estaca grossa e sólida, com cordas apertadas em torno de seus pulsos e tornozelos. Sua pele estava nua, exposta ao vento frio e ao olhar atento de um grupo de homens em volta de uma fogueira.

Os homens, vestidos com roupas de linho simples e adornados com símbolos religiosos estranhos, conversavam em um tom baixo e reverente. O fogo dançava na fogueira, projetando sombras sinistras nas rochas ao redor. Aidan podia ouvir fragmentos de suas palavras, que misturavam termos religiosos e descrições macabras de um ritual iminente.

-O sacrifício está pronto - disse um dos líderes, um homem de barba longa e cabelos desgrehados, com uma expressão de fervor religioso - Abençoaremos nosso culto com o sangue do profano. Ele pagará pelo seu pecado.

-O ritual deve ser realizado com perfeição - acrescentou outro homem, sua voz cheia de uma seriedade grave - O Deus das Trevas exige um sacrifício puro e imaculado - apontou o homem a uma grande pintura, que Aidan ficou em choque ao ver, era do estranho de colete verde-musgo, sua aparência se tornava óbvia ao ver a cicatriz marcante em seu rosto.

Aidan tentou mover-se, mas as cordas estavam firmes e dolorosas. A sensação de estar nu e vulnerável era profundamente humilhante, e o medo crescente se misturava com a dor. Ele precisava agir rapidamente para escapar daquela situação.

Enquanto os homens continuavam com suas preparações, Aidan começou a analisar a cena ao seu redor. A fogueira estava próxima, com alguns utensílios e ferramentas espalhados ao redor. Entre eles, uma lâmina afiada estava repousada na areia, ao alcance dos olhos de Aidan.

Com um esforço considerável, ele conseguiu girar o corpo o suficiente para que o rosto ficasse voltado para o lado onde a lâmina estava. Usando o movimento de seu corpo balançando, ele conseguiu atrair a lâmina em direção às cordas que o prendiam. A dor das cordas cortando sua pele e o medo de ser descoberto aumentavam sua urgência.

Finalmente, a lâmina encontrou as cordas. Com uma série de movimentos rápidos e precisos, Aidan conseguiu cortar uma das amarras, depois a outra. Com uma força desesperada, ele se soltou da estaca e caiu ao chão, seu corpo tremendo de frio e esforço.

Os homens estavam distraídos, ocupados com seus cânticos e preparativos, e não notaram o movimento de Aidan. Ele rastejou pela areia, coberto de sujeira e com a mente cheia de pânico. A praia estava deserta, e Aidan sabia que precisava se afastar rapidamente antes que fosse descoberto.

Ele se escondeu atrás de algumas rochas, seu coração batendo forte no peito. Aquele grupo era uma ameaça mortal, e o tempo estava se esgotando. Aidan avistou uma trilha estreita que se estendia pela floresta próxima e decidiu que essa seria sua rota de fuga.

A medida que Aidan se movia, o som dos homens começava a se intensificar. Eles haviam notado a falta de Aidan e estavam começando a procurar. Aidan, com um esforço desesperado, correu para a trilha, sentindo a adrenalina inundar seu corpo e o frio penetrante da manhã.

A trilha era estreita e sinuosa, mas Aidan continuava a avançar com a determinação de alguém que sabia que a vida estava em jogo. A floresta estava cheia de galhos e arbustos, e o som dos perseguidores estava cada vez mais próximo. Seus pés descalços cortavam a vegetação, e ele se movia com a agilidade de alguém que estava correndo para salvar sua vida.

Finalmente, a trilha se abriu para uma pequena clareira, e Aidan avistou uma estrada à distância.

Ele se arrastou até a beira da estrada, sua visão embaçada pela exaustão, e ergueu a mão para pedir socorro.

No horizonte, uma carroça apareceu, puxada por um cavalo cansado, e Aidan fez um esforço final para acenar, sua voz quase um sussurro.

A carroça se aproximou lentamente, e o homem na frente, um inventor excêntrico com um chapéu exagerado e um sobretudo desganhado, olhou para Aidan com um misto de espanto e incredulidade. Phineas Abernathy, o inventor que Aidan havia ajudado no passado, não conseguia acreditar no que estava vendo.

-Que diabos! - exclamou Phineas, sua voz carregada de choque e preocupação. - Aidan? É você? Meu Deus, o que aconteceu com você?

Aidan, com dificuldade, tentou responder, mas a exaustão tomou conta dele. Phineas desceu da carroça, correndo até Aidan com uma mistura de aflição e curiosidade.

-Rápido, ajudem-me a colocá-lo na carroça! - ordenou Phineas, sua voz decidida apesar da surpresa.

Os assistentes de Phineas, um grupo de homens e mulheres que pareciam tão excêntricos quanto ele, ajudaram a levantar Aidan e colocá-lo na carroça. Phineas, com uma expressão de desespero e espanto, olhava para Aidan como se estivesse vendo um fantasma.

-Como você está aqui? - Phineas perguntou, enquanto tentava fazer com que Aidan se acomodasse na carroça. - E, por todos os céus, o que fizeram com você?

Aidan mal conseguiu abrir os olhos para responder, antes de desmaiar novamente devido ao cansaço extremo. Phineas fez um sinal para os assistentes, e eles começaram a mover a carroça com rapidez para a casa de Phineas.

Quando Aidan acordou, estava deitado em uma cama improvisada no laboratório desordenado de Phineas. O lugar estava cheio de peças de máquinas, engrenagens e equipamentos espalhados por toda parte. O cheiro de óleo e metal misturava-se com o aroma de remédios e antídotos, e as luzes de lâmpadas a gás lançavam um brilho quente sobre a cena.

Phineas estava ao lado de Aidan, examinando-o com um olhar preocupado e uma expressão que misturava frustração e alívio.

-Aidan, você está acordado! - exclamou Phineas, seu tom de voz aliviado e empolgado. - Pensei que você estivesse acabado. Eu nunca imaginei que encontraria você nessas condições. O que aconteceu?

Aidan, ainda fraco e desorientado, tentou falar, mas as palavras saíam como murmúrios abafados. Phineas, com sua característica empolgação e gestos amplos, continuou a falar, aparentemente mais aliviado por ter conseguido salvar Aidan.

-Eu estava em meio a um experimento quando percebi aquele vulto se arrastando pela estrada - Phineas explicou, balançando as mãos para enfatizar a gravidade da situação. - Não consegui acreditar nos meus olhos! E então, aqui estamos. Agora, vamos ver o que podemos fazer por você. Aidan fechou os olhos, o cansaço e a dor ainda predominando. Phineas começou a preparar alguns remédios e aplicar curativos, sua natureza inquieta e sua abordagem desordenada revelando o caos que era sua vida cotidiana.

Aidan começou a sentir uma estranha sensação de fraqueza em seus movimentos, como se seus músculos estivessem sendo puxados para baixo. Ele não entendia exatamente o que estava acontecendo, mas a sensação era desconcertante. Tentando se recuperar, ele se levantou com dificuldade, apoiando-se em uma das mesas desordenadas do laboratório.

Phineas, que estava ocupado organizando algumas de suas invenções, notou que Aidan estava de pé e imediatamente se aproximou com um sorriso largo e entusiástico.

-Ah, Aidan! Você está acordado! Perfeito, perfeito! - exclamou Phineas, seu entusiasmo contagiante. - Você chegou em ótima hora. Eu estava prestes a testar minha mais nova invenção, o Martio!

Aidan olhou em volta, notando que o "laboratório" de Phineas era um pequeno e fétido quarto cheio de tralhas e equipamentos espalhados por todos os lados. Havia peças de máquinas empilhadas, frascos com líquidos de cores duvidosas e uma série de engrenagens e cabos desconectados.

Phineas foi até uma mesa em um canto do quarto, onde um objeto coberto com um pano estava escondido. Ele puxou o pano com um gesto dramático, revelando o que parecia ser uma mistura

de peças de metal, rodas e uma cabeça de robô improvisada.

-Aqui está! O Martio! - disse Phineas, com um brilho de orgulho nos olhos. - Um robô feito inteiramente de sucata. Ele vai revolucionar a automação, ou pelo menos é o que espero.

Com um gesto animado, Phineas começou a ligar o robô. As engrenagens começaram a girar e as luzes piscavam de maneira intermitente. O Martio fez alguns movimentos iniciais desajeitados e soltou um som mecânico que se assemelhava a um ruído de motor quebrado.

Aidan observava com uma mistura de curiosidade e ceticismo, tentando ignorar a sensação de fraqueza que ainda sentia. Phineas, com um sorriso de satisfação, parecia completamente absorvido na demonstração.

-E agora, para o grande teste! - anunciou Phineas, apertando um botão que fez o Martio começar a se mover.

No início, o robô parecia funcionar bem, movendo-se de forma relativamente coordenada. Mas logo, a máquina começou a apresentar problemas: as rodas giravam de forma errática e o robô começou a balançar e fazer ruídos estridentes.

-Ah, talvez eu tenha mexido demais nos ajustes - murmurou Phineas, enquanto tentava intervir com uma chave inglesa.

De repente, o Martio começou a se movimentar de forma frenética, colidindo com os móveis e quase derrubando uma pilha de engrenagens. Phineas tentou acalmá-lo, mas o robô parecia ter sua própria agenda, ignorando os comandos e avançando na direção de Aidan.

Aidan tentou desviar, mas o robô, agora totalmente fora de controle, avançou com uma força surpreendente. Ele acertou Aidan em cheio, que caiu no chão com um baque. Aidan se levantou, ainda fraco, e encarou o robô com uma expressão de irritação e desconcerto.

-Ah, ótimo! - exclamou Phineas, enquanto tentava controlar a situação. - Parece que o Martio está se divertindo!

Com um movimento rápido, Aidan pegou uma das peças de sucata próximas e, com um esforço considerável, deu um golpe certo no robô. O Martio balançou e caiu de lado, seus movimentos se tornando desordenados.

Mas antes que Aidan pudesse comemorar, o robô se levantou, seus olhos piscando de maneira errática. Ele avançou novamente, mas desta vez, Aidan, com um movimento ágil, acertou o robô com uma série de socos que o desativaram temporariamente.

-Aidan, cuidado! - gritou Phineas, enquanto corria para desligar o robô. - Ele pode estar desativado, mas nunca se sabe!

O Martio, ainda com suas partes móveis se movendo de forma caótica, finalmente caiu de lado e parou completamente. Aidan, exausto e ainda com um leve tremor, caiu ao lado do robô, enquanto Phineas, com um olhar de alívio, se aproximou e começou a examinar a máquina com uma expressão mista de preocupação e fascínio.

-Bem, acho que ainda tenho alguns ajustes a fazer - disse Phineas, com um sorriso nervoso. - Mas é sempre emocionante ver a teoria em ação, não é?

Aidan, respirando com dificuldade e ainda um pouco abalado, levantou-se e olhou para Phineas com uma expressão cansada, mas grata.

-Sim, emocionante... - Aidan respondeu, tentando se recuperar. - Mas talvez devêssemos focar em algo um pouco menos... desafiador agora.

Phineas riu e acenou com a cabeça, enquanto ajudava Aidan a se acomodar novamente, aliviado por ter conseguido ajudar seu velho amigo, apesar das peripécias com o Martio.

Aidan estava em um estado de exaustão, seus movimentos ainda levemente debilitados e a sensação de fraqueza lhe incomodando. Ele se apoiou em uma das mesas do laboratório de Phineas, sentindo a dor e o cansaço se intensificarem. Phineas, ainda animado com o caos provocado pelo Martio, começou a limpar a bagunça e reorganizar seu laboratório. O pequeno quarto, repleto de tralhas e equipamentos, parecia um caos controlado, uma imagem do gênio excêntrico que Phineas era.

-Bom, Aidan - disse Phineas, com um sorriso cansado, enquanto guardava as ferramentas e peças de sucata - eu acho que seria prudente se você descansasse um pouco. Eu vou preparar um lugar para você.

Aidan, ainda atordoado, olhou em volta, absorvendo a cena. Phineas, em sua habitual excentricidade, tinha um entusiasmo genuíno por suas invenções e, apesar do caos, havia algo

reconfortante em sua presença. Phineas preparou um lugar improvisado para Aidan descansar, arrastando um colchão velho e um cobertor para um canto do laboratório.

Enquanto Aidan se acomodava, Phineas continuou a mexer em sua invenção, agora com um olhar mais pensativo. A invenção do Martio era um testemunho de sua criatividade, embora não exatamente funcional. A cena do robô descontrolado e os momentos de comédia não podiam apagar o fato de que Phineas havia sido uma salvação inesperada para Aidan.

Com o tempo, Aidan conseguiu relaxar um pouco, mas a sensação de fraqueza persistia. A mente dele vagava pelos eventos recentes, pela traição de Jonah e pela batalha desesperada. O som distante do mar e as ondas quebrando na costa pareciam um contraste surreal com a pequena bolha de segurança que Phineas havia criado para ele.

Phineas, observando o estado de Aidan com uma mistura de preocupação e entusiasmo, se aproximou com uma pequena caixa de ferramentas e alguns frascos de remédios improvisados.

-Bem, Aidan - disse Phineas, com um tom de voz que tentava ser encorajador - eu vou cuidar de você agora. Apenas tente descansar e se recuperar. Há sempre uma nova invenção à frente, e quem sabe o que mais podemos criar juntos.

Aidan fez um esforço para sorrir, embora a dor ainda fosse intensa. Ele sabia que a situação ainda estava longe de ser resolvida, e a sensação de fraqueza não fazia nada para aliviar suas preocupações. Contudo, no meio da adversidade, havia uma pequena chama de esperança, alimentada pela inesperada ajuda de Phineas.

Enquanto Phineas continuava a trabalhar, ajustando seus projetos e falando sobre novas invenções com um entusiasmo contagiante, Aidan fechou os olhos, tentando se concentrar na promessa de recuperação e de um futuro menos sombrio. A batalha havia sido feroz, e os desafios ainda estavam longe de acabar, mas naquele momento, em meio ao caos e à escuridão, havia um vislumbre de redenção e alívio. E então Aidan dormiu.

## — CAPÍTULO VINTE E DOIS —

### Tarde Demais

“A cada dia, meus movimentos se tornam mais difíceis. A tosse está piorando, e sinto a dor em meus pulmões crescer. Phineas diz que é normal, que o corpo reage ao estresse e à exposição ao frio, mas eu sei que é mais do que isso.

Desde o dia em que fomos à mansão de Tommaso, tudo desmoronou. A traição, a violência, o caos... foi como um pesadelo que nunca acaba. O plano de Jonah, as mortes, a luta com os policiais — tudo isso ficou gravado na minha mente e se arrasta para a realidade a cada momento de dor. Perdi meu diário naquela confusão. Peguei as folhas de Phineas para escrever, mas o papel é áspero e as palavras não vêm com a mesma fluidez. A escrita é um alívio, uma forma de colocar meus medos e problemas em perspectiva, mas agora até isso está se tornando um desafio. Sinto minhas mãos tremendo, e os dedos se movem com uma lentidão agonizante.”

Aidan pausou, passando a mão pela testa, sentindo a umidade do suor misturada com o frio que parecia não dar trégua. Ele olhou para o que havia escrito, as palavras ainda difíceis de ler, o papel amassado pelas suas mãos debilitadas. O ato de escrever, que uma vez foi uma forma de controle, agora se transformava em uma tarefa árdua.

Ele tentou respirar fundo, mas a tosse veio em um espasmo doloroso. Seu corpo estava lentamente se rendendo à condição que ele se esforçava para ignorar. Cada tosse parecia fazer seu peito arder mais, um lembrete cruel de que a batalha estava longe de ser vencida.

Phineas entrou no laboratório, seu olhar preocupado ao ver Aidan. Ele se aproximou com um sorriso forçado, tentando parecer encorajador.

-Aidan, como está indo? Ainda trabalhando em seu diário? - perguntou Phineas, tentando manter um tom leve, mas a preocupação era visível em seus olhos.

Aidan levantou a cabeça, seus olhos cansados encontrando os de Phineas. Ele forçou um sorriso, embora a dor fosse evidente.

-Estou tentando... - Aidan respondeu, sua voz rouca e fraquejada. - Só... é mais difícil do que eu pensei. Meus movimentos estão piorando. Sinto como se estivesse... perdendo o controle.

Phineas assentiu, seu olhar se suavizando. Ele se aproximou, pegando a folha de papel que Aidan estava usando. Sem palavras, ele começou a organizar o caos ao redor, tentando tornar o ambiente um pouco mais confortável.

-Não se preocupe tanto, Aidan. Às vezes, um pouco de descanso pode fazer maravilhas - disse Phineas, embora a expressão em seu rosto mostrasse uma preocupação genuína.

A manhã chegou com um frio cortante, e Aidan estava sozinho no laboratório de Phineas. O som da chuva batendo nas janelas era constante, uma melancólica trilha sonora para seus pensamentos turbulentos. Enquanto Phineas estava fora, ocupado com seus experimentos e tentando obter suprimentos, Aidan encontrou um pequeno par de tesouras em uma das prateleiras desordenadas do laboratório. Sentia-se angustiado pela sua aparência desleixada e decidiu que precisava se barbear, mesmo que isso parecesse uma tarefa trivial.

Com uma determinação que se misturava com a frustração, Aidan pegou as tesouras e tentou se barbear. Seus movimentos estavam longe de serem suaves; suas mãos tremiam, e ele teve dificuldade em segurar a tesoura. A cada tentativa de aparar o cabelo, sentia suas articulações se tornando mais rígidas e dolorosas. A tesoura caiu de suas mãos, batendo no chão com um som metálico que ecoou pelo laboratório.

Desesperado para pegar a tesoura novamente, Aidan tentou se abaixar, mas seus braços estavam cada vez mais rígidos. A dor excruciante fez com que ele cambaleasse, seu corpo se movendo com dificuldade. Tentou gritar por Phineas, mas sua voz saiu em um sussurro rouco e sem ar, quase inaudível.

Enquanto lutava para se recuperar, ele derrubou alguns pedaços de metal que estavam sobre a mesa. O barulho chamou a atenção de Phineas, que entrou no laboratório com uma expressão de surpresa e preocupação.



-Aidan! - exclamou Phineas, correndo até ele. - O que aconteceu? Você está bem?

Aidan estava visivelmente agitado e com dificuldade para falar. Seus olhos estavam arregalados com dor e preocupação. Ele tentou se apoiar na mesa, mas a dor era intensa, e seus movimentos estavam desordenados. Phineas imediatamente percebeu a gravidade da situação.

-Aidan, você não parece bem - disse Phineas, tentando manter a calma. - Vamos te levar a um médico. Precisamos de ajuda agora.

Aidan tentou protestar, mas a dor e a falta de ar tornaram suas palavras incompreensíveis. Phineas, percebendo que Aidan estava fora de si, começou a agir rapidamente. Com um esforço considerável, ele ajudou Aidan a se levantar e guiou-o para fora do laboratório. A respiração de Aidan estava pesada, e ele sentia uma dor crescente em todo o corpo.

-Não há tempo para hesitar, Aidan - insistiu Phineas, enquanto o ajudava a se mover. - Vamos encontrar ajuda imediatamente.

Eles saíram da pequena casa de Phineas, e o frio da manhã parecia se intensificar. Phineas conseguiu colocar Aidan em uma carroça velha e enferrujada, repleta de tralhas e equipamentos de laboratório. Com um esforço considerável, ele começou a empurrar a carroça pela estrada lamacenta, a urgência clara em seus movimentos.

Aidan, apesar de seu estado debilitado, estava consciente o suficiente para perceber a determinação no rosto de Phineas. Sua mente estava cheia de confusão, e a dor fazia com que cada movimento fosse uma tortura.

-Phineas... - Aidan murmurou, sua voz quase inaudível. - Não sei se vou conseguir...

Phineas olhou para ele com uma expressão de firmeza.

-Não diga isso, Aidan. Vamos conseguir. Apenas fique com a gente. Temos que chegar lá e encontrar ajuda.

O caminho até o médico foi longo e cansativo, mas a determinação de Phineas nunca vacilou. Ele manteve a carroça em movimento, atravessando a cidade e enfrentando a chuva e o vento.

A carroça de Phineas parou em frente a uma clínica modesta, com uma placa desgastada que exibia o nome do médico e um símbolo de uma serpente entrelaçada com um cálice. O edifício era simples e não fazia justiça à importância do serviço que oferecia. Phineas, com Aidan ainda deitado na carroça, foi até a porta e bateu com urgência.

O médico, um homem de meia-idade com um bigode espesso e óculos de lentes grossas, atendeu rapidamente. Seu olhar era atento e profissional, mas a expressão era de surpresa ao ver a condição de Aidan.

-Precisamos de ajuda imediatamente - disse Phineas, sua voz carregada de tensão. - Meu amigo está gravemente doente.

O médico assentiu e fez sinal para que os dois entrassem. Aidan foi cuidadosamente transferido da carroça para uma mesa de exame, e o médico começou a inspecioná-lo com meticulosidade. Ele pediu a Aidan que abrisse a boca e examinou a cor da mucosa, pressionou a pele de Aidan com os dedos, e ouviu o peito dele com um estetoscópio.

-Me diga, Aidan, o que está sentindo? - perguntou o médico enquanto fazia os exames.

Aidan, com dificuldade, respondeu em uma voz rouca:

-Dor no peito... tosse... não consigo respirar direito... e meus movimentos... estão se tornando mais difíceis.

O médico olhou para Phineas e então para Aidan, sua expressão ficando mais séria.

-Eu preciso ser honesto com você, Aidan. Nos meus anos de medicina, só vi uma condição como essa em duas pessoas. A primeira foi há muitos anos, e a pessoa sofreu uma morte dolorosa. E a segunda pessoa... bom, foi você.

A expressão de Phineas se transformou de preocupação para pânico silencioso, e ele fez um movimento instintivo para se aproximar.

-O que isso significa? - perguntou Phineas, sua voz tremendo. - Quais são os efeitos dessa doença?

O médico se voltou para Phineas com uma seriedade que congelou o ambiente ao redor.

-O que você está descrevendo é uma forma de tuberculose que não se manifesta externamente na pele. Os povos do Norte a chamam de "tuberculose silenciosa". Não há evidências visíveis, mas a infecção progride lentamente, e aos poucos faz o enfermo perder completamente seus movimentos, em outras palavras a pessoa vira uma estatua, e morre sufocado pois seus pulmões não se movimentarão. O outro paciente que tive foi incapaz de mover seu corpo e morreu sufocado

em sua cama. E triste, mas é a realidade.

As palavras do médico caíram como uma pedra pesada no ambiente. A respiração de Aidan parecia ter sido arrancada dele, e ele se encolheu na mesa, seus olhos se arregalando em choque. Murmurou baixinho, a voz quase inaudível:

-Tuberculose...

Phineas, ao fundo, estava tentando conversar com o médico, mas suas palavras eram abafadas pelo crescente desespero de Aidan. O medo se apoderou completamente de Aidan, uma sombra negra que se espalhou pela sua mente. A realidade de que ele estava enfrentando uma doença terminal parecia paralisá-lo, e ele se viu lutando contra a sensação de que seu tempo estava se esgotando.

O médico, notando a reação de Aidan, tentou ser o mais compreensivo possível.

-Aidan, é importante que você entenda que o tratamento é limitado, mas precisamos agir rapidamente para tentar aliviar seus sintomas e melhorar sua qualidade de vida. Vamos fazer o que for possível para ajudar.

Aidan, no entanto, estava em estado de choque, incapaz de processar completamente as palavras do médico. O pânico e a tristeza o sobrecarregavam. Phineas se aproximou de Aidan, tentando oferecer algum conforto, mas o impacto da notícia estava claro nos olhos de Aidan.

Phineas falou com uma voz suave e encorajadora, tentando rasgar um pouco da sombra de desespero que envolvia Aidan:

-Vamos conseguir atravessar isso, Aidan. Não estamos sozinhos nessa luta. Eu estarei com você a cada passo do caminho.

Mas as palavras de Phineas pareciam distantes para Aidan, que estava imerso em um abismo de terror e resignação. A realidade cruel de sua condição estava se tornando cada vez mais clara, e o medo da morte iminente o envolvia com uma intensidade esmagadora. O ambiente ao redor parecia se desintegrar, e a dor de saber que a morte estava próxima se tornou quase insuportável. Enquanto a cena se desenrolava, o tempo parecia parar para Aidan, e ele se viu imobilizado pela certeza de sua própria mortalidade. Phineas, com uma expressão de profunda empatia, se esforçava para oferecer apoio, mas o peso da notícia era imenso, e a luta de Aidan estava apenas começando.

Aidan se levantou da mesa do consultório com um movimento lento e debilitado, seus músculos parecendo pesados e seus passos vacilantes. O diagnóstico do médico ainda reverberava em sua mente, uma sentença cruel que parecia apoderar-se de cada fibra de seu ser. Ele sentiu a frieza da realidade de sua condição, mas uma chama de determinação o impelia a se levantar.

Phineas, assustado com a súbita mudança, correu atrás dele.

-Aidan, onde você vai? - gritou Phineas, sua voz cheia de preocupação. - Não pode simplesmente ir embora assim!

Aidan girou a cabeça, seus olhos refletindo um misto de dor e decisão.

-Eu vou morrer, Phineas - respondeu Aidan com um tom de resignação e firmeza. - Mas não deixarei que minha família e seus sonhos morram comigo. Eu tenho coisas a resolver. Coisas que precisam ser feitas antes que seja tarde demais.

Phineas tentou se aproximar, mas Aidan continuou a caminhar com dificuldade, sua determinação o guiando apesar da fraqueza crescente. Ele dirigiu-se à carroça de Phineas, onde pegou seu chapéu surrado que havia deixado lá. A peça de vestuário estava amassada, mas para Aidan, era um símbolo de sua identidade e de sua resistência.

Ao lado do chapéu, uma pistola repousava na carroça. Aidan a pegou, a arma fria em sua mão tremendo. Com um esforço visível, ele guardou a pistola na cintura e, cambaleando, se dirigiu a um cavalo que estava próximo ao consultório.

Phineas, ainda tentando alcançá-lo, disse com um tom de urgência:

-Aidan, isso não é uma decisão que você deve tomar sozinho! Não podemos simplesmente deixá-lo ir dessa maneira. Por favor, me ouça!

Mas Aidan estava resoluto. Ele forçou-se a montar um cavalo que parecia quase tão exausto quanto ele, suas mãos tremendo enquanto puxava as rédeas.

-Eu preciso sim, e mais do que eu, pessoas precisam - disse Aidan com uma dor no peito.

E com um último olhar para Phineas, que ainda tentava desesperadamente fazer com que ele desistisse, Aidan esporeou o cavalo e partiu, sua jornada agora marcada por um impulso de força

desesperada.

O cavalo galopava com dificuldade, mas avançava, e Aidan sentiu o vento frio bater em seu rosto. Ele estava a caminho do acampamento, um local que guardava suas memórias e sonhos, agora mais preciosos do que nunca.

Enquanto cavalgava pela estrada deserta, sua mente estava cheia de pensamentos conflitantes. Aidan, agora montado em um cavalo que se movia com dificuldade, aproximava-se lentamente do seu antigo acampamento. O cenário à sua frente estava desolador: caixas estavam espalhadas e cobertas de lama, roupas estavam pisoteadas e sujas, e um silêncio pesado pairava sobre o local. No centro da clareira, Will estava ajoelhado sobre uma cova improvisada, seu rosto molhado por lágrimas enquanto ele chorava a perda de Samuel. Aidan, com o corpo debilitado e a mente atormentada pela notícia do médico, desmontou com dificuldade e se aproximou.

Will levantou a cabeça ao ouvir o som dos cascos do cavalo e, ao ver Aidan, um brilho de esperança e alívio iluminou seu rosto. Ele se levantou e correu em direção a Aidan, abraçando-o com um misto de alegria e desespero.

-Aidan! Você está aqui! - exclamou Will, sua voz entrecortada pelo choro. - Pensei que nunca mais te veria!

Aidan, lutando para manter a compostura, perguntou com voz fraca:

-Onde está o resto do bando, Will? Eu preciso encontrá-los.

Will enxugou as lágrimas com as mangas, tentando recuperar a compostura.

-Eles estão a oeste daqui, em uma pequena clareira. Posso te levar até lá. - A voz de Will tremia, e ele parecia estar tentando se manter firme, apesar da dor que sentia.

Aidan subiu novamente no cavalo, sua determinação renovada por essa breve interação. Will montou seu próprio cavalo, ainda visivelmente abatido, e os dois partiram em direção à clareira onde o restante do bando estava escondido.

Enquanto cavalgavam, Will finalmente falou com um tom mais pessoal e introspectivo:

-Sabe, Aidan... sempre gostei do Samuel. Ele era o que me acalmava, dividia sua comida comigo quando passamos fome em Reeves... tempos difíceis. - A voz de Will se quebrou novamente, e ele fez uma pausa, engolindo em seco. - E agora, tudo parece ainda pior.

Aidan olhou para Will, seu coração pesado com a dor que o amigo estava enfrentando. Ele sabia que as palavras não poderiam aliviar completamente a dor de Will, mas esperava que sua presença pudesse, de alguma forma, trazer um pouco de consolo.

Aidan permaneceu em silêncio, com lágrimas escorrendo de seu rosto, e ambos cavalgavam em silêncio por alguns momentos. A atmosfera ao redor estava carregada com um sentimento de perda e incerteza, mas a determinação de Aidan e a necessidade de Will de encontrar algum propósito ajudavam a impulsioná-los para frente.

Finalmente, após o que parecia uma eternidade, chegaram à clareira onde o bando estava reunido. O local estava em melhor estado do que o acampamento de antes, mas a sensação de tristeza e desolação ainda estava presente.

Aidan e Will chegaram à clareira onde o restante do bando estava reunido. A visão que se desenrolava diante deles era uma mistura de sentimentos e realidades duras. A atmosfera estava carregada de uma tensão que era difícil de ignorar, mas a presença de Aidan trouxe uma faísca de esperança e alívio para o grupo.

Sean e Koda estavam trabalhando arduamente, carregando lenha para a fogueira. Quando avistaram Aidan se aproximando, seus rostos se iluminaram com uma mistura de surpresa e alívio. As madeiras que carregavam caíram ao chão em um som seco quando correram na direção de Aidan, a felicidade evidente em seus olhos.

-Aidan! - Sean exclamou, abraçando-o com uma força que revelava o quanto ele estava aliviado em ver o amigo. - Pensei que tinha perdido você também!

Koda seguiu o exemplo, batendo nas costas de Aidan com entusiasmo, mas também com um toque de tristeza.

Emillie, que estava sentada perto da fogueira, com a barriga notavelmente volumosa e um semblante fatigado, olhou para Aidan com um brilho de felicidade. Sua dificuldade para se mover era visível, mas sua expressão de alívio ao ver Aidan compensava qualquer desconforto.

-Aidan! - Ela disse, levantando-se com dificuldade. - Finalmente! Estou tão feliz em ver você aqui. - Ela se aproximou, tocando o braço de Aidan com um sorriso sincero.

Adeline e Isabella estavam ao lado de Emillie, cuidando dela e tentando manter a calma. Quando viram Aidan, também sentiram um alívio, embora suas expressões fossem mais contidas. Adeline, com um olhar cansado, ofereceu um aceno de cabeça, enquanto Isabella tentou esboçar um sorriso acolhedor.

Jeremiah estava reclinado perto da fogueira, claramente embriagado. Seu rosto estava vermelho e suado, e ele estava murmurando incoerentemente. Com um último suspiro alto, ele caiu de lado, desmaiando em um coma alcoólico.

Aidan, com o rosto marcado pela exaustão e a dor que mal conseguia disfarçar, se aproximou de Jonah. Seus movimentos eram hesitantes, cada passo uma batalha contra a dor crescente. Jonah, saindo de sua cabana, e Roy, que o acompanhava, imediatamente perceberam a presença de Aidan, mas a expressão de Jonah se endureceu ao ver o estado debilitado do homem diante dele. Aidan, respirando com dificuldade, dirigiu-se diretamente a Jonah.

-Jonah, precisamos resgatar Jason. Ele é o único que ainda tem um futuro, um futuro que pode ser salvo. - Aidan falou com uma determinação dolorosa, apontando para Emillie, que estava de pé com dificuldade, sua barriga volumosa um lembrete silencioso da vida que ainda havia por vir. - Olhe para ela. Olhe para o que está em jogo.

Jonah franziu a testa, sua expressão se tornando sombria e indecisa. Ele fez uma pausa, claramente lutando com suas próprias emoções e responsabilidades.

-Aidan, eu entendo o que você está dizendo. Mas não podemos nos arriscar agora. Temos que pensar no grupo inteiro. A situação é crítica e cada movimento deve ser calculado. - Jonah respondeu, tentando manter a calma, mas a tensão em sua voz era evidente.

Aidan, sentindo o peso da rejeição, balançou a cabeça em descrença. Seu olhar fixo em Jonah era um misto de dor e raiva.

-Você está falando de 'pensar no grupo inteiro'? E o que dizer de Jason, que sempre foi mais do que um simples membro do grupo para você? Era como um filho para você, Jonah! E agora, você está disposto a deixá-lo para trás? - Aidan exclamou, sua voz carregada de frustração e desespero. -Você vai abandoná-lo, como se a vida dele não significasse nada?

Jonah, sua raiva finalmente transbordando, levantou a voz, cheia de frustração e agonia interna.

-Eu não tenho filhos, Aidan! Não posso assumir uma responsabilidade que eu não posso cumprir! O que você quer que eu faça? Que arrisque a vida de todos nós por um único homem que, no final das contas, não é nada mais do que uma parte do passado? - Jonah gritou, sua voz ecoando com uma mistura de raiva e desespero. - Ele já não faz mais parte do nosso futuro!

Aidan se controlou, respirando fundo antes de continuar. Sua voz era mais calma, mas carregada de uma dor profunda.

-Todos nós carregamos fardos que não pedimos, Jonah. Mas é isso que nos torna humanos. O que nos diferencia das bestas. - Ele apontou para Emillie novamente. - Esse bebê merece uma chance. E Jason pode nos ajudar a dar essa chance. Ele é mais do que apenas um membro do grupo; ele é nossa esperança.

Roy, observando a tensão, soltou uma risada sônica, sua expressão um reflexo da crueldade da situação.

-Veja só, homem de lata, parece que você está pedindo algo que não pode ser dado - Roy zombou, ao notar a dificuldade nos movimentos de Aidan sua risada carregada de um desprezo - Jonah aqui está apenas sendo prático, mesmo que isso signifique deixar alguém para trás. É a dura realidade de nosso mundo.

Aidan ficou em silêncio por um momento, absorvendo a dureza das palavras de Jonah e o escárnio de Roy. A raiva e a tristeza lutavam dentro dele, mas o sentimento de traição era o mais forte. Ele sabia que o tempo estava se esgotando, e o desespero de não poder salvar Jason era quase insuportável.

-Então é isso? - Aidan murmurou, sua voz cheia de um desespero resignado. - Apenas um final que ninguém quer enfrentar, enquanto o resto de nós luta para sobreviver no meio das ruínas?

Aidan sentiu uma raiva impotente crescer dentro dele. Ele deu um passo para trás, seus olhos fixos em Jonah.

-Você vai se arrepender disso, Jonah. Não salvar Jason é como assinar nossa sentença de morte. Porque sem esperança, sem humanidade, não somos nada além de animais lutando por sobrevivência.

Jonah não respondeu, seu olhar fixo no chão. Aidan sentiu suas forças o abandonando, mas se recusou a mostrar fraqueza.

-Eu vou encontrá-lo sozinho, se precisar. Mas você precisa lembrar, Jonah, que líderes não abandonam os seus. E você, mais do que ninguém, deveria saber disso.

Jonah continuou em silêncio, e Roy, percebendo a tensão, deu um passo à frente, ainda com um sorriso irônico.

-Parece que o homem de lata tem mais coragem do que você, Jonah.

Aidan virou-se, ignorando Roy, e começou a caminhar com dificuldade em direção ao cavalo. Enquanto montava, ele olhou para trás, vendo Emillie, Sean, Koda e os outros observando com expressões de esperança e preocupação. Ele sabia que não podia falhar. Não agora.

-Se vou morrer, não deixarei que minha família e meus sonhos morram junto. - Aidan murmurou para si mesmo, com o coração cheio de propósito.

Aidan começou a se afastar, mas as vozes de Will, Sean e Koda o detiveram.

-Aidan, espera! - Will gritou, correndo em sua direção. - Nós vamos com você. Não podemos deixar você fazer isso sozinho.

Sean e Koda largaram a lenha que carregavam e se juntaram a Will, seus rostos determinados. Jonah ficou indignado, avançando para confrontá-los.

-Traidores! - Jonah gritou, sua voz cheia de frustração e raiva. - Eu sabia que isso ia acontecer! Vocês estão prontos para jogar tudo fora por um homem?

Will, com a voz firme, respondeu:

-Estamos prontos para lutar por nossa família, Jonah. Jason é parte dela. Não podemos simplesmente abandoná-lo.

Sean assentiu, sua voz cheia de emoção.

-Ele nos ajudou tantas vezes. Não podemos deixá-lo para trás. Você pode ficar aqui e se esconder, mas nós vamos lutar.

Jonah balançou a cabeça, a frustração crescendo dentro dele.

-Vocês estão cometendo um erro. Estão pondo todos em perigo por uma causa perdida.

Aidan, sentindo a dor e a exaustão, olhou diretamente para Jonah.

-Não é uma causa perdida, Jonah. É sobre quem somos. Sobre o que significa ser humano.

Will, Sean e Koda subiram em seus cavalos, prontos para seguir Aidan. Jonah, vendo seus homens desertarem, gritou mais uma vez, sua voz carregada de desespero.

-Vocês estão assinando a sentença de morte de todos nós!

Aidan não olhou para trás. Ele sabia que a decisão estava tomada. E com cada passo do cavalo, a determinação em seu coração crescia.

-Vamos trazer Jason de volta. - ele gritou, sentindo a dor e a exaustão, mas também a força renovada pela esperança e pela necessidade de salvar sua família.

Aidan, com o coração cheio de propósito, cavalgou com seus amigos, seus irmãos, levando consigo a esperança e a determinação de salvar Jason, não importando os riscos. Ele sabia que não estava sozinho e que a luta pela sobrevivência e pela família valia cada esforço e sacrifício.

## — CAPÍTULO VINTE E TRÊS —

### Não se renda ainda, caubói

Os quatro cavalgavam juntos, a tensão e a determinação pairando no ar como uma nuvem pesada. Aidan, Will, Sean e Koda estavam focados em um único objetivo: resgatar Jason. A urgência e a preocupação estavam claras em seus rostos enquanto trocavam olhares furtivos, cada um deles processando a gravidade da situação.

-Precisamos de um plano sólido para resgatar Jason - Aidan começou, sua voz ainda carregada de exaustão, mas firme. - Não podemos simplesmente invadir e esperar que tudo dê certo.

Will, ao lado de Aidan, assentiu.

-Precisamos de mais informações. Qual é o status atual de Jason? Onde ele está sendo mantido exatamente?

Sean, que estava mais à frente, puxou as rédeas de seu cavalo e olhou para os outros com uma expressão pensativa.

-Em Montclair, existe uma legislação que determina que os presos devem ficar um tempo específico na prisão antes de serem transferidos. É uma maracutaia que Viccei instituiu para receber mais verbas por cada prisioneiro. Isso cria um atraso burocrático na transferência. Russell provavelmente não contava com isso, então, se tivermos sorte, Jason ainda está lá.

Aidan franziu a testa, considerando a informação.

-Isso nos dá uma janela de oportunidade. Mas precisamos agir rápido. Quanto tempo temos até que ele seja transferido?

Koda, que estava observando o horizonte, respondeu com uma voz grave.

-Não muito. Pode ser questão de dias, talvez até horas, dependendo de como os trâmites burocráticos estejam.

Aidan respirou fundo, sentindo a pressão do tempo.

-Precisamos nos infiltrar na prisão e tirá-lo de lá antes que a transferência aconteça. Mas Montclair não é exatamente um lugar fácil de invadir. Precisamos de uma estratégia para entrar e sair sem sermos detectados.

Sean, com um olhar decidido, sugeriu.

-Podemos usar a distração como parte do plano. Criar um tumulto em um lado da prisão enquanto entramos pelo outro. Conheço algumas pessoas em Montclair que podem nos ajudar a criar essa distração.

Will, sempre pragmático, adicionou.

-Precisamos de alguém do lado de dentro. Alguém que possa nos dar informações em tempo real sobre a localização de Jason e a movimentação dos guardas.

Aidan olhou para os três homens ao seu redor, sentindo um renovado senso de propósito.

-Vamos precisar de todas as mãos possíveis. Reunimos o máximo de informações que pudermos e montamos um plano detalhado. Esta é a nossa chance de trazer Jason de volta. E vamos fazer isso juntos.

Sean assentiu, um brilho de determinação em seus olhos.

-Montclair é um lugar perigoso, mas com a informação certa e um plano bem elaborado, podemos fazer isso funcionar. Eu sei onde conseguir algumas armas e suprimentos. Podemos nos encontrar com meus contatos assim que chegarmos à cidade.

Koda, sempre observador, acrescentou.

-Precisamos estar preparados para tudo. Não podemos deixar nada ao acaso. Vamos precisar de coragem e precisão.

Will olhou para Aidan, sua expressão determinada.

-Vamos trazer Jason de volta, custe o que custar. Somos uma família, e famílias não abandonam os seus.

Aidan sentiu uma onda de gratidão e esperança. Ele sabia que o caminho à frente seria perigoso

e cheio de desafios, mas com seus amigos ao seu lado, ele estava pronto para enfrentar qualquer coisa. Eles estavam unidos por um propósito comum, e essa união era a sua maior força.

Ao chegarem a Montclair, o grupo avistou a cidade industrial envolta em uma neblina de poluição, suas chaminés e fábricas emitindo um constante ruído mecânico. As ruas estavam movimentadas, cheias de trabalhadores e cidadãos comuns, um cenário que contrastava com o desespero que eles sentiam.

Aidan liderou o grupo até uma área menos movimentada, onde podiam discutir seus próximos passos sem chamar atenção.

-Certo, pessoal - Aidan começou, sua voz firme apesar do cansaço. - Sean, Koda, vocês precisam encontrar essas pessoas que podem criar o tumulto. Precisamos de uma distração grande o suficiente para tirar os guardas da prisão.

Sean assentiu, sua expressão determinada.

-Conheço algumas pessoas nos becos de Montclair. Eles vão ajudar por uma boa causa... e um pouco de dinheiro.

Koda deu um tapinha no ombro de Aidan.

-Nós voltamos o mais rápido possível. Cuida do resto.

Aidan observou enquanto Sean e Koda se afastavam, desaparecendo nas ruas estreitas e sinuosas da cidade. Ele então se virou para Will.

-Will, precisamos de Phineas. Ele pode ter algo que nos ajude a entrar na prisão.

Will assentiu, montando novamente em seu cavalo.

-Vamos encontrá-lo.

Eles cavalgavam rapidamente pelas ruas, o som dos cascos ecoando nas paredes de tijolos das fábricas. Chegaram à oficina de Phineas, uma construção modesta com sinais de invenções extravagantes espalhadas pelo quintal. Aidan e Will desmontaram e se aproximaram da porta, batendo com firmeza.

Phineas, com seu cabelo desgrehado e olhos brilhantes de entusiasmo, abriu a porta. — Aidan! O que o traz aqui?

Aidan explicou a situação brevemente, a urgência clara em sua voz. — Precisamos da sua ajuda, Phineas. Jason está em perigo, e precisamos de algo que possa nos ajudar a entrar na prisão e resgatá-lo.

Phineas franziu a testa, pensativo.

-Claro, Aidan. Quem é este jovem com você?

Aidan apresentou Will.

-Este é Will. Ele está conosco na missão.

Phineas estendeu a mão para Will.

-Prazer em conhecê-lo, Will. Qualquer amigo de Aidan é um amigo meu.

Will apertou a mão de Phineas, com um sorriso agradecido.

-O prazer é meu, Phineas. Precisamos de toda a ajuda possível.

Phineas desapareceu na oficina e voltou alguns minutos depois, carregando uma caixa de madeira. Ao abri-la, revelou dois dispositivos.

-Esta é uma dinamite modificada - Phineas explicou, segurando o primeiro dispositivo. - Explode com muito mais força do que a comum. E esta é uma bomba de fumaça - continuou, pegando o segundo dispositivo. - Cria uma cortina de fumaça densa, pode ser útil para cobrir sua retirada ou confundir os guardas.

Aidan pegou os dispositivos, examinando-os com cuidado.

-Isso vai ser muito útil, Phineas. Obrigado.

Phineas sorriu, um brilho de orgulho em seus olhos.

-Façam bom uso delas. E cuidem-se.

Aidan e Will agradeceram novamente e partiram rapidamente, voltando para o ponto de encontro. Quando chegaram, Sean e Koda já estavam esperando. O caos já havia tomado conta das ruas de Montclair quando Aidan e seus amigos chegaram. Horace Guffin Whitley estava no meio da confusão, gritando e gesticulando dramaticamente, como se estivesse no meio de um espetáculo. Seu show de curandeiro estava sendo ofuscado pelo tumulto crescente. Em um canto, uma briga de bêbados se desenrolava, com socos sendo trocados e cadeiras sendo lançadas ao ar. Não muito longe dali, um duelo feroz entre duas gangues transformava a área em um campo de batalha, balas

e gritos se misturando ao caos.

Aidan, confuso e desorientado, procurava um ponto de referência no meio do tumulto. Foi então que avistou Sean, que estava rindo e brincando com os locais.

-Vantagens de conhecer os bares de Montclair Sean gritou sobre o barulho, seu sorriso não diminuindo. - Vamos, precisamos manter o foco!

Os policiais, atraídos pela crescente desordem, começaram a sair em massa da delegacia, tentando controlar o caos nas ruas. Aidan, agora com seu grupo ao seu lado, rapidamente colocou sua máscara e sinalizou para os outros.

-Meus amigos, ninguém se mexa - Aidan ordenou aos oficiais que ficaram dentro da delegacia, sua voz firme e carregada de autoridade. - Isso é um assalto. Fiquem onde estão!

Com o caminho aberto, Sean, Koda e Will se posicionaram, mantendo a contenção enquanto Aidan, com dificuldades visíveis, avançava em direção à delegacia. O ar estava carregado com o cheiro de fumaça e a tensão palpável do confronto nas ruas.

Aidan entrou na delegacia, os passos pesados ecoando no corredor. Ele ajustou sua máscara e, com uma determinação silenciosa, caminhou até as celas. O som do caos fora dos muros da delegacia estava abafado, mas a urgência de encontrar Jason era clara.

Ele avançou lentamente, sua respiração ofegante e a dor se tornando cada vez mais aguda. Finalmente, chegou às celas e avistou Jason, sentado em uma das celas, com o olhar cansado e desesperado.

-Não se renda ainda, caubói - Aidan disse, sua voz carregada de alívio e urgência. - Estou aqui para te tirar daqui.

Jason ergueu a cabeça, um brilho de esperança nos olhos.

-Aidan? É você? Não pensei que viria alguém.

Aidan, lutando contra a dor, começou a trabalhar na fechadura da cela. Sean, Koda e Will mantinham a vigilância, suas expressões tensas enquanto o tumulto continuava lá fora.

-Segure firme, Jason. Vamos sair daqui. - Aidan disse, sua voz firme apesar da dificuldade.

Com um último esforço, Aidan conseguiu abrir a cela, e Jason saiu, rapidamente se juntando aos seus salvadores. Aidan deu um rápido sinal para os outros, e o grupo começou a se juntar a eles. Aidan então colocou a dinamite no fundo da prisão e a ativou, com um breve olhar de advertência para os demais.

Sean, Koda e Will se posicionaram, prontos para proteger a retirada do grupo, enquanto Aidan, Jason e os outros começaram a sair. O caos do lado de fora parecia aumentar com cada minuto que passava, e a tensão estava no auge.

O grupo conseguiu chegar à saída, mas o som ensurdecido de uma grande explosão fez o chão tremer sob seus pés. A detonação foi tão potente que a delegacia foi parcialmente destruída, lançando escombros e destroços por toda parte. A explosão deixou todos desorientados, com poeira e fumaça preenchendo o ar, obscurecendo a visão.

No meio do caos, os tiros começaram a ecoar pelas ruas. O tiroteio irrompeu como um furacão de violência. Sean e Koda se posicionaram para combater os inimigos, mas a situação rapidamente se tornou desesperadora. O tumulto e a poeira dificultavam a visibilidade, e a troca de tiros se tornava cada vez mais intensa.

Will e Koda, que estavam no epicentro da confusão, foram pegos de surpresa. Will caiu, atingido por uma rajada de balas, seu corpo caindo pesadamente no chão. Koda, tentando proteger os outros, também foi atingido e caiu, sua luta finalizada de forma trágica.

Aidan, com Jason ao seu lado, lutou para manter a calma e encontrar uma saída. A dor em seu corpo era quase insuportável, mas a necessidade de escapar e proteger os que ainda estavam vivos o mantinha em movimento. Ele e Jason continuaram a avançar através da confusão, procurando uma rota de escape segura, enquanto o tiroteio e o caos se desenrolavam ao redor deles.

Finalmente, após uma luta desesperada, Aidan conseguiu alcançar uma área relativamente segura, longe da delegacia em ruínas. O grupo restante estava exausto e ferido, mas o resgate de Jason era uma vitória amarga no meio da tragédia.

Enquanto se afastavam do cenário de destruição, Aidan olhou para trás, o coração pesado com a perda de seus amigos e o peso das decisões difíceis que tiveram que tomar. A explosão e o tiroteio haviam deixado cicatrizes profundas, mas o caminho para a sobrevivência e a esperança ainda estava em aberto.



Enquanto a poeira e a fumaça se dissipavam e a intensidade dos tiros diminuía, Aidan, Jason e Sean encontraram um lugar relativamente seguro para se reagrupar. Sean estava visivelmente abalado, lágrimas escorrendo por seu rosto suado e coberto de sujeira.

-Não posso acreditar que Will e Koda... - Sean murmurou, sua voz carregada de dor e incredulidade. Ele se ajoelhou, os olhos fixos no chão, o peso da perda esmagando-o.

Jason, com o rosto sujo e cansado, se aproximou de Sean e colocou uma mão no ombro dele. - Eles deram suas vidas para salvar a nossa. Vamos honrar sua memória lutando até o fim. Agora precisamos voltar para o acampamento e resgatar o resto do bando.

Aidan, com a respiração pesada e o corpo exausto, concordou com um aceno.

-Temos que voltar. Não podemos deixar os outros para trás. Se eles ainda estiverem lá, precisamos garantir que estejam seguros antes de fugir.

Sean se levantou, secando as lágrimas e forçando um semblante de determinação.

-Vamos lá. Precisamos ser rápidos e garantir que todos saiam antes que seja tarde demais.

O trio, agora com uma nova urgência, começou a se dirigir de volta para o acampamento. A jornada foi silenciosa, cada um mergulhado em seus próprios pensamentos e lutos, mas a determinação de completar a missão e garantir a sobrevivência dos demais os movia adiante.

Enquanto o grupo se aproximava do acampamento, o caos da cidade e o peso das perdas ainda pairavam no ar. Jason, ao ver Emillie começando a arrumar suas coisas, correu até ela, seu rosto iluminado por uma mistura de alívio e preocupação.

-Emillie! - Jason a chamou, sua voz carregada de urgência. - Vamos, precisamos sair daqui!

Emillie, com um esforço visível devido à sua condição, rapidamente começou a coletar o que podia. - Jason, eu já estou pronta. Só precisamos garantir que todos estejam seguros.

Enquanto isso, Sean, com a expressão marcada pela determinação e pela dor, se dirigiu rapidamente para Adeline e Isabella, ajudando-as a se preparar para a partida.

-Vamos, precisamos de todos prontos agora - Sean ordenou, sua voz firme. - Não há tempo a perder.

Aidan, lutando contra a dor e a exaustão, caminhava com dificuldade até o centro do acampamento, onde encontrou Jonah, Roy e alguns dos outros membros restantes. O rosto de Jonah estava contorcido de raiva, seus olhos fixos em Aidan com uma mistura de frustração e desprezo.

Jonah, saindo da cabana com uma expressão furiosa, avançou em direção a Aidan, o olhar determinado e cheio de desprezo. Roy o acompanhava, com um sorriso sinistro no rosto.

-Olha quem decidiu voltar - Jonah disse, sua voz carregada de hostilidade. - Você, Aidan, sempre apegado a essa maldita moralidade. Não tem ideia do que realmente está acontecendo aqui.

Aidan, respirando com dificuldade, olhou diretamente para Jonah, o rosto marcado pela dor e pela frustração.

-Jonah, eu fiz o que pude para salvar Jason e o resto do bando. Mas você? Você traiu a todos nós. Não posso acreditar que você está disposto a sacrificar tudo o que lutamos para construir.

Jonah, com uma raiva crescente, se aproximou ainda mais, seus olhos brilhando com uma mistura de indignação e desprezo.

-Sacrificar? Não é sacrifício, Aidan, é sobrevivência. Você acha que pode salvar o mundo com seu código de honra? Nós estamos na beira do abismo, e você está aqui, jogando a última moeda na mesa!

Aidan, lutando contra a dor, deu um passo firme em direção a Jonah.

-Você não entende o que significa ser humano. O que significa lutar por aqueles que ainda têm uma chance. Você está disposto a deixar todos para trás por causa de sua própria ganância e medo. Jonah riu de forma amarga, sua raiva transbordando.

-Você realmente acha que eu vou me preocupar com moralidade quando a minha vida está em jogo? Você é patético, Aidan. Sempre achando que pode consertar o que está quebrado, enquanto a verdade é que nada vai mudar o que já está perdido.

Enquanto o confronto entre Aidan e Jonah se intensificava, Roy, com um sorriso cruel no rosto, fez uma observação sarcástica.

-Parece que o herói está finalmente mostrando sua verdadeira face. O que você vai fazer agora, Aidan? Perder a batalha e ainda assim tentar salvar o que não pode ser salvo?

A tensão no ar era palpável. Jonah, com um gesto brusco, puxou sua arma. Roy fez o mesmo, e

Aidan, com uma expressão de raiva e desespero, também sacou a sua pistola. Os três homens mantinham suas armas apontadas uns para os outros, o cenário de tensão.

Aidan respirou fundo, seu olhar agora triste enquanto encarava Jonah.

-Como você tem coragem de apontar essa arma para mim, Jonah? - Aidan perguntou, a voz embargada de emoção. - Nós lutamos lado a lado por tanto tempo. Eu confiei em você, éramos FAMILIA. Como você pode trair essa confiança tão facilmente?

Jonah hesitou por um momento, seus olhos brilhando com um vestígio de dúvida antes de endurecerem novamente.

-Isso é o que você não entende, Aidan. Não se trata de confiança ou amizade. Trata-se de sobreviver. Se isso significa apontar uma arma para você, então que seja.

Aidan balançou a cabeça, seu rosto refletindo uma mistura de tristeza e decepção.

-Você está disposto a perder sua humanidade por sobrevivência? Se esse é o preço, então não vale a pena. Você era um pai pra mim, Jonah. Eu nunca pensei que veria o dia em que você se tornaria isso.

Jason, vendo o caos se desenrolar, rapidamente sacou sua arma e se posicionou ao lado de Aidan, sua expressão um misto de determinação e medo.

-Não se renda ainda, caubói - Jason gritou para Aidan, tentando se manter firme no meio do tumulto.

Jonah, com um olhar sinistro, se dirigiu a Jason.

-Olá, filho. Viu o que aconteceu com seus amigos? Eles fizeram a escolha errada e pagaram o preço. Você também vai seguir o mesmo caminho?

A tensão atingiu seu clímax. Armas apontadas, olhares carregados de raiva e medo. O som de passos se aproximando e o barulho do tumulto lá fora aumentavam a sensação de urgência e perigo iminente.

Aidan, seu rosto pálido e marcado pela exaustão, manteve a pistola firme, seu olhar fixo em Jonah.

-Isso não é o fim, Jonah. Não enquanto houver uma chance de fazer o que é certo.

Adeline, com os olhos marejados de medo e desespero, fez um movimento hesitante em direção a Jonah e Roy. Ela havia pegado a pistola de Sean, sua mão tremendo enquanto tentava se posicionar, sua expressão uma mistura de determinação e pânico.

-Solte a arma, Jonah O'Dell! - Adeline gritou, sua voz falhando. - Não vamos deixar vocês...

Jonah olhou para ela com um olhar zombeteiro, seus lábios se curvando em um sorriso cruel.

-Olha só, a vagabunda da minha mulher decidiu se juntar à festa. Achou que poderia fazer alguma diferença, vadia?

Adeline, desajeitada e nervosa, quase deixou a pistola cair. Com um impulso desesperado, ela puxou o gatilho, mas o tiro passou raspando ao lado de Jonah, que riu com um desprezo cruel.

-Você realmente acha que pode me intimidar? - Jonah provocou, seu olhar carregado de ódio.

O sorriso de Jonah rapidamente se desfez em uma explosão de fúria. Com um grito cheio de desprezo e raiva, ele ergueu a arma e, sem hesitar, puxou o gatilho. O projétil cortou o ar em um instante mortal, atingindo Adeline bem no meio da testa. O impacto brutal fez seu corpo tremer violentamente, enquanto o sangue jorrava em um arco macabro, tingindo o chão de vermelho.

O som do tiro ecoou pelo acampamento, e Adeline caiu no chão com um som seco e final. Pedacos de seu crânio se despedaçaram, espalhando fragmentos ósseos em todas as direções. O projétil, ao atravessar sua cabeça, fez com que partes de seu cérebro fossem arremessadas, espalhando-se como uma massa disforme e sanguinolenta. O sangue se espalhou rapidamente ao redor de sua cabeça, formando uma poça grotesca que refletia a luz trêmula do fogo.

Enquanto isso, os olhos de Adeline, outrora cheios de determinação, perderam o brilho em um instante de choque, tornando-se vidrados e sem vida. Um silêncio mortal pairou por um momento, apenas para ser quebrado pelos gritos de horror de Isabella e pelo som ensurdecedor do tiroteio que se seguiu.

Jonah e Roy começaram a disparar suas armas, os tiros ecoando pelo acampamento e atingindo os alvos com precisão mortal.

Sean, que estava próximo a Adeline, foi atingido no peito por uma das balas de Jonah. Ele cambaleou, o sangue escorrendo pela camisa, antes de cair ao chão com um gemido de dor.

O tiroteio se desenrolou em uma série de explosões de som e luz, as balas zumbindo por todos os lados e atingindo tudo em seu caminho. Enquanto o caos se desenrolava, Aidan, Jason, Emillie e

Isabella conseguiram encontrar uma brecha na linha de fogo e começaram a se afastar.

-Vamos, rápido! - Aidan gritou, sua voz sobrepondo-se ao som dos tiros. — Não temos muito tempo!

Emillie, com lágrimas nos olhos e o coração acelerado, ajudava Isabella a se mover. Jason, com o olhar determinado, cobria o grupo enquanto eles se afastavam, disparando contra qualquer ameaça que se aproximasse.

Jonah, em meio ao tiroteio, gritou ordens para Roy, mas o barulho era tão grande que suas palavras se perderam no caos. O grupo de Aidan conseguiu se infiltrar nas sombras e começar a sua fuga, o som dos tiros diminuindo à medida que se distanciavam do acampamento.

Jason, respirando pesadamente, olhou para Aidan e os outros.

-Precisamos encontrar um lugar seguro para nos reagrupar. Eles não podem nos seguir por muito tempo.

Aidan, apesar de exausto e com dor, concordou.

-Concordo. Vamos nos afastar o máximo possível e então encontramos um local para descansar e planejar o próximo passo.

Enquanto se afastavam do acampamento em ruínas, o grupo lutava contra a dor e a perda, mas a necessidade de sobrevivência e a esperança de um futuro melhor os impulsionavam para frente. A cena do acampamento em chamas e o som dos gritos e tiros ainda ecoavam em suas mentes, uma lembrança dolorosa do custo da batalha que acabavam de enfrentar.

## — CAPÍTULO VINTE E QUATRO —

### Entre Sangue e Tiros

O grupo corria pela floresta densa, os galhos e arbustos arranhando suas roupas e pele enquanto lutavam para avançar. Emillie, ainda em estado de choque e com o braço de Jason ao redor dela, estava visivelmente abalada, enquanto Aidan e Jason lideravam a subida pela montanha íngreme. O som distante de tiros e gritos começava a se dissipar, mas a tensão ainda era palpável. Cada passo dado parecia uma eternidade, e Aidan sentia suas forças se esgotarem a cada momento. Ele se esforçava para manter o ritmo, mas o peso da dor e o cansaço estavam se tornando quase insuportáveis.

Enquanto o grupo subia a montanha, uma sombra ameaçadora se revelou nas árvores. Russel, montado em seu cavalo e com uma expressão implacável, surgiu através da neblina que começava a envolver a floresta. Sua presença era uma ameaça iminente e conhecida, e logo começou a disparar contra o grupo, forçando-os a se esconder atrás de rochas e árvores.

-Jason, vá! - Aidan gritou, sua voz carregada de urgência e dificuldade. - Não temos tempo para ficar aqui. Vá agora!

Jason olhou para Aidan, sua expressão uma mistura de medo e determinação.

-Não, Aidan! Não vou deixar você aqui!

Russel disparou novamente, e uma bala encontrou o peito de Isabella, que caiu para trás com um grito de dor e uma expressão de surpresa no rosto. O grupo ficou paralisado por um momento, o luto e o choque instantaneamente substituindo o impulso de fuga.

-Maldito! - Jason gritou, seu desespero e fúria se misturando enquanto ele se voltava para enfrentar Russel.

Russel, observando a reação de Jason com um olhar frio, murmurou para si mesmo.

-Bem, meu pai sempre dizia para eu me guiar pelos meus instintos. Ou vocês foram idiotas em fazer aquele estardalhaço em Montclair, ou só eu sou esperto o suficiente para seguir o caminho certo.

Neste momento, Jonah apareceu na trilha da montanha, sua presença imponente e carregada de raiva. Mas, ao invés de atacar Aidan e os outros, Jonah e Russel se encararam com uma fúria acumulada.

-Jonah! - Russel gritou, sua voz cheia de desprezo. - Você é a última pessoa que eu esperava encontrar aqui. Achou que poderia sair impune após todo esse caos? E cadê seu cachorrinho canadense?

Jonah, com um olhar de desprezo, retrucou.

-Você realmente acha que tem alguma moral para me criticar, Russel? Não se esqueça do que aconteceu com minha gente! E o Roy? - disse com uma pausa - foi buscar reforço.

O confronto entre Russel e Jonah começou com um tiroteio feroz e pessoal. Ambos os homens dispararam com precisão e raiva, cada um lutando para derrubar o outro. Enquanto isso, o grupo tentava se afastar do conflito, a situação caótica em torno deles.

Emillie foi atingida no ombro, o grito de dor dela cortando o ar enquanto ela caía ao chão. Aidan, lutando contra a dor e a fraqueza, tentava manter-se de pé e proteger os outros, mas seus movimentos estavam se tornando cada vez mais difíceis.

Aidan, sentindo as forças abandonando seu corpo, tentava se manter firme, mas seus movimentos estavam se tornando cada vez mais limitados. Com dificuldade, ele se apoiou em uma rocha e olhou para Jason, sua voz fraca e quase inaudível.

-Jason... - Aidan começou, o esforço para falar deixando sua voz ainda mais fraca. - Meus movimentos... meus movimentos estão sumindo. Não consigo... não consigo mais andar direito.

Jason, tremendo e com o rosto pálido, olhou para Aidan com uma preocupação crescente.

-Aidan, você precisa descansar. Vamos sair daqui, eu cuido de você.

Aidan, com suas mãos tremendo e sem conseguir manter a firmeza, retirou sua pistola e a entregou

a Jason.

-Se eu... se eu morrer, faça um bom uso disso. Não deixe que... que seja em vão.

O tiroteio continuava ao redor deles, com Russel e Jonah intensificando o ataque. Em meio ao caos, Jason pegou a pistola e acenou para Emillie e os outros.

-Vamos continuar subindo, rápido! - Jason gritou, ajudando Emillie a se levantar e tentando manter o grupo unido enquanto se afastavam da área de confronto.

A subida pela montanha era um desafio imenso. O grupo se movia com dificuldade, a cada passo, a dificuldade e o sofrimento de Aidan se tornavam mais evidentes. O ar frio e rarefeito parecia intensificar a dor em seus pulmões, e ele lutava para manter o ritmo, tentando não mostrar o quanto estava afetado.

O chão irregular e as pedras soltas tornavam a caminhada ainda mais penosa. Aidan se apoiava nas rochas com uma mão, a outra apertando seu peito que ardia. Cada passo parecia ser um esforço monumental, e ele sentia uma dor constante em seu peito que o fazia tossir a cada poucos minutos.

-Vamos, Aidan! - Jason incentivava, sua voz cheia de preocupação. - Estamos quase lá!

Aidan tentava manter a cabeça erguida, mas sua respiração era irregular, e a tosse vinha acompanhada de um som rouco e doloroso. Seus movimentos estavam cada vez mais desajeitados, e ele se apoiava fortemente em cada passo, como se a própria montanha estivesse tentando derrubá-lo.

-Eu consigo - ele respirou com dificuldade, forçando um sorriso. - Só... só mais um pouco.

Emillie, também ferida, tentava ajudar a manter Aidan de pé. O peso de suas feridas e a falta de energia estavam tornando a tarefa ainda mais difícil. A cada momento, Aidan parecia estar mais próximo de desabar, mas sua determinação não o deixava desistir.

Enquanto subiam, Aidan sentia uma ardência crescente em seus pulmões, como se o fogo estivesse queimando seu interior. A dor na garganta e o desconforto constante estavam se tornando quase insuportáveis. Sua visão estava turva de tanto esforço, e ele lutava para se concentrar em manter o passo.

Finalmente, após uma subida extenuante, o grupo chegou a uma clareira na montanha. No centro da clareira, uma pequena cabana antiga apareceu, escondida parcialmente pela vegetação. A construção parecia abandonada, mas oferecia uma esperança de abrigo e algum alívio para o grupo cansado e ferido. O grupo ao redor dele estava exausto, mas o mais doloroso era ver Aidan lutando para continuar. Jason e Emillie se aproximaram, oferecendo apoio.

-Aidan, precisamos continuar - Jason disse, olhando preocupado. - Não podemos parar agora.

Aidan forçou-se a respirar profundamente, seus olhos fechados de dor.

-Vá... vá em frente. Eu... não vou conseguir... continuar por muito mais tempo.

A tosse de Aidan se intensificou, e ele começou a tossir com força, a dor em seu peito crescendo a cada instante. Suas mãos tremiam, e ele sentia a fraqueza em seus músculos, que estavam cada vez mais difíceis de controlar. Cada tentativa de movimento parecia uma batalha, e a pressão em seu peito se intensificava.

Jason e Emillie ajudaram Aidan a se levantar novamente, mas ele parecia à beira de desabar. A cada passo, o esforço era visível em seu rosto, e o grupo sabia que estava lutando contra algo muito maior do que a simples exaustão.

-Apenas... não desista agora, Aidan - Emillie murmurou, a voz cheia de emoção.

Com um esforço final, Aidan conseguiu se levantar, mas cada movimento era um sacrifício. O grupo continuou sua ascensão, mas a visão de Aidan lutando contra a dor e a fraqueza era um lembrete constante do preço que ele estava pagando para salvar seus amigos. E com dificuldade eles adentraram a velha cabana. Rapidamente Jason verificou todas as entradas e saídas, notando uma velha passagem secreta sobre o assoalho, que poderia lhes dar uma vantagem.

## — CAPÍTULO VINTE E CINCO —

### Pelo Sangue Derramado

O som do vento batia forte contra as janelas da cabana. Aidan, com dificuldade, sentou-se em uma cadeira improvisada. Seu peito ardia sempre que respirava, e seus dedos mal se mexiam. Jason, com um olhar preocupado, olhava constantemente para as janelas, observando por algum sinal, enquanto Emillie, com sua volumosa barriga de grávida, amarrava um pedaço de roupa com violência em volta do braço, para estancar ainda mais o sangue causado pelo tiro que havia levado. Com uma respiração ofegante, Aidan observou os dois, percebendo que aquilo já durava demais, que precisaria fazer algo, que deveria cumprir sua promessa, pois já não sabia quanto tempo mais tinha. Com um olhar decidido, ele se esforçou ao máximo para alcançar seu revólver.

-Aidan... cuidado - dizia Jason, empurrando o revólver até Aidan - Não pode se esforçar tanto, não está em condições.

-E... e... eu tô... bem - dizia com dificuldade.

Enquanto Jason falava com Aidan, um barulho do lado de fora chamou a atenção, seguido por uma voz familiar.

-Jason, filho... eu sei que está aí, saia antes que seja tarde! - dizia a voz de Jonah.

-Vai se foder, seu maníaco.

Ao ouvir a voz de Jonah, Aidan sabia o que tinha que fazer. Com uma tremenda força, ele se pôs de pé, bamboleando de um lado para o outro, com Jason vindo ajudá-lo.

-Amigo, já te disse para não se esforçar.

Aidan o encarou com um olhar sério.

-Jason... escute bem - dizia com dificuldade - A minha vida foi muito difícil, vivemos altos e baixos... mais baixos, eu acho - disse com uma pausa, pois sentiu uma falta de ar que ardia seus pulmões - mas... eu... eu te prometi uma coisa... que se o Jonah não salvasse o bando... eu salvaria...

-O que está querendo dizer, Aidan?

Aidan, com um chiado no suspiro, respondeu.

-Chegou a hora, Sr. Blake... a hora de eu me redimir - disse ele com lágrimas nos olhos.

-O que... que porra você tá falando, Aidan... você mal fica de pé.

Aidan começou a caminhar com dificuldade, pois, a essa altura, já havia perdido o movimento quase total das pernas.

-Nós não podemos mudar o que foi feito, Jason, mas podemos mudar o que vem a seguir... por favor, me escute - disse ele, erguendo com dificuldade os braços até encostar em Jason - Eu vou segurar eles, e você foge com ela...

Jason o interrompeu com a voz trêmula.

-Não... não, Aidan... por favor... você mal consegue segurar sua pistola...

-Jason, se você tem algum respeito por mim e por tudo que fiz por você... me deixa fazer isso... por favor.

Emillie, mesmo debilitada pela gravidez, deu um pulo ágil com lágrimas nos olhos.

-Ma-mas Aidan... por favor, escute o Jason — dizia ela com medo — lembre-se de tudo... lembra que certa vez você me disse que tinha medo de morrer...

-Sim... eu lembro, E-e-Emillie... é verdade, eu tinha medo, mas agora é diferente. Então, VAI! - exclamou Aidan, colocando sua mão no cabo de sua pistola no coldre.

-Eu ouvi a voz do meu querido Aidan? - questionou a cínica voz de Jonah.

-É, seu miserável... sou eu... e a cobra do seu amigo, o Roy... morreu?

-Cobra? Ele é o único leal... diferente de vocês, que eu achei que podia contar, mas me apunhalaram.

Aidan, mesmo debilitado pela doença, balançou sua cabeça em negação.

-Nós nunca o trairíamos... éramos uma família... eu te via como um pai...

Houve um silêncio, enquanto Aidan voltava a olhar para Jason e Emillie, com um olhar cansado.

-Vão... aqui vai ficar feio...

Jason, com relutância, confiou no amigo e ajudou Emillie a se levantar enquanto ela se debatia e gritava.

**-NÃO... AIDAN... NÃO! QUE PORRA VOCÊ TÁ FAZENDO, JASON... ELE VAI MORRER!**

Jason a levou para o porão, onde havia uma saída secreta, e deu um último olhar para Aidan, um olhar que transmitia tristeza e confusão.

-Você tem certeza?

Aidan, com os olhos cerrados.

-Tenho.

-Está certo... mas antes de tudo... obrigado, por tudo que fez por mim, pelo bando e por ela - disse ele enquanto Aidan apenas sorria e concordava com a cabeça, num gesto de agradecimento - E antes que eu me esqueça... não se renda ainda, caubói.

Aidan, com lágrimas escorrendo pelos olhos, ameaçou dar um passo em direção a Jason, mas desistiu; ele não tinha forças suficientes.

-Eu te amo, garoto, nunca se esqueça disso. E se algo der errado e você quiser vir buscar vingança, não vá... consegue jurar isso pra mim?

Jason, com um olhar confuso, apenas concordou.

-Eu juro - disse antes de ouvir sons aumentando do lado de fora e Aidan sinalizando para ele sair. Aidan, com dificuldade, abriu a porta e saiu. A brisa da colina o atingiu, juntamente com a náusea que o acompanhava.

-Olha ele aí... o homem de lata - riu Roy, seguido por seus capangas, mas não por Jonah, que estava com um olhar perdido, como se não estivesse ali.

-Então é isso... esse é seu novo grupinho, Roy? Tome cuidado para não traí-los de novo... sua cobra desgraçada - disse Aidan, tentando sacar sua arma, mas seu braço travando.

Roy gargalhou enquanto sacava sua pistola e disparava, acertando o chapéu de Aidan e lançando-o ao ar, aumentando ainda mais sua provocação.

-Não consegue nem fazer isso... homem de lata?

Aidan, observando Jonah com um olhar triste, o questionou.

-Então é isso que você quer pra sua vida? É esse o sonho americano que tínhamos? Ou você não lembra do Mett... acha que ele estaria orgulhoso? - disse Aidan, chorando - você era meu herói... minha inspiração... eu te admirava. Eu era um menino perdido, você lembra? Você me deu casa, comida, roupa e uma nova oportunidade, e agora está jogando tudo fora por uma mentira?

Jonah, com o coração acelerado, ficou paralisado em choque, enquanto murmurava algo inaudível.

-Cale sua boca... homem de lata - tentou interromper Roy.

Aidan, apoiado pela porta da cabana, lutava para manter-se de pé diante de Roy e seus homens. Seu olhar fixo em Roy era uma mistura de resignação e raiva contida.

-Roy... você sempre foi um traidor. Desde o começo - disse Aidan com voz firme, cada palavra custando um esforço visível - Pensou que poderia nos enganar, mas eu sempre soube.

Roy riu, um som áspero que cortou o ar tenso entre eles.

-Você pode ter sabido, Aidan, mas aqui estamos nós. E eu ainda estou de pé, e você...

Os capangas de Roy cerravam o cerco lentamente, seus olhares ferozes e as armas prontas para agir a qualquer momento. Jonah, ao lado de Roy, olhava para Aidan com uma mistura de pesar e desconforto.

Aidan respirou fundo, ignorando a dor que pulsava em cada movimento.

-Você traiu tudo o que construímos juntos, Roy. Por ganância. Por poder.

Roy ergueu lentamente sua arma em direção a Aidan, que lutava para erguer a própria arma, seus músculos debilitados pela doença e pelo tempo.

-Acabou, Aidan. Você deveria ter desistido quando teve a chance.

Aidan olhou para Jonah, seus olhos cheios de decepção e uma triste aceitação.

-Jonah... você ainda pode escolher. Não deixe que seja tarde demais.

Jonah ergueu o olhar, os olhos marejados de angústia e indecisão.

-Eu... eu não sei mais, Aidan.

Aidan fechou os olhos por um momento, resignado.

-Então é isso... o fim de tudo.

O silêncio pesado pairava sobre eles enquanto o sol se punha lentamente no horizonte, lançando sombras longas e sinistras sobre a cena desoladora. Em um movimento inusitado, Jonah se afastou, descendo a colina.

-Pra onde está indo, Jonah? Não vai nem ver eu acabando com ele? - dizia Roy, rindo, acompanhado por seus capangas.

Aidan, apoiado pela porta da cabana, lutava para manter-se de pé diante de Roy e seus homens. Ele começou a caminhar lentamente e com dificuldade para perto do traidor. Seu revólver tremia em sua mão enfraquecida pela doença, mas sua determinação era inabalável. Com um último esforço, ele mirou cuidadosamente em Roy, cujo sorriso de triunfo refletia o desprezo que sempre nutriu por Aidan.

Os olhos de Aidan encontraram os de Roy por um breve instante, um silêncio tenso pairando entre eles. Com um movimento rápido e preciso, Aidan puxou o gatilho. O som estridente do disparo ecoou pelo ar, mesclado ao grito de dor abafado de Roy. A bala atingiu o rosto de Roy em cheio, desfigurando-o com uma violência que ecoava a amargura acumulada ao longo dos anos.

Ao mesmo tempo, Roy conseguiu disparar também. A bala atingiu Aidan na barriga, lançando-o de costas no chão lamacento. A dor intensa irradiava por todo seu corpo já debilitado, fazendo-o gemer involuntariamente enquanto o calor do sangue se espalhava.

Roy, segurando o rosto ensanguentado, cambaleou para trás, ofegante. Seu sorriso desapareceu, substituído por uma expressão de choque e agonia. Os capangas, por um momento, hesitaram, surpreendidos pela virada súbita dos acontecimentos.

Aidan, lutando para respirar, arrastou-se desajeitadamente para trás, procurando abrigo na sombra da cabana, mas mal saiu do lugar. Sua visão turva fixou-se em Roy, cujo sangue misturava-se à lama do chão. Em seus olhos, não havia triunfo, apenas a aceitação serena do destino que finalmente os alcançara. Os capangas, assustados, fugiram.

O sol poente tingia o céu de tons de laranja e vermelho, um contraste vívido com a tragédia silenciosa que se desenrolava naquele canto perdido do mundo. O vento uivava melancolicamente, como se lamentasse as vidas perdidas e os sonhos desfeitos que agora se misturavam à terra molhada pelo sangue.

Aidan, caído no chão lamacento, sentiu uma estranha calma tomar conta de seu corpo dilacerado pela dor. Seu olhar desfocado encontrou uma flor Íris, branca e azul, balançando suavemente ao vento próximo a seus dedos trêmulos. Com um esforço final, ele estendeu a mão e agarrou a flor, sentindo seu perfume doce e fresco.

Ao lado da Íris, Elizabeth parecia estar ali, seu semblante sereno e seu olhar bondoso como ele sempre se lembrava. Mesmo sabendo que ela estava além do alcance de sua voz, Aidan sentiu uma paz profunda ao vê-la ali, como se ela o estivesse aguardando.

Ele virou o rosto para o céu, os raios do sol poente tingindo o horizonte de tons dourados e rubros. Com um suspiro entrecortado pela dor, Aidan murmurou com voz enfraquecida.

-Está feito... não tenho mais medo - Sua mão trêmula apertou a Íris contra o peito, como se segurasse um último pedaço de esperança - Deus, tenha misericórdia de minha alma - sussurrou



ele, seus lábios se movendo com dificuldade. Seu olhar perdeu o foco lentamente, enquanto a luz da vida se apagava de seus olhos cansados.

Aidan morreu ali, na quietude daquela tarde crepuscular, seu corpo repousando na terra úmida, enquanto a Íris permanecia em sua mão, testemunha silenciosa de sua passagem. O vento continuava a sussurrar através das folhas das árvores próximas, como se carregasse para longe a história de um homem, um pecador, que viveu e morreu entre sombras e luz.

## — CAPÍTULO VINTE E SEIS —

### O Fim do Velho Mundo

Jason levou Emillie para o porão, onde havia uma saída secreta, e deu um último olhar para Aidan, um olhar que transmitia tristeza e confusão.

-Você tem certeza?

Aidan, com os olhos cerrados.

-Tenho.

-Está certo... mas antes de tudo... obrigado, por tudo que fez por mim, pelo bando e por ela - disse ele enquanto Aidan apenas sorria e concordava com a cabeça, num gesto de agradecimento - E antes que eu me esqueça... não se renda ainda, caubói.

Aidan, com lágrimas escorrendo pelos olhos, ameaçou dar um passo em direção a Jason, mas desistiu; ele não tinha forças suficientes.

-Eu te amo, garoto, nunca se esqueça disso. E se algo der errado e você quiser vir buscar vingança, não vá... consegue jurar isso pra mim?

Jason, com um olhar confuso, apenas concordou.

-Eu juro - disse antes de ouvir sons aumentando do lado de fora e Aidan sinalizando para ele sair. Jason e Emillie desceram pelo alçapão, e correram desesperadamente pela floresta, o ar frio da tarde começando a se tornar mais gelado conforme os passos se aproximavam. O céu estava limpo, as gradiosas copas das árvores bloqueavam o sol, e a neblina se enrolava em torno dos troncos das árvores, criando um cenário de suspense e terror. O som dos disparos ainda ecoava ao longe, e o chão irregular da floresta fazia cada passo parecer uma luta constante. Emillie, com sua barriga de grávida visivelmente em movimento, estava visivelmente cansada, mas a determinação em seus olhos não vacilava. Jason, igualmente exausto, sentia a pressão do medo e da adrenalina se misturando, sua respiração tornando-se cada vez mais difícil.

De repente, um disparo cortou o ar, o som agudo e penetrante forçando Jason a parar bruscamente, seu coração batendo forte no peito. Ele hesitou, seu olhar se voltando para o som, uma mistura de pânico e hesitação atravessando seu rosto. A cada momento, a ameaça parecia mais próxima.

-Não! - Emillie gritou, segurando-o com firmeza. Seus olhos estavam cheios de pânico e determinação. - Vamos, Jason! Não podemos parar agora!

Jason hesitou por um momento, sua mente girando entre o impulso de voltar para ajudar e a necessidade de continuar fugindo. Mas, antes que pudesse decidir, a figura imponente de Russel surgiu das sombras da floresta, acompanhado por uma patrulha de federais. A presença deles era como um pesadelo tornado realidade.

-Olá, Jason. - Russel disse, com um sorriso frio e cruel. - Sempre soube que você não seria fácil de capturar. Mas, veja, estou me divertindo bastante seguindo seu rastro.

Russel olhou para Emillie com um olhar de desdém.

-E parece que sua parceira está prestes a ter uma experiência muito desagradável.

Sem dar tempo para uma reação, Russel ergueu sua arma e disparou contra Emillie. O tiro atingiu sua barriga grávida. Emillie soltou um grito agonizante e caiu ao chão, a dor e a surpresa estampadas em seu rosto. O sangue começou a manchar o chão, a cena se transformando em um pesadelo de dor e desespero.

Jason, em choque, tentou correr em direção a Emillie, mas um tiro atingiu seu peito. A dor foi instantânea e esmagadora, sua visão ficando turva enquanto ele caía ao chão. O mundo ao seu redor começou a desmoronar, as sombras das árvores se fundindo em um turbilhão de escuridão e confusão.

Enquanto Jason lutava contra a perda de consciência, o som da floresta se tornava um eco distante. Ele viu, em sua visão embaçada, a figura ameaçadora de Russel se aproximando, como uma sombra ameaçadora que parecia engolir tudo ao seu redor. A dor e o desespero tomaram conta, e a última coisa que ele conseguiu ver foi a silhueta sinistra de Russel, se tornando cada vez mais indistinta enquanto ele se afundava na escuridão.

## — CAPÍTULO VINTE E SETE —

### O Inferno de Jonah

Após o confronto na montanha, Jonah abandonou a cena da batalha, descendo apressado pela encosta. A luta havia deixado um rastro de destruição e morte, e Jonah, fugindo da responsabilidade e da derrota, dirigiu-se para um rancho afastado. Lá, ele se isolou, mergulhando em uma profunda depressão.

O rancho, localizado longe das preocupações do mundo exterior, tornou-se o cenário da sua introspecção amarga. Jonah passou seus dias em um estado de desolação, alimentado pela culpa e pelo peso das escolhas erradas que o levaram até aquele ponto. O lugar, que deveria oferecer paz, agora servia apenas como um lembrete constante de sua queda.

Aos poucos, ele se entregou ao luto e ao arrependimento, afastado do mundo e de qualquer esperança de redenção. Sem a companhia dos outros e sem a capacidade de fugir da realidade, Jonah afundou cada vez mais em um abismo de solidão e amargura.

A chuva caía pesada sobre o telhado do rancho abandonado, transformando a terra seca em lama e criando um tamborilar constante que preenchia o silêncio. Dentro da casa, Jonah estava sentado em uma cadeira velha e rangente, o olhar fixo em uma garrafa meio vazia de uísque sobre a mesa. O vento sussurrava através das janelas quebradas, trazendo consigo o cheiro de terra molhada e solidão.

A morte de Aidan pesava sobre ele como uma âncora, arrastando-o para o fundo de um poço sem fim. Jonah sabia que era culpado. Ele sabia que tinha traído um dos únicos homens que realmente importavam. Mas ele nunca deixaria ninguém ver isso. Seu orgulho era a última coisa que restava intacta.

A porta da frente rangeu ao se abrir, e Jonah levantou a cabeça, seus olhos cansados focando na figura que entrou. Era Edward Russel. Russel fechou a porta atrás de si, sacudindo a água do chapéu e ajeitando o casaco.

-Jonah - disse Russel, sua voz firme e fria. - Parece que você escolheu um bom lugar para se esconder.

Jonah não respondeu de imediato. Em vez disso, ele pegou a garrafa de uísque, deu um gole longo e finalmente falou, a voz carregada de ironia.

-Esconder? Eu só estava esperando a companhia certa. Não é todo dia que um homem recebe uma visita de um agente do governo.

Russel deu um passo à frente, seus olhos fixos em Jonah com uma intensidade quase palpável.

-Vamos parar com a encenação, Jonah. Você sabe tão bem quanto eu que isso tudo é culpa sua. Aidan morreu por sua causa. Você destruiu tudo.

Jonah soltou uma risada amarga, balançando a cabeça.

-Culpa minha? Aidan sempre fez o que quis. Eu não o forcei a nada.

Russel cruzou os braços, observando cada movimento de Jonah.

-Não forçou? Você o levou até o limite. Sua traição, sua cobiça, tudo isso o matou. E agora você está aqui, afogando sua culpa em uísque barato, tentando esconder a dor com essa ironia patética. Jonah apertou os punhos, mas sua expressão permaneceu desdenhosa.

-Então é isso? Veio aqui para me dar um sermão? Me dizer o que eu já sei? - Ele se levantou, cambaleando ligeiramente. - Eu sei que ferrei tudo. Mas você? Você não é melhor do que eu, Russel. Todos nós temos nossas culpas.

Russel avançou, agora a poucos passos de Jonah, a tensão no ar quase tangível.

-Eu vim aqui para resolver um problema, Jonah. Você. Ninguém vai sentir sua falta. Você causou dor e sofrimento demais. E agora, é hora de pagar.

Jonah riu novamente, mas a risada estava vazia, sem vida.

-Resolver um problema? Parece mais que você só quer se livrar de um peso morto. E quem sabe, aliviar sua própria culpa no processo.

Os dois homens se encararam por um longo momento. A chuva lá fora parecia aumentar de intensidade, como se o próprio céu estivesse lamentando o fim inevitável.

Russel puxou a arma, o som metálico do cão sendo engatilhado ecoando pela sala. Jonah olhou para a arma, depois para Russel, e deu um passo para trás, encostando-se à parede.

-Vai em frente, Russel. Termine o que começou. Mas saiba de uma coisa... eu nunca fui o único vilão nessa história.

Russel não hesitou. Um tiro ecoou pela casa, e Jonah sentiu o impacto antes de ouvir o som. Ele deslizou pela parede, sentindo a vida escapar lentamente de seu corpo. Com o último vestígio de força, ele olhou para Russel, um sorriso amargo nos lábios.

-Nos vemos no inferno.

Russel guardou a arma, observando Jonah enquanto ele dava seu último suspiro. A chuva continuava a cair, lavando a sujeira e o sangue, mas nada poderia limpar a culpa e o arrependimento que permaneciam. Ele saiu do rancho sem olhar para trás, deixando Jonah para ser mais uma vítima esquecida de um mundo implacável e cruel.

O rancho ficou em silêncio novamente, exceto pelo som da chuva e o eco distante de uma vida cheia de arrependimentos e escolhas erradas.

## — CAPÍTULO VINTE E OITO —

### Vivendo e Morrendo

Voltando para semanas atrás, no dia da morte de Aidan, e Emilie. Após desmaiar com o tiro que levou, Jason acordou com um sobressalto, o mundo ao seu redor se revelando em sombras e confusão. Sua respiração estava pesada, e o corpo parecia uma massa de dor e cansaço. Ele se forçou a se levantar, a visão ainda embaçada pela perda de sangue e pelo choque. As árvores ao seu redor estavam em uma penumbra sombria, e o céu agora estava tingido com os tons profundos do entardecer.

A primeira coisa que viu foi o corpo de Emillie no chão. O coração de Jason afundou ao vê-la, deitada ali com uma expressão de dor congelada em seu rosto. O sangue se misturava com a terra, e a cena era um quadro devastador de tristeza.

Jason cambaleou até ela, sua mente girando em uma confusão de dor e desespero. A cada passo, o peso da perda se tornava mais insuportável. Quando finalmente chegou até Emillie, ele se ajoelhou ao lado dela, lágrimas quentes escorrendo pelo seu rosto. Ele passou a mão suavemente sobre a barriga dela, sentindo a frieza que contrastava com a vida que havia sido tão cruelmente interrompida.

-Emillie... - murmurou ele, a voz quebrada. - Me desculpe... Eu prometi que cuidaria de você e do nosso filho...

Ele olhou para o corpo de Emillie, as palavras de dor e arrependimento escapando dos seus lábios. O desespero de um pai que nunca conheceu seu filho era uma carga esmagadora, e ele se inclinou sobre ela, murmurando trechos de histórias que havia lido e planejado contar ao filho que nunca teria a chance de conhecer.

-Havia uma vez, em um reino distante, um príncipe e uma princesa que enfrentaram tempestades e dragões... - ele começou, a voz carregada de tristeza. - Eles tinham um amor que nada poderia destruir...

As lágrimas continuavam a escorrer, misturando-se com a sujeira e o sangue ao redor. Jason tentou lembrar das histórias e dos momentos felizes que tinha imaginado para o futuro deles. Cada palavra, cada lembrança, era uma tortura quando contrastada com a realidade cruel que ele enfrentava.

-Eu ia contar histórias sobre heróis e aventuras... sobre como o mundo é grande e bonito, e como você pode ser qualquer coisa que quiser... - ele murmurou, a voz afundando em uma tristeza quase insuportável. - E agora... agora eu não posso fazer isso...

Ele envolveu os braços ao redor do corpo de Emillie, apertando-a contra si enquanto soluçava. O mundo ao seu redor parecia girar, o peso da perda se tornando esmagador. Ele sentia o coração se despedaçar, cada batida uma lembrança dolorosa do futuro que foi roubado deles.

-Emillie, eu... eu te amo... - ele sussurrou, a voz falhando. - Eu te amo e eu sinto tanto por tudo isso. Por não poder proteger você, por não poder dar a você e ao nosso filho o futuro que mereciam...

O entardecer avançava lentamente, e as sombras se estendiam, envolvendo o mundo em uma escuridão que parecia refletir a tristeza e a perda que Jason sentia. Ele estava ali, sozinho, segurando a mulher que amava em seus braços, com o futuro deles agora perdido em um mar de escuridão e desespero.

Desesperado e devastado, Jason finalmente se obrigou a deixar o corpo de Emillie para trás. Ele precisava encontrar abrigo, um lugar para se esconder e pensar no que fazer a seguir. A noite caía rapidamente, e ele sabia que não poderia ficar ali exposto por muito mais tempo.

Ele caminhou por horas, a escuridão aumentando e o frio se tornando mais penetrante. Seus passos o levaram até a Fazenda Cedar Hill, uma propriedade conhecida pela região. Exausto, Jason se arrastou até o velho estábulo, onde os cavalos relincharam baixinho ao sentir sua presença.

O fazendeiro, um homem chamado Thomas Granger, apareceu com uma lanterna em mãos. Ele era um homem robusto, com um olhar desconfiado ao ver Jason, ferido e coberto de sangue.

-Quem diabos é você? - Thomas perguntou, a voz dura.

Jason, destruído pela perda, mal conseguia falar.

-Preciso de um lugar... para descansar...

Thomas não parecia convencido.

-Não quero problemas por aqui, parceiro. Saia antes que eu te expulse à força.

A raiva e a dor de Jason transbordaram. Ele não tinha mais paciência, nem esperança. Em um movimento rápido e desesperado, sacou sua arma e atirou no fazendeiro, que caiu morto antes de ter a chance de reagir.

Os dias seguintes foram um borrão de dor e arrependimento. Jason se escondeu no estábulo da Fazenda Cedar Hill, vivendo como um fantasma, comendo o pouco que encontrou e evitando a fazenda principal. Sua mente era um turbilhão de lembranças dolorosas de Emillie, dos sonhos destruídos e da vida que nunca teria. Cada noite, ele se sentava em um canto escuro, murmurando para si mesmo, tentando encontrar algum sentido no caos que sua vida havia se tornado.

No primeiro dia, a dor física e emocional era insuportável. Jason se jogou no chão de terra do estábulo, o corpo sacudido por soluços. Ele clamou por Deus, pedindo uma explicação, implorando por um milagre que trouxesse Emillie de volta. Suas mãos tremiam enquanto ele socava o chão, a raiva e a tristeza se misturando em uma tempestade devastadora.

-Por que, Deus? Por que tirou ela de mim? - ele gritava, a voz rouca e cheia de desespero. - Ela não merecia isso! Nosso filho não merecia isso!

As noites eram longas e cheias de pesadelos. Jason acordava suado, gritando o nome de Emillie, apenas para ser lembrado da realidade cruel que o aguardava. Ele passava horas segurando o colar dela, um pequeno pingente que ela sempre usava. As memórias dos momentos felizes eram uma tortura constante, cada uma delas um lembrete do que ele havia perdido.

No terceiro dia, a fome começou a tomar conta. Jason vasculhou o estábulo em busca de comida, encontrando apenas alguns restos de grãos e um pouco de feno. Ele mastigou o que pôde, o estômago doendo de fome e desespero. O fazendeiro Thomas Granger, que havia tentado expulsá-lo, agora jazia morto do lado de fora. Jason não tinha forças para enterrar o corpo, deixando-o ali, uma testemunha silenciosa de sua queda.

Cada dia parecia uma eternidade. Jason passava horas falando consigo mesmo, conversando com as sombras como se fossem Emillie. Ele se lembrava das histórias que planejava contar ao filho, os planos que fizeram para o futuro.

-Eu prometi que cuidaria de vocês... - ele murmurava, a voz falhando. - Eu falhei, Emillie. Eu falhei com você e com nosso bebê...

No quinto dia, Jason caiu de joelhos no centro do estábulo, os olhos inchados de tanto chorar. Ele clamou novamente por Deus, buscando algum consolo, alguma resposta.

-Por favor, me dê um sinal... qualquer coisa... - ele implorou, a voz quase inaudível. - Eu não sei o que fazer. Eu não sei como seguir em frente...

Mas não havia resposta. Apenas o som do vento frio sussurrando através das tábuas do estábulo. A solidão era esmagadora, e Jason se sentia como se estivesse afundando em um poço sem fundo de desespero e culpa.

No sétimo dia, algo mudou dentro dele. A dor ainda era intensa, mas uma nova emoção começou a surgir: a raiva. Uma fúria fria e implacável que queimava em seu peito. Ele se levantou, decidido a fazer algo, a encontrar algum propósito em meio ao caos.

Ele pegou seu revólver, as mãos ainda trêmulas, mas agora com uma determinação renovada. Começou a limpá-lo meticulosamente, cada movimento um ritual de preparação. Ele sabia o que precisava fazer. Encontraria Edward Russel e faria justiça com suas próprias mãos.

A noite seguinte estava fria e escura, um reflexo perfeito do estado de espírito de Jason. As mãos ocupadas com a manutenção de seu revólver. Cada movimento era meticuloso, quase ritualístico, enquanto seus pensamentos voltavam ao passado, as lembranças dolorosas de Emillie e o sonho que ele nunca realizaria. Seu coração estava pesado, mas seus olhos brilhavam com um ódio frio e implacável.

Jason passou semanas seguindo pistas, rastreando Russel através de desertos e pequenas cidades. Sua aparência era de um homem consumido pela vingança - magro, com a barba por fazer, olhos fundos e vermelhos. As noites eram passadas em claro, planejando cada movimento, enquanto os dias eram gastos em uma perseguição incansável. Ele era um pistoleiro solitário, um fantasma do

oeste com uma dor profunda que o guiava.

Finalmente, as pistas o levaram a uma fazenda isolada. Jason parou ao longe, observando o lugar. Era um cenário tranquilo, com crianças brincando no quintal e a esposa de Russel cuidando do jardim. Mas Jason sabia que por trás daquela fachada de normalidade, residia o homem que destruíra sua vida. Ele desmontou de seu cavalo e caminhou em direção à casa, o revólver pesado em sua cintura.

Jason respirou fundo, o ar quente da tarde queimando seus pulmões enquanto ele se aproximava da varanda onde Edward Russel estava sentado. O som dos passos pesados de Jason ecoou pela fazenda silenciosa, cada passo uma batida rítmica de vingança. Russel levantou a cabeça, um sorriso cínico se formando em seus lábios ao ver Jason.

-Olha só quem está aqui - disse Russel, jogando o charuto no chão e esmagando-o com a bota. - Achei que você tinha desistido, Jason.

Jason manteve o olhar fixo no homem à sua frente. Cada fibra de seu ser estava tensa, cada músculo pronto para a ação.

-Eu não desisto, eu não durmo, Russel. Nunca. Especialmente quando há uma dívida de sangue a ser paga.

Russel se levantou lentamente, o sorriso nunca deixando seu rosto.

-Dívida de sangue, é? E o que exatamente você acha que vai conseguir com isso? Acha que vai trazer sua mulher de volta? Que vai se sentir melhor?

Jason apertou os dentes, lutando para manter a calma.

-Não se trata de me sentir melhor. Trata-se de fazer justiça. De acabar com um monstro.

Russel riu, um som seco e cruel.

-Monstro? O único monstro que tem aqui é você, Jason... foi você que matou a Sr. Roberts e seu filho, não eu.

Jason com olhos marejados gritou em desespero.

**-CALA BOCA... CALA BOCA SEU MERDA... EU VIM... VIM FAZER... JUSTIÇA!**

-Justiça? Você realmente acredita nisso? Justiça é um conceito humano, Jason. Eu sou além disso. Eu faço o que é necessário, sem remorso.

Jason deu um passo à frente, sua mão próxima ao revólver.

-E por isso mesmo você precisa ser parado, precisa morrer. Você não é além da justiça, Russel. Você é apenas um homem que deixou a escuridão tomar conta.

Russel ergueu as mãos em um gesto teatral.

-Então vá em frente. Faça o que veio fazer. Mas saiba que, no fim, você não vai se sentir diferente. Vai continuar sendo um homem quebrado, perdido e sozinho.

Jason não hesitou. Ele sacou o revólver com um movimento fluido, apontando-o diretamente para a cabeça de Russel.

-Você me tirou tudo, Russel. Minha mulher, meu filho, meu futuro. E agora, eu vou tirar o seu.

Russel não demonstrou medo, apenas manteve o olhar frio e desdenhoso.

-E o que você vai dizer, Jason? Alguma última palavra antes de puxar o gatilho?

Jason lembrou das palavras de Emillie, das últimas palavras que Russel disse a ela antes de tirar sua vida. Ele olhou nos olhos de Russel, a voz baixa e carregada de dor.

-Tudo acaba aqui.

O disparo ressoou pelo rancho, um som definitivo que marcou o fim da jornada de Jason. O corpo de Russel caiu pesado no chão, os olhos sem vida ainda abertos. Jason cuspiu no cadáver e jogou seu revólver sobre o corpo, virando-se para ir embora.

Enquanto montava em seu cavalo, Jason olhou uma última vez para a fazenda. O sol estava se pondo, pintando o céu com cores quentes, mas ele não sentia calor. Apenas um vazio que nunca seria preenchido. Ele cavalgou em direção ao horizonte, uma figura solitária em busca de paz que nunca encontraria.

Momentos depois, o filho de Russel, um garoto de uns dez anos, saiu correndo da casa ao ouvir o tiro. Seus olhos se arregalaram ao ver o corpo de seu pai no chão, o revólver de Jason ainda ao lado. Ele caiu de joelhos ao lado do cadáver, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto olhava para o horizonte, onde a silhueta de Jason desaparecia na distância.

O silêncio voltou a reinar na fazenda, quebrado apenas pelo soluço do gar

